UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

FAGNER MEDEIROS DIAS

MEMÓRIAS, ESPORTES E SOCIABILIDADES NOS JOGOS DA SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE – PARÁ (1975 A 1990)

Belém-PA

2026

FAGNER MEDEIROS DIAS

MEMÓRIAS, ESPORTES E SOCIABILIDADES NOS JOGOS DA SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE – PARÁ (1975 A 1990)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciência da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Linha de Pesquisa: História da Educação.

Orientador: Welington da Costa Pinheiro.

Belém-PA

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D541m Dias, Fagner Medeiros.
Memórias, esportes e sociabilidades nos jogos da Semana Estudantil Mocajubense – Pará (1975 a 1990) / Fagner Medeiros Dias. — 2026.
X, 207 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Welington da Costa Pinheiro
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2026.

1. Esporte. 2. Jogos Estudantis. 3. Semana Estudantil Mocajubense. 4. Sociabilidade. 5. História Oral. 6. Memória. I. Título.

CDD 370

FAGNER MEDEIROS DIAS

MEMÓRIAS, ESPORTES E SOCIABILIDADES NOS JOGOS DA SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE – PARÁ (1975 A 1990)

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Ciência da Educação da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Welington da Costa Pinheiro – Orientador
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UFPA
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof.ª Dra. Lucília da Silva Matos – Membro Interno
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UFPA
Universidade Federal do Pará – UFPA

Prof. Dr. Gustavo Maneschy Montenegro – Membro Externo
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED/UNIFAP
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Aprovado em: 29 /01 /2026

Belém-PA

2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me permitiu viver grandes momentos durante minha trajetória no mestrado e me deu a honra de realizar esse estudo, conduzindo-me até esse momento de conclusão da dissertação e ajudando-me a manter firme durante esses dois anos de curso.

Agradeço, ainda, à minha família, que sempre me apoia e transmite palavras de força e de perseverança, em especial à minha mãe, Francisca Medeiros, pelos cuidados, incentivos e por sempre compreender minhas ausências. Igualmente, agradeço à minha esposa, Thays Dias, que esteve sempre ao meu lado, incentivou-me e acreditou em minha capacidade quando eu mesmo duvidava. Também agradeço ao meu irmão, Fabrício Dias, que está sempre disposto a ajudar, e à minha tia madrinha, Fernanda Medeiros, que me levava aonde fosse preciso, sempre que fosse solicitado.

Gostaria também de agradecer aos amigos do mestrado, que viveram juntamente comigo esse momento e que tornaram a trajetória um pouco mais leve, em especial a Ana, Adriana, Chirle e Oliver, pelos momentos de conversa, distração e apoio. Agradeço aos interlocutores que tiveram um papel indispensável na obtenção das informações, sem os quais não seria possível a realização da pesquisa.

Sou grato, ainda, aos professores da Banca examinadora, Dra. Lucília Matos e Dr. Gustavo Montenegro, pelas orientações e contribuições que certamente somaram à qualidade de pesquisa, e ao meu orientador, Prof. Dr. Welington da Costa Pinheiro, que esteve ao meu lado desde o começo na construção desta dissertação. Estendo minha gratidão à CAPES por me conceder a bolsa durante esses dois anos de curso, o que possibilitou dedicar-me exclusivamente às disciplinas e às demandas da pesquisa, podendo viver momentos que não seriam possíveis sem a dedicação integral ao mestrado.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos (Walter Benjamin, 1987, p. 198).

RESUMO

O presente estudo se insere no campo da História da Educação, com diálogo direto com a História do Esporte e das práticas corporais estudantis e buscou investigar historicamente a Semana Estudantil Mocajubense (SEM), evento esportivo que ocorre anualmente e que costuma movimentar os diferentes setores do município. A determinação do recorte temporal no período de 1975 a 1990 permite conhecer os aspectos da criação do evento e de sua consolidação enquanto parte das práticas culturais de Mocajuba. A pesquisa problematiza compreender como se configurava a Semana Estudantil de Mocajuba no período de 1975 a 1990. O objetivo geral consiste em analisar a Semana Estudantil Mocajubense nesse recorte temporal, tendo como objetivos específicos contextualizar sua criação, identificar os sujeitos responsáveis por sua idealização e consolidação, mapear as modalidades esportivas presentes nas primeiras edições e analisar os sentidos atribuídos às práticas esportivas pelos participantes. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza histórica, que utiliza a História Oral temática como método central. Foram entrevistados 11 interlocutores que vivenciaram a SEM no período estudado, entre ex-atletas, organizadores e ex-presidentes do evento. O estudo recorreu ainda à pesquisa documental e ao uso de fontes iconográficas, ampliando o olhar sobre o evento. Os resultados indicam que a SEM surgiu por iniciativa de estudantes mocajubenses que estudavam em Belém, inspirados em experiências semelhantes vivenciadas em outros municípios, configurando-se como um evento de caráter local e comunitário. O evento foi criado como uma alternativa de esporte e convivência durante o período das férias escolares. Inicialmente, a SEM contou com poucas modalidades e organização amadora, mas, a partir da década de 1980, o evento se expandiu, incorporando novas modalidades esportivas e melhorando sua organização. Assim, a análise das narrativas evidencia que a SEM se consolidou como um espaço de sociabilidade e fortalecimento dos vínculos comunitários. Para os interlocutores, o evento representou diversão, aprendizado, pertencimento, identidade local e encontros, constituindo-se como uma experiência marcante em suas trajetórias de vida, o que reforça seu caráter local e comunitário. O estudo evidencia a relevância da SEM como manifestação cultural e esportiva estudantil, sustentada pelo envolvimento da população e marcada pelas ações solidárias da população mocajubense.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte. Jogos Estudantis. Semana Estudantil Mocajubense. Sociabilidade. História Oral. Memória.

ABSTRACT

The present study is situated within the field of the History of Education, engaging in direct dialogue with the History of Sport and student bodily practices, and seeks to historically investigate the Mocajubense Student Week (SEM), a sporting event held annually that typically mobilizes different sectors of the municipality. The definition of the temporal scope from 1975 to 1990 makes it possible to understand aspects of the event's creation and its consolidation as part of Mocajuba's cultural practices. The research problematizes the understanding of how the Mocajuba Student Week was configured during the period from 1975 to 1990. The general objective is to analyze the Mocajuba Student Week within this temporal framework, with the specific objectives of contextualizing its creation, identifying the individuals responsible for its conception and consolidation, mapping the sports modalities present in its early editions, and analyzing the meanings attributed to sporting practices by the participants. Methodologically, this is a qualitative study of a historical nature, which uses thematic Oral History as its central method. Eleven interlocutors who experienced the SEM during the period under study were interviewed, including former athletes, organizers, and former presidents of the event. The study also made use of documentary research and iconographic sources, broadening the perspective on the event. The results indicate that the SEM emerged through the initiative of students from Mocajuba who were studying in Belém, inspired by similar experiences in other municipalities, thus establishing itself as an event of a local and community-based character. The event was created as an alternative for sport and social interaction during the school vacation period. Initially, the SEM featured few modalities and amateur organization; however, from the 1980s onward, the event expanded, incorporating new sports modalities and improving its organizational structure. Thus, the analysis of the narratives shows that the SEM became consolidated as a space for sociability and the strengthening of community bonds. For the interlocutors, the event represented fun, learning, a sense of belonging, local identity, and social encounters, constituting a meaningful experience in their life trajectories, which reinforces its local and community-based character. The study highlights the relevance of SEM as a student cultural and sporting event, supported by the involvement of the population and marked by the solidarity actions of the people of Mocajuba.

KEYWORDS: Sport. Student Games. Mocajubense Student Week. Sociability. Oral History. Memory.

LISTA DE QUADROS E TABELA

Quadro 1 – Produções identificadas no Banco de Dissertações e Teses da CAPES. 17

Quadro 2 – Interlocutores da Pesquisa 38

Quadro 3 – Notícias do Jornal "A Provincia do Pará" relativas ao mês de julho dos anos de 1973 a 1989 68

Quadro 4 – Registro das esquipes campeãs da modalidade de futsal da SEM 79

Quadro 5 – Registro dos Presidentes da Semana Estudantil Mocajubense de 1975 a 2009. .. 96

Quadro 6 – Catalogação dos troféus da equipe do Skylab 100

Quadro 7 – Catalogação dos troféus da equipe do Playboy 103

TABELA 1 – Relação dos descritores utilizados e a distribuição das teses e dissertações encontradas 16

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Livro de Ata elaborado em comemoração aos 25 anos da Semana Estudantil Mocajubense 24
Figura 2 - Síntese da metodologia da pesquisa 27
Figura 3 - Imagem aérea da cidade de Mocajuba na década de 1970 50
Figura 4 - Ruas de Mocajuba na década de 1970 53
Figura 5 - Ruas de Mocajuba na década de 1970 53
Figura 6 - Festa de encerramento dos jogos Acaraenses 70
Figura 7 - Cerimônia de abertura da V Olimpíada Marista Brasil Norte 72
Figura 8 - Apresentação da banda marcial do Colégio Marista de Brasília e das coreografias de ginastica durante a V Olimpíada Marista Brasil Norte 73
Figura 9 - Equipe Oryent Petroleiro na 3ª edição da Semana Estudantil Mocajubense 82
Figura 10 - Registro do presidente do Comitê Estudantil no trapiche de Mocajuba 83
Figura 11 - Pintura da quadra de esporte Irmã Vieira 88
Figura 12 - Cerimônia de Abertura da Semana Estudantil Mocajubense 92
Figura 13 - Troféus da SEM de diferentes modalidades conquistados pela equipe Skylab. 99
Figura 14 - Troféus da SEM conquistados na modalidade de corrida pela equipe Skylab 99
Figura 15 - Troféus da SEM de diferentes modalidades conquistados pela equipe Playboy 103
Figura 16 - Troféu "Troneio Início" de futsal da SEM conquistado pela equipe Playboy 108
Figura 17 - Apresentação da equipe "Santos" na abertura da SEM 110
Figura 18 - Apresentação das equipes na cerimônia de Abertura da SEM 111
Figura 19 - Apresentação da esquipes na cerimônia de abertura da SEM 111
Figura 20 - Ginásio poliesportivo Irmã Vieira 112
Figura 21 - Ilha do Camaleão 113
Figura 22 - Antigo trapiche municipal de Mocajuba 115
Figura 23 - Monumento Clipe e Igreja de Nossa senhora da Conceição em Mocajuba 116
Figura 24 - Instituto Nossa Senhora das Graças 116
Figura 25 - População no trapiche municipal de Mocajuba aguardando as embarcações 120
Figura 26 - Modalidade de Tiro ao Alvo na praça Nossa Senhora da Conceição 123
Figura 27 - Placas de identificação dos troféus da SEM 128
Figura 28 - Jovens mocajubenses segurando os brinquedos de miriti 135

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11
1.1 Motivações da pesquisa 11
1.2 Problema e Objetivos da Pesquisa 19
1.3 Aspectos metodológicos da pesquisa 23
2. A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO PARA INVESTIGAR A SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE – SEM 30
2.1. A História Oral como método de investigação 30
2.2 A construção da rede de interlocutores: entre sujeitos e memórias 35
2.3. O *lócus* da Semana Estudantil: o munícipio de Mocajuba- PA 49
3. ENTRE ESPORTES E JOGOS: A CRIAÇÃO DA SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE 56
3.1. O esporte e os jogos como alicerce da Semana Estudantil 56
3.2. Criação da Semana Estudantil Mocajubense 74
4. A SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE: MODALIDADES, ESPAÇOS E SIGNIFICADOS 86
4.1 Organização e estruturação dos jogos 86
4.2 Os lugares da memória: modalidades e espaços de prática 105
4.3 A Semana Estudantil Mocajubense como espaço de sociabilidade: participação popular e significados atribuídos 118
4.4 Histórias e memórias marcantes: o sabor local da Semana Estudantil Mocajubense 133
CONSIDERAÇÕES FINAIS 144
REFERÊNCIAS 149
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 156
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista 158
APÊNDICE C – Transcrição das Entrevistas 160

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se insere no campo da História da Educação, especificamente no âmbito da história das práticas corporais esportivas estudantis, e apresenta como tema a História dos Jogos Estudantis no Pará, cuja intenção central foi realizar uma investigação histórica da "Semana Estudantil" da cidade de Mocajuba-PA, que é uma manifestação de vivência de práticas esportivas que, embora não tenha sido produzida e vivenciada diretamente na escola, consiste em um evento criado por estudantes a partir do modelo de jogos e da concepção de esporte que estes sujeitos tiveram como referência em suas vivências no âmbito educacional escolarizado.

A "Semana Estudantil" da cidade de Mocajuba-PA acontece, anualmente, desde meados da década de 1970. Desde sua primeira edição, o evento sempre ocorreu na última semana do mês de julho e tem como foco as práticas corporais esportivas no município. O evento, ainda nos dias atuais, é um dos mais importantes da cidade e costuma mobilizar vários segmentos da sociedade, deixando marcas na memória dos sujeitos que o vivenciaram. Contudo, o modelo de competição apresentado atualmente se encontra bem mais próximo da profissionalização e com características bem diferentes do que era observado no início.

O recorte histórico foi delimitado no período de 1975 a 1990, que demarca a sua criação e consolidação como um evento significativo para a comunidade mocajubense de modo geral. Essa demarcação temporal permite abranger a primeira edição, que, segundo relatos coletados no desenvolvimento da pesquisa, aconteceu no ano de 1975. Já a opção pelo ano de 1990 foi estabelecida em virtude de demarcar a última participação registrada por um dos interlocutores, logo, as informações coletadas, a partir da memória, têm como "recorte final" o ano em questão.

1.1 Motivações da pesquisa

A aproximação com o presente objeto de investigação, a Semana Estudantil Mocajubense (SEM), remonta às minhas memórias de criança, pois vivi toda a infância no referido município, no qual acompanhei, ao longo de minha trajetória de escolarização, o destaque assumido por tal evento, tanto nas escolas quanto na sociedade mocajubense. Além do mais, é comum, na referida cidade, ouvir as pessoas "mais antigas" relatarem momentos e situações das práticas corporais esportivas vivenciadas no mencionado evento, que marcaram suas infâncias e adolescências, em face da representatividade que ocupam na cultura local,

como no caso dos meus tios, que fizeram parte da SEM como jogadores e costumam contar sobre como eram os jogos no período em que participaram, narrando histórias de confraternização antes dos jogos, assim como de momentos de "provocações" com outros participantes, em que ganhavam dos times de seus colegas e ficavam brincando e se vangloriando do ocorrido, dando a entender que se tratava de uma grande e alegre celebração. Também me vêm à mente momentos em que meus tios me apresentavam para alguns amigos, os quais faziam questão de ressaltar os grandes atletas da Semana Estudantil que os meus tios foram.

Ao pensar nesse momento, lembro-me de duas histórias que marcaram a minha memória de criança, as quais passo a compartilhar nessas linhas. Em uma manhã em que eu e alguns colegas estávamos em busca de patrocínio para podermos confeccionar nosso uniforme para jogos internos da Escola Almirante Barroso, localizada na área central do município de Mocajuba, na travessa Lauro Sodré, fizemos uma visita ao bar do qual um dos meus tios era dono. O bar ficava localizado na esquina da travessa Lauro Sodré com a Rua João Machado, em Mocajuba. Nossa ida até o local fora com o intuito de conseguir ajuda para fazer nosso uniforme. Lembro-me de que, nesse dia, havia alguns amigos de meu tio que ao ouvirem que estávamos nos preparando para os jogos, indagaram-me se eu era tão bom jogador quanto meus tios foram em sua época. Foi nesse momento que um deles começou a contar que, quando meu tio chutava a bola, não tinha goleiro que ficasse na frente. Eles disseram que meu tio tinha um chute tão forte que quando a bola batia no muro da escola tremia todo, dando a impressão de que ia cair.

Após essa fala, outro amigo de meu tio contou que, certa vez, ele havia chutado sem querer a bola no rosto do goleiro. O chute foi tão forte que o goleiro entrou junto com a bola, fazendo o gol. Quando eles olharam para o goleiro, ele tinha caído no chão desacordado, mas, no final, ficou tudo bem. Essas histórias eram recorrentes em nosso ambiente familiar. Se foram verdadeiras, não tenho como afirmar, o que sei é que elas ficaram marcadas na mente impressionável de uma criança que, ouvindo tais histórias, passou a ter muito gosto por vivenciar e contemplar os diversos esportes.

A relação com os esportes escolares perpassou por muitos momentos de minha trajetória. Participei todos os anos nos jogos internos das escolas nas quais estudei, desde o fundamental menor até o ensino médio, que foram marcados por práticas corporais esportivas que despertaram diferentes emoções, como tristezas e frustações nas derrotas e alegria nas conquistas de troféus e medalhas. Além disso, os momentos felizes se fizeram não somente na

prática e nas conquistas, como também nos momentos compartilhados com amigos e nas brincadeiras realizadas entre os intervalos das partidas disputadas.

No ensino médio especialmente tive a oportunidade de representar minha escola na primeira etapa dos Jogos Estudantis Paraenses (JEPs), que ocorreu na cidade de Cametá-PA, como integrante do time de voleibol. Foi a primeira experiência em que pude viajar com colegas da escola, na qual lembro-me de termos ficado todos concentrados em uma escola, dividindo o espaço com alguns colegas representantes de outro município. Na lembrança, o que trago são os momentos de deslocamento para os locais de jogos em que íamos cantando dentro do ônibus, os momentos de apoio entre os colegas de diferentes modalidades e os intervalos entre os jogos, nos quais ficávamos brincando de outras modalidades. Apesar da derrota e da desclassificação, as experiências e o convívio com os colegas ficaram marcados e permitiram que esse momento se tornasse uma recordação feliz.

As memórias trazidas à tona permitem compreender os aspectos de minha trajetória que me trouxeram até a escolha do presente objeto de estudo. Apresentá-las nesse momento permite não apenas demonstrar a forte conexão que possuo com o município, como também minha relação com os esportes estudantis e com o evento estudado, que perpassa pelos vínculos familiares e sociais. De acordo com Barros (2013), a memória pode ser entendida como uma representação seletiva do passado, que não representa apenas as lembranças do indivíduo, mas sim deste inserido em um contexto familiar, social e nacional, e que constrói sua identidade pessoal e coletiva relacionada à memória, permitindo, desse modo, o estabelecimento de vínculos entre as gerações.

Segundo Pollak (1992), entende-se a memória como um elemento que constitui o sentimento de identidade, individual e coletivo, sendo um fator de extrema importância para o sentimento de continuidade e de coerência de um sujeito ou de um grupo, podendo ser a representação de um acontecimento vivido pela própria pessoa, ou o que ele denomina de acontecimento "vivido por tabela", ou seja, que foram vivenciados pela coletividade da qual a pessoa se sente pertencente.

Para Le Goff (1990), os verdadeiros lugares da história, onde se deve procurar, não devem ser esquecidos, pois são eles que determinarão os fatos que devem ser armazenados e descartados, eles que determinarão os diferentes usos da memória. São estes os criadores e denominadores da memória coletiva: Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações. A criação de um sentimento de pertencimento a um lugar ou grupo, perpassam toda a trajetória, relações e vínculos, de uma pessoa e estas têm a força de influenciar escolhas e caminhos.

A aproximação com os esportes se fortaleceu durante a graduação de Licenciatura em Educação Física (2019-2023). Tive maiores contatos com essa área de conhecimento, que faz parte dos conteúdos da Educação Física, não só nas aulas das disciplinas relacionadas às práticas esportivas, como também no Estágio Supervisionado II, realizado no Ensino Médio, no qual pude lecionar minha primeira aula do conteúdo Esporte e participar de algumas aulas práticas com os estudantes. Vivenciei, ainda, a monitoria voluntária nas disciplinas de Basquete, Voleibol e Bases Teóricas e Metodológicas do Esporte, momentos que proporcionaram a ampliação do meu aprendizado teórico-prático.

A compreensão do esporte em uma perspectiva histórica teve como ponto de partida minha trajetória acadêmica no curso de Educação Física, especificamente na disciplina História do Esporte e da Educação Física, que faz uma abordagem histórica das práticas corporais vivenciadas na Antiguidade, passando pelos sistemas ginásticos europeus, o higienismo, o eugenismo e as práticas esportivas que tiveram influência na Educação Física brasileira. A disciplina me permitiu entender a relação e a importância da história da Educação Física, bem como o caminho percorrido por essa disciplina e área do conhecimento, até assumir os moldes que possui hoje, evidenciando a necessidade de investigar outros tempos e espaços que não os que estamos vivendo no momento presente.

A elaboração de estudos de investigações históricas é importante, pois por meio dela que podemos compreender o passado, na mediada que, o pesquisador busca através dos "fatos" chegar a um "real" perdido ou passado, conforme aponta Certeau (1982). Esses fatos apontados pelo autor funcionam como indícios, e é mediante estes que se torna possível "preencher" o sentido da história, desse modo, o historiador/pesquisador conta os fatos, trazendo sentidos aos mesmos, porém, traz somente aquilo que considera pertinente.

Nessa perspectiva, a elaboração do "real" passa por algo que é possível de ser pensado. Sendo assim, não existe a possibilidade de emergir, por meio dos fatos, uma realidade originária, então as narrações históricas são elaboradas a partir daquilo que se pode pensar. Além disso, a produção ou análise é indissociável do lugar do pesquisador e do objeto, portanto, a história torna-se um relato no qual conta a própria história e utiliza de suas produções para compreendê-la a si mesma (Certeau, 1982).

O estudo das práticas corporais em dada realidade, contexto e tempo histórico, como propõe está pesquisa, a partir do enfoque das práticas esportivas na SEM, busca a compreensão não somente da dinâmica de sua realização, de suas características, dos sujeitos que a praticam, de seus métodos, mas também da realidade social na qual estão inseridas, uma

vez que estas assumem um lugar de destaque no quadro cultural da modernidade e na contemporaneidade (Elias, 1994).

Na elaboração dessa pesquisa de dissertação de mestrado, a importância do registro das primeiras edições da SEM encontra-se na possibilidade de dar destaque à memória de personagens que fizeram parte da criação desse evento, o que contribui para a preservação da história de uma manifestação que permanece fazendo parte da cultura mocajubense desde meados da década de 70 do século passado.

Para uma melhor compreensão do tema, tornou-se relevante a realização de uma investigação mais ampla a respeito da questão abordada, no intuito de mapear e analisar as produções acadêmicas realizadas sobre o assunto. Optou-se, então, por realizar um Estado do Conhecimento acerca da História dos Jogos Escolares no Brasil.

O Estado do Conhecimento, segundo Romanowski e Ens (2006), é compreendido como um levantamento das produções acadêmicas sobre determinado tema, realizado em apenas um setor das publicações, que no caso deste estudo, escolheram-se as dissertações e teses. Segundo os autores, essa forma de levantamento se diferencia do Estado da Arte, pois o Estado da Arte busca sistematizar as produções de uma determinada área do conhecimento, abrangendo toda a área nos diferentes setores que geraram produções, verificando, além das teses e dissertações, os jornais, livros, artigos de periódicos e publicações.

Para situar o presente tema no cenário da produção acadêmica, foi realizado um levantamento na Base de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, por ser uma base de dados confiável que apresenta em seu acervo as produções que vêm sendo realizadas nos programas de pós-graduação do país, à nível de mestrado e doutorado. Inicialmente, a busca seria restrita às produções realizadas nos últimos dez anos, no entanto, a utilização dessa restrição apresentou poucos resultados, motivo que levou à decisão de retirar esse filtro, expandindo a busca para todas as produções realizadas sobre o tema.

Durante o levantamento, foram testados 09 descritores (Tabela 1). Os descritores foram escolhidos com o intuito de aproximar os resultados levantados ao objeto da presente pesquisa. Apesar disso, compreende-se que o uso de outros termos poderia apresentar resultados relevantes para o estudo, contudo, também afastaria a maioria dos resultados obtidos e talvez não apresentasse uma expressiva mudança no resultado final. Dos descritores testados, apenas dois foram mantidos, os demais foram retirados por não apresentarem resultados relevantes para a pesquisa, ou por repetirem documentos já selecionados, que foram encontrados nos dois descritores mantidos. Os descritores que permaneceram foram

“História dos jogos escolares” e “História dos esportes escolares”, pois foram os que apresentaram maiores resultados na pesquisa inicial.

TABELA 1 – Relação dos descritores utilizados e a distribuição das teses e dissertações encontradas

Descritores	Resultado inicial	Dissertações	Teses	Mantidos para análise
História dos jogos escolares	423	323	80	05
História dos esportes escolares	222	179	38	06
História dos desportos escolares	53	46	07	01
História dos desportos estudantis	06	05	01	00
História da semana estudantil	01	00	01	00
História das competições estudantis	00	00	00	00
História das competições escolares	08	06	02	02
História dos jogos estudantis	61	36	19	02
História dos esportes estudantis	27	17	09	01

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas pesquisas realizadas na base de teses e dissertações da CAPES (2024).

Para a seleção das produções, foi realizada, primeiramente, a leitura do título dos trabalhos. Caso, após a leitura do título, permanecesse dúvida da relação do trabalho com o tema pesquisado, fazia-se a leitura dos resumos para decidir por manter ou retirar o trabalho do levantamento. Nas fases seguintes, a permanência dos trabalhos para análise mais profunda ocorreu a partir da leitura minuciosa dos resumos, introduções e conclusões dos trabalhos. Os critérios utilizados para manter os trabalhos foram: a) investigar o esporte para além das aulas de Educação Física; b) realizar estudos históricos dos eventos esportivos, sejam eles torneios, festivais, competições ou eventos esportivos, praticados pelos estudantes.

A partir desse processo, observou-se que o primeiro descritor, “História dos Jogos Escolares”, inicialmente, apresentou um resultado de 423 documentos encontrados e após a análise do título das obras e determinação de possível relação com o tema foram mantidos 05 trabalhos. No segundo, “História dos Esportes Escolares” a busca inicial apresentou 222 documentos, sendo mantidos 06 estudos após a primeira análise feita a partir da leitura do título e quando necessário do resumo. Após análise mais detalhada, realizada por meio da leitura cuidadosa da introdução, metodologia e conclusões das produções, obteve-se um quantitativo de 6 trabalhos: 4 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado. Os estudos mantidos ao final da realização do Estado do Conhecimento estão apresentados no Quadro 1.

Quadro 1 – Produções identificadas no Banco de Dissertações e Teses da CAPES.

Ano	Autor	Título	Programas e Instituições
2006.	EDSON SEGAMARCHI DOS SANTOS.	HISTÓRIA DOS JOGOS ESCOLARES DO MUNICÍPIO DE SOROCABA EM MEADOS DO SÉCULO XX	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.
2008.	ELIANE GUIMARÃES DE CAMPOS PRATES.	O PERFIL DE UMA CIDADE: O ESPORTE FEMININO ESCOLAR NA DÉCADA DE 1950.	Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Santos.
2008.	HAMILCAR SILVEIRA DANTAS JUNIOR.	DA "ESCOLARIZAÇÃO DO ESPORTE" À "ESPORTIVIZAÇÃO DA ESCOLA": TRADIÇÃO E ESPETÁCULO NOS JOGOS DA PRIMAVERA DE SERGIPE 1964-1995.	Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia.
2023.	RAQUEL VALENTE DE OLIVEIRA.	JOGOS ESCOLARES DO RIO GRANDE DO SUL (JERGS): CONFORMAÇÕES HISTÓRICAS DE UM EVENTO ESPORTIVO ESCOLAR (1970-2019)	Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2012.	FELIPE AMORIM DE SOUZA.	PARTICIPAÇÃO DAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS DE SANTOS NOS CAMPEONATOS COLEGIAIS: PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (1934-1964)	Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Santos.
2017.	PAULINE PEIXOTO IGLESIAS VARGAS.	"EU SÓ TENHO DAQUELA ÉPOCA... BOAS LEMBRANÇAS!": NARRATIVAS ACERCA DO ESPORTE ESCOLAR DE RENDIMENTO EM ESCOLAS PARTICULARES DE CURITIBA (1980-1990)	Programa de Pós-Graduação em Educação Física, da Universidade Federal do Paraná

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas pesquisas realizadas na base de teses e dissertações da CAPES (2024).

A partir do levantamento realizado, foi possível identificar que as pesquisas encontradas, relacionadas ao tema, concentram-se na região Sul. A região Norte e a região Centro-Oeste não apresentaram pesquisas que tenham como foco a história das práticas esportivas escolares. O levantamento mostrou que o estado que apresentou maior concentração de trabalhos realizados foi o estado de São Paulo. Contudo, nenhuma pesquisa apresentou a capital do estado como ponto focal. As cidades que tiveram a história dos jogos estudantis pesquisada foram a cidade de Santos, a exemplo dos trabalhos de Prates (2008) e Souza (2012) e o município de Sorocaba, no trabalho de Santos (2006). Apenas duas pesquisas mostraram a realidade dos jogos a partir de uma investigação das práticas realizadas pelo estado como um todo, o que foi feito por Oliveira (2023) e Dantas Junior (2008).

A partir da leitura e análise dos textos obtidos por meio do levantamento, foi possível destacar algumas lacunas que podem contribuir para uma maior compreensão da história dos jogos escolares e estudantis. Dentre elas, podem ser destacadas as seguintes:

- Todas as pesquisas apontam para uma lacuna relacionada às práticas esportivas escolares realizadas nas regiões Norte e Centro-Oeste, o que torna importante investigar dada

realidade, para que se tenha conhecimento de como essas práticas ocorriam, seu ano de criação, pessoas relacionadas e muitos outros aspectos essenciais para se compreender essa história.

- Não se identificou estudos que abordem questões que relacionem gênero e jogos escolares em outros locais do território nacional, além do estudo de Prates (2008), a fim de compreender se houve resistência com relação à participação feminina, valorização e respeito com relação a essa participação, movimentos estudantis e políticos que possam estar atrelados, dentre outras questões, pois isso permitirá observar ações e personagens que fizeram parte dessa história.

- A necessidade de olhar de uma maneira mais profunda nos diferentes recortes temporais que ainda não foram estudados ou que foram pouco analisados, como por exemplo, as décadas de 1970 e 1980, período que ainda corresponde ao momento em que o Brasil vivia a ditadura civil-militar, no qual também ocorreu o surgimento de alguns jogos escolares, como os quais a presente pesquisa se propõe estudar, e que também pode esconder outros aspectos interessantes dessas práticas.

Todas essas lacunas são válidas para a realidade da região Norte e Centro-Oeste, mas também servem para as demais regiões do país, devido ao fato de as produções relacionadas à história dos esportes escolares ainda são poucas, conforme o levantamento realizado aponta. Ainda existe muito a ser investigado a respeito das práticas esportivas escolares.

A ausência de pesquisas nos estados do norte do Brasil referentes ao tema dos jogos estudantis tem relação com o processo de desenvolvimento e expansão da pós-graduação no país, no qual o Norte iniciou esse percurso em momento mais tardio em relação as outras regiões, o que se reflete nas poucas produções no campo de estudo da presente dissertação. Segundo Neuenfeldt e Isaia (2008) a pós-graduação é implantada oficialmente no país no ano de 1951 com a fundação da CAPES, sendo criada seis meses depois da criação desse órgão a CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa). Apenas em 1965 que os cursos de pós-graduação passaram a ser regulamentados no país. Entretanto, na região Norte um dos primeiros cursos de pós-graduação foi implementado pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, somente 21 anos após a criação do primeiro curso de pós-graduação do Brasil (Stein, 2022).

Além disso, outro fator que está ligado a essa baixa produção na região Norte, refere-se à distribuição dos programas de pós-graduação pelo território nacional. Segundo Cirani, Campanario e Silva (2015), em 2011 os cursos de pós-graduação apresentavam maior concentração nas regiões Sudeste (51%) e Sul (20%), enquanto a região Norte (4%) era a que

apresentava menor porcentagem, o que afeta diretamente o volume de estudos produzidos sobre a realidade do norte do país.

A partir do levantamento dos estudos já produzidos, pode-se notar a relevância da presente pesquisa, na medida em que, a investigação do objeto pretendido, possibilita contribuir com algumas lacunas existentes no que tange às práticas corporais esportivas escolares em uma perspectiva histórica dessas práticas, principalmente para a região norte, que não apresentou produções vinculadas ao tema em questão.

1.2 Problema e Objetivos da Pesquisa

A SEM foi criada em um momento no qual as forças militares ainda permaneciam no poder. O período da ditadura militar, que permaneceu em vigor durante 21 anos (1964-1985), marca o momento mais violento e aterrorizante da história do país. Os números expostos por Cunha (2002) permitem ter uma noção do que foi esse momento, ao passo que o autor relata que, nesse período, 80 brasileiros foram banidos do território nacional por questões políticas, cerca de 400 pessoas foram mortas ou desapareceram de forma suspeita e milhares de brasileiros tiveram que sair do país devido às perseguições e ameaças de caráter político-ideológico. O autor também destaca a censura e repressão que ocorreu no campo da educação, no qual foram vários os estudantes expulsos de instituições, professores e funcionários demitidos e diretores afastados de seus cargos.

Apesar da censura e perseguição que marcaram esse momento, é um período em que ocorre uma grande expansão da educação básica. A escola passa a ser o palco de disputas e ações intelectuais. Ambos os grupos, capitalistas ou socialistas, passam a buscar políticas de expansão educacional, por acreditarem que estas poderiam apresentar bons resultados para os campos políticos, econômico e cultural (Dantas Junior, 2008).

Beltrami (2006) revela que, antes do golpe, já ocorria no país uma experiência significativa na educação popular a partir de alguns projetos. Também se vivenciava o movimento pelo ensino público e gratuito, bem como debates entre os defensores do ensino privado e do ensino público que levaram à representação das ideias das duas correntes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), do início da década de 60. Contudo, as vantagens que se observaram eram voltadas para o ensino privado, que se desenvolveu ainda mais nos anos seguintes.

A partir da instalação do regime ditatorial, a expansão no âmbito educacional passa a ocorrer principalmente no setor privado, sendo responsável por causar a municipalização e

desvalorização do ensino público, freando um processo de expansão na educação pública que vinha sendo discutido nos anos anteriores (Cunha, 2002; Dantas Junior, 2008).

Uma área que foi bastante influenciada nesse período foi a Educação Física, que passa a assumir, no regime ditatorial, o papel de moldadora dos corpos da juventude, visto que foi concebida como meio de trabalhar nos jovens a moral, o civismo, a obediência, a disciplina e o patriotismo, passando a desenvolver desfiles cívicos com bandas e fanfarras, marchas e evolução (Santos, 2006).

Também ocorre, nesse momento uma grande valorização da prática esportiva em todo o território nacional, logo após a criação dos Jogos Estudantis Brasileiros, em que são criados jogos escolares em diferentes regiões do país (Dantas Junior, 2008; Oliveira, 2023; Vargas 2017). A escola era vista como "a base da pirâmide esportiva em que o incentivo ao desporto de massa e ao desporto estudantil" levaria à revelação da elite esportiva e representaria um poderio internacional de um país em desenvolvimento (Dantas Junior, 2008, p. 38).

Nesse cenário, as políticas pensadas para a Educação Física no final da década de 1960 e na década de 1970 tinham o interesse de consolidar o país no cenário esportivo mundial (Bracht, 1998), o que representaria a força de um país desenvolvido ou que está se desenvolvendo. A exemplo dessas políticas, pode-se mencionar o Decreto-Lei nº 705, de 1969, que torna a Educação Física disciplina obrigatória em todos os níveis e ramos de escolarização, apresentando a prática esportiva como conteúdo predominante para o nível superior, o que demonstra como a Educação Física passa a receber maiores atenções dos governantes. Para Beltrami (2006, p.33), os "fundamentos e as justificativas para a inclusão da Educação Física no sistema de ensino basearam-se nas palavras de ordem da ideologia dominante, tais como disciplina, competição, individualização etc.".

Em 1971, o Decreto nº 69.450/71 salienta outra questão marcante no contexto de ditadura, a valorização à prática sobre à reflexão teórica, em que a Educação Física passa a dar ênfase aos gestos técnicos e a prezar pelos gestos entendidos como mais eficientes. Cria-se um padrão de movimento que deve ser repetido por todos até que seja aprendido. Além disso, a presença da Educação Física nas instituições de ensino, em especial no ensino superior, se justificaria pelo preparo do físico, por meio do qual o sujeito se tornaria mais forte e mais saudável, sendo que a aptidão física passa a orientar os planejamentos das atividades, e os benefícios da Educação Física sobre a saúde física e psicológica mostram a visão que se tinha da importância dela em relação à manutenção da saúde (Dantas Junior, 2008).

A criação dos Jogos Estudantis Brasileiros também ocorre neste período, no qual o Ministério da Educação e Cultura (MEC) cria uma competição de âmbito nacional, com

intuito de favorecer a integração nacional e descobrir talentos esportivos (Arantes, Martins e Sarmento, 2012). Tubino (2010) aponta que os Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs) tiveram início no ano de 1969, deixando registrado que, antes disso já ocorriam os Jogos Universitários Brasileiros. Ainda segundo o autor, assim como os esportes praticados na escola, este evento era uma reprodução do esporte de rendimento. O mesmo ocorreu com os jogos e as competições escolares, que nesse momento se constituíram apenas como uma manifestação do esporte de rendimento nos ambientes estudantis.

A realização dessas competições interescolares em nível nacional, apresenta uma história antiga e tradicional, a qual, em seu surgimento, contava com a participação dos melhores atletas de cada estado (Kiouranis *et al.*, 2022). A cidade de Niterói, no estado do Rio de Janeiro, foi a primeira a sediar essa competição e, nessa primeira edição dos jogos, apenas sete estados participaram. Estes jogos foram idealizados pelo professor Félix Dávila, que contou com a colaboração do ex-atleta olímpico Ari Façanha, responsável por dar continuidade aos JEBs (Kiouranis, 2017).

Segundo Arantes, Martins e Sarmento (2012), durante os anos, a competição já apresentou diferentes denominações, todas sendo entendidas como o evento escolar esportivo de nível nacional. Sousa (2017) confirma essas mudanças na nomenclatura dos jogos, relatando que durante os anos já foram conhecidos como Jogos Brasileiros de Estudo, Jogos Brasileiros Escolares, Campeonatos Brasileiros de Escolas, Jogos de Jovens, Jogos Olímpicos da Esperança, Olimpíadas Escolares e Jogos Escolares da Juventude.

É possível perceber que os jogos, além de apresentarem caráter educativo, tinham o intuito de identificar novos talentos, como é apontado em diferentes estudos (Sousa, 2017; Arantes, Martins e Sarmento, 2012). Contudo, isso não foi um aspecto exclusivo do Brasil da ditadura militar, pois como aponta Kiouranis *et al.* (2022), as competições interescolares são observadas como ações de desenvolvimento do esporte em diferentes países.

Destaca-se que os Jogos Estudantis Brasileiros não foram a primeira representação de jogos escolares realizados no país, ao se entender que os jogos escolares não são apenas aqueles praticados em nível nacional, mas sim os jogos praticados internamente entre as turmas, os interescolares e os intermunicipais também compõem essa prática.

Em meados da década de 40 do século XX, Santos (2006) investigou as primeiras edições das competições escolares do município de Sorocaba-SP. Já Prates (2008) apontou que, nesse mesmo período, os jogos colegiais emergem na cidade de Santos-SP. Enquanto que Souza (2012) pesquisou, também em Santos, os jogos realizados nos anos de 1934 a 1964, o que demonstra que essa manifestação escolar é anterior aos jogos de âmbito nacional.

No Estado do Pará, a primeira edição dos Jogos Estudantis Paraenses é datada de 1955. Em suas primeiras edições, o evento ficou conhecido como Jogos Paraenses Ginásio-Colegiais (JOPAGICOS) (Faro, 2021). Desse modo, pode se identificar que eles ocorrem anteriores aos Jogos Estudantis Brasileiros. Os "JOPAGICOS", como foram chamados por Lauro Souza, cronista da época, marcaram as vidas dos jovens ao longo da década de 1950 e 1960 e foram um dos responsáveis por evidenciar a carência de profissionais e de estruturas direcionadas ao esporte dentro do estado (Faro, 2021; Silva, 2016).

A investigação da Semana Estudantil Mocajubense se apresenta como uma possibilidade de compreender a história desse evento em si, mas também de entendê-lo em uma conjuntura mais ampla, na qual o esporte, os jogos escolares e a Educação Física são concebidos como instrumento político do regime ditatorial, pautado na disciplina, no controle e na desmobilização estudantil.

O reduzido número de produções acadêmicas sobre jogos escolares no Brasil e em particular no estado do Pará, seja no âmbito escolar e não escolar, também aponta para a necessidade de investigações que se debrucem em possibilitar a compreensão do processo de criação desses jogos seu desenvolvimento e materialização. Nesse sentido, problematiza-se: Como se configurava a "Semana Estudantil" do município de Mocajuba-PA, no período de 1975 a 1990? Dessa pergunta, têm-se as seguintes questões norteadoras: Quais os sujeitos foram responsáveis pela idealização e consolidação da "Semana Estudantil"? Que práticas corporais esportivas fizeram parte das primeiras edições da "Semana Estudantil"? Quais os sentidos atribuídos às práticas esportivas pelos sujeitos que vivenciaram a "Semana Estudantil" no período de 1975 a 1990?

Para responder a essas questões foi pensado como objetivo geral analisar a "Semana Estudantil" do município Mocajuba-PA, no período de 1975 a 1990. Para contribuir nessa tarefa, o estudo traz os seguintes objetivos específicos:

1. Contextualizar o momento histórico da criação da "Semana Estudantil" de Mocajuba-PA;
2. Identificar os sujeitos responsáveis pela idealização e consolidação da "Semana Estudantil" em Mocajuba-PA;
3. Mapear as práticas corporais esportivas estudantis que fizeram parte das primeiras edições da "Semana Estudantil Mocajubense";
4. Analisar os sentidos atribuídos às práticas esportivas estudantis pelos sujeitos que vivenciaram a "Semana Estudantil" no período de 1975 a 1990.

1.3 Aspectos metodológicos da pesquisa

A pesquisa sobre a SEM é de abordagem qualitativa e de natureza histórica. Para Rodrigues (1978), a pesquisa histórica trata de uma investigação que deve obedecer aos princípios críticos da disciplina e às técnicas do historiador, que, pelo correto uso das fontes e dos fatos descobertos, irá constituir a pesquisa. Sendo assim, o autor define a pesquisa histórica como "a descoberta cuidadosa, exaustiva de novos fatos históricos, a busca crítica da documentação que prove a existência dos mesmos, permita sua incorporação ao escrito histórico ou a revisão e interpretação nova da História" (1978, p. 21).

A pesquisa histórica pode ser entendida como uma prática teórica e metodológica que exige uma abordagem sistemática, em que, por meio de coleta, delimitação, sistematização, organização e avaliação crítica das fontes históricas, é possível se aproximar da compreensão de diferentes aspectos de grupos, fatos e eventos que ocorreram em diferentes espaços e períodos (Padilha e Borenstein, 2005).

Santos (2010) entende que a pesquisa histórica tem por objetivo realizar uma investigação de registros e documentos que façam parte da história de homens e mulheres em diferentes períodos históricos, tendo o pesquisador que se ocupar, a partir de técnicas e teorias, da investigação das ações dos sujeitos, das instituições, assim como dos eventos históricos que ocorreram ao longo dos anos e em diversos contextos de existência da vida humana.

Na busca para identificar e localizar documentos que estivessem relacionados às primeiras edições da SEM, foi realizado um primeiro contato, de maneira informal, com os antigos participantes que haviam disputado a SEM, dos quais se tinha conhecimento prévio de sua participação, por meio da proximidade com o pesquisador e das histórias ouvidas.

A partir das conversas com os antigos participantes, foi identificado que alguns deles estudavam, no período que disputaram os jogos da SEM, no Instituto Nossa Senhora das Graças, no município de Mocajuba, e que tal instituição teve certa vinculação com a SEM, pois os espaços do instituto foram disponibilizados e utilizados para a realização de algumas modalidades. Por esse motivo, viu-se a necessidade de ir até a escola para verificar a possibilidade de conseguir algum documento da época.

A visita ao local ocorreu no dia 12 de maio de 2025. Contudo, na escola fui informado pela diretora que não havia documentos do período no local, pois, no ano de 2016, quando as irmãs Vicentinas deixaram a gestão da escola, elas levaram consigo muitos documentos

antigos e que se havia algum documento que pudesse ter registro da participação da escola nesse começo da SEM, possivelmente foi levado junto aos demais.

No entanto, durante a visita à escola, escutei falar, pela segunda vez, sobre um documento, no formato de livro, feito para a comemoração dos 25 anos da SEM. A primeira vez que tinha escutado sobre o documento foi em uma visita à casa de um dos antigos participantes da SEM. Isso me levou a procurar a pessoa que apontada como autora de tal documento, cujo nome era Maria do Perpetuo Socorro Oliveira Dias, moradora de Mocajuba, que, pelos relatos preliminares, foi participante da equipe organizadora da SEM, especificamente na função de Secretária do Comitê Estudantil Mocajubense, no ano de 1999, a qual cedeu o documento para compor o corpus documental desta pesquisa.

O documento é denominado "Livro de ata da Semana Estudantil Mocajubense SEM – 25 anos" (Figura 1), produzido no ano de 1999, e guarda registros das edições seguintes até o ano de 2009. Foi escrito à mão pela autora e apresenta, além de uma breve introdução sobre a história do evento, informações sobre os presidentes que estiveram à frente das primeiras edições, os times campeões, equipes que já participaram, relatos das cerimônias de abertura dos anos que foram registrados e panfletos de divulgação impressos colados em algumas páginas. Dessa maneira, o livro foi incorporado como um achado importante para a pesquisa.

Figura 1 - Livro de Ata elaborado em comemoração aos 25 anos da Semana Estudantil Mocajubense.

Fonte: Acervo do autor (2025)

No intuito de buscar informações sobre a SEM, realizou-se também um mapeamento nas notícias do jornal "A Província do Pará", no mês de julho dos anos de 1973 a 1989. Os jornais consultados estão disponíveis no acervo da biblioteca Arthur Viana, localizada no Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves – CENTUR. Contudo, não foram encontrados registros as SEM, o que apontou para a falta de informações na impressa escrita sobre essa manifestação, ao passo que reforçou a necessidade de se buscar caminhos que possibilitassem que essa história fosse contada.

Devido à falta de mais documentos que tratassem a respeito do objeto em questão e para poder alcançar os objetivos apresentados na pesquisa, optou-se, então, por fazer uso do método História Oral como principal meio para a obtenção de fontes. O método é entendido como um recurso utilizado em estudos que buscam investigar uma pessoa, grupo ou comunidade, podendo ser um relato a respeito de um fato não registrado por outros documentos, como apontam Santos e Araújo (2007). Para os autores, o uso do método da História Oral implica saber que há:

> [...] uma articulação entre o particular e o geral, entre aquilo que se constitui como específico de uma narrativa e o momento histórico em que ela acontece. As falas são produzidas por sujeitos em um contexto sócio-histórico, que fazem uso da memória e da palavra, e isso implica o trabalho com o que é dito e com o não-dito, com o que é silenciado. [...]
> A História Oral pode assumir diferentes formas, tendo como objetivo registrar experiências de uma pessoa, ou de diversas pessoas pertencentes a um grupo social, a uma mesma coletividade. (Santos e Araújo, 2007, p. 194)

Entende-se que a versão contada com a utilização do método da História Oral não é imparcial, cabendo ao pesquisador a responsabilidade de analisar até mesmo o silêncio. Segundo Silva e Rolkouski (2004, p. 8), "o interesse pelo testemunho oral é a relação entre a lembrança espontânea, a recordação solicitada e o silêncio. A ausência é tão significativa quanto a presença. Não se deve interpretar o esquecimento como uma falha, mas sim como simples reprodução da realidade passada". Desse modo, os autores destacam que a produção não é um material descoberto, mas sim criado e não só pelo entrevistado, como também pelo entrevistador, o que torna esse material totalmente diferente de qualquer outro documento.

Para Santos e Araújo (2007), esse método permite uma democratização da história, permitindo que esta seja contada por pessoas comuns e possibilitando ouvir vozes até então silenciadas. O principal instrumento utilizado para a obtenção de informações na pesquisa foi o questionário semiestruturado.

Diante disso, o presente estudo se baseou nas proposições e conceitos apresentados em trabalhos historiográficos realizados por Thompson (1998), Alberti (2008), mas, principalmente, buscou-se realizar os procedimentos propostos por Meihy e Holanda (2017). O detalhamento da pesquisa com a História Oral será mais bem explorado em seção específica.

Cabe mencionar que no transcorrer do processo de realização das entrevistas, foram encontradas algumas imagens no site do projeto "Mocajuba História Viva"[1], que apresenta um pouco da história do município por meio das imagens. Além disso, outras imagens foram disponibilizadas pelos entrevistados e pelo professor Emerson Campos Pereira[2], que disponibilizou de seu acervo pessoal algumas fotografias da Semana Estudantil Mocajubense referentes ao período estudado.

Nas investigações, cada vez mais as imagens, como as de natureza fotográficas, são importantes como fonte em pesquisas históricas, pois permitem ao historiador compartilhar as experiências, conhecer as culturas passadas e permite ter uma outra visão daquilo que se conhecia, mas que em outro momento não se deu tanta importância, além disso, as imagens permitem "imaginar" o passado de forma mais real e próximo do que foi, como bem coloca Tucholsky (2017).

As fotografias, para Sônego (2010), desde sua criação, associam-se à representação do real, de comprovar a realidade, já que serviriam para provar que os fatos que ali estão documentados aconteceram e da forma como nela estão apresentados, como se fosse uma prova irrefutável. No entanto, o autor destaca que se sabe que a fotografia sofre interferências subjetivas de quem registra e, por esse motivo, não representa toda a verdade dos fatos, consistindo em uma captura que intenciona retratar uma versão da realidade.

Albuquerque e Klein (1987) compreendem a fotografia como um documento rico de informações e significados, que é capaz de colocar o pesquisador em um momento, uma época e conhecer um personagem muito próximo da realidade. Além disso, as autoras acrescentam que a utilização das imagens como fonte histórica é relativamente recente, pois, até pouco tempo as fotografias eram utilizadas apenas para ilustrar, ou seja, para fazer referência a alguma afirmação presente no texto.

---

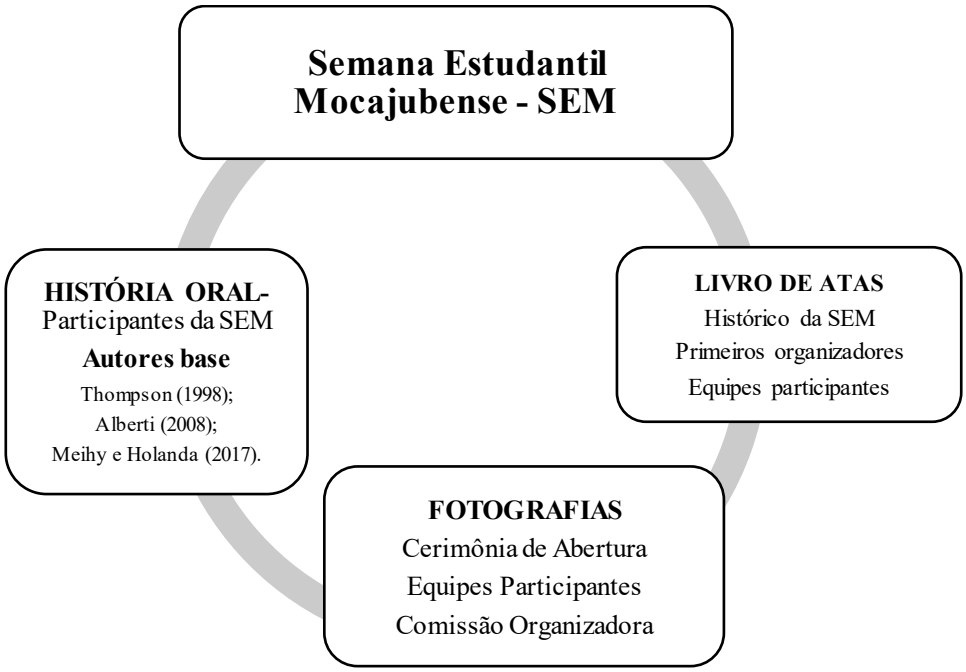
[1] Idealizado pelo professor Roberto Lopes Dias, o projeto busca resgatar e preservar as imagens que remetam à cultura do município. O projeto conta com a colaboração da população mocajubense que compartilha fotos de seus acervos pessoais e dessa forma permitem que as imagens sejam preservadas. Acesso em: https://mocajubamemoriaviva.com.br/.

[2] Professor formado em Pedagogia e Letras Língua Espanhola ambas pela Universidade Federal do Pará. Atualmente atua como secretário administrativo em uma escola do município de Mocajuba-PA.

Nessa direção, a fotografia não é mais entendida como mero instrumento de ilustração nas pesquisas e, em muitos casos, passou a ser reconhecida como matéria-prima fundamental em estudos históricos de determinados períodos, acontecimentos e grupos. Porém, um estudo crítico e reflexivo deve sempre olhar para além da imagem e se preocupar com os fatores que estão ligados à produção daquela imagem, pois é necessário desconstruir o aparente e desvendar aquilo que está oculto na imagem, para identificar os assuntos que foram focados no momento em que a fotografia foi produzida, atentando para o fato de que a posição que a foto foi produzida ou o ângulo escolhido podem interferir no resultado da imagem e em seu significado (Sônego, 2010), o que pressupõe cuidado e atenção do pesquisador durante o processo analítico desse tipo de documento.

Para uma melhor compreensão dos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, tem-se uma síntese na Figura 2, que ilustra as fontes centrais utilizadas, bem como os principais autores utilizados para a realização das análises.

Figura 2 - Síntese da metodologia da pesquisa



Fonte: Autoria Própria (2025)

As fontes coletadas foram analisadas por meio do método de análise temática, que, segundo Souza (2019), consiste em um método de análise qualitativo que permite identificar, analisar, interpretar e relatar dados a partir da determinação de padrões que são classificados

como temas, facilitando a organização e a descrição dos dados. Conforme a autora apresenta, não existem regras fixas para a condução de uma análise qualitativa, o que se tem são orientações amplas que ajudam o pesquisador a prosseguir com o uso do método. Sendo assim, ela apresenta o método de análise temática baseada no modelo de Braun e Clarke (2006), destacando que esse não é o único que existe e nem o mais certo, mas ajuda tanto pesquisadores novos como pesquisadores mais experientes a aprenderes a trabalhar com o método. As falas dos interlocutores foram analisadas e discutidas em diálogo com fontes documentais selecionadas para o estudo, assim como por meio da literatura que aborda a pesquisa sobre esporte, jogos escolares e sociabilidades.

A presente dissertação de mestrado está estruturada da seguinte forma, além da "Introdução", na qual é apresentada a relação do pesquisador com o local em que a pesquisa será desenvolvida, as justificativas que levaram até a escolha do objeto, os problemas e objetivos investigados e os aspectos metodológicos utilizados para responder às questões levantadas, o texto apresenta outras três seções e as Considerações Finais.

Na seção dois, intitulada "A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO PARA INVESTIGAR A SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE – SEM", busca-se tratar da História Oral como método de investigação viável para o estudo de dada realidade, recorrendo a estudos de autores que discutem sobre a utilização do método. A seção também apresenta o processo de criação da rede de interlocutores, os elementos metodológicos presentes no percurso da pesquisa e uma apresentação dos interlocutores que fizeram parte da pesquisa, reservando na seção um espaço para apresentação do município de Mocajuba, *lócus* da pesquisa.

Na terceira seção, sobre o título "ENTRE ESPORTES E JOGOS: A CRIAÇÃO DA SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE", será abordada a relação dos esportes como base da Semana Estudantil Mocajubense, buscando-se discorrer sobre os aspectos dos esportes, passando pela sua história, sua característica de rendimento e a relação com a educação, também abordando sobre as características dos jogos estudantis no estado do Pará. Nesta seção, ainda, será apresentado o processo de criação da SEM e seus idealizadores.

A quarta seção, "A SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE: MODALIDADES, ESPAÇOS E SIGNIFICADOS", é destinada a apresentar o evento estudado, de uma forma mais detalhada, revelando os elementos que fizeram parte da organização do evento entre os anos de 1975 e 1990, a forma como a SEM se estruturou, abordando as modalidades que foram mapeadas e os espaços em que foram realizadas. Traz também a visão dos interlocutores sobre a participação da população mocajubense e os significados que estes

atribuíram ao evento com o passar dos anos. A seção se encerra com a apresentação de algumas histórias que foram compartilhadas pelos interlocutores e que fazem parte do evento e mantêm esses momentos das primeiras edições vivo dentro da memória das pessoas que dele fizeram parte.

2. A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO PARA INVESTIGAR A SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE – SEM

> *A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (Le Goff, 1994)*

As informações obtidas por meio das narrativas das lembranças fornecidas de forma oral por agentes históricos que estiveram, de algum modo, envolvidos nos eventos estudados proporcionam ao historiador um recurso fecundo para a coleta de dados que irá lhe ajudar em sua tarefa de estudar ou "reconstruir" o passado. Nesse sentido, "[...] através da história oral podemos aproximar-nos de personagens que, normalmente, seriam desconsiderados pela história documental escrita, e que, no caso que estudamos, são, a bem dizer, os sujeitos por excelência da ação histórica" (Santos, 2006, p. 38).

Para a compreensão dos jogos da SEM, ocorre algo semelhante, pois a História Oral pode fornecer informações que muito provavelmente não estariam ou estão descritas em nenhum documento elaborado na época. Nessa direção, a presente seção intenciona apresentar a História Oral em seus aspectos conceituais e metodológicos; o processo de construção da rede de interlocutores, assim como a apresentação destes; e contextualizar o município de Mocajuba, *lócus* da pesquisa, no período histórico da criação da SEM.

2.1. A História Oral como método de investigação

A História Oral se apresenta, portanto, como uma solução viável para o baixo volume de fontes documentais que tratem do objeto em questão, tendo em vista que o recorte temporal delimitado para a pesquisa (1975-1990) permite que sejam encontrados sujeitos que fizeram parte desse evento e que ainda guardam recordações desses momentos. Ressalta-se que a utilização do método já estava prevista na pesquisa, o que mudou foi que, pelo baixo número de fontes escritas, a História Oral passa a ser o principal meio para obter as informações desejadas.

Entende-se por História Oral a metodologia de pesquisa e de constituição de fontes que surgiu em meados do século XX para estudos da história contemporânea e que, por meio

de entrevistas realizadas com pessoas que participaram de determinados eventos ou testemunharam certo fato, permite ter uma noção dos acontecimentos e das conjunturas do passado e do presente (Alberti, 2008).

A História Oral pode ser compreendida como uma forma diferente de fazer história, pois, de certo modo, ela muda a forma de escrever a história (Santos e Araújo, 2007), que até certo tempo, só era contada mediante a utilização e a análise de documentos tidos como oficiais, ou seja, elaborados no âmbito das instituições políticas, judiciais, educacionais, entre outras. Atualmente, a História Oral assumiu legitimidade e é vista como uma interessante forma de conhecer e registrar as múltiplas realidades dos diferentes grupos sociais (Alberti, 2008).

Para enveredar pelos meandros da História Oral, faz-se necessário compreender os conceitos apresentados por alguns autores que possibilitam maior aproximação e compreensão desta forma de levantar informações. Apesar de não apresentar conceito único, as tentativas de conceituar a História Oral são válidas, como bem colocado por Meihy e Holanda (2017), é preciso pensar nas suas fragilidades conceituais, o que não invalida os esforços de tentar defini-la, mas sim potencializa as alternativas para refletir sobre a História Oral.

A História Oral, conforme Thompson (1998), "[...] é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade". Para o autor, o método em História Oral permite que o pesquisador se aproxime de uma história que dificilmente seria conhecida de outra forma, por meio de relatos de pessoas comuns que fazem parte da comunidade e que vivenciaram os fatos e, desse modo, poderão fornecer uma visão possível daquilo que se busca conhecer.

Meihy e Holanda (2017) conceituam a História Oral como um conjunto de procedimentos que deve começar com a elaboração de um projeto, no qual, para sua continuidade, deverá se estabelecer um grupo de pessoas a serem entrevistadas com o intuito de obter as informações relevantes ao estudo. Além disso, esses autores determinam a História Oral como "[...] um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas ou grupos" (Meihy e Holanda, 2017, p. 17).

Para Santos e Araújo (2007, p. 192), a História Oral "[...] é um recurso usado em estudos referentes à vida de pessoas, grupos ou comunidades. Um conjunto de procedimentos

que têm como ponto de partida um projeto, e que têm como definição pessoas a serem entrevistadas".

Do ponto de vista de sua constituição, a História Oral se demonstrou como uma forma de pesquisa que mistura as diferentes perspectivas, e o processo ocorre pela troca permanente de impressões entre dois sujeitos distintos: o pesquisador, com suas intenções de pesquisa, e o sujeito que narra aquilo que sua memória permite (Esquinsani, 2012). Pode-se entender, portanto, que não existe História Oral sem antes existir o interesse do pesquisador/entrevistador em conhecer mais sobre o assunto, e muito menos sem a presença de alguém (interlocutor/entrevistado) que, tendo vivenciado o acontecimento, se disponibiliza a compartilhar aquilo que vivenciou.

O uso da História Oral para a realização de pesquisas permite duas maneiras de trabalho, seja como uma técnica ou como um método. Na primeira, ela seria utilizada como mais uma fonte que, em parceria com os documentos, objetos, fotografias, dentre outras, possibilitaria preencher lacunas, tirar dúvidas e responder questões às quais as outras fontes não dariam conta de responder. Na segunda, ela apresenta um papel de fonte principal ou única, utilizada para responder às questões provocadas pelo estudo, tal como é apontado por Santos e Araújo (2007, p. 194-195):

> A História Oral é uma fonte rica e complexa, há, no entanto, uma decisão metodológica a se tomar nesse campo que é a opção de usar esta fonte como uma técnica ou como um método.
> Utilizada como técnica, a História Oral é subsidiária de outra fonte. Comporta-se, no entanto, como recurso importante para completar falhas ou lacunas constantes de outra documentação.
> Na acepção de método, tem o seu lugar como fonte principal da investigação e envolve um conjunto de entrevistas, que funciona como amostragem significativa, expressiva, pela qual, elementos essenciais do universo em análise devem estar presentes. Como método, configura-se, então, como o fundamento da pesquisa com procedimentos claros.

Dessa maneira, para conseguir as informações que deseja, o pesquisador faz uso das entrevistas que, a partir de perguntas pensadas em momentos anteriores, garantem que aquilo que se busca, de fato, será alcançado. A entrevista em História Oral é a forma de manifestar o documento oral, é por meio da gravação das entrevistas que irá se obter os registros compreendidos como fonte oral. A entrevista é sempre um processo que envolve duas pessoas, mas não é uma conversa qualquer, mas sim uma relação programada que produz pelo menos um documento, no caso, a gravação. A entrevista, para que sirva à História Oral, deve sempre ocorrer em contato direto, jamais deve ser feita por via indireta, com o auxílio de celular ou internet, por exemplo (Meihy e Holanda, 2017).

Thompson (1998) afirma que a entrevista também permite que o pesquisador tenha acesso a documentos escritos e fotografias que dificilmente conseguiria localizar de outra forma. Além disso, salienta que existem diferentes tipos de entrevistas, desde aquelas que são amigáveis, realizadas como conversas informais, até as mais formais, com perguntas mais bem elaboradas e controladas. Para o autor, o bom entrevistador desenvolve diferentes métodos que combinem com sua personalidade para, desse modo, produzirem melhores resultados.

O pesquisador, fazendo uso da entrevista em História Oral, vai buscar nas memórias dos interlocutores os eventos que ficaram marcados. A memória resulta da organização e da seleção daquilo que é importante para o sujeito, mesmo podendo sofrer mudanças, é isso que a faz poder ser estudada, pois iram prevalecer as memórias marcantes que permitem a análise e compreensão do grupo como um todo (Alberti, 2008).

A História Oral não busca a exatidão da história, os nomes ou até mesmo as datas corretas, pois se entende que a memória é seletiva e o entrevistado tem total liberdade de compartilhar apenas o que deseja, entendendo haver uma diferença entre o vivido e o concebido, como é dito por Meihy e Holanda (2017). Para os autores, não há mentiras nas narrativas, o que existe são versões dos fatos, e o que se busca analisar na História Oral são os pontos de encontro das narrativas, pois são essas repetições de fatos narrados que permitem a compreensão da memória coletiva.

Halbwachs (1990, p. 51), ao abordar sobre a memória coletiva, destaca que "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios". Assim, pode-se entender que as mudanças nas narrativas estão relacionadas aos locais em que os interlocutores se encontravam, bem como às relações que estes mantinham e mantiveram após o evento. As memórias serão apresentadas mais facilmente por aqueles que mantiveram contato com outros colegas da época e que, frequentemente, costumam conversar sobre os eventos que eles participavam juntos.

Para Esquinsani (2012), a memória está cheia de associações e vínculos da pessoa a que pertence e, quando acionada, não aparece livre da consciência de identidade social do sujeito. O autor continua dizendo que os fatos narrados se tratam "[...] de um processo de construção e desconstrução da memória de um jogo dialético de lembranças, narrativas e esquecimentos que, ao se tornarem palatáveis para o pesquisador, assumem a forma que a memória e a narrativa do momento permitem" (2012, p. 223-224).

A história contada a partir dos relatos das pessoas que viveram o fato estudado traz um novo olhar, diferente do apresentado pelos documentos oficiais, permitindo conhecer novas versões que podem fortalecer informações, oferecer novos dados não encontrados em outras fontes ou se contrapor àquilo que está apresentado nos documentos, como destaca Halbwachs (1990, p. 25): "Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras".

Para Meihy e Holanda (2017, p. 25), não se deve pensar a História Oral apenas como uma forma de responder às questões que não são encontradas nos documentos, e "[...] relevar o valor das narrações como forma de vê-las "em si" é modo saudável de considerar a história oral". Ainda segundo os autores, por mais que a escolha por fazer uso das entrevistas, em muitos casos, surja pela necessidade de preencher informações ausentes em outros documentos, elas podem ser assumidas de maneira isolada, sem que seja uma alternativa para completar as lacunas presentes nos documentos escritos, sendo que grande parte dos usuários da História Oral consideram as entrevistas um recurso independente, que se sustenta em gravações que não se repetem.

Desse modo, compreende-se que o método permite conhecer novas versões dos fatos, e isso o faz um meio importante de obtenção de dados, por esse motivo, ele não deve ser entendido apenas como uma forma de validar as informações encontradas em outras fontes ou responder àquilo que os documentos não respondem. O pesquisador deve reconhecer a História Oral como uma fonte principal na pesquisa, tão válida e importante como as fontes documentais, materiais ou iconográficas.

A História Oral é capaz de revelar aspectos da história que foram deixados de lado pelos documentos escritos ou que, por falta de preservação, não podem mais ser consultados, sendo importante, ainda, para conhecer novas perspectivas a respeito dos mais diversos assuntos. Para Alberti (2008), a entrevista em História Oral possui a capacidade de contradizer generalizações sobre o passado, sendo capaz de ampliar as percepções históricas e realizar mudanças na forma como o passado é visto.

Thompson (1998, p. 22) entende que a História Oral apresenta uma grande capacidade transformadora da história, no entanto, isso depende da forma como ela é utilizada. O autor afirma que, dentre suas possibilidades, ela "[...] pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação [...] e na produção histórica [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras".

Um fator que deve ser entendido e discutido é a questão da parcialidade, ou a falta de uma visão imparcial sobre o fato ocorrido. Para Esquinsani (2012), o fato de a História Oral gerar, por meio da entrevista, um documento que expressa a visão da pessoa que está sendo entrevistada, ela produz documentos parciais, os quais apresentam a visão particular do entrevistado. No entanto, a autora complementa que esta mesma parcialidade é encontrada nos documentos escritos:

> Em geral, o sujeito colaborador, ao ser entrevistado e instado a relatar um fato, executará essa tarefa de acordo com seu olhar particular, com seu modo de ver e sentir o fato que se condiciona a relatar. As omissões e os recortes são de sua responsabilidade e desdobram-se a partir de apreensões individuais (próprias, pessoais, subjetivas) ou sociais (representação da classe ou grupo a que o indivíduo acredita estar vinculado) (Esquinsani, 2012, p. 222).

Para os pesquisadores que almejam empreender investigações com a História Oral, há ainda outro ponto que deve ser observado, que é o tipo de História Oral pela qual irá se optar. Meihy e Holanda (2017, p. 34 - 35) apontam três gêneros para o método: história oral de vida, história oral temática e tradução oral:

> Em história oral de vida a questão subjetiva se mostra essencial [...] o que mais vale em história oral de vida são as versões individuais dos fatos da vida [...] o que a distingue é exatamente a independência dos suportes probatórios.
> A história oral temática se aproxima em certa medida dos procedimentos comuns às entrevistas tradicionais. Isso, aliás é um risco e tem sido lugar-comum a quem não entende de história oral.
> Tradição oral depende de entendimentos entre os fundamentos míticos, rituais e vida material de grupo. A soma dessas balizas constitutivas demandam trabalhos profundos em que a observação dirige as entrevistas de maneira a submeter a narrativa a uma prática expressa.

No estudo de temas mais específicos, como o caso da história dos jogos estudantis, os pesquisadores têm optado pela História Oral Temática, pois esta apresenta a possibilidade de focar em um tema específico dentro daquilo que o interlocutor está narrando. Diante disso, passa-se a apresentar o processo de seleção dos interlocutores que se disponibilizaram a dialogar sobre os jogos da Semana Estudantil Mocajubense, apresentando narrativas sobre as memórias que carregam do evento.

2.2 A construção da rede de interlocutores: entre sujeitos e memórias

As pessoas que participam de pesquisas com a História Oral, no papel de entrevistados, atuam de maneira espontânea, sem obrigação de estarem compartilhando suas

memórias. Meihy e Holanda (2017, p. 20) sugerem o uso do termo “colaborador” para identificar as pessoas que participam desse momento, pois “o entrevistador e o entrevistado no processo de entrevista devem se reconhecer como colaboradores”. Ainda segundo os autores, não se deve tratar o entrevistado como um depoente ou investigado e, por esse motivo, o resultado dos encontros torna-se sempre a entrevista, não devendo ser usado, em nenhum caso, o termo “depoimento”, que possui uma carga mais forte e que, no caso do Brasil, pode ser relacionado diretamente ao período da ditadura militar.

No entanto, por se entender que o uso da palavra “colaborador”, com o passar dos anos, assumiu um caráter de prestação de serviços, associado à ideia de alguém que ajuda outras pessoas e que tem sido usado por diversos empregadores, no presente estudo será adotado o uso do termo interlocutor. Porém, há concordância com o entendimento que esse sujeito é alguém que colabora de maneira voluntária nesse processo.

Thompson (1998) aponta que o fato de as experiências de vida das pessoas comuns poder servir de fonte aumenta as possibilidades de compreender os acontecimentos, e a história passa a ter novas dimensões, pois os historiadores orais podem escolher exatamente as pessoas que irão participar da pesquisa e as perguntas que serão feitas e, sem dúvidas, isso contribui para uma “construção mais realista do passado”.

Desse modo, para contar essa história, foram escolhidas as “vozes” de presidentes do evento, técnicos e atletas de diferentes modalidades que participaram da Semana Estudantil Mocajubense e que tiveram seu nome indicado por algum dos interlocutores, com exceção do primeiro nome, que foi o “ponto zero” das entrevistas. Para Meihy e Holanda (2017), a determinação de “pôr quem” e/ou “por onde” começar é um dos pontos mais importante para se conseguir informações satisfatórias, sendo valorizada a entrevista que dará início à definição da rede de interlocutores. Ainda segundo os autores, compreende-se como “ponto zero” a entrevista básica ou as entrevistas iniciais, pois são estas que dão indicações para o andamento das próximas entrevistas. Vale ressaltar que nem todos os participantes da pesquisa foram indicados pela pessoa da primeira entrevista.

Além do ponto zero, apenas outra interlocutora foi selecionada sem indicação. A revelação de sua participação como atleta dos jogos da Semana Estudantil Mocajubense se deu na ocasião da participação no II Seminário do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Educação Física, Esporte e Lazer – GEPEF, da Universidade Federal do Pará. Ao ouvir a apresentação da pesquisa, realizada no dia 24 de fevereiro de 2025, a interlocutora revelou ter participado dos jogos como uma convidada de fora do município. Essa experiência

diferente das apresentadas pelos demais interlocutores, fez com que sua participação fosse incluída, apesar de ela não ter sido indicada por outra pessoa entrevistada.

Para a construção de uma rede de interlocutores relevante para a pesquisa, foi necessário selecionar a primeira pessoa a ser entrevistada, por ser esta alguém muito importante para uma investigação em História Oral, pois é a partir das indicações feitas por ela que se chegou aos demais participantes. As indicações feitas pelo ponto zero também apresentaram nomes de outros interlocutores, o que possibilitou uma ampla variedade de nomes de ex-atletas e presidentes do evento, bem como visões de diferentes práticas e times que participaram do evento no período estudado.

Essa estratégia de indicação é apresentada por Meihy e Holanda (2017), os quais entendem que a origem da rede será sempre o "ponto zero", e a indicação da continuidade das redes deve ocorrer a partir das outras entrevistas, já que isso permite montar uma rede a partir dos argumentos dos interlocutores, e não da pessoa que pensou a pesquisa. A História Oral permite ao pesquisador imaginar qual evidência ele precisa e, a partir disso, procurá-las e obtê-las, pois ele tem a liberdade de escolher exatamente quem entrevistar e o que irá perguntar ao interlocutor (Thompson, 1998).

O interlocutor escolhido para ser o "ponto zero" foi o ex-atleta[3] da SEM Raimundo Nonato Medeiros, pelo fato de o pesquisador já possuir conhecimento prévio de sua participação em uma das equipes que teve bastante destaque no recorte temporal delimitado pelo estudo. Após o primeiro contato, o interlocutor se colocou à disposição para participar da pesquisa. Também foi com ele a primeira entrevista e, consequentemente, a primeira fonte oral adquirida.

A pesquisa não determinou um número exato de pessoas a serem entrevistadas, por entender que cada experiência pode conter um traço distinto e relevante para a compreensão do assunto. Conforme Portelli (1997) aponta, cada pessoa carrega grande número de histórias em potencial, que muitas vezes acabam por não serem escolhidas, cabendo aos pesquisadores de História Oral a arte de reconhecê-las, sabendo que as pessoas com quem se conversa irão enriquecer nossas experiências. Sendo assim, cada entrevista é importante, pois sempre será diferente das outras. Portanto, o término do processo de entrevista foi determinado pela disponibilidade de tempo para a realização do estudo e pelo entendimento de que os objetivos pretendidos foram devidamente contemplados.

---

[3] Destaca-se que ao longo do estudo serão utilizadas as nomenclaturas "ex-atletas" ou "atletas" para fazer referência aos interlocutores que participaram da Semana Estudantil Mocajubense, em virtude dos próprios assim se denominarem.

Os critérios para inclusão na pesquisa foram: ter vivenciado as práticas esportivas da Semana Estudantil Mocajubense no período delimitado, ter participado de pelo menos uma modalidade esportiva no período e ter seu nome mencionado pelos interlocutores. Além disso, para participar da pesquisa, a pessoa deveria concordar em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, assim como assinar a declaração de liberação do uso das informações contidas nas entrevistas, permitindo livre divulgação das gravações e dos resultados (APÊNDICE A).

Por entender que o assunto tratado na presente pesquisa não é de conteúdo delicado para os entrevistados e com a intenção de dar os devidos créditos aos mesmos, optou-se por utilizar os próprios nomes deles. Para tanto, todos os interlocutores foram consultados durante a assinatura do TCLE sobre o desejo de ter sua identidade ocultada ou não, sendo que todos ficaram de acordo em utilizar seus nomes próprios.

É importante ressaltar que, além dos interlocutores que participaram da pesquisa, outros ex-atletas e outros idealizadores da SEM também foram convidados a participar da pesquisa, compartilhando suas memórias sobre o evento. Entretanto, eles preferiram não participar, e tiveram sua decisão respeitada, os principais motivos apresentados foram: falta de tempo, timidez em compartilhar suas experiências e discordância sobre o assunto com seus colegas.

Para compartilhar suas memórias sobre os jogos da Semana Estudantil Mocajubense realizados no recorte temporal em tela, foram selecionados os interlocutores apresentados no Quadro 2:

Quadro 2 – Interlocutores da Pesquisa

Interlocutores	Idade	Esporte	Escola	Participação	Local de nascimento
Raimundo Nonato Medeiros	67 anos	Futsal/ Dominó/ Voleibol	Não estava mais estudando.	Atleta	Mocajuba-PA
Raimundo Sansão Lopes Américo	68 anos	Futsal/ Voleibol	Instituto Nossa Senhora das Graças- Mocajuba	Atleta/ Técnico	Mocajuba-PA
Vicente de Paulo Baía Meireles	64 anos	Regata/ Futsal/ Corrida/ Desfile Mister	Ginásio Nossa Senhora das Graças- Mocajuba/ Colégio Augusto Meira- Belém	Atleta	Mocajuba-PA
Sérgio Luís Braga Sacramento	62 anos	Voleibol/ Tênis de mesa	Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo- Belém	Atleta	Mocajuba-PA

Luís Antônio Dutra de Castro	56 anos	Voleibol	Colégio Ideal-Belém	Atleta	Mocajuba-PA
Reginaldo Marçal Guimarães	65 anos	Futsal	Ginásio Nossa Senhora das Graças-Mocajuba	Presidente/ Atleta	Mocajuba-PA
Maria da Conceição Igreja Pinto	64 anos	Voleibol	Colégio Nossa Senhora das Graças-Mocajuba	Atleta	Belém-PA
Lorivaldo Sabá Igreja	66 anos	Futsal/ Voleibol/ Pescaria	Colégio Estadual Visconde de Sousa da Franco-Belém	Atleta	Mocajuba-PA
Deusdedith Oliveira dos Santos Filho	73 anos	Futsal/ Voleibol	Colégio Modelo-Belém/ Colégio Paes de Carvalho- Belém	Presidente/ Atleta	Mocajuba-PA
Nály Rodrigues Bacha	49 anos	Voleibol/ natação/ Corrida/ Miss	Colégio Almirante Barroso-Mocajuba	Atleta	Mocajuba-PA
Fátima de Souza Moreira	49 anos	Voleibol	Colégio Anchieta- Belém	Atleta	Belém-PA

Fonte: Quadro elaborada pelo autor, adaptado de Vargas (2017).

O primeiro contato com os interlocutores se deu pelo telefone, por meio de mensagem via *WhatsApp*. Nesse primeiro contato, foi feita uma breve apresentação dos objetivos da pesquisa e, após isto, foi realizada a consulta sobre o interesse e a disponibilidade em contribuir com a pesquisa.

Ao final desse primeiro contato, os interlocutores foram informados de que futuramente precisariam participar de uma entrevista e de que, nesse momento, eles seriam contatados para determinar o melhor dia, horário e local para a realização da entrevista. Para Meihy e Holanda (2017), a escolha do local "[...] deve ser acertado antes, mas a preferência da escolha é sempre prerrogativa do entrevistado". Desse modo, buscou-se sempre respeitar o tempo e as escolhas de cada interlocutor quanto às datas e aos locais para realização das entrevistas.

Sobre as entrevistas, optou-se por fazer uso da entrevista focalizada que, segundo Gil (2002), é aquela que, embora livre, foca em temas específicos, em que o entrevistador é responsável por retomar o assunto sempre que necessário, e o entrevistador pode se guiar por algum tipo de roteiro, memorizado ou escrito. Esse modelo de entrevista é adequado para ser utilizado em estudos de História Oral temática, nos quais se busca a compreensão de um tema específico, pois esse método permite obter informações qualitativas, que requerem planejamento prévio e exigem habilidade do entrevistador (Barbosa, 1998).

Para Gil (2002), em estudos que se utilizam a entrevista como técnica de coleta de dados, ela deve ser mais ou menos estruturada, mesmo não tendo respostas fixas. O entrevistador, então, faz uso de um roteiro, que pode ser impresso ou memorizado, para guiá-lo durante o processo. O roteiro para as entrevistas foi pensado em momento anterior à realização delas, no qual continha perguntas abertas relacionadas ao perfil dos interlocutores, à criação da Semana Estudantil, à configuração do evento, às modalidades disputadas e aos seus significados. O roteiro seguiu o modelo de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas, que permite certo nível de flexibilização no momento da entrevista, permitindo a realização de perguntas que surgem no momento da entrevista, a partir das falas dos entrevistados (APÊNDICE B).

Dessa forma, o roteiro não prendeu as entrevistas apenas às perguntas que continha nele, mas serviu para nortear a conversa e garantir que todos os tópicos desejados fossem abordados. O roteiro foi semelhante para todos os interlocutores, contudo, as perguntas relacionadas à criação da Semana Estudantil não foram feitas às pessoas que participaram dos jogos após o ano de 1980. Além disso, foi necessário retornar com alguns interlocutores para melhor compreender alguns aspectos referentes ao momento vivido pelo país no período de criação do evento, bem como de questões observadas no decorrer da pesquisa que precisaram de maiores esclarecimentos.

Santos e Arantes (2007) atentam para o fato de que as falas devem ser entendidas como uma produção do sujeito em seu contexto histórico-social, usando a memória e a palavra, o que significa que o pesquisador que trabalha dessa forma deve se atentar tanto para o que é dito quanto para o que não é dito ou que é silenciado, se mantendo sempre cuidadoso, pois mesmo o silêncio pode carregar significados. As pausas demoradas e os silêncios podem representar a busca pela informação na memória, o desconforto com o assunto, a preocupação com o que será dito, dentre outros.

Desse modo, por entender-se que as narrativas estão recobertas de valores pessoais que podem ser apreendidos por meio dos silêncios, das ocultações e daquilo que não é dito abertamente, e por perceber nestas grandes possibilidades de revelações tão significativas quanto as falas, realizaram-se anotações sobre esses aspectos em momento posterior às entrevistas.

As gravações durante as entrevistas foram realizadas utilizado um aparelho celular da marca *Xiaomi*, modelo *Redmi note9*, nele foi usado o aplicativo "gravador", que já vem instalado no aparelho. Também foi utilizado, para obter maior clareza nas falas, um aparelho de microfone tipo-C 2 em 1, que permite a captação de som em dois microfones conectado a

um receptor, da marca *H'MASTON*, modelo MK08, conectado via *Bluetooth* ao aparelho celular.

As entrevistas gravadas passaram por um processo de transcrição para que pudessem ser transformadas em fontes para a pesquisa. Além disso, em outro momento, as narrações também passaram por um processo de textualização, com a retirada de repetições, palavras erradas ou incompletas, correção de palavras comprimidas e vícios de linguagem. Como sugerem Meihy e Holanda (2017), ao salientarem que, quando se transformar aquilo que é dito em um documento escrito, além dos cuidados a serem tomados para não perder o sentido do que é dito, pode-se realizar esse processo de três formas: pela transcrição absoluta, pela textualização ou pela transcriação.

A transcrição absoluta é o processo em que se escrevem as palavras da forma que foram ditas, mantendo as perguntas e respostas, as repetições, os erros e as palavras sem peso semântico. No caso da textualização, são eliminadas as perguntas, tirados os erros e repetições, tornando o texto mais fluido, mas mantendo o sentido do que foi dito. Já a transcriação trata-se do resultado que passa pela autorização do interlocutor. Na presente pesquisa, foram utilizados somente os dois primeiros processos de transcrição, entendendo que esse é um momento no qual se permite certa liberdade na escolha dos caminhos a serem seguidos (Meihy e Holanda, 2017).

As referidas etapas devem ser realizadas de maneira cuidadosa, para que não se percam os sentidos atribuídos pelo interlocutor. Nesse processo, fez-se uso de ferramentas que auxiliam na passagem do oral para o escrito, como a função de ditar do *Word* e o site *TurboScribe.ai,* na versão gratuita, os quais foram ferramentas que tornaram esse processo menos trabalhoso. Contudo, após a utilização das ferramentas de transcrição, foi realizada uma leitura cuidadosa em conjunto com a escuta dos áudios, para corrigir possíveis problemas de transcrições.

As imagens fornecidas pelos interlocutores e por outras pessoas também compuseram parte dessa produção. Enfatiza-se que as fontes iconográficas não foram utilizadas, em nenhuma circunstância, para contradizer ou confirmar as informações fornecidas, e sim para possibilitar ampliar a visão daquilo que as narrações oferecem.

A seguir, serão apresentados os sujeitos que, por meio do compartilhamento de suas memórias, possibilitaram os conhecimentos sobre aspectos da história desse evento. Em seguida será realizado uma contextualização do momento da entrevista, juntamente com alguns elementos que aproximam o interlocutor do tema estudado para, dessa forma, permitir a compreensão da escolha deles para compor a rede de interlocutores. Destaca-se que a ordem

de apresentação segue também a ordem em que as entrevistas foram realizadas, a qual foi orientada pela disponibilidade dos entrevistados, que, em alguns casos, tiveram que remarcar, por mais de uma vez, a data da entrevista.

Raimundo Nonato Medeiros (Mundinho)

A escolha desse interlocutor para ser o "ponto zero" da pesquisa se deu pela sua proximidade com o pesquisador, pelo fato de ser um dos familiares (tio), do qual, como já mencionado, se ouvia muitas histórias sobre sua participação no evento. No primeiro contato, quando foi comentado o interesse em realizar uma pesquisa sobre as primeiras edições da Semana Estudantil Mocajubense, o interlocutor se demonstrou muito receptivo à proposta, inclusive comentando pessoas que poderiam contribuir para a pesquisa e mencionando nome de pessoas que foram responsáveis pela criação da SEM, até mesmo acompanhando o pesquisador até a casa de um dos responsáveis pela criação do evento para uma breve apresentação. Contudo, nesse dia, ele não se encontrava em sua residência, mas foi possível conseguir o contato da pessoa, que será apresentada mais à frente.

Esses pontos tornam o interlocutor um excelente ponto de partida, pois foi possível perceber sua forte relação com o evento no final da década de 1970 e no começo da década de 1980. Na entrevista, o senhor Raimundo Nonato disse só ter feito parte de uma equipe, denominada Skylab, durante os anos de 1979 a 1988, nove anos, que ele afirma que foram muito vitoriosos durante a sua participação. Apesar de ter participado somente em uma equipe, ele pôde indicar nomes de outros possíveis interlocutores que fizeram parte de outras equipes e, por ter disputado três modalidades diferentes no decorre do evento, sendo essas, Futsal, Dominó e Voleibol, ele também pode apresentar a visão de diferentes práticas (interlocutor Medeiros, 2025).

A entrevista foi realizada no dia 17 de fevereiro de 2025. No período em que a entrevista foi realizada, o interlocutor estava trabalhando como agricultor. A entrevista teve início às 19 horas e 30 minutos e, a pedido do interlocutor, foi realizada em sua residência, e teve duração de 34 minutos e 35 segundos.

Como a residência estava passando por uma reforma, o interlocutor achou melhor que permanecêssemos na área que fica na parte da frente da casa, o que gerou alguns ruídos de carros, motos e pessoas falando na gravação. Contudo, tais ruídos não atrapalharam as gravações e não dificultaram o processo de transcrição da entrevista.

Raimundo Sansão Lopes Américo

O segundo a ser entrevistado, o senhor Raimundo Sansão, foi selecionado, pois, segundo as informações repassadas, ele participou da Semana Estudantil desde a primeira edição. O interlocutor foi atleta de futsal e de voleibol, nos anos de 1975 até 1990, atuando nos primeiros anos pelo time do Grêmio. Além disso, também contou ter vivenciado o evento como treinador do time do Flaplay, que para ele, foi uma das coisas que marcou suas memórias sobre a Semana Estudantil Mocajubense. Em suas palavras, ele conta: "me botaram como técnico do Flaplay, nós fomos campeões e eu me emocionei, [...] até hoje foi uma coisa que me deixou na lembrança, na lembrança mesmo, fiquei roco, roco, roco de tanto gritar de alegria, é emocionante mesmo" (interlocutor Américo, 2025).

Importante destacar que o interlocutor, de início, sentia que suas memórias talvez não pudessem contribuir com a pesquisa, isso porque ele pensou que a pesquisa estava buscando contar fatos do evento atual, que ainda ocorre todos os anos no final do mês de julho. Contudo, após o esclarecimento dessa questão, ele se mostrou disposto a compartilhar suas lembranças. Para Meihy e Holanda (2017), é comum que algumas pessoas que não acham suas experiências importantes, repassando a outras pessoas a capacidade de contar os fatos, o que é decorrência de uma característica da sociedade que costuma dar foco as memórias individuais de pessoas vistas como importante.

A entrevista com o ex-atleta da Semana Estudantil Mocajubense, Raimundo Américo, foi realizada no dia 18 de fevereiro de 2025. Teve início às 16 horas e 13 minutos e, a pedido do interlocutor, foi realizada na cozinha de sua residência, e teve duração de 26 minutos e 52 segundos. Em certos momentos durante a entrevista, a mãe do interlocutor, Maria Joana Lopes, esteve presente no local.

Vicente De Paulo Baía Meireles (Birinha)

O próximo interlocutor apresentado trata-se do senhor Vicente de Paulo, carinhosamente chamado pelos mais próximos de Birinha. Ele foi uma pessoa apontada pelo senhor Raimundo Nonato como um grande conhecedor do evento e um dos nomes mais citados pelos demais interlocutores, consistindo em alguém que deveria compor a rede de interlocutores da presente pesquisa, posto que foi muito citado junto ao nome de alguns dos criadores da Semana Estudantil Mocajubense. Desde o primeiro contato, o interlocutor se dispôs a conversar sobre o assunto, que para ele é muito agradável, e forneceu contatos de

outros ex-atletas que ele conhecia. Apesar de ter aceitado desde o primeiro contato, a data da entrevista teve que ser remarcada em duas ocasiões, por motivos próprios do interlocutor.

No período em que a entrevista foi realizada, o interlocutor trabalhava como condutor de veículos pesados. O senhor Vicente participou do evento entre os anos de 1976 e 1983 e, durante esses anos, revelou ter feito parte de três equipes diferentes, nas quais ele praticou as modalidades de voleibol, futsal, atletismo na corrida de 200 metros, em que diz que "[...] das corridas, eu sempre fui campeão em todos esses anos dos 200 metros, velocidade". Além dessas modalidades, que foram mais destacadas pelo interlocutor, ele também revelou ter participado da regata, a qual, em suas palavras, "só participava mesmo" e da disputa de mister da Semana Estudantil. Sua primeira participação foi com a equipe do "Santos Futebol Clube da família Sabá"; a segunda equipe da qual fez parte, foi o "Skylab foi fundado em 1977"; e a terceira, em 1983, que marca sua última participação, foi na equipe do Fogo Selvagem (interlocutor Meireles, 2025).

A entrevista foi realizada no dia 19 de fevereiro de 2025. O ex-atleta da Semana Estudantil Mocajubense, Vicente de Paulo, marcou às 9 horas da manhã em sua residência. Porém, o interlocutor não se encontrava no local na hora marcada, mas havia deixado avisado que ele iria me receber. Então, assim que cheguei fui levado por uma moça até a área aos fundos da residência do interlocutor. O local era bem silencioso, o que possibilitou bons registros da sua narrativa, contudo, em alguns momentos, é possível escutar o som de algo sendo batido e de pássaros cantando ao fundo, mas nada que atrapalhasse os registros.

Quando o interlocutor chegou, eu já estava à sua espera, e pudemos conversar. Dessa conversa resultou uma gravação que apresenta 47 minutos e 49 segundos de duração. Contudo, ao término do diálogo, o interlocutor se lembrou de algumas informações e perguntou se poderia continuar, o que gerou mais 3 minutos e 46 segundos, dando um total de 51 minutos e 35 segundos de conversa gravada.

Sérgio Luís Braga Sacramento

O interlocutor Sérgio Luiz foi selecionado por sua vivência do evento durante a década de 1980. No período da entrevista, estava trabalhando como engenheiro civil. Ele revelou ter participado do evento entre os anos de 1980 e 1988. Desde sua primeira participação, sempre atuou pela equipe do Playboy, com membro do time de voleibol na posição de levantador, além de também ter participado pela equipe na disputa do tênis de mesa (interlocutor Sacramento, 2025).

A entrevista ocorreu no dia 19 de fevereiro de 2025. A pedido do interlocutor, a entrevista foi realizada na orla da cidade, às 18 horas e 1 minutos. A orla da cidade é um espaço aberto, com vista para o rio Tocantins, que conta com alguns bares e comércios nos seus arredores, também tem uma rua que, em alguns horários, fica bastante movimentada. Por esse motivo, é possível escutar, ao fundo da gravação, música tocando, assim como, som de veículos que passavam no local. No entanto, o uso de microfone para a realização das entrevistas permitiu a obtenção de um excelente resultado, e os sons ao fundo não interferiram no processo de transcrição.

Como mencionado anteriormente, sempre se respeitaram as solicitações feitas pelo interlocutor quanto aos locais e horários das entrevistas. A entrevista teve duração de 14 minutos e 17 segundos, o tempo mais reduzido se dá pelo fato de que, para as pessoas que participaram do evento a partir dos anos de 1980, não foram feitas as primeiras perguntas relacionadas ao momento de criação da Semana Estudantil Mocajubense.

Luís Antônio Dutra de Castro (Xoroca)

O interlocutor Luís Antônio, carinhosamente conhecido como Xoroca, foi uma indicação do interlocutor Sérgio Luiz. A entrevista foi realizada no dia 19 de fevereiro de 2025, na orla da cidade, logo após a realização de entrevista anteriormente citada. O interlocutor, em conversa com algumas pessoas, ficou sabendo sobre a pesquisa e se disponibilizou a contribuir com suas memórias daquela época.

Devido ao local ser aberto e público, a gravação apresentou alguns ruídos de música tocando ao fundo, porém, nada que dificulte o entendimento da fala do interlocutor, semelhante ao ocorrido com o interlocutor anterior, pois foi realizada no mesmo espaço. A entrevista durou 6 minutos e 59 segundo, mas, ao final o interlocutor pediu para acrescentar uma fala que durou mais 1 minuto e 52 segundos, totalizando 8 minutos e 51 segundos de registro.

Profissional de Educação Física, atualmente trabalhando em projetos sociais que iniciam jovens na prática do vôlei de praia, Luís Antônio participou do evento como atleta de voleibol durante um longo período, tendo participado de 31 edições, participando pela primeira vez no ano de 1986. Durante esses anos, ele participou da SEM por diferentes equipes, tendo citado Playboy, Áustria Viena e Pec, como alguns exemplos. Segundo seu relato, defendeu quase todas as equipes que participaram do evento (interlocutor Castro, 2025).

Reginaldo Marçal Guimarães

Dentre os interlocutores, era certo que uma pessoa que não poderia deixar de fornecer sua contribuição para a pesquisa era o interlocutor Reginaldo Guimarães. A maioria entendia que ele poderia fornecer muitas informações preciosas sobre o evento, pois esteve participando desde as primeiras edições e teve grande contribuição como presidente da SEM. O reconhecimento que ele possui de diferentes pessoas, incluindo algumas que não fizeram parte da rede de interlocutores, fez com que sua participação fosse imprescindível para a pesquisa.

O interlocutor participou da Semana Estudantil do município de Mocajuba de 1975 até 2004, participando pela primeira vez como atleta do Ginásio Nossa Senhora das Graças, nas modalidades de futebol de salão, voleibol e na natação (interlocutor Guimarães, 2025). Logo no primeiro contato, ainda por celular, ele enviou importantes informações sobre o evento e se colocou disposto a conversar sobre o assunto no momento que precisasse. Atuando como comerciante no ano da entrevista, o interlocutor teve que remarcar a entrevista em algumas ocasiões, tendo sua realização concretizada no dia 29 de março de 2025, ocasião em que estive na residência do ex-atleta e ex-presidente da Semana Estudantil Mocajubense Reginaldo Marçal Guimarães, na cidade de Belém, para conversarmos sobre o evento.

A entrevista teve início às 9 horas e 9 minutos de uma manhã de sábado. O local foi escolhido levando em consideração a preferência do interlocutor. Por esse motivo, a entrevista foi realizada na sala da residência, local bem era silencioso, mas que, em alguns momentos, tem seu silêncio interrompido pelo barulho dos veículos que passavam na rua, sendo que, quando o veículo era de maior porte, o barulho também ficava mais forte, porém, nada que atrapalhasse o andamento da entrevista ou os registros nas gravações. A entrevista teve duração de 16 minutos e 31 segundos.

Maria da Conceição Igreja Pinto

A interlocutora Maria da Conceição Igreja Pinto teve seu nome citado também por alguns interlocutores. A interlocutora disse não lembrar com exatidão o ano de sua participação como atleta no evento, mas se recordava de ter participado de apenas uma equipe, o Santos, que também era a equipe de seu irmão. A participação dessa equipe na Semana Estudantil Mocajubense é apresentada por outros interlocutores como sendo pertencente ao período estudado, sendo uma das equipes mais antigas a ter participado, como

relata o interlocutor Meireles (2025), “eu participei primeiro pelo Santos Futebol Clube da família Sabá [...] tinha um time, inclusive um super time do Santos [...] que foi campeão nessa época”.

Desse modo, compreende-se que ela se encaixa nos requisitos para participação na pesquisa. Sendo assim, apresenta-se a ex-atleta da Semana Estudantil Mocajubense Maria da Conceição Igreja Pinto, que participou como atleta do time de voleibol do Santos. No primeiro ano que participou, ela lembra de ainda estudar no Colégio Nossa Senhora das Graças (interlocutora Pinto, 2025). Sua entrevista foi realizada no dia 13 de maio de 2025, em uma loja de roupas que se localiza embaixo de sua casa e tem como temática os “Amigos”, equipe que compete nas edições recentes da Semana Estudantil Mocajubense. A entrevista teve início às 10h04 da manhã, e durou 6 minutos e 47 segundos.

Lorivaldo Sabá Igreja

Outro interlocutor que aceitou participar da pesquisa foi o ex-atleta Lorivaldo Sabá Igreja. Chegou-se até o interlocutor pelos relatos apresentados por outros interlocutores que destacaram sua participação como atleta da equipe do Santos nas primeiras edições do evento. O interlocutor não se recordava com exatidão do ano de sua primeira participação, mas acreditava ter ocorrido na primeira ou na segunda edição do evento (1975 ou 1976). O ex-atleta, atualmente trabalha no ramo da agricultura, lembrou ter participado durante 15 anos do evento. Durante todos os anos que participou, sempre atuou pelo Santos, representando a equipe nas competições de futebol de salão, voleibol e nas competições de pesca (interlocutor Igreja, 2025).

A entrevista foi realizada em sua residência no dia 18 de maio de 2025. A pedido do interlocutor, estive no local por volta das 10 horas. Contudo, ele havia saído e, por esse motivo, retornei no mesmo dia ao local alguns minutos mais tarde. A entrevista foi realizada no final de semana, pois durante a semana é difícil encontrar o interlocutor na cidade. A entrevista teve início às 11 horas e gerou exatos 15 minutos de registro.

Deusdedith Oliveira dos Santos Filho (Velhão)

Identificado pelos interlocutores como uma pessoa que certamente deveria compor essa rede de interlocutores, assim como outros nomes, o ex-atleta e ex-presidente da Semana Estudantil Mocajubense, Deusdedith Oliveira dos Santos Filho, foi um dos nomes que mais

foram mencionados como conhecedor dessa história, não apenas pelas pessoas que participaram da pesquisa, como também por outras pessoas que, ao terem conhecimento sobre a temática estudada, relataram sua participação no evento.

O contato inicial foi realizado por celular, contando também com uma primeira visita ao interlocutor, anterior à realização da entrevista, ocasião em que foi apresentado um pouco sobre a pesquisa e seus objetivos, juntamente com uma breve conversa sobre o tema. O interlocutor esteve presente desde as primeiras edições do evento, das quais ele não participou como atleta, pois, segundo seus relatos, contribuía de outras maneiras para que a SEM pudesse ocorrer (interlocutor Santos Filho, 2025).

Como atualmente o interlocutor trabalha como agricultor, o contato para marcar a data da entrevista foi um processo que demandou um pouco mais de trabalho. Contudo, após novo encontro presencial, foi possível realizar a entrevista no dia 18 de maio de 2025. A pedido do interlocutor, estive em sua residência no período da tarde para conversarmos. A entrevista teve início às 17 horas e 8 minutos, na rua ao lado da residência do interlocutor. Como era final de semana, o local estava calmo e sem muito movimento, o que possibilitou coletar ótimos registros de áudio. A entrevista gerou um registro de 25 minutos e 27 segundos.

Nály Rodrigues Bacha

A interlocutora Nály Bacha atualmente atua como advogada e reside na cidade de Mocajuba. Nály contou que participou da Semana Estudantil Mocajubense por aproximadamente cinco anos, desde muito jovem. Não sabendo dizer exatamente o primeiro ano em que participou, a interlocutora disse que fez parte da equipe de voleibol de três equipes diferentes: Skylab (time de seu irmão), Áustria Viena e Playboy, todos os times que tiveram sua participação no evento e que estiveram relacionados ao período histórico estudado. Além da participação como atleta de voleibol, a interlocutora também disse ter disputado nas modalidades de natação, atletismo e como Miss, durante o período em que participou (interlocutora Bacha, 2025).

O primeiro contato com a interlocutora ocorreu de forma presencial, momento em que se buscou confirmar sua participação no período a que se propõe esta investigação, além de verificar sua disponibilidade para participar da pesquisa. Após esse primeiro contato, conversamos novamente por celular para marcar o momento da entrevista, que ocorreu no dia 19 de maio de 2025, na Prefeitura Municipal de Mocajuba, às 13 horas e 15 minutos, a pedido da interlocutora, e teve duração de 19 minutos e 37 segundos.

Fátima de Souza Moreira (Macapá)

Além do "ponto zero", a interlocutora Fátima Moreira foi a única a não ter sido indicada por outros entrevistados. A descoberta de sua participação no evento estudado se deu por acaso. Contudo, considera-se que a participação de uma pessoa que não estava diretamente envolvida com a cidade e que foi convidada a participar por ter experiência como atleta poderia enriquecer a pesquisa, visto que o evento passou a aceitar a participação de pessoas que não nasceram em Mocajuba, com o intuito de fortalecer o evento e torná-lo um espetáculo ainda maior.

O primeiro contato com a interlocutora ocorreu de forma presencial, no mesmo momento em que se soube de sua participação no evento. Também foi o momento que a convidamos para compor a rede de interlocutores da pesquisa, e ela aceitou. A interlocutora reside atualmente em Belém e atua como professora universitária. Sua participação ocorreu somente em um ano na década de 80, (entre 1984 e 1987), disputando a Semana Estudantil Mocajubense e sendo campeã pelo time de voleibol do Áustria Viena. A interlocutora disse que foi convidada a participar do evento por ser jogadora de voleibol em clubes da capital paraense à época (interlocutora Moreira, 2025).

A entrevista foi marcada em momento posterior, via mensagem de *WhatsApp*, ocasião em que a interlocutora indicou o local e horário para a realização da entrevista, que ocorreu no dia 17 de junho de 2025, na sala dos professores da universidade em que a interlocutora leciona. Antes da entrevista, é importante destacar que a interlocutora se demonstrou um pouco preocupada com o assunto que seria abordado. A entrevista teve início às 17 horas e 17 minutos e teve duração de 18 minutos e 26 segundos.

2.3. O *lócus* da Semana Estudantil: o munícipio de Mocajuba- PA

> *Nestas plagas de rios gigantes,*
> *Entre ilhas e mil paranás,*
> *Nossas vozes se voltam vibrantes,*
> *Pra cantar esta terra sem par,*
> *Mocajuba és berço querido, [...]*
> *(Hino de Mocajuba, Ir. Maria Ester Monteiro de Azevedo).*

O trecho acima pertence ao Hino de Mocajuba e representa um importante elemento da história, cultura e identidade de um mocajubense. Nas falas dos interlocutores é possível notar a afeição que eles possuem com relação à cidade. Foram bastante recorrentes as falas em que eles se intitulavam como "filhos de Mocajuba" quando mencionavam as pessoas que, por qualquer motivo, tiveram que sair da cidade, no sentido de deixar claro que, apesar de não estarem morando no município, tinham nascido nele.

A cidade de Mocajuba localiza-se às margens do rio Tocantins, na microrregião do Baixo Tocantins (Jornal "A Província do Pará", outubro 1976). Mocajuba está situada a uma distância de aproximadamente 200 km da capital Belém, na beira do rio Tocantins, e seu território pode ser dividido em quatro áreas: a área quilombola da margem direita do rio; as ilhas do rio; a área da terra firme e o entro urbanizado de Mocajuba (Cuenin e Piraux, 2020).

A imagem aérea da cidade de Mocajuba na década de 1970 (Figura 3) permite observar o espaço urbano do município, localizado na parte superior direita da imagem, ainda pouco desenvolvido e contando com grandes áreas arborizadas, muito diferentes do que se vê atualmente, em que o predomínio é de construções de alvenaria. Também se nota a frente do município sendo banhada pelo rio Tocantins, bem como a igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade, localizada bem na frente da cidade, para receber e abençoar visitantes e os moradores da cidade, que para ela retornavam de outros municípios e localidades vizinhas, visto que, à época, esse era o único modo de acesso à cidade, pois ainda não existia a estrada, e as viagens eram feitas pelos barcos.

Figura 3 - Imagem aérea da cidade de Mocajuba na década de 1970

Fonte: Projeto Mocajuba Memória Viva (2006).

Sobre sua posição geográfica, Mocajuba está localizada a uma latitude 02º35'03" sul e a uma longitude 49º30'26" oeste, estando a uma altitude de 30 metros, no estado do Pará (Silva, Gonçalves e Carvalho Arnaud, 2017). Sua história começa com um pequeno povoado chamado Maxi, ainda no período colonial. Depois, a partir da Assembleia Legislativa da Província, com a Revolução nº 228, em 20 de dezembro de 1853, o local, ainda com o mesmo nome (Maxi), passa à condução de freguesia, por ser vista como um local que poderia avançar e apresentar um grande progresso (Jornal "A Província do Pará", outubro 1976).

No entanto, ainda segundo a matéria do jornal, o passar do tempo demonstrou que havia uma necessidade de mudar a freguesia de região, devido a sua localização não proporcionar muitas oportunidades de crescimento e possibilidades de progresso. Isso porque a freguesia prosperava em número de habitantes e volume de produção, mesmo com as dificuldades de sua posição físico-geográfica ocasionava, sobretudo em relação à comercialização e ao escoamento das produções, haja vista que o local também sofria com inundações periódicas das cheias do Tocantins (Sousa *et al*., 2013).

Viu-se também a necessidade de mudar a freguesia para outro local que permitisse comunicação mais fácil com os centros da província e com a capital. As terras onde depois passou a se localizar a cidade de Mocajuba foram doadas por João Machado da Silva, que era um dos moradores da freguesia, adepto à mudança, e possuía um sítio que tinha potencial para servir como um importante núcleo populacional (Jornal "A Província do Pará", outubro 1976). Um fato interessante é que o sítio para onde a freguesia de Maxi foi transferida chamava-se Mocajuba.

A autorização para mudar a freguesia para Mocajuba ocorreu por meio da lei de nº 271, no dia 16 de outubro de 1854. No dia 5 de abril de 1872, pela lei nº 707, a freguesia foi elevada à categoria de vila com o nome de Mocajuba (Jornal "A Província do Pará", outubro 1976). Com isso, foi instalada a primeira Câmara de Vereadores do município em ato solene no dia 3 de fevereiro de 1873, período em que o Barão de Santarém ocupava a presidência da província. Após a Proclamação da República, a Câmara de Mocajuba foi dissolvida no dia 10 de março de 1890, sendo criado, após isso, o conselho de intendência municipal. Cinco anos depois, pela lei nº 324 de 6 de julho de 1895, foi criado o município de Mocajuba (Jornal "Diário do Pará", julho 1995), que em 2025 completou 130 anos de muita história e tradição.

Em 1908 o Álbum do Estado do Pará indica que Mocajuba fazia parte da comarca de Cametá, constituindo o segundo distrito judiciário dessa comarca. O documento registra, ainda, que no município existe a povoação de São Pedro de Vizeu e informa que o grupo

escolar que o estado mantinha em Mocajuba era um dos que estava apresentando melhor resultado, com frequência de 206 crianças (Álbum do Pará, 1908).

O nome Mocajuba deriva da palavra Mucajatuba ou Mocajatuba, que, em nheengatu, significa "lugar abundante de Mucajás". A árvore de mucajá, ou macaúba, é uma espécie de palmeira que possui um tronco que mede de 10 a 11 metros de altura e possui uma fruta comestível. A madeira de seu tronco pode ser utilizada para a confecção de ripas e calhas (Jornal "A Província do Pará", outubro 1976).

Na década de 70, período histórico no qual a presente pesquisa se situa, a matéria impressa no jornal "A Província do Pará", no dia 03 de outubro de 1976, permite ter uma compreensão da realidade do município de Mocajuba no contexto estudado. No período em questão, o prefeito da cidade era o senhor João Francisco da Costa. Um dos aspectos retratados é sobre a sua superfície de 967 km², com predomínio de construções feitas de taipas, madeiras e alvenarias com aspectos variados. Segundo os dados apresentados, existiam na cidade, no ano de 1971, 380 prédios (Jornal "A Provincia do Pará", outubro 1976).

Em termos geográficos, no período histórico em questão, havia no município de Mocajuba 17 vias, não muito regulares, que se desenvolvem a partir da margem do rio Tocantins (Jornal "A Província do Pará", outubro 1976). Ao tratar sobre as características das ruas de Mocajuba, o interlocutor Santos Filho (2025) destaca que eram feitas de terra e muitas delas sem pavimentação "[...] Mocajuba não tinha nada, era um areal [...] um areal que nem bicicleta andava". Havia apenas uma única rua pavimentada na cidade, construída de concreto. No que se refere aos aspectos demográficos, a população mocajubense que em 1970 chegava a 9.067 habitantes, dos quais 6.195 viviam no distrito de Mocajuba, 1.978 moradores residiam na zona urbana e 4.217 na zona rural.

As Figuras 4 e 5 permitem ter uma visão de como as ruas do município eram e reforçam as falas dos interlocutores, na medida em que se pode observar que as ruas, ainda sem asfalto, eram irregulares, feitas de areia batida, sem presença de calçadas e com elevado volume de vegetação, mostrando que a construção humana se misturava à natureza, paisagem típica de cidades interioranas paraenses.

Observa-se a predominância de casas de madeira (Figura 4), que provavelmente compunham a paisagem das áreas mais afastadas do centro da cidade, enquanto, nas ruas mais próximas do centro, é possível observar a presença de construções de casas alvenaria (Figura 5). Também se nota a presença do que provavelmente seriam postes de energia na frente das casas, mas sem a presença de lâmpadas de iluminação pública, fato relatado pelos interlocutores e que marcou a realização das primeiras edições do evento estudado.

Figura 4 - Ruas de Mocajuba na década de 1970

Fonte: Projeto Mocajuba Memória Viva (2006)

Figura 5 - Ruas de Mocajuba na década de 1970

Fonte: Projeto Mocajuba Memória Viva (2006)

A respeito dos aspectos econômicos do município, a principal fonte de renda da população vinha da produção agrícola, principalmente do cacau em grão, da raiz de mandioca, da pimenta do reino e do milho (Jornal "A Província do Pará", outubro 1976). Segundo Silva, Gonçalves e Carvalho Arnaud (2017), o município foi um dos que mais progrediu, principalmente pela riqueza gerada pelo cultivo da pimenta-do-reino, tornando-se o maior produtor nacional e passando a ser concebido como um próspero município do estado do Pará.

A economia de muitas famílias do município, no recorte temporal da década de 1970, se dava pela agricultura, pela pecuária, pela pesca e pela exploração de madeira. Além disso, o município também contava com 88 estabelecimentos de comércio atacadista, que abasteciam a população em gênero alimentício, medicamentos, roupas, entre outros produtos (Jornal "A Provincia do Pará", outubro 1976). A agricultura continua, até o período atual, sendo muito forte no município e uma das principais fontes de renda de muitas famílias. Conforme

apontam Cuenin e Piraux (2020), a maioria dos produtos agrícolas produzidos no município provém de uma agricultura familiar muito ativa no território.

Com já mencionado neste estudo, a década de 1970 ainda diz respeito ao período de ditadura militar que esteve em vigor no país entre os anos de 1964 e 1985, marcado como um período de grande censura e violência, no qual as práticas esportivas tiveram um papel de doutrinação e de moldagem dos corpos e do caráter da juventude. No entanto, essa realidade não se refletiu no município de Mocajuba ou, pelo menos, não foi percebida pelos jovens que vivenciaram esse período no referido local e que fizeram parte enquanto interlocutores e interlocutoras dessa pesquisa, como se nota na fala a seguir:

> Eu, pessoalmente, não tenho muita coisa a dizer sobre isso [...], mas posso afirmar uma coisa, nós nunca tivemos uma pressão de ser exigido pela ditadura. Na nossa época, para cá, nós já não tivemos, [...] de ter a Semana Estudantil, de 80 para cá, que (é o período sobre o qual) posso falar muito bem sobre essa questão, nós não sofremos impacto nenhum da ditadura militar, do regime. Isso já era, para a gente, algo bem maleável. Nós tínhamos direito de fala, direito de optar, direito de nos defender, de concordar e de discordar. Então, essa parte da ditadura, para mim, está descartada, é descartado em relação à nossa época, porque não existia mais isso (Interlocutor Medeiros, 2025).

Igualmente, essa participação ditatorial nos jogos da SEM não foi percebida pelo interlocutor Meireles (2025), que comenta:

> Isso eu percebia que, ele (o regime militar) não tinha (influência na forma como os jogos eram praticados), eles (os policiais) não se envolveram a respeito dos jogos. O que eles se envolviam, na época que eu ia para lá como o pessoal para presenciar (como espectador) e, depois, como jogador, eles iam na abertura, às vezes para o canto do Hino Nacional, hastear a bandeira. Eles participavam nesse movimento, mas participar diretamente não participavam.

Nas narrativas dos interlocutores, verifica-se que as influências do regime militar não eram notadas por eles, tanto no evento da SEM quanto em outras atividades físicas esportivas e de lazer realizadas pelos jovens do município em seus cotidianos, fora do evento esportivo, os quais percebem o momento como algo do passado e até mesmo distante de suas realidades. Essa visão parte do entendimento de que o município, na época, era pequeno e contava com poucos moradores e um baixo número de agentes da lei. No entanto, é possível que essa participação não fosse percebida pelo fato de que, de certa forma, as realizações dos jogos e das práticas vivenciadas já estivessem reproduzindo no município os valores de ordem, disciplina e patriotismo desejados pelo regime, não sendo necessária interferência direta por

parte dos militares. Contudo, essa é uma questão incapaz de ser respondida apenas com as fontes obtidas no presente estudo.

Nesse cenário da década de 1970, em que o município de Mocajuba se encontrava em processo de desenvolvimento e expansão, cuja base econômica era majoritariamente alicerçada na agricultura e ainda carente de serviços e infraestrutura urbana que surge a SEM, enquanto iniciativa de estudantes que foram dar prosseguimento em seus estudos na capital Belém, haja vista que não se tinham muitas escolas do que, à época, era denominado segundo grau. Além do mais, a SEM pode ser entendida como um evento que vai ser concebido como um atrativo em uma localidade que era considerada, até então, como pacata e de poucos divertimentos.

3. ENTRE ESPORTES E JOGOS: A CRIAÇÃO DA SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE

A presente seção trata dos esportes e jogos escolares como manifestações que fundamentam a criação e desenvolvimento da SEM, haja vista que o esporte vivenciado no contexto de jogos foi um dos motivos centrais para a criação desse evento, a partir de sua dimensão coletiva e socializadora. Destaca-se que o esporte na SEM assumiu contornos de performance e rendimento, enquanto os jogos apresentavam uma dimensão competitiva. Além disso, serão abordados o contexto de criação, os idealizadores e suas motivações, as equipes participantes, bem como a organização das primeiras edições da SEM.

3.1. O esporte e os jogos como alicerce da Semana Estudantil

O esporte é um dos fenômenos mais expressivos das ações humanas e que movimenta milhares de expectadores, praticantes e entusiastas para o seu consumo por todo o planeta nos mais diferentes níveis de sua representação. Para Bueno (2008), a expansão do esporte é um fenômeno mundial, que tem seus eventos acompanhados por bilhões de espectadores pelo mundo. O autor observa que as palavras esporte e desporto são usadas como sinônimos para representar a mesma manifestação, com predominância do uso da palavra esporte, contudo, ressalta que, nos textos legais, como leis, decretos e na Constituição Federal, o termo mais usado é desporto.

Historicamente, na modernidade, o esporte, conforme Bracht (1997), surge na Europa por volta do século XVIII, a partir de um processo de modificação que o autor denomina de "esportivização" de elementos da cultura corporal das classes populares inglesas, assim como de elementos da cultura corporal da nobreza inglesa. Esse processo teve sua intensificação no final do século XIX e início do século XX.

Do continente europeu, o esporte expandiu-se para o mundo de maneira rápida, tornando-se uma expressão hegemônica da cultura corporal. Cresceu o número de praticantes, de espaços para as práticas das diferentes modalidades esportivas, bem como as modalidades esportivas se multiplicam, crescendo, também, o espaço da ciência do esporte (Tubino, 2010).

Dessa maneira, na compreensão de Gebara (2002), o esporte moderno recebeu estímulo com a restauração dos Jogos Olímpicos, no ano de 1896. Esse fato pode ser entendido como o grande momento do processo de expansão do esporte, que parte da Inglaterra, mas rapidamente se populariza em todo o mundo.

Para Proni (2002), o nascimento do esporte moderno de competição ocorre no momento em que se passam a medir os resultados e as *performances* dos participantes, especialmente quando se passa a cronometrar os desempenhos dos competidores, pois esse processo de mensurar os resultados e comparar os sujeitos não esteve presente nas competições atléticas antigas. Além disso, a própria forma de preparação passa a se embasar no conhecimento científico para conseguir atingir os melhores desempenhos e colocações.

A partir disso, a manifestação esportiva começou a assumir características que passaram a identificar o esporte moderno, como a competição, o rendimento físico-técnico, o recorde, a racionalização e a adesão dos conhecimentos científicos no treinamento. Essas mudanças caracterizam profundas alterações ocorridas nas formas de experimentar e vivenciar as práticas corporais, que passam a ser alvo de um processo que se convencionou denominar de "esportivização" (Bracht, 1997).

Sendo assim, o esporte pode ser entendido como um conjunto de atividades físicas vigorosas, que são normatizadas e institucionalizadas, praticadas de forma individual ou em grupos, com a finalidade de buscar o lúdico, o prazer, o condicionamento físico e a competição, de forma dissociada ou simultânea (Bueno, 2008).

De acordo com Stigger (2001), alguns autores entendem o esporte como uma prática homogênea, um elemento da cultura que se orienta em uma dimensão mais ampla da sociedade, de forma consensual, que possui regulamentos e normas universais e que busca o resultado mensurável e comparativo, furto de um processo racionalizado da vida moderna. Contudo, o autor entende que há uma segunda forma de entender o esporte, como uma prática social passível de ser apropriada de forma diferente, na medida em que é praticada por diferentes grupos, deixando de ser uma prática homogênea e passando a configurar-se como uma prática multicultural, que expressa os valores presentes nos diferentes grupos em que é realizada.

Gebara (2002), ao tratar dos aspectos vividos pelo esporte no passar dos anos, evidencia a passagem desta prática, articulada ao lazer e tempo livre, para o mundo do trabalho e da mercantilização, em que o atleta moderno se torna um profissional altamente qualificado e assim produzindo uma imagem que se torna mercadoria.

Segundo Bracht (1997), o esporte praticado enquanto atividade de lazer seria algo menos homogêneo, mas, em muitos casos, também se apresenta como uma representação do esporte de rendimento, desenvolvendo-se no mundo do não-trabalho, muitas vezes é praticado por motivos de saúde, prazer e sociabilidade. Já o esporte de rendimento, por sua vez, ainda segundo o autor, seria a vertente do esporte que é imediatamente transformada em

mercadoria, pois, ao assumir características de empreendimento, insere-se no mundo do trabalho e tem, no interior de suas ações, códigos de vitória-derrota, do máximo rendimento e da racionalização.

No Capítulo III da lei 9.615/1998, o desporto de rendimento é apresentado como o modelo "praticado segundo normas gerais desta lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com finalidade de obter resultados, integrar pessoas e comunidades do país e estas com as de outras nações" (Brasil, 1998).

Conforme Bueno (2008), o esporte de auto rendimento é compreendido como todas as atividades esportivas fundamentadas na competição, que são praticadas sob regras gerais, apresenta como principal propósito a busca pela superação, pelo recorde e, principalmente, pela vitória, portanto, é uma prática que exige muita dedicação. De acordo com o autor, esse modelo de esporte está baseado no mercado e no mundo privado, é seletivo e excludente e é produzido e organizado por estruturas nacionais e internacionais, tais como federações confederações e ligas, tendo o movimento olímpico como o mais completo paradigma dessa categoria esportiva.

Assim, pode-se considerar o esporte de rendimento como um tipo de esporte treinado sistematicamente e que apresenta como objetivo a participação em competições esportivas (Kunz, 1994). Conforme apresentado por Ferreira (2018), no Brasil, os esportes que estão presentes nas Olimpíadas e nas Paraolimpíadas são os principais representantes do esporte de alto rendimento.

As atividades esportivas praticadas na SEM vincularam-se ao esporte de rendimento, conforme foi possível observar nas falas dos interlocutores, na medida em que os estudantes representaram no evento aquilo que eles observavam em suas vivências em outros locais, como nas escolas e nos eventos esportivos. É possível identificar nas falas dos interlocutores, aspectos que aproximam o evento de competições praticadas de maneira profissional ou semiprofissional, principalmente a partir da década de 1980, com a permissão da participação de atletas de fora do município, como a questão da seletividade presente na valorização de atletas mais qualificados, a busca pela vitória e a recompensa para as melhores equipes.

Em tom de descontração, o interlocutor Meireles (2025), ao falar sobre sua primeira participação na SEM, relata que "[...] inclusive sempre eu conto essa história, que os nossos colegas eram tão bons que a gente ficava no banco, poucas vezes a gente entrava, e quando dava a chance (de jogar) a gente não queria perder a vaga, [...] e fomos campeões". Essa fala revela que aqueles que demonstravam melhores habilidades eram os escolhidos para jogar,

enquanto os menos habilidosos ficavam à espera de uma oportunidade, que muitas vezes não aparecia.

A partir do momento que passou a ser permitida a participação de pessoas de fora de Mocajuba, essa questão assumiu maiores proporções, conforme se observa na fala do interlocutor Castro (2025), "todos que vinham jogar aqui eram atletas, vinha dois de fora (que não eram mocajubenses). Como eu jogava no Paysandu, eu vinha como atleta de dentro (mocajubense) porque eu era de Mocajuba". Em outro momento, o interlocutor destaca que "era fácil de a gente ganhar, porque a gente treinava em Belém. A gente chegava com um time de ponta, chegava aqui, nosso time era montado com três atletas de fora e três de Mocajuba, sempre a gente ganhava". Nota-se que, com essa possibilidade de pessoas vindas de outros municípios participarem da SEM, passou-se a dar preferência à busca de atletas mais bem treinados e qualificados para praticarem as modalidades.

Esse aspecto também é observado na fala da interlocutora Moreira (2025), quando ela diz: "nós que éramos as titulares, nós duas, eu e a Cláudia (jogadoras que não eram mocajubense), e mais quatro meninas de lá (de Mocajuba) que jogaram. [...] Praticamente eu e a Cláudia ficávamos na quadra e eles (os treinadores da equipe) iam mexendo nas outras jogadoras", fato que aconteciam porque elas eram duas atletas que realizavam seus treinamentos em Belém e que se destacavam durante a realização da SEM.

Gebara (2002) chama a atenção para a relação ambígua do esporte com a educação que, em certo momento, foi associada às sociedades disciplinadoras e autoritárias, buscando ocupar o tempo livre dos jovens e, em outros casos, colocava-se o elemento lúdico e socializador. A escola, conforme o autor indica, foi responsável pela expansão do esporte moderno em países menos desenvolvidos do ponto de vista da economia.

No âmbito escolar, o esporte no Brasil, no período da ditadura militar, se tornou praticamente o conteúdo único da Educação Física. No entanto, é importante destacar que, por meio das leituras de autores clássicos da área, é normal ficar com a impressão de que a preferência da Educação Física pela prática exclusiva dos esportes foi iniciada e concretizada no período em questão. Contudo, Dantas Junior (2008) ressalta que as práticas esportivas e de ginastica já se faziam presentes no ambiente escolar desde meados da década de 1950, contexto em que já começava a ser observada uma crescente exclusão da ginastica das aulas, tornando o esporte conteúdo único a ser trabalhado. Tubino (2010) também aponta que as relações entre Educação Física e esporte, ao que tudo indica, começaram nas primeiras décadas do século XX, o que revela que a valorização do esporte na Educação Física não é algo iniciado no período da ditadura, mas é intensificado em dado contexto.

Dito isso, nota-se que a Educação Física transforma, nesse momento, a escola em local de práticas exclusivamente esportivas, sofrendo interferências políticas, na qual também emergem interesses mercadológicos que se refletem nas práticas pedagógicas assumidas, tanto dentro quanto fora da escola. Nesse cenário, as instituições oficiais, principalmente a escola, foram os palcos dos conflitos entre interesses e de ações sociais de aceitação e resistência aos ideais políticos apresentados (Dantas Junior, 2008).

As práticas esportivas realizadas nos espaços escolares e fora dos ambientes das instituições aqui no Brasil foram, durante muito tempo, uma representação do esporte de rendimento, com suas regras, seus códigos e as práticas ligadas aos jogos e esportes eram vistas pelas pessoas como uma prática recreativa (Tubino, 2010). Durante esse período, não se tinha uma compreensão acerca das diferentes formas de reprodução das práticas esportivas, as pessoas reproduziam os modelos que lhes eram apresentados, visando sempre a vitória, os recordes e a superação.

A respeito da relação entre o esporte e a Educação Física, em tempos de ditadura militar, a partir da leitura de autores que discutem esse tema, foi possível observar que os intelectuais costumam seguir duas vertentes de pensamento: de um lado, o grupo que entende a relação da Educação Física com o esporte como ferramenta de doutrinação e alienação; de outro, o grupo que entende que essa relação pode ter sido de resistência e de não aceitação dos paradigmas impostos pelo governo. As duas vertentes serão brevemente apresentadas a seguir.

Bracht (2000) entende que a Educação Física fez do esporte de rendimento seu objeto de ensino, abrindo, dessa forma, um lugar para esse modelo de esporte dentro do espaço escolar. Contudo, isso também acabou por promover um modelo de ensino que colaborava com a implantação de valores nos sujeitos, fazendo com que eles se tornassem indivíduos não questionadores. Segundo o autor, isso ocorre porque o esporte de rendimento apresenta, em sua estrutura, elementos que também estão presentes em nossas relações sociais, como a forte orientação para o rendimento, a competição, a seletividade por meio da concorrência e as regras que são iguais para todos, entre outros aspectos.

O processo de valorização do esporte que ocorre nesse momento é apontado como uma forma de afastar a juventude de questões políticas, pois a Educação Física, por meio das práticas esportivas e de seu caráter lúdico, proporcionaria diversão aos jovens (Castellani Filho, 1989). O grande incentivo à prática esportiva escolar estava relacionado à formação de atletas olímpicos, dentre outras ações políticas-ideológicas do governo, sendo o esporte desenvolvido na escola muito voltado para o rendimento e a competição dos estudantes (Oliveira, 2023), o que acabava por tornar a prática excludente.

Bracht (2000) aponta que essa forma de educação, que coloca o esporte de rendimento como objeto central de ensino, acaba criando um tipo de educação que levava os indivíduos a absorverem valores e normas de comportamentos que os faziam não questionadores do sistema social.

Desse modo, Reis e Lüdorf (2012, 484) puderam constatar, por meio do estudo das produções que abordam a Educação Física escolar durante o período da ditadura militar, um consenso sobre a harmonia da Educação Física escolar e os interesses do governo detentor do poder. No qual, a Educação Física que era ensinada nas instituições educativas, tendo o esporte como conteúdo central, foi entendida como uma ação do Estado que visava: "(a) adestrar fisicamente os escolares, tendo em vista o aumento do rendimento produtivo no mundo do trabalho; (b) formar atletas profissionais, considerando os possíveis benefícios políticos de conquistas esportivas no cenário internacional; e (c) pelo uso político do esporte, desviar a atenção da população de questões sociopolíticas."

As práticas exercidas no período estudado geraram a visão de uma Educação Física que funcionava a favor dos interesses do governo, sendo o esporte escolar visto como uma representação do que era observado no esporte de rendimento. Bracht (2000) sinaliza que, na década de 1980, o esporte, da forma que foi exercido nos anos anteriores, foi alvo de duras críticas de autores da área, que eram guiados por uma prática mais pedagógica e por uma perspectiva crítica em relação ao esporte, para que este assumisse novas características, superando, assim, o modelo das práticas esportivas. Contudo, ainda segundo o autor, o equívoco desse entendimento levou muitos a compreenderem o esporte como algo ruim, que precisava ser abolido dos conteúdos de Educação Física escolar.

Após isso, ocorre uma mudança no modelo e entendimento do esporte praticado nos diferentes ambientes, na Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro, realizada no ano de 1985 e presidida por Manoel Tubino, ocasião em que se amplia o conceito de esporte no Brasil, deixando de se compreender o esporte apenas em seu campo de rendimento e passando a incluir também a concepção educativa e de lazer (Tubino, 2010).

Uma outra linha de pesquisadores entende que não é possível compreender a totalidade do que foi a Educação Física praticada nos anos de Ditadura Civil-Militar apenas pelas análises dos documentos e textos oficiais. Apresenta-se, a seguir, uma breve exposição sobre o que apontam esses autores.

Santos (2006) aponta que uma corrente de pesquisadores que discute sobre a Educação Física e o esporte enxerga a Educação Física, no período da ditadura, como ferramenta para desviar a atenção da população dos problemas que se apresentavam na época, sendo, para os

mais críticos, o "braço operacional do regime". No entanto, o autor entende que essa concepção é fruto apenas do que se analisa nos documentos legais, sem considerar possíveis resistências por parte daqueles que faziam a disciplina no dia a dia. Essa compreensão se baseia em outra corrente de estudiosos que entende a história não como uma simples reprodução das estruturas, mas como um processo, e buscam construir a história a partir do cruzamento de fontes diversificadas: documentais, orais e iconográficas.

Nessa perspectiva, Dantas Junior (2008) salienta a forte crítica realizada à Educação Física, a partir da década de 1980, segundo a qual as ações eram vistas como forma de desmobilizar o movimento estudantil e anestesiar a consciência, conformando e contendo as investidas. Porém, o autor não visualiza tais análises como satisfatórias, por entender que esse movimento de valorização do esporte antecede ao período ditatorial brasileiro. Além disso, pouco se tecem debates acerca das ações dos indivíduos que poderiam aceitar ou resistir às colocações impostas.

Essa compreensão concebe a política educacional como determinadora da ação do professor em seu espaço de trabalho, desconsiderando o sujeito como construtor da história, pois, "para o professor, a política educacional e as direções indicadas pelas mesmas podem ser: compreendidas e acatadas; não compreendidas ou sequer conhecidas, gerando práticas singulares; compreendidas e não aceitas, estabelecendo-se a resistência" (Dantas Junior, 2008, p. 42).

Seguindo essa direção de raciocínio, percebe-se no estudo de Castellani Filho (1989) a menção a personagens que, de alguma forma, possam ter apresentado resistência contra às práticas que deveriam ser replicadas nas instituições de ensino. Dentre esses, um que pode ser citado é o professor Alberto de Farias, que, ao ser perguntado sobre a Educação Física e a Educação Moral e Cívica, relata que não replicava, no caso da Educação Moral e Cívica, a programação que era apresentada pelos governantes, fato que pode ter se repetido por todo o território nacional. O professor ainda aponta fatores que influenciavam a reprodução das atividades, como os espaços restritos, a possibilidade de manter a ordem e a facilitação do trabalho do professor, que muitas vezes estava sobrecarregado com muitas turmas para lecionar.

As ações políticas e as práticas apresentadas na escola fizeram com que se criasse uma relação conturbada entre o esporte, enquanto conteúdo, e a disciplina curricular Educação Física. Isso também reflete nas práticas dos jogos estudantis, que, por muitas vezes, se confundiram com o esporte profissional de rendimento, tratando o estudante como um atleta que deve, a todo custo, buscar o melhor resultado.

Os jogos escolares ou estudantis foram fortemente influenciados pelo esporte moderno e pelo contexto político e educacional, sobretudo a partir do Golpe Militar de 1964. Vale pontuar que jogos estudantis não se resumem apenas aos oficiais Jogos Estudantis Brasileiros ou àqueles que, posteriormente, passaram a ser realizados nos diferentes estados do país, mas sim os jogos realizados em realidades que misturam a prática corporal de estudantes em eventos e torneios que trazem os esportes para fora dos conteúdos das aulas de Educação Física. Assim sendo, ganha-se um grande campo a ser explorado, permitindo conhecer histórias que apresentam suas peculiaridades e que se distinguem entre si.

Santos (2006), na buscar de compreender melhor a criação dos Jogos Escolares do município de Sorocaba, realiza, por meio de uma interpretação histórica, a identificação dos aspectos determinantes das primeiras edições do evento, bem como as pessoas envolvidas nesse processo e as representações que elas fizeram a respeito dos Jogos Escolares em meados do século XX. O autor consegue, com a análise de diferentes fontes da época, das quais ele privilegia as fontes históricas, construir uma versão desses eventos esportivos.

Desse modo, o autor consegue afirmar que a participação voluntária das pessoas nesses eventos o torna um movimento estritamente local, no qual ele entende como um resultado de iniciativas das pessoas de Sorocaba que se interessavam por essa prática escolar e apresentavam uma paixão pelo esporte. A partir da análise das falas dos participantes da pesquisa, o autor descarta qualquer manobra política vinculada à criação do evento, sendo contrário a uma compreensão que ganhou muita força nos anos seguintes, entre a década de 1980 e 1990, segundo a qual os jogos escolares serviram ao interesse do governo que se tinha na época, e que, na verdade, eles foram resultado de demandas sociais que foram determinantes para as iniciativas das pessoas envolvidas na criação dos eventos.

O estudo de Prates (2008) revela um pouco da história das práticas dos jogos colegiais da cidade de Santos, realizados a partir da década de 1940. Mais especificamente, a autora privilegia averiguar a prática do esporte escolar feminino, com o intuito de investigar parte da história dos esportes escolares da cidade e retratar a importância dele na formação de cidadãos-atletas. Para isso, autora faz uso de diversas fontes para contar essa história.

A autora identificou as modificações das práticas culturais decorrentes do interesse em estabelecer uma ordem burguesa para a cidade, nas quais as atividades físicas estiveram presentes. Tais mudanças, decorrentes da modernização e da urbanização que ocorre nesse período. Também se pode notar a carência de espaços e instalações próprias para as práticas na escola e que a relação entre a educação física e o esporte trouxe grande influência nas normas e nas práticas desenvolvidas dentro das escolas. A respeito de questões relacionadas

ao gênero, o estudo revela que esse aspecto também marcou a educação física mais do que qualquer outra disciplina, na medida em que a disciplina passa a romper com antigos objetivos, sendo possível de observar, por meio do número elevado de alunas/atletas que passam a participar de equipes femininas a partir dos anos de 1940 e 1950, caracterizando um rompimento de discriminações, subordinações e desvalorizações das mulheres durante as práticas esportivas.

Dantas Junior (2008) investigou os Jogos da Primavera do estado de Sergipe, dividindo-os em três fases desde sua criação, em 1964: a primeira fase dos quatro primeiros anos; após dois anos sem ser realizado, passa para a segunda fase, com nove edições dos Jogos Estudantis Sergipanos, que passa a receber esse nome por influência da criação dos Jogos Estudantis Brasileiros; por fim, chega-se à terceira fase, em que ressurgem os Jogos da Primavera e vai até o ano de 1995 que ocorre o seu encerramento. O autor pôde perceber "mudanças involuntárias" nas formas de organização escolar, decorrentes dos avanços que ocorreram durante esse período. No surgimento dos jogos, notou-se que eles tinham um caráter festivo e uma concepção de esporte como fundamental à formação dos jovens, bem como percebeu que a falta de estrutura física e de recursos humanos qualificados impossibilitou, no caso de Sergipe, que o avanço dos esportes nas escolas tivesse êxito, ampliando, desse modo, a distância que já existia entre as escolas públicas e as escolas privadas.

O estudo de Oliveira (2023) objetivou compreender as conformações históricas dos jogos escolares do Rio Grande do Sul, em um recorte temporal mais extenso que os demais, fazendo uma análise que vai do início do evento, em 1970, com nome de "Campeonato Estudantil Gaúcho", até o ano de 2019, ano que demarca a ocorrência de expressivas modificações nesse evento, em decorrência da pandemia da covid-19, no ano seguinte, o evento, pela primeira vez, deixa de ser realizado presencialmente, e contou com a realização de uma única modalidade no formato online: o xadrez.

A autora conclui que a criação dos jogos no estado foi impulsionada não apenas pelas demandas do estado, mas também pelas ações de âmbito nacional, agindo como uma porta de entrada para a competição esportiva escolar em nível nacional, os Jogos Estudantis Brasileiros. Durante os anos, para que ocorresse a efetivação das ações, muitas instituições estiveram envolvidas, observando ainda a influência do cenário esportivo, educacional e político da época de sua criação, o que culminou na representação do esporte de rendimento por parte dos jogos escolares.

Souza (2012), em sua pesquisa, não estuda uma competição específica, mas sim a participação das escolas secundárias de Santos nos Campeonatos Colegiais, entre os anos de 1934 e 1964. O objetivo do estudo foi averiguar a história dos campeonatos colegiais na cidade de Santos, na primeira metade do século XX. Para isso, o autor faz uso de diferentes fontes históricas que apresentam traços da configuração dos eventos estudados em dado espaço e tempo.

A partir dessas fontes, o autor pôde notar que o primeiro esporte a ter uma participação constante dos estudantes santistas foi o remo, percebendo ainda que alguns espaços públicos da cidade ajudaram a promover as práticas esportivas colegiais, assim como as ações e legislações que foram responsáveis por desenvolver a disciplina Educação Física e, consequentemente, o esporte. O autor ainda destaca, assim como no estudo de Prates (2008), já mencionado anteriormente, a influência da modernidade que afeta todo o contexto geográfico da cidade, trazendo mudanças nos hábitos da população. Algumas entidades esportivas e os meios de comunicação também organizaram eventos esportivos entre os escolares, por perceberem o grande potencial dos estudantes e o elevado número de participantes.

Para além desses achados, Souza (2012) também nota a influência dos professores de Educação Física nas práticas esportivas da cidade, assim como algumas dificuldades enfrentadas por eles em suas aulas. Observa-se, ainda, o grande número de competições estudantis que contaram com organizações muito variadas, e que ocorreram entre estudantes de mesma escola, entre estudantes de escolas diferentes e entre os colégios do estado, demonstrando como os jogos estudantis podem ser entendidos de uma forma variada.

Vargas (2017) estudou o esporte escolar de rendimento praticado na cidade de Curitiba nos anos de 1980 a 1990, dando atenção, especificamente, às competições que tiveram a participação das escolas particulares da cidade, a fim de retratar a prática do esporte escolar de rendimento em escolas particulares a partir da memória das pessoas que vivenciaram tais eventos, por meio da história oral temática para obter suas fontes.

A autora identificou que, no período estudado, o esporte escolar curitibano era a representação do esporte profissional. Os colégios com maior poder aquisitivo "contratavam" os alunos/atletas por meio das bolsas de estudo, bem como profissionais exclusivamente para treinar os times para as competições. Notou, ainda, que o esporte foi usado como uma ferramenta de *marketing* pelas instituições.

A partir dos trabalhos explanados, é possível perceber que os jogos estudantis se constituíram de diferentes maneiras nos diferentes locais. A depender do local, eles assumiram

aquilo que estava sendo idealizado pelos governantes da época, servindo para civilizar os jovens e para encontrar novos talentos que ajudariam a tornar a nação uma potência esportiva.

No Pará, os jogos estudantis tiveram a sua representação com os Jogos Paraenses Ginásio-Colegial (JOPAGICOS), que futuramente vieram a ser chamados de Jogos Estudantis Paraenses (JEP's), como aponta Faro (2021). Essa mudança na nomenclatura também é constatada por Silva e Silva (2023), ao analisarem as rivalidades das escolas estudantis de Belém do Pará nos jornais da década de 1970, pelos quais, as autoras notaram que, em 1971, foram realizados os XVII Jogos Paraenses Ginásio-Colegiais e que, no ano seguinte, o jornal passou a noticiar os XVIII Jogos Estudantis Paraenses, permanecendo a contagem apesar da mudança de nomenclatura.

Fato semelhante foi observado por Dantas Junior (2008) ao estudar os jogos do Estado de Sergipe, quando, na retomada dos jogos em 1970, eles deixam de ser chamados de Jogos da Primavera, como nas edições realizadas anos antes, reaparecendo com o nome de "I Jogos Estudantis Sergipanos", sendo que, nesse caso, não se preservou nem mesmo a contagem das edições anteriores. Segundo o autor, o elemento que aparece como indicativo dessa alteração encontra-se na criação e realização dos Jogos Estudantis Brasileiros no ano de 1969, pois os jogos passariam a servir como uma forma de selecionar atletas que representariam o estado no palco das competições estudantis nacionais, podendo ser entendido que o mesmo elemento deve ter influenciado a mudança na nomenclatura dos Jogos Paraenses.

Segundo Faro (2021), os jogos foram eventos marcantes na vida de milhares de estudantes desde sua primeira edição, realizada no ano de 1955, e possibilitaram discussões relevantes acerca da formação de professores na área. O ano de sua criação pode ser questionado na medida em que, se no ano de 1971 o jornal noticia a realização a XVII edição do evento, o evento provavelmente teve seu início em 1954. Porém, pode ter ocorrido erro na contagem ou digitação, ou até mesmo a perda de edições anteriores, sendo difícil de datar exatamente o começo de sua realização. O que se sabe ao certo é que esses eventos eram realizados no mês de setembro (Faro, 2021; Silva e Silva, 2023) e foram idealizados e realizados por Antônio Gomes Moreira Junior, durante o tempo que foi presidente da Sociedade Civil de Agronomia e Veterinária do Estado do Pará, com o intuito de integrar as diversas instituições de ensino (FAUITEC, 2011).

Na realização dos jogos, além das práticas esportivas, também eram promovidas, nas aberturas dos eventos, demonstrações de ginástica do Método Francês, da Ginástica Feminina Moderna e de brinquedos cantados. Para que as apresentações ocorressem, eram realizadas formações no segundo trimestre do ano, para que os professores aprendessem os exercícios

que seriam demonstrados. Os jogos tiveram grande contribuição para o desenvolvimento da Educação Física no estado do Pará, pois possibilitaram às autoridades locais reconhecerem a necessidade de formar professores qualificados para treinarem as equipes estudantis que iriam participar dos jogos. A partir de tal intuito, houve a criação, em 1956, do Curso Intensivo de Educação Física e, em 1958, do Curso de Atualização em Educação Física, que serviu para formar professores de Educação Física no Pará e, assim, elevar o nível dos Jogos Estudantis Paraenses, pois, até então, muitos não estavam habilitados para atender às demandas das equipes estudantis (Faro, 2021).

Faro (2022) destaca que os JOPAGICOS permitiram visualizar a precariedade da formação de professores de Educação Física que atuavam nesses espaços, pois a figura do professor sempre esteve presente nas diferentes ações desse evento esportivo. Isso faz com que a autora aponte esse evento como um marco para o desenvolvimento da Educação Física paraense, com suas contribuições para formar professores na área.

Veiga e Faro (2016) dão indícios de que, além dos JOPAGICOS, nesse período, os jogos estudantis também eram realizados por meio dos jogos internos das escolas. As autoras fazem essa revelação a partir do depoimento de professores que foram bolsistas e viajaram para o Rio de Janeiro para cursar Educação Física na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, com o objetivo de se aprimorarem e voltar para o estado logo após o término do curso, para exercer a profissão de professor da área e melhorar a Educação Física no estado, na medida que o objetivo dessa entidade era disseminar a Educação Física por todo o país.

Durante a década de 1970, as notícias demonstram que os jogos estudantis marcavam a abertura da Semana da Pátria e tinham seu encerramento juntamente com a programação da semana, mas que nem sempre ocorria dessa forma, pois a abertura também ficava por conta da apresentação de Canto Orfeônico como é apresentado por Silva e Silva (2023). As autoras também observam, nas manchetes dos jornais, o destaque dado às apresentações de Educação Física realizadas na Escola Superior de Educação Física, que muito provavelmente são as mesmas demonstrações de ginástica do Método Francês, da Ginástica Feminina Moderna ou os brinquedos cantados, relatados por Faro (2021).

Na realidade do Pará, os Jogos Escolares são muito noticiados pela impressa do estado. Em um levantamento realizado no jornal "A Província do Pará", identificou-se um considerado quantitativo de notícias sobre os Jogos Escolares, realizados tanto em nível local quanto nacional, conforme se nota no Quadro 3.

Quadro 3 – Notícias do Jornal "A Provincia do Pará" relativas ao mês de julho dos anos de 1973 a 1989

Data	Título	Página
06 de julho de 1973	Pará leva 215 jovens para os JEBs em Brasília	6
11 de julho de 1973	Natação paraense para os Jebs	6
12 de julho de 1973	Estudantes homenageiam D. Norma e vão para os Jeb's, em Brasília.	9
17 de julho de 1973	Pará surpreende e está vencendo tudo nos JEBS	6
18 de julho de 1973	Medalha de ouro ao Pará	1
24 de julho de 1973	Pará não se classifica para as finais dos Jebs	6
26 de julho de 1973	Paraenses conseguiram duas vitórias nos Jebs	s/p
28 de julho de 1973	JEBs com tumulto na água	s/p
10 de julho de 1974	Reunião decidirá hoje "caso JEBs"	11
16 de julho de 1974	JEBs em plena atividade	10
17 de julho de 1974	Pará vai mal nos Jebs de Campinas	12
22 de julho de 1974	Natação feminina de Pará conquista o 4º lugar nos JEB's em SP	2
26 de julho de 1974	Pará volta dos Jogos Estudantis	12
27 de julho de 1976	Desportos Estudantis	1
07 de julho de 1977	Estudantes do Acará promovem II Olimpíada da Juventude	8
13 de julho de 1977	Iniciados os Jogos Colegiais Brasileiros	s/p
14 de julho de 1977	Jebs serão disputados sempre em Brasília e de dois em dois anos	2
15 de julho de 1977	Professor alemão faz conferencia nos Jebs	4
15 de julho de 1977	Jogos Escolares iniciam as finais de atletismo, hoje	4
15 de julho de 1977	Jebs servirão para selecionar atletas	4
20 de julho de 1977	São Paulo é campeão de natação nos Jebs	4
21 de julho de 1977	Cariocas são os campeões de polo aquático nos IX Jebs	2
12 de julho de 1978	Pará ganha bem nos Jogos Escolares	4
13 de julho de 1978	Resultados dos Jogos Escolares Brasileiros	4
14 de julho de 1978	Estudantes paraense também entre os 20 da Semana da Pátria	14
19 de julho de 1978	Basquete Masculino do Pará é o 3º dos Jebs	3
13 de julho de 1979	JBF deve presidir a abertura dos X Jebs	2
16 de julho de 1979	Delegação paraense viajou para os Jebs	2
18 de julho de 1979	Hoje, abertura dos X Jebs em Brasília	3
19 de julho de 1979	Treze modalidades iniciam os X Jebs	2
21 de julho de 1979	Os Jebs revelarão grandes atletas	2
24 de julho de 1979	Estudante paraense ganha medalha	11
28 de julho de 1979	São Paulo Fica absoluto nos Jogos Escolares Brasileiros	3
15 de julho de 1981	Goleada paulista nos Jebs	2
16 de julho de 1981	Tênis paraense estreia nos Jebs amanhã, no DF	2
17 de julho de 1981	Pará estreia vencendo nos Jebs	2
18 de julho de 1981	São Paulo já lidera os Jogos Escolares	2
20 de julho de 1981	Pará ganha três Medalhas e São Paulo é lider total	3
22 de julho de 1981	São Paulo é campeão de judô nos Jebs	2
23 de julho de 1981	São Paulo lidera os Jebs	2
24 de julho de 1981	Pará ganha nove medalhas nos Jogos Escolares do DF	2
24 de julho de 1982	Natação carioca melhor nos Jebs	2
01 e 02 de jul. de 84	Mais de 2 mil alunos abrem Olimpíada Marista	4
03 de julho de 1984	Olimpíada Marista mostra vigor e beleza da juventude	2
05 de julho de 1984	Marista de Belém vence ginastica rítmica	2
06 de julho de 1984	Olimpíada Marista. Resultado de ontem	2
14 de julho de 1984	Jogos Escolares Brasileiros com 10 modalidades este ano	2
17 de julho de 1984	Pará estreia nos Jebs hoje	1
19 de julho de 1984	Paraenses ganham oito medalhas em natação	1
09 de julho de 1985	Pará brilha nos Jebs e é campeão de judô	2
16 de julho de 1985	Pará foi um sucesso nos jogos Escolares	1
29 de julho de 1986	Jogos Estudantis do Acará realizados com muito êxito	11
31 de julho de 1986	Pará ganha em ginástica nos Jogos Escolares	2
19 e 20 de jul. de 87	Associação Acaraense promoverá os XII jogos	4
30 de julho de 1987	Pará faz bonito nos JEB´s e traz 14 medalhas de ouro	4

02 de julho de 1988	Delegação do Pará definida: Jebs	2
14 de julho de 1988	Jebs terão custo zero para o governo em 89	2
15 de julho de 1988	Solenidade de abertura dos Jebs foi sucesso	2
19 de julho de 1988	Jeb's: Pará lutará pelo tri em ginástica	2
24 e 25 de jul. de 88	Jogos Estudantis Brasileiros	8
24 e 25 de jul. de 88	Esporte 2 e a participação do Pará	8
24 e 25 de jul. de 88	Jogos Escolares Brasileiros fizeram surgir novos talentos	1
27 de julho de 1988	Educacional Olimpus quer tri de vôlei	2
31 de julho de 1988	Colégio Olimpus inicia os treinos na quarta-feira	2
25 de julho de 1988	Marcos Marcelino – Remo brilha também nos Jogos Estudantis	12
27 de julho de 1989	Seleção Estudantil brilha no DF	12
28 de julho de 1989	Pará vence RJ e fica com título de futsal dos Jogos Estudantis	12
29 de julho de 1989	Jeb's: Pará fica em 3º lugar no vôlei	12

Fonte: Quadro elaborada pelo autor (2025).

Mediante observação do quadro, é possível perceber a prevalência de notícias que tratem dos Jogos Estudantis Brasileiros, bem como uma ausência de notícias que tratem sobre os Jogos Estudantis Paraenses. Isso ocorre pela escolha em manter o levantamento no mês de julho, mês em que o evento da SEM era realizado, enquanto os jogos paraenses ocorriam no mês de setembro, como já mencionado anteriormente.

Na leitura dos títulos das notícias, percebe-se que, em sua maioria, elas costumavam relatar os resultados, positivos e negativos, das equipes, a participação da delegação paraense no evento e a conquista de medalhas. Algumas apresentavam informações de programações, abertura e modalidades do evento. Há também aquelas que buscavam informar sobre as ações governamentais que estavam sendo pensadas para o esporte estudantil. Além das notícias relacionadas aos Jogos Estudantis Brasileiros, são identificadas algumas que abordam sobre os jogos de escolas e eventos esportivos estudantis de municípios paraenses. Para ilustrar essa questão, apresentam-se quatro notícias sobre competições escolares.

A respeito das menções a jogos estudantis realizados nos municípios paraenses, em 1977 foi noticiada a realização da II Olimpíada da Juventude Acaraense, realizada por estudantes do Acará, que ocorreu entre as datas de 9 e 16 de julho. A notícia apresenta o cronograma do evento, com a abertura no dia 9, em que as esquipes se apresentam e o fogo olímpico é aceso. Apresenta, também, as modalidades que seriam realizadas durante o evento, tais como tênis de mesa, regata, futebol de campo, atletismo, voleibol, prova rustica (espécie de corrida de rua popular nos anos 70), dominó e natação, finalizando o evento uma missa de ação de graças, a escolha da rainha e festa rodoviária (Jornal "A Província do Pará", julho 1977).

Em 1986, novamente é noticiada a realização dos jogos de Acará, desta vez com a nomenclatura de Jogos Estudantis Acaraenses, em sua XI edição. Apesar da mudança na

nomenclatura, a contagem de edições se manteve, fato semelhante ao que ocorre com os Jogos Estudantis Paraenses, como já mencionado. Desta vez, menciona-se o apoio integral da prefeitura do município e a participação da população de forma ativa, dando ênfase à presença da população mais antiga, que, na abertura, realizou uma partida de futebol de salão entre os "craques do passado", com idade superior a 50 anos. Além disso, a notícia também fala sobre a participação das comunidades vizinhas (Jornal "A Província do Pará", julho 1986).

A Figura 6 apresenta a festa dançante que se realizava após a finalização dos Jogos Estudantis Acaraenses. Essa festa também fazia parte do evento, ao passo que a notícia aponta que a mesma abrilhantou ainda mais o evento esportivo. Na imagem extraída da notícia, é possível observar o salão amplo identificado como Centro Social "Fernando Bahia", lotado de pessoas dançando em celebração da realização dos jogos, mostrando que eles foram também uma forma de socialização e de diversão.

Figura 6 - Festa de encerramento dos jogos Acaraenses

Fonte: A província do Pará (1986)

No que abrange as práticas esportivas estudantis realizadas nas escolas, traz-se como exemplo a matéria de 1984 que fala sobre os jogos das Olimpíadas Marista, intitulada "Olimpíada Marista mostra vigor e beleza da juventude". Segundo Reino e Bueno (2017), os títulos das matérias dos jornais são um dos aspectos mais importantes de uma notícia, sendo, talvez, o primeiro critério que o leitor utiliza para decidir se continuará ou não com a leitura,

por essa razão, ocupam lugar privilegiado de destaque e realce em sua disposição gráfica, tendo que apresentar uma linguagem clara e objetiva que possa fisgar a atenção do leitor.

Conforme Silva e Silva (2021), a imprensa era tida como um meio de internalizar valores e ideais, mostrando os jovens como o futuro do país e, por vezes, apresentava nas notícias sentidos diferentes entre os gêneros, sendo as moças representadas como belas, delicadas e, em muitos casos, sexualizadas, como objetos decorativos e de entretenimento nos eventos esportivos e, no caso dos rapazes, a representação era de virilidade, competitividade e desenvolvimento físico, sendo essas e outras características empregadas àqueles que seriam os futuros dirigentes do Estado.

A notícia destaca a grande participação da população na realização da cerimônia de abertura da V Olimpíada Marista Brasil Norte, cerimônia esta que aparece bem descrita e na qual é possível observar certo destaque aos feitos de atletas estudantis, como no caso do estudante que acendeu o fogo olímpico, identificado como atleta André Pereira, campeão sul-americano de Natação, e o proferimento do juramento do atleta, realizado pela atleta Daniele Lavagnino, recordista dos 100 metros borboleta (Jornal "A Província do Pará", julho 1984).

Em ambos os casos de jogos retratados acima, se observam a presença de ritos de abertura semelhantes, inspirados nas cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos. Segundo Varnier (2011), é evidente que inúmeros eventos de jogos e olimpíadas escolares que se baseiam, direta ou indiretamente, no modelo das Olimpíadas e seus rituais, estando presente nesses eventos o hasteamento das bandeiras, o uso das tochas, o acendimento de pira, os juramentos e os hinos, dentre outros elementos. Medeiros *et al.* (2012) apontam que os Jogos Olímpicos podem ser considerados uma referência significativa para um elevado número de competições, tanto esportivas quanto de conhecimento (como no caso das Olimpíadas de Matemática), o que torna normal a presença de elementos simbólicos extraídos das Olimpíadas em suas cerimônias, muitas vezes adaptando deslocamento de significados em relação aos rituais olímpicos. Assim como em outros casos, a SEM é um evento que tem sua inspiração nos Jogos Olímpicos, como assinala a fala do interlocutor Guimarães (2025): "Em 1981, nós resolvemos que aquele torneio estava muito simples [...] e resolvemos fazer uma Semana Estudantil ao molde de Olimpíadas".

Medeiros *et al.* (2012) observam que existe a noção de que a presença de tais elementos nas cerimônias de abertura pode dar uma maior relevância para os eventos, na medida que tais elementos estão atrelados à grandeza dos Jogos Olímpicos. Como é o caso do gesto de acender a pira olímpica, presente nas referidas cerimônias, e que tem seu significado

atrelado à tradição da tocha acesa em Olímpia, na Grécia, sendo, para os autores, um dos momentos mais aguardados pelo público e, talvez, o ápice do ritual.

Na Figura 7, observa-se grande participação da população que, como diz na notícia, lotou todas as dependências do ginásio da Escola Superior de Educação Física, bem como os jovens atletas uniformizados e organizados em fileiras, representando suas delegações. À frente de cada fileira, é possível identificar um rapaz segurando uma bandeira do estado que a delegação representa, sendo que, na frente destes, encontram-se moças que carregam uma placa com o nome da cidade do colégio, os quais foram os colégios Maristas de Brasília, Taguatinga, Maceió, Recife, João Pessoa (PB), Natal de Fortaleza, São Luís e de Belém.

Figura 7 - Cerimônia de abertura da V Olimpíada Marista Brasil Norte

Fonte: A província do Pará (1984)

A matéria também apresenta a programação do dia 03 de julho de 1984, na qual se observa a grandeza do evento, que ocupou diversos espaços da cidade, tendo jogos realizados no ginásio da Tuna Luso, no ginásio do Colégio Santa Catarina, no ginásio do Colégio Gentil Bittencourt, dentre outros. Em outra parte da matéria, o destaque é sobre as apresentações das bandas marciais e as apresentações gímnicas, nas quais, segundo a notícia, preponderaram a harmonia e o bom gosto, tendo destaque a delegação de Brasília, que estava impecável em todos os aspectos (Jornal "A Província do Pará", julho 1984).

Na Figura 8, é apresentado o momento acima mencionado, no qual se percebe a padronização das roupas apresentada pelas bandas marciais da época, a partir da figura dos quatro jovens segurando o símbolo da banda do Colégio Marista de Brasília. Nota-se também a realização da apresentação de movimentos de ginástica pela jovem atleta presente na

imagem, bem como que o evento era acompanhado por rapazes, ao fundo da imagem, com roupas padronizadas, camisas brancas e calças jeans compridas, que provavelmente seriam o uniforme utilizado na escola. A imagem é uma representação do que as autoras Silva e Silva (2021), caracterizaram como o uso da imagem feminina como objeto de espetáculo e entretenimento nos eventos, em que a beleza e o vigor físico, obtidos por meio da prática de ginastica, são apresentados pelos registros das coreografias de ginastica, criando uma representação dessas jovens marcada pela feminização e pela sexualização de seus corpos.

Figura 8 - Apresentação da banda marcial do Colégio Marista de Brasília e das coreografias de ginastica durante a V Olimpíada Marista Brasil Norte

Fonte: A província do Pará (1984)

O terceiro aspecto a ser tratado a respeito das menções dos jogos estudantis noticiados na imprensa paraense diz respeitos aos Jogos Escolares Brasileiros, muitas vezes também tratados, nas matérias, pela nomenclatura de Jogos Estudantis Brasileiros, que, durante o período investigado, representaram o assunto mais abordado entre as notícias de jogos. Em sua maioria, as notícias buscavam apresentar os resultados do evento em andamento, com conquistas de medalhas nas modalidades, tratando também das derrotas que a comissão paraense sofria. Contudo, em alguns casos, abordavam assuntos mais gerais dos jogos, os quais se tornaram temas de um amplo debate entre os que pesquisam sobre o tema.

Assim, em 1989, a matéria intitulada “Seleção Estudantil brilha no DF” destaca a boa participação da Seleção Estudantil Paraense de futsal nos jogos daquele ano, realizados em Brasília. Segundo a notícia, a equipe, comandada pelo treinador Beto Ceará, que na ocasião foi dispensado pela Diretoria da Tuna Luso, permanecia invicta na competição, sendo cotada para conquistar o título. Além de apresentar os resultados da equipe estudantil paraense de futsal, a matéria destacou a participação do jogador Fábio, considerado a sensação dos jogos,

pois estava sendo o artilheiro da competição, tendo também marcado o gol mais rápido da competição (Jornal “A Província do Pará”, julho 1989).

Desse modo, é possível entender como o esporte foi concebido dentro das competições estudantis, apresentando um caráter de rendimento e representando ações de rituais baseados no modelo olímpico em suas cerimônias de abertura, comumente dando destaque àqueles estudantes que apresentam melhores performances dentro da modalidade praticada, expressando disciplina e ordem, assim como enaltecendo símbolos patrióticos, como a bandeira e o Hino Nacional.

3.2. Criação da Semana Estudantil Mocajubense

A SEM é um evento significativo para a população do município de Mocajuba e teve seu início na década de 1970. Mais precisamente, sua primeira edição foi realizada no ano de 1975, sempre na última semana do mês de julho. A escolha desse período para a realização dos jogos se deu em função das férias escolares do meio do ano, pois era o período em que os estudantes voltavam à cidade, durante as férias escolares, e muitos deixavam para retornar na última semana do mês, consistindo, assim, na semana mais movimentada, como se nota nos trechos a seguir: “teve a motivação dos alunos de fazer no mês de julho, que eram as férias, o campeonato de salão, que é a Semana Estudante de Mocajubense” (interlocutor Meireles, 2025) “no período de férias, período de julho, sempre foi na última semana que aconteceram os jogos. Nesse período, a gente estava de férias” (interlocutor Sacramento, 2025).

Os responsáveis por criar o evento foram os estudantes que eram “filhos de Mocajuba” e vinham para Belém continuar os seus estudos. Quando voltavam ao município não tinham algo para fazer no sentido mais esportivo. Nas palavras do interlocutor Américo (2025), em sua essência, a Semana Estudantil era genuinamente mocajubense, pois “[...] eram só alunos [...] de Belém que eram mocajubenses [...] todos eram residentes em Belém, estudavam em Belém e fundaram a Semana Estudantil”.

Os nomes citados como responsáveis pela criação dos jogos variam de um interlocutor para o outro, contudo, alguns sempre se fazem presentes. Os mais citados foram: Deusdedith Oliveira, Edemir Gonçalves dos Santos, João Gonçalves dos Santos, José Coelho, Sebastião Sousa Braga, Samuel Igreja. Além desses, também foram citados Raimundo Fernando Bahia Meireles, Carlos Jorge, José Teófilo, Reginaldo Guimarães, Edimar Barros.

Vale mencionar que existiu uma grande preocupação por parte dos interlocutores em não deixar de citar alguém que esteve presente nesse primeiro momento, o que ficou bem

visível por meio de pedidos de desculpas quando se esqueciam de alguém ou de pausas mais longas para tentar recordar de mais nomes, em uma tentativa de serem justos com todos que fizeram parte da criação da SEM.

No documento de celebração dos 25 anos do evento, o Livro de Atas, é apontado como criadores os jovens Deusdedith Oliveira, Petronio Oliveira, José Teófilo, José Coelho Filho, Derco dos Santos, João dos Santos, Edmilson Coelho, Samuel Sabá, Raimundo Laredo, Edsalvo Sacramento e Marco Antônio Leão (Livro de ata da Semana Estudantil Mocajubense SEM – 25 anos, 1999). Pode-se perceber que muitos nomes presentes no documento são semelhantes aos citados pelos interlocutores.

Sendo assim, entende-se que a SEM não foi criada por imposição ou mesmo com objetivo de implantar na juventude os princípios e valores próprios do governo vigente. Ela surge como uma forma de atender às demandas sociais locais, por meio de iniciativas desses estudantes entusiastas do esporte, caracterizando-se como um movimento precisamente local, semelhante ao que observou Santos (2006) ao estudar sobre os Jogos Escolares de Sorocaba, em que ele constatou que os esportes estudantis em tal local tiveram sua importância determinada por fatores locais, que surgiram da cultura esportiva da população, bem como de iniciativas de pessoas da comunidade, ou seja, de demandas próprias do lugar.

A partir das entrevistas realizadas durante a pesquisa, foram observados diferentes começos possíveis para a idealização e o surgimento da SEM. Na primeira versão, a Semana é pensada e criada com base nos jogos intercolegiais (ou talvez jogos internos) realizados pelo Instituto Nossa Senhora das Graças, como é narrado pelo interlocutor Américo (2025): “ela começou com os jogos intercolegiais, era só o instituto que fazia isso, então, surgiu na ideia desses jovens de fundar uma Semana Estudantil, que passou a funcionar desses jogos intercolegiais e passou a ser a Semana Estudantil Mocajubense”. No entanto, esse foi o único interlocutor que relatou essa versão. Contudo, essa história também foi contada por outras pessoas que não compuseram a rede de interlocutores, com quem foram realizadas conversas informais durante o período da pesquisa e nas visitas aos espaços da cidade que poderiam ter relação com o evento.

Em relação a essa versão, infere-se que seja devido à relação que essas pessoas e o interlocutor tinham com a instituição, sendo alunos do Colégio Nossa Senhora das Graças no período da criação da SEM, participando e vivenciando os jogos internos da referida instituição. Além disso, as lembranças da contribuição da Irmã Vieira, gestora do colégio no período da criação da Semana, para a construção da quadra que viria a ser o local de muitas

memórias relacionadas aos jogos da SEM também podem ter influência sobre essas lembranças.

Para Esquinsani (2012), as lembranças compartilhadas nas entrevistas em História Oral apresentam uma pessoalidade que torna o documento produzido parcial, que apresenta uma versão do passado e um olhar que expressa a perspectiva particular do sujeito entrevistado. A autora também entende que o sujeito que é convidado a compartilhar suas memórias sobre um acontecimento executa essa tarefa de acordo com o seu olhar particular, podendo estar presentes omissões, recortes a partir de apreensões particulares ou sociais e representações da classe ou grupo ao qual o sujeito pertence, pois, a memória é recoberta de associações e veículos, e o sujeito continua sendo parte de um grupo e de um lugar social que influencia suas lembranças.

Além disso, Meihy e Holanda (2017) enfatizam que não há mentiras em narrativas, o que existe são versões dos fatos que, sendo legítimas ou não, essas versões são o que interessa, pois, não se deve pensar em "exatidões históricas" ou "testemunhos verdadeiros", mas sim em visões, construções narrativas e idealizações que se definem na exposição dos fatos. Desse modo, as memórias compartilhadas por meio das entrevistas podem apresentar confusões, recortes, omissões e a mistura de informações, mas isso as torna uma fonte tão parcial quanto qualquer outra e representa o lugar do qual o interlocutor apresenta os fatos, o certo é que também apresenta uma perspectiva do evento investigado.

Uma outra versão verificada nas entrevistas conta que os jogos foram pensados nas reuniões que os jovens faziam em um banco feito de madeira que ficava embaixo de uma mangueira, na frente do Banco do Brasil de Mocajuba. Os jovens que se reuniam nesse espaço eram os estudantes mocajubenses que estudavam em Belém e que, durante o período das férias, retornavam para a cidade. Na falta de outras atividades para realizarem, eles faziam essas reuniões nesse local, que depois passou a ser conhecido como "O Banco dos Vadios", para se reunirem com seus amigos e conversarem. Foi em uma dessas conversas que teria surgido a ideia de criar a SEM, conforme conta a interlocutora Bacha (2025):

> Essa criação, eu lembro que eles faziam umas reuniões. [...] Tinha uma mangueira, que ainda existe, em frente ao Banco do Brasil. Eles fundaram, [...] o pessoal que saía daqui para estudar fora, eles retornavam nas férias e, nessas férias, não tinha muito o que fazer, então eles fizeram uma conversa ali no Banco dos Vadios e eles resolveram fazer alguma coisa e fizeram a Semana Estudantil Mocajubense. Pelo menos é isso que eu sei.

Essa versão da criação da SEM pode, de certa forma, estar ligada à próxima versão observada nas entrevistas, a qual se compreende que seja a versão mais aceita pelos interlocutores, pois foi contada por diferentes sujeitos e vem de pessoas que, segundo as fontes, estiveram envolvidas de forma direta com a criação do evento.

Nessa outra versão, a SEM foi criada com base em uma competição que era realizada na cidade de Cametá, denominada União Democrática de Estudantes Cametaense – UNEDEC, a qual, ao que tudo indica, era realizada em período semelhante ao que passaria a ocorrer a versão de Mocajuba. Os estudantes que viajavam para Belém de barco, após o período de férias, paravam em Cametá e lá viam o embarque dos estudantes de Cametá que participavam dessa competição. Ao verem a euforia com que esses estudantes chegavam às embarcações e ao ouvirem as histórias que eles contavam durante a viagem, os estudantes mocajubenses tiveram o desejo de criar uma competição semelhante no município, tal como se observa no trecho a seguir: "Essa criação da Semana Estudantil foi originada da UNEDEC de Cametá, porque, nessa época, a Semana Estudantil de Cametá era muito forte. Os estudantes aqui em Belém se espelharam nessa Semana de Cametá e resolveram fundar a de Mocajuba" (interlocutor Guimarães, 2025).

Essa informação também é verificada na fala do interlocutor Santos Filho (2025), um dos que estavam presentes nessas viagens para estudar em Belém:

> Nós passávamos em Cametá, porque o barco saía às nove horas da manhã daqui. A gente passava por Cametá e via a UNEDEC, e lá tinha competição estudantil. Eles (os estudantes de Cametá) chegavam a bordo, aqueles que iam pra Belém, comentando aquilo, e nós pensamos, "vamos criar uma também". Só que nós estávamos muito longe deles, sem apoio, sem nada.

Esses estudantes moravam todos no mesmo local, a República dos Estudantes Secundaristas do Pará – RESIP, a república foi a moradia de muitos mocajubenses, mas também dava hospedagem para estudantes de outros municípios. Nesse lugar, os jovens conversavam sobre como seria interessante criar um evento nas características semelhantes às dos jogos que eram feitos em Cametá. As conversas se estendiam para outros locais onde esses colegas se reuniam, como bares e o porto, onde eles ficavam esperando as embarcações para voltar a Mocajuba. Fato que pode ligar essa versão à outra apresentada anteriormente, em que o banco seria mais um dos locais para onde as conversas sobre a criação da SEM eram levadas.

Segundo o interlocutor Santos Filho (2025), durante dois anos eles conversavam e se preparavam para realizar a SEM, planejando na RESIP como eles fariam quando chegassem

em Mocajuba. No entanto, devido a imprevistos, os planos que eles conversavam não se concretizavam, como fica expresso no seguinte trecho:

> A gente morava numa república, chamada RESIP. A gente morava lá, nove mocajubenses. A outra parte era abaetetubense, e alguns de outros lugares. Rapaz, a gente ia para o quadro. Bora fazer um negócio em Mocajuba. A gente escrevia lá, eu ia para o quadro. Primeiro ano, segundo ano, não acontecia nada. A gente não tinha estrutura. A gente não tinha apoio político. [...] O primeiro ano não saiu porque eu fui jogar lá no Ituquara com os clientes do rádio. [...] "Vamos jogar lá no Ituquara". Aí não teve a Semana. Cheguei de lá, perguntei: "não teve?" não. Aí eu disse: "no outro ano vai ter". Chegava em Belém, a gente fazia aquela programação. Aí saiu esse ano (1975), nós fizemos o primeiro ano (interlocutor Santos Filho, 2025).

Nas falas de outros interlocutores, verifica-se, além da relação dos estudantes com a república e o fato de viajarem para estudar na capital, como o assunto se estendia a outros espaços onde esses estudantes se reuniam na busca de tentar traçar a melhor estratégia para chegar à cidade de Mocajuba e realizar os jogos:

> A criação da Semana Estudantil foi assim: os estudantes se reuniram na CEUP (apresentada por outros interlocutores como RESIP), em Belém, e resolveram criar essas Semanas Estudantil Mocajubense. Entre os jovens, tinham estudantes da Marinha Mercante, tinham estudantes do Souza Franco, os estudantes que também já faziam parte da capital (Belém), os filhos de Mocajuba que já estavam estudando o nível superior o nível médio na capital. Foi assim que essa Semana começou. Reunido num Belo bar surgiu essa ideia (interlocutor Medeiros, 2025).

Como também é observado na fala a seguir:

> O começo da Semana Estudantil Mocajubense aconteceu em 1975. Os colegas que fundaram Semana Estudantil Mocajubense eram filhos de Mocajuba que moravam na capital (Belém), em uma casa de estudante chamada RESIP, República do Estudante Secundarista do Pará. [...] Foi criado lá no local da casa dos estudantes. A "resenha" (conversa ou reunião entre colegas) que a gente fala era o Bar do Parque e o Porto do Sal, lá na Cidade Velha, de onde saíam as embarcações que vinham para Mocajuba. Naquela época nós não tínhamos estrada. Lá (nos portos) esses alunos se reuniam e lá que começou tudo. Na casa e a resenha no Porto do Sal, quando saíam os barcos sete horas da noite para Mocajuba (interlocutor Meireles, 2025).

Um dado interessante apresentado pelos interlocutores diz respeito ao primeiro ano do evento, no qual houve uma espécie representação das escolas em que os jovens estudavam. Apesar de não ter ligação direta com essas escolas, os estudantes usaram os nomes destas para colocar nos times que participaram dessa edição, como se observa na fala do interlocutor Santos Filho (2025) "No primeiro ano que nós fizemos, como uns estudavam no Souza Franco, outros no Paes de Carvalho, outro no Abraão Levi [...]. Então tinha Paes de Carvalho, Souza Franco e CIABA. Os times daqui, com os nomes dos colégios de Belém". Algumas

escolas representadas foram: o Colégio Nossa Senhora das Graças, o Colégio Souza Franco, o Colégio Paes de Carvalho, Abraão Levi, Colégio Modelo. Outros colégios também devem ter sido representados, pois, segundo os interlocutores, na primeira edição do evento, eram por volta de oito times que participavam.

Esse dado pode ser identificado no "Livro de ata da Semana Estudantil Mocajubense SEM – 25 anos", tendo em vista que no documento apresenta uma listagem das equipes campeãs de cada edição do evento até o ano de 2009, representada no Quadro 4. Nele, é possível notar que o primeiro time campeão foi o Souza Franco, time que carregava o nome do Colégio Souza Franco de Belém, mas também foram campeões a equipe do CIABA e a equipe Dr. Freitas, respectivamente no segundo e terceiro ano de realização do evento (Livro de ata da semana estudantil mocajubense SEM – 25 anos, 1999).

Quadro 4 – Registro das esquipes campeãs da modalidade de futsal da SEM

Nº	Anos	Campeões do Futsal	Nº	Anos	Campeões do Futsal
1	1975	Souza Franco	**19**	1993	Flyper
2	1976	CIABA	**20**	1994	Fogo Selvagem
3	1977	Dr. Freitas	**21**	1995	FOCEC
4	1978	Santos	**22**	1996	Playboy
5	1979	Áustria Viena	**23**	1997	Flyper
6	1980	Skylab	**24**	1998	Flyper
7	1981	Skylab	**25**	1999	Flyper
8	1982	Skylab	**26**	2000	Tatuoca
9	1983	Skylab	**27**	2001	Fox
10	1984	Flaplay	**28**	2002	Fox
11	1985	PEC	**29**	2003	Playboy
12	1986	PEC	**30**	2004	Playboy
13	1987	Áustria Viena	**31**	2005	Playboy
14	1988	Playboy	**32**	2006	Águia
15	1989	Santos	**33**	2007	Águia
16	1990	Playboy	**34**	2008	Águia
17	1991	Playboy	**35**	2009	Amigos
18	1992	Playboy			

Fonte: Livro de ata da Semana Estudantil Mocajubense SEM – 25 anos (1999).

O documento revela, ainda, que tal denominação se deu em decorrência de os jovens não saberem que nome dar aos seus clubes, desse modo, utilizaram o nome das escolas nas quais estudavam em Belém. Na lista de clubes que já participaram da SEM, outras escolas,

como Paes de Carvalho, Augusto Meira e Modelo, também tiveram seus nomes listados. Isso corrobora com as informações de que as equipes tiveram os nomes dos colégios nos quais os jovens estudavam e demonstra que isso pode não ter ocorrido apenas no primeiro ano, mas sim, nas primeiras edições do evento.

Segundo Pollak (1992), quando se levam em consideração as características flutuantes e mutáveis das memórias, sejam elas individuais ou coletivas, deve-se lembrar, igualmente, que essas memórias apresentam marcos ou pontos de relativa invariabilidade, imutáveis. O autor entende que é como se esses fatores fossem elementos irredutíveis que ficaram gravados de tal maneira que impossibilitam a mudança desses acontecimentos e que eles estarão presentes, mesmo que a história ou o evento seja contado por diversas vezes, passando a fazer parte da essência da pessoa.

Conforme Halbwachs (1990), os testemunhos permitem fortalecer, enfraquecer ou completar o que já se conhece sobre um evento. Isso é possível, pois, quando confrontamos os depoimentos vindos de diferentes lugares, percebemos neles, além de suas divergências, as partes em que eles concordam, desse modo, reconstruindo um conjunto de lembranças que podem ser reconhecidas por esses grupos. A última versão é contada com maiores detalhes, pois foi apresentada por vários interlocutores, o que possibilita apreender aspectos que uns narram, mas que são esquecidos por outros. Assim como, permite que as narrativas ganhem força como fonte com as partes que se intercruzam e que marcam a memória coletiva dos interlocutores.

A SEM, portanto, começou como um movimento esportivo organizado por estudantes que vivenciavam práticas esportivas, muitas vezes fora do município, e viram a necessidade de levar para Mocajuba algo semelhante ao que eles experimentavam em outros locais. Sem incentivo de políticos do município e sem recurso para fazer algo mais organizado, os estudantes representaram aquilo que eles conheciam enquanto prática esportiva. Para eles, o evento era para ser uma espécie de festival esportivo.

A questão da falta de incentivo dos políticos do município, aparentemente, é algo que gerava, de certa forma, um descontentamento de alguns dos interlocutores, mas também uma visão contrária entre eles, pois alguns dizem que a Prefeitura de Mocajuba ajudava, enquanto outros dizem que não. De acordo com Portelli (1997), a História Oral diz respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Mesmo que seja moldada pelo meio social, lembrar não deixa de ser algo pessoal e, por ser um processo individual, mas que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados, as recordações

podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas, mas, em nenhum caso, as lembranças de diferentes pessoas serão completamente iguais.

Na fala do interlocutor Santos Filho (2025), é possível notar que ele entende que as pessoas relacionadas com a política em Mocajuba não acreditavam neles por eles estarem sempre bebendo: "A gente não tinha apoio político. Porque a gente bebia muita cachaça [...] só tínhamos a ideia. Quem vai acreditar na gente? Ficávamos bebendo o dia todo [...] Tu achas que tinha alguém que ia acreditar", diz o interlocutor.

Outro que compartilha essa compreensão de falta de apoio do município é o interlocutor Medeiros (2025), mas entende que isso ocorria por não haver no município verba destinada para esse tipo de evento naquele período, como podemos verificar em sua fala:

> [...] nenhum incentivo político [...] ao longo dos anos, a Prefeitura viu que funcionou (e passou a ajudar e tomar conta do evento). Naquela época, eu acho no fundo de participação do município, nem tinha (um valor destinado) para esse tipo de evento. Essas ajudas, a gente fazia por conta própria e de acordo com os valores que tinham em Mocajuba.

Contudo, essa compreensão não é unânime entre os interlocutores. Por exemplo, tem-se o interlocutor Guimarães (2025), que via a Prefeitura como um dos principais apoiadores desde a primeira realização da SEM. Na mesma direção do que fez menção o interlocutor Igreja (2025): "A prefeitura apoiava [...] dava o aparelho para fazer a cobertura, o som. Ela apoiava na premiação. Dava o apoio sobre isso".

No entanto, esses apoios que são relatados estão relacionados ao fato de a quadra onde o evento ocorria ser uma quadra municipal e eles utilizarem. Contudo, a disponibilização da quadra pela Prefeitura para a realização do evento não ocorria de forma oficial, ela era feita de maneira indireta e, segundo o interlocutor Meireles (2025), "o prefeito da época, ele dava às vezes para gente a tinta, e os alunos é que iam pintar a quadra. Diretamente, o prefeito não participava". Ele acrescenta que "eram os alunos, os amigos, os comerciantes, as pessoas que faziam a Semana Estudantil Mocajubense da época". Além disso, o som era algo disponibilizado pela rádio Guarani, que fazia a cobertura do evento e era considerada grande patrocinadora do evento.

Outro ponto que pode acabar influenciando essa compreensão é o fato de a Prefeitura passar a apoiar o evento depois de alguns anos, e isso faz com que algumas pessoas tragam esse entendimento de que a prefeitura sempre esteve auxiliando na organização do evento. Dessa maneira, pode-se concluir que o mais provável é que esse apoio não tenha realmente ocorrido, pelo menos nas primeiras edições, já que os jogos iniciais foram uma iniciativa dos

jovens estudantes. Além disso, as próprias relações e os contextos sociais vivenciados pelos sujeitos podem conter explicação para essas diferentes visões, pois, segundo Pollak (1989), mesmo quando a memória é revivida em nível individual, ela sempre será indissociável da organização social daquela pessoa.

As competições, segundo as falas, eram realizadas em uma semana (Figura 9), e cada dia era destinado a uma modalidade, com exceção das competições de futsal e voleibol, que ocorriam no decorrer da semana, tendo uma abertura semelhante ao que se observa em grandes competições. As equipes entravam na quadra, as bandeiras eram hasteadas, os hinos entoados, a volta olímpica era realizada e a pira olímpica era acesa para representar o início de mais uma Semana Estudantil no município. Contudo, isso não deve ser uma representação dos primeiros anos do evento, nos quais se deve imaginar algo bem mais simples, com as equipes se apresentando e a volta olímpica sendo realizada.

Figura 9 - Equipe Oryent Petroleiro na 3ª edição da Semana Estudantil Mocajubense

Fonte: Projeto Mocajuba Memória Viva (2006)

Conforme os anos foram passando, o evento se tornou mais organizado, com a realização de novas modalidades. Essa mudança é decorrente da criação do Comitê Estudantil Mocajubense, um grupo de pessoas que se responsabilizou pela organização do evento. O Comitê surge a partir da década de 80 e é compreendido como o responsável pelo desenvolvimento do evento.

A Figura 10 mostra um grupo de jovens reunidos no trapiche municipal de Mocajuba, dentre eles, é possível notar a presença do presidente do Comitê Estudantil, identificado por sua camisa. A imagem não permite saber se eles se encontram nesse local para realizar alguma das modalidades da SEM ou se estão à espera dos atletas que viajavam para Mocajuba de barco, contudo, ela é um dos poucos registros que se tem do Comitê Estudantil Mocajubense.

Figura 10 - Registro do presidente do Comitê Estudantil no trapiche de Mocajuba

Fonte: Projeto Mocajuba Memória Viva (2006)

Um outro ponto a ser tratado é que, ao longo das edições, o regulamento da SEM sofreu algumas alterações, posto que, nos primeiros anos, as regras eram apresentadas verbalmente, estando os atletas e as equipes de acordo com o que era comunicado. A partir da década de 80, dois documentos são elaborados com o propósito de regulamentar o evento: o Estatuto da Semana Estudantil Mocajubense e o Regulamento da Semana Estudantil Mocajubense.

> Tinha o Estatuto da Semana e tinha o Regulamento da Semana, tinha os dois. O Estatuto só permitia que oito clubes participassem, desde o início. O Regulamento é o que ia acontecer na Semana. O Estatuto e o Regulamento só começaram a partir do ano de 1981, quando nós fundamos o Comitê Estudantil. Antes disso, não tinha, eram só acordos verbais mesmo. (interlocutor Guimarães, 2025).

Os interlocutores não souberam dizer ao certo o conteúdo que havia dentro desses documentos, apenas que eles existiram. Infelizmente, esses documentos se perderam com o tempo, muito em função da ausência de um lugar próprio para serem arquivados na cidade. Além disso, os organizadores do evento não concebiam que ele alcançaria a proporção que alcançou, jamais imaginando que perpetuaria por vários anos e que aqueles documentos, de alguma forma, pudessem ser um registro histórico.

Contudo, é importante destacar que, quando os interlocutores foram questionados sobre o regulamento do evento, na maioria dos casos, eles disseram que as regras seguiam as normas oficiais dos esportes que eram praticados, o que pode ser evidenciado nos seguintes relatos: “A semana começou fraca, não tinha. Depois ela começou a melhorar, aí começou a ter pesos [...] então, no nosso tempo, não tinha. A regra era do salão mesmo” (interlocutor Santos Filho, 2025); “Tinha regra normal do voleibol, que era no mundo todo funcionava

aqui, a regra normal, porque todos que vinham jogar aqui eram atletas" (interlocutor Castro, 2025); "Naquela época o futsal era com uma bola mais pesada, e a competição já obedecia ao Regulamento Paraense. Então, nós já viemos baseados no Regulamento Paraense, tudo que acontecia lá nos aplicamos aqui, tipo de regra, organização do evento" (interlocutor Medeiros, 2025).

Ao ser questionada sobre os regulamentos da SEM, a interlocutora Moreira (2025) revela que, como atleta convidada (que não era mocajubense), quando chegou aos jogos junto com outros atletas convidados, eles não tiveram acesso ao regulamento do evento. A interlocutora conta que: "a gente não teve acesso a regulamento, de como era. A gente só foi convidado para treinar e jogar pelo clube deles. A gente não teve acesso assim como era organizado, eu pelo menos não lembro". A partir desse discurso, assim como das falas dos demais interlocutores, pode-se concluir que os atletas não tinham acesso direto aos regulamentos específicos do evento e que, provavelmente, esse acesso era destinado aos responsáveis pelas equipes.

Entretanto, foi possível observar em algumas falas que o evento também apresentava normas próprias, em algumas questões, e que eram do conhecimento de todos. Por exemplo, nas primeiras edições, os atletas deviam ser pessoas que nasceram ou tinham algum vínculo com Mocajuba, mesmo que não estivessem morando na cidade no período. Isso mudou com a criação do Comitê, que passou a permitir que as equipes tivessem até dois atletas que não fossem de Mocajuba. No entanto, apenas um poderia estar em quadra, o outro deveria ficar na reserva, e eles poderiam ficar alternando durante a partida.

O interlocutor Santos Filho (2025) revela que: "O pessoal de Belém que vinha, que jogava em Belém, nos clubes profissionais, dois por cada time, dois no máximo. Isso já foi uma regra depois, já depois de quatro anos". Assim como também aponta o interlocutor Castro (2025): "[...] vinham dois de fora, como eu jogava no Paysandu eu vinha como de dentro, porque eu era de Mocajuba". O interlocutor Medeiros (2025) comenta que eles passaram a buscar essas pessoas para:

> [...] trazer um time mais ou menos forte, de atletas do Paysandu Sport Club, de atleta do Clube do Remo, de atleta da Tuna Luso Brasileira e de vários clubes de Belém. A gente integrava essa Semana Estudantil, que no caso, é Semana Estudantil Mocajubense, mas nós trazíamos outras pessoas de fora para poder ter esse resultado. E a Semana Estudantil foi crescendo ao longo dos anos e, a cada vez, cada ano que a gente organizava, a gente participava também.

Outro aspecto a se destacar é que, no começo da SEM, não se falava sobre a participação das equipes em todos os esportes oferecidos no evento, o que vai se alterar posteriormente, pois passou a ser obrigatória a participação da equipe em todas as modalidades. Do contrário, ela estaria sujeita à perda de pontos ou eliminação da equipe do evento, caso não estivesse representada em alguma modalidade, como é ilustrado na fala do interlocutor Meireles (2025), ao afirmar que: "[...] todos os participantes da Semana Estudantil Mocajubense tinham que apresentar essas modalidades. Aqueles que não apresentavam um atleta para a modalidade perdia ponto, ou então era desclassificado da Semana. [...] Todos os times tinham que ter essas modalidades".

Tal fato vincula-se diretamente a outro aspecto da semana, a pontuação geral no evento. Segundo relatos, havia os campeões de cada modalidade, porém cada modalidade pontuava de maneira diferente, para, ao final, ter o grande campeão da SEM, como bem revela o interlocutor Guimarães (2025): "[...] Campeão geral era quem conseguia a maior quantidade de troféus e depois cada troféu tinha sua pontuação. Por exemplo, o futebol do salão tinha uma pontuação maior, o voleibol um pouco menor e outras modalidades menos".

Essas características únicas do evento foram fruto dos anos de realização, nos quais, segundo o interlocutor Santos Filho (2025), os jovens pegavam aquilo que dava certo na edição anterior e iam tentando melhorar nas próximas edições: "A semana começou fraca, depois ela começou a melhorar [...] cada tempo foi melhorando, a gente ia vendo o defeito que a gente tinha (para melhorar para a próxima edição)". Desse modo, compreende-se que a SEM foi evoluindo juntamente com os seus organizadores, sempre contando com o apoio da população mocajubense, por meio de suas famílias e de seus comerciantes, que davam forças para que esses jovens pudessem realizar o evento, aspecto que será mais bem abordado na próxima seção.

4. A SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE: MODALIDADES, ESPAÇOS E SIGNIFICADOS

A presente seção aborda a organização e a estruturação da SEM, as modalidades que estiveram presentes nessas primeiras edições, os espaços onde as práticas esportivas eram realizadas e como se deu a participação da população mocajubense nos primeiros anos de realização do evento. Além disso, a seção abordará os significados que a SEM assumiu na perspectiva dos interlocutores, apresentando, em seguida, algumas histórias que marcaram as suas memórias.

4.1 Organização e estruturação dos jogos

Idealizada e desenvolvida por jovens estudantes mocajubenses, a SEM começou pequena e de forma muito desorganizada. Os jovens responsáveis pela organização tiveram que fazer o evento funcionar com pouco orçamento para a aquisição de materiais e o pagamento de pessoal. Eles precisaram organizar o evento com o dinheiro e material que conseguiram por meio de patrocínios arrecadados com comerciantes, famílias mocajubenses e entre os próprios jovens. Eles iam atrás desse apoio, batendo às portas das casas e dos comércios.

Conforme revela o interlocutor Medeiros (2025): “[...] o primeiro ano foi um pouco desorganizado por questão do pessoal que estava envolvido (não entenderem muito bem sobre organizar eventos)”. Já o interlocutor Santos Filho (2025) informa: “[...] a organização foi muito ruim, vou te contar um lance, primeiro que nós não tínhamos dinheiro, só coragem”. Por sua vez, o interlocutor Guimarães (2025) aponta: “Essa primeira Semana Estudantil foi muito amadora. Eles só chegaram em Mocajuba, me convidaram, organizaram o torneio e pronto, foi só isso mesmo”.

Conforme conta o interlocutor Santos Filho (2025), a escolha do período da realização dos jogos teve como base a realização da festividade de Nossa Senhora de Nazaré, no sentido que a festividade é sempre realizada no segundo domingo do mês de outubro na capital paraense. Ele conta que a escolha para a última semana do mês de julho evitaria que a SEM tivesse seu início no meio da semana, como poderia acontecer caso fosse escolhida uma data específica para seu início. Desse modo, o interlocutor revela:

> Eu pensei no Círio Nazaré, olha só: o Círio Nazaré, ocorre todo segundo domingo de outubro, tem o Círio Nazaré. Então aqui nós estudamos (fazer) a mesma coisa, fazer (a SEM) na última semana (de julho), começando no sábado para terminar no domingo. É o penúltimo sábado e o último domingo, para dar a semana inteira e para não ter aquele negócio de cair na segunda-feira, na terça, na quarta. Nós fizemos isso, nós nos baseamos no Círio Nazaré, aí deu certo (interlocutor Santos Filho, 2025).

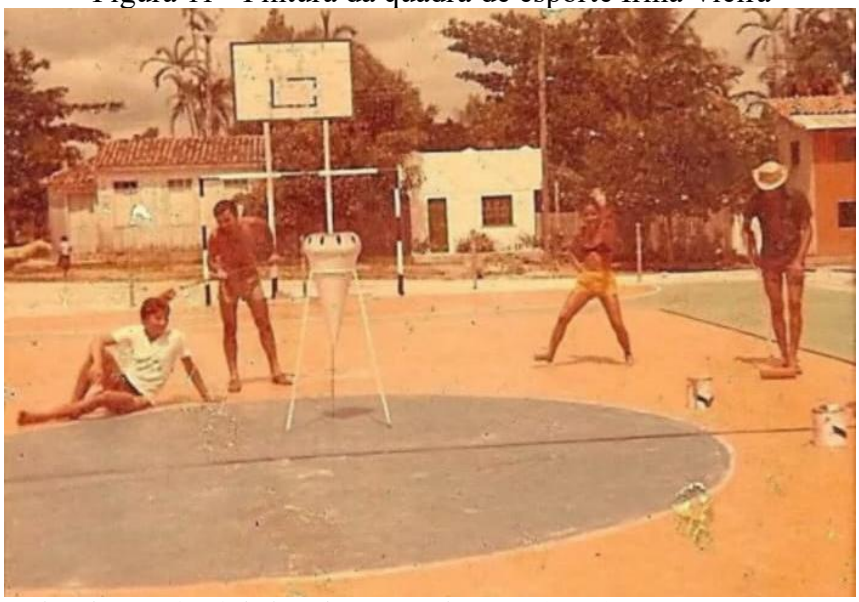
Apesar da SEM ser realizada apenas na última semana de julho, para os organizadores ela começava muito antes, com reuniões feitas ainda em Belém para discutir e organizar os detalhes do evento. Segundo o interlocutor Santos Filho (2025), "chegava em Belém, a gente fazia aquela programação", que era a forma de organizar o que aconteceria no evento. Em outro momento, ao mencionar a primeira edição da SEM, o interlocutor lembra que na RESIP, como já mencionado, eles usavam um quadro para colocar suas ideias sobre como fariam no evento quando chegassem em Mocajuba.

Pela fala do interlocutor Guimarães (2025), nota-se que essa característica permaneceu por bastante tempo, mesmo após a criação do Comitê Estudantil Mocajubense, ao revelar que "as reuniões eram periódicas, se reuniam e organizavam. As reuniões aconteciam aqui em Belém, lá em Mocajuba, era só a execução, até porque a diretoria morava toda aqui em Belém".

Além disso, em Mocajuba também se iniciavam os preparativos para a SEM antes do dia da abertura do evento. De acordo com o que se observa nas falas dos interlocutores, os preparativos da quadra, com pintura e limpeza do espaço, começavam semanas antes do início do evento e eram realizados pelos próprios atletas e por algumas pessoas que se juntavam a eles. O interlocutor Meireles (2025) conta que "a parte do gerenciamento da quadra, a parte política que eu falo, o prefeito da época, ele dava às vezes pra gente a tinta, e os alunos é que iam pintar a quadra".

Na Figura 11, observa-se um desses momentos de preparações para a SEM, em que se pode ver os jovens vestindo roupas confortáveis e aparentemente sem algo que os relacione diretamente à SEM, realizando a pintura da quadra Irmã Vieira, com a pira olímpica já posicionada próximo ao centro do local. A imagem repassa um ar de descontração, os jovens aparentam estar se divertindo com o trabalho antes da realização dos jogos. Na descrição da figura, na página do *Facebook* do interlocutor Guimarães, identifica-se que se trata do presidente do Comitê Estudantil Mocajubense e alguns atletas realizando os preparativos para o evento.

Figura 11 - Pintura da quadra de esporte Irmâ Vieira



Fonte: Página de *Facebook* do interlocutor Guimarães (2025)

Um dos interlocutores também se recorda de que até mesmo pessoas que tinham sido presas por desordem e vadiagem eram liberadas para esses serviços em troca de sua liberdade.

> Aquela quadra tinha muito bacurizeiro, naquela época, e mato que subia alto. Nós não tínhamos dinheiro para limpar e nem sabíamos. Tinha um delegado, parece que o nome dele era Jaime, ele era metido a treinador de futebol, jogava bola. Eu morava aqui (próximo à delegacia) e me dava muito bem com ele. A gente o levava como treinador, e ele gostava. A gente vinha com ele pedir: "nós estamos assim (precisando de ajuda), libera para nós os presos de corretivo", sem ser de justiça, porque não tinha comarca naquela época, eram presos de bebedeira. Ele liberava dois, três, para limpar lá para nós, à custa da liberdade deles (Interlocutor Santos Filho, 2025).

Assim como os organizadores do evento, as equipes também tinham que se movimentar para chegarem com tudo preparado na abertura da SEM. As equipes buscavam arrecadar recursos e comprar material para que pudessem ter uma boa apresentação no evento. Conforme o interlocutor Medeiros (2025) destaca, "os outros (integrantes das equipes) se empenhavam em comprar material, em cuidar do material e, quando a gente vinha pra cá, nos equipávamos o nosso pessoal".

Além disso, os representantes das equipes também buscavam contatar os atletas de forma antecipada para que eles não fechassem com outras equipes, prática que passou a ser comum a partir dos anos de 1980, quando se permitiu a participação dos jogadores de outros municípios. Ao narrar uma história que aconteceu no evento, o interlocutor Meireles (2025) revela essa situação: "nós fomos no mês de janeiro falar com ele (atleta que a equipe tinha interesse que fosse seu representante em uma das modalidades), para os outros times não

procurarem ele, já antecipado, e, de vez enquanto, eu falava: “olha em julho”. Em julho, para os outros times (não contratarem ele), era uma correria atrás de atleta na época”.

A interlocutora Moreira (2025) também revelou como foi esse processo em sua participação no evento: “o Reginaldo (representante de uma das equipes que participava do evento) veio e conversou comigo: “é um momento legal, vocês vão jogar em Mocajuba, é um município do Pará, que é uma grande festa na cidade. Tem um grupo que está indo”. E aí eu falei que estava tudo bem”. Na narrativa, é possível notar que as conversas entre os atletas e as pessoas que os convidavam não tratavam de valores ou pagamentos para os atletas. Na maioria dos casos o que atraía os participantes era a experiência e os momentos de socialização.

Com apenas três modalidades nas primeiras edições, a SEM se estendia por uma semana completa, mesmo com esse número reduzido de modalidades e de equipes que participavam, sendo que, no começo, a SEM contou com a participação de oito equipes. O fato de ela se estender por toda a semana justifica-se pelas características próprias do município de Mocajuba, que, naquela época era só “uma quadra de salão, só uma quadra. Pra você ter uma ideia, a quadra não parava (todo tempo tinham pessoas jogando)” (interlocutor Meireles, 2025).

Além disso, esse era o único espaço próprio para a realização das modalidades coletivas, bem como pelo fato de que os jogos só podiam ser realizados pela manhã e pela tarde, não à noite, pois “não tinha a iluminação (no município durante a noite), não tinha nada, depois começaram a botar os refletores, aí passou a funcionar até mais tarde um pouco” (interlocutor Américo, 2025). Fato que também foi narrado pelo interlocutor Medeiros (2025):

> O que a gente podia fazer durante o dia, a gente ia fazendo, da competição. Era semana estudantil direto, era de manhã e de tarde, à noite, não, porque ninguém tinha refletores. Naquela época, a nossa luz apagava às 9 horas (da noite). Então, não tinha como contar com a noite para disputar nada de evento, agora durante o dia, o nosso dia era cheio.

Apesar da falta de consenso sobre quais eram as competições exatas das primeiras edições, é certo que duas eram coletivas e um era individual, sendo que para as modalidades coletivas demandavam um pouco mais de tempo. Também se observa que, na primeira edição, as modalidades foram praticadas somente na categoria masculina. Não foi possível determinar com precisão em qual edição a participação das mulheres de fato começou, mas acredita-se que ela tenha ocorrido a partir da segunda ou da terceira edição, como contam os interlocutores Santos Filho (2025) ao afirmar que “no segundo ano, nós já induzimos as

mulheres" e Medeiros (2025), ao destacar que "na terceira em diante já veio a modalidade masculino e feminino e todas as modalidades tinham".

Halbwachs (1990) entende que não basta que a pessoa tenha participado de um evento para poder evocá-lo novamente em sua lembrança, após um certo tempo, da forma mais exata possível. Para isso, ou para uma reconstrução mais próxima do evento, o autor ressalta que é necessário que, após o evento testemunhado, o sujeito permaneça presente no grupo, discutindo sobre o evento e, dessa forma, sempre lembrando do ocorrido, discutindo com os outros membros do grupo, colocando os pontos de vista, e partilhando todas as noções que são comuns aos seus membros. Dessa forma, mantendo vivo na lembrança o evento do qual foram testemunhas. Essa ausência no grupo pode acabar causando certas dificuldades de recordar quando as lembranças são solicitadas, gerando algumas modificações e lembranças fictícias.

De acordo com as narrativas, as competições, nos primeiros anos, foram realizadas por meio de chaveamentos simples, nos quais as esquipes que perdiam eram eliminadas, restando apenas uma equipe ganhadora no final da SEM. Esse era o formato das modalidades coletivas, como conta o interlocutor Santos Filho (2025): "Nós fizemos chave, eram duas chaves, oito times, dava para jogar. No início era fácil, porque dava sete, dava oito, era fácil, fazia dois grupos. Depois começou a dar mais (equipes)".

Segue essa mesma linha de narrativa o interlocutor Guimarães (2025), ao dizer que "sempre foi oito times. Chaveamento. Duas chaves com quatro clubes que jogavam entre si para ir para as oitavas de final, quartas de final, semifinal e final". Assim como, a fala da interlocutora Bacha (2025): "Era um sorteio para ver quem ia jogar com quem e era só um jogo, não tinha segunda chance, perdeu, (era eliminado). Quem ia ganhando, já ia passando para a semifinal, para a final".

O interlocutor Meireles (2025) detalha como ocorria a organização das partidas:

> Olha, era por chave, aí fazia no sorteio. Aqueles que caíssem (em um lado da chave, se enfrentavam), e dessa chave que saía a classificação até para chegar ao final. Começava oito times, tinha quatro para cá e quatro para lá (quatro para um lado e quatro para o outro). Esses quatro (de cada lado) iam fazendo (as partidas), jogando entre si, para sair a classificação e para chegar na final. Quando começou, pelo que eu lembro.

O interlocutor Américo (2025), ao falar sobre a realização das partidas, revela que "se eu não me engano, eram dois grupos e, no fim eles iriam, caso vencessem dentro do grupo, os dois primeiros iriam decidir o torneio, tanto no vôlei quanto no futsal". Para o interlocutor Igreja (2025), "era em fase de grupo. Tinha eliminatória, mas não era no primeiro jogo

eliminatória, antes tinham vários jogos. Quem ia para a final, para a quartas de final, para a semifinal, eram os times mais bem classificados". Deste mesmo modo, a interlocutora Pinto (2025) conta sua experiência no voleibol e aponta que "não era eliminatória, tinham as fases e a gente ia passando para a semifinal, até chegar na final".

Nessas falas, apesar da aparente discordância a respeito da organização apresentada anteriormente, percebe-se que a disputa final ocorria entre as equipes campeãs de cada grupo, ou seja, aquelas mais bem classificadas. As equipes eram divididas em dois grupos, em que as equipes se enfrentavam. A questão de existirem dois grupos e da disputa final entre os ganhadores dos grupos, da forma como é mencionada, assemelha-se ao que ocorre em competições de chaveamento, como mencionado pelos demais interlocutores. Sendo assim, há possibilidade do uso do termo "grupo" represente, na verdade, os dois lados do chaveamento das equipes, pois não é comentado como as partidas ocorriam dentro dos grupos. Essa interpretação se infere das falas em que, apesar das afirmações de que existiam grupos, os interlocutores continuam suas narrativas destacando as fases seguintes, de semifinal e final.

Nas modalidades individuais que foram praticadas no começo da SEM, as disputas eram realizadas em uma rodada de competição, em função do número de equipes participantes. A equipe que finalizasse a prova em primeiro lugar tornava-se a campeã da modalidade.

No que diz respeito aos regulamentos que regiam o evento, inicialmente eles eram apresentados de forma verbal, sem muitas características próprias da SEM. Conforme se observa nas falas, eram respeitadas as regras que se tinha no regras das competições esportivas profissionais, que caracterizam os esportes representados em todo o mundo. Outro fator marcante diz respeito aos árbitros que, nos primeiros anos, foram pessoas do município, com pouca experiência na função. Na verdade, eram estudantes que praticavam o esporte fora do município e deixaram de participar como atletas para contribuir com o evento de outra maneira, conforme é observado na fala do interlocutor Santos Filho (2025):

> Olha, (a regra) é assim, eu era juiz. Então, na época quando nós iniciamos, eu apitava também, porque eu conhecia a regra naquela época, agora mudou. Eu era um dos juízes, ensinei o pessoal e, assim, a gente ia. Quando a semana pegou o estágio bom, dos anos de 1980 em diante, começou a vir juiz de Belém, da federação. Mas, na época em que nós iniciamos, eu era juiz.

A partir dos anos de 1980, os jogos passaram a ser organizados por um grupo de pessoas que incorporavam o Comitê Estudantil Mocajubense. Sobre a criação do comitê estudantil, o interlocutor Medeiros (2025) relata: "nós criamos o presidente, criamos uma

equipe com os camaradas que eram interessados realmente, e essa diretoria da Semana Estudantil seguiu ao longo dos anos". Conforme o interlocutor Guimarães (2025), o evento se expandiu com a criação do Comitê: "Em 1981, nós resolvemos que aquele torneio estava muito simples, só com três modalidades, e resolvemos fazer uma Semana Estudantil ao molde de Olimpíadas. Aí nós fundamos o Comitê Estudantil Mocajubense, que justamente já era para organizar o evento".

Desse momento em diante, com a inclusão de novas modalidades, o evento começou a ser mais organizado, tendo cada modalidade praticada em um dia da semana, com mais de uma atividade por dia, com exceção das modalidades coletivas, que continuaram a ser realizadas durante os dias da semana. Começando no domingo, com a abertura dos jogos, o interlocutor Medeiros (2025) conta que a abertura era muito organizada, "então cada equipe entrava com a sua bandeira, com a bandeira do Pará e com a bandeira do município. A (bandeira) brasileira, todos nós mandamos fazer um bandeirão que ficava hasteado todos os todos os dias de jogo, subia de manhã e baixava à tarde, era muito organizado".

A cerimônia de abertura foi amplamente registrada a partir dos anos de 1980, e nas imagens pode-se notar os times organizados em fileiras, entrando na quadra com as bandeiras de seus times ou já posicionados segurando a bandeira do Brasil, do Pará, de Mocajuba ou da sua equipe. Na Figura 12, é possível identificar, além desses aspectos, outro momento da cerimônia de abertura, o momento de acender a pira olímpica, no qual se observa um atleta à frente dos demais, todos com uniformes padronizados de suas equipes, segurando uma tocha. À frente dele e ao lado da pira, nota-se a presença de um senhor que provavelmente representa uma autoridade do município.

Figura 12 - Cerimônia de Abertura da Semana Estudantil Mocajubense

Fonte: Projeto Mocajuba Memória Viva (2006)

Na figura acima, também é possível perceber que o momento da cerimônia de abertura dos jogos contou com a participação de crianças, que são observadas no meio dos atletas, com camisas brancas e shorts vermelhos. As crianças também são observadas em outras imagens registradas do evento. Contudo, a participação delas no evento esteve restrita, durante os anos iniciais, a esse momento, em que elas entravam carregando os troféus, mas sem participar nos esportes que eram praticados.

Sobre a participação das crianças no evento, os interlocutores Medeiros (2025) e Meireles (2025) comentam: "Na verdade, nós nunca tivemos essa participação direta da classe infantil [...] essa situação pode ter acontecido de as crianças participarem carregando um troféu, somente nessa situação que elas apareciam, em uma abertura. Mas, nos Jogos em si, eles não tinham participação" (interlocutor Medeiros, 2025); "Essas crianças participavam para abrilhantar a Semana Estudantil Mocajubense, nas aberturas dos Jogos, eram irmãos de atletas, de familiares, e eles participavam levando bandeiras, levando medalhas, para abrilhantar a Semana. Aí ficava bonita a participação deles." (Interlocutor Meireles, 2025).

O interlocutor acrescenta que a participação das crianças como jogadoras passa a ocorrer a partir da década de 1990, "vieram ter (participação como jogadores) dos anos 90 para frente. Logo no começo, não". As crianças não estiveram somente na cerimônia de abertura do evento, sua participação mais direta talvez tenha sido essa, contudo, elas aparecem com frequência entre os espectadores.

Apesar de não participarem diretamente, a presença de crianças pode ser pensada como um momento formativo, que, pela observação e envolvimento, mesmo que sem protagonismo, acabam por assimilar normas, regras e valores vivenciados nos jogos da SEM, a partir desses momentos de sociabilidades com os adultos, revelando-se até mesmo enquanto um motivador para as aspirações futuras no âmbito das práticas esportivas e da própria participação na SEM.

Os anos 1980 marcam a transição do amadorismo para a formalização do evento, na medida em que ele passa a contar com regulamentos próprios e com uma equipe que fica à frente da organização. Também corresponde ao momento em que passam a ser trazidos árbitros de Belém, mais qualificados para apitar as partidas, assim como atletas mais bem treinados, que poderiam ser de fora de Mocajuba.

Essa passagem do amadorismo para uma prática mais formalizada também se refletiu na questão da preparação e do treinamento das equipes para a participação na SEM, tendo em vista que, quando o evento começou, os jogadores não tinham um treinamento que visasse à

participação desses jovens nos jogos. Os interlocutores revelaram que, no início, o treino era feito por meio da prática do jogo em si e por eles próprios, sem presença de treinadores. Alguns deles realizavam o esporte nas ruas e na quadra, em alguns casos, pensando na sua participação na SEM. Contudo, não eram realizados treinamentos periódicos e específicos para melhorar a performance de quem iria participar dos jogos, essa prática era mais voltada para o lazer e diversão dessas pessoas. Segundo a interlocutora Bacha (2025):

> Não tinha um treinamento para nadar. "Ah, vamos treinar". A gente ia mesmo. Nascido no interior, a gente era "peixinho", mergulhava no rio todos os dias, então não tinha aquele preparo, de nada tinha. No vôlei a gente, mesmo não sendo época de Semana Estudantil, a gente brincava de vôlei na rua direto. [...] Não tinha treinador, [...] pelo menos eu nunca fui treinada. A gente jogava mesmo, era nossa diversão. Colocava um fio na rua e ficava brincando de vôlei. Mas a gente já fazia pensando na Semana Estudantil. Era a gente mesmo que se preparava.

O interlocutor Américo (2025), ao contar sobre os treinos de futsal, diz que não tinha um treino específico, ao afirmar: "nós treinávamos, como diz o pessoal "na marra mesmo", à tarde, a gente ia para a quadra, só era uma quadra que tinha". O interlocutor também revela como era no caso de outras modalidades: "o tênis de mesa, o Instituto (Instituto Nossa Senhora das Graças) tinha o tênis de mesa, aí as pessoas iam treinar lá, não existia aquela quadra que existe agora. Dama era embaixo da mangueira, eles faziam aquela rodada e tal, e faziam o desafio", revelando que, para outras modalidades, também eram realizas apenas a prática do esporte e não um treinamento mais científico, como ocorre no esporte de alto rendimento.

De acordo com a interlocutora Pinto (2025), "tinha treinamento. Os meses a gente ficava treinando vôlei, aí na quadra, com o time que ia jogar. Era a gente mesmo que ia treinar, treinador mesmo não tinha", no entanto, esse treinamento se referia à realização do esporte já visando a competição. Conforme é revelado pelo interlocutor Meireles (2025), o treinamento ocorria na quadra e nos campos da cidade, pela prática do esporte e por meio da corrida, como uma forma de ganhar preparo físico:

> Abria (a quadra), era pessoal brincando, porque era só uma (quadra) e era muita gente (para usar o espaço). Tinha uns campinhos também [...] a gente ia para os campinhos de pelada ou para o campo grande (antigo espaço de areia conhecido como praião) para ganhar preparo [...] logo no começo da semana, que eu não participava, essas pessoas iam correr na beira do campo, lá na pista de pouso [...] onde hoje é a escola Professores Isaura Baia, o pessoal ia fazer o preparo físico.

Além disso, ele revela que “como era só uma quadra, esse pessoal que estudava em Belém, e alguns que iam pra lá, a gente ia para a quadra do Alegria, para a quadra do Alam Kardec e para a quadra do Exército, na Praça da Bandeira, a gente ia treinar.” (interlocutor Meireles, 2025).

O interlocutor Medeiros (2025) revela que seu treinamento ocorria no local onde ele estivesse, suas vivências no esporte fora da cidade de Mocajuba eram uma forma de se preparar para sua participação na SEM:

> Eu treinava em Belém, treinava onde eu estava. Para você ter uma ideia de como a Semana Estudantil, para mim, era tão forte que, quando eu fui para Vale do Rio Doce trabalhar, [...] nós tivemos disputa de futsal por lá, e eu era empenhado nisso. [...] Minhas férias eram só nessa época e, onde eu estava, tinha uma quadra de esporte, eu convocava o pessoal de lá, de onde eu trabalhei, que jogava futsal. [...] Nós trabalhávamos de dia e, à noite, ficávamos até 11 horas da noite todos os dias para disputar. Então, quando eu vinha de lá, eu vinha pronto, porque jogava com os rapazes de todo mundo. [...] Eu tirava isso lá (para treinar), eu vinha para a Semana (SEM), o pessoal falava: “poxa, mas o Mundinho treina onde?” Mal eles sabiam que, onde eu estava, nós tínhamos uma quadra montada para isso (para praticar o esporte).

Com o passar dos anos, os atletas passaram a realizar treinamentos específicos e, por volta de 1986, as equipes passaram a contar com a presença de treinadores à beira da quadra, conforme revela a narrativa do interlocutor Castro (2025):

> No nosso caso do voleibol, como nós morávamos todos em Belém, nos treinávamos em Belém. Treinávamos um mês antes de vir, o mês de junho todo, para chegar aqui e jogar. Era fácil de a gente ganhar, porque a gente treinava em Belém, a gente chegava com time de ponta e, sempre a gente ganhava. Vinha um treinador, tinha tudo.

Algo que também está presente na fala da interlocutora Moreira (2025):

> [...] nós conhecemos o time onde a gente ia jogar, fizemos um treino rápido em uma quadra e já fomos para a competição [...] tinha um técnico que orientava a gente. Além da gente, que éramos as titulares, eu e a Cláudia, e mais quatro meninas de lá (de Mocajuba) que jogaram. Tinha um banco (de jogadoras reservas). [...] E esse rapaz, junto com o irmão do Reginaldo, conduzia toda a orientação da nossa equipe, toda a atividade. Fazia a escalação do grupo, quem saía, quem entrava.

Algo interessante de observar é a presença de uma pessoa que fica à frente de toda a organização da semana, intitulada de Presidente da SEM. Esse fato atrai a atenção nas entrevistas, pois observa-se que duas pessoas se identificam com primeiros presidentes ou presidentes da primeira edição. Na fala dos interlocutores Guimarães (2025) e Santos Filho

(2025), ambos se identificaram como presidentes da primeira edição da SEM, conforme se observa: “Eu fui presidente na primeira Semana Estudante e jogava ainda, eu joguei pelo ginásio Nossa Senhora das Graças, que era um colégio de Mocajuba” (Guimarães, 2025). “Aí o pessoal disse: “olha, tu vais ser o presidente”. Eu era o cara que mais (se interessava), o pessoal mais bebia. Eu larguei de beber e fiquei (como presidente)” (Santos Filho, 2025).

No livro de ata dos 25 anos da SEM, encontra-se uma lista de presidentes do evento (Quadro 5), cargo que passou a ser bastante conhecido nos eventos posteriores. Nessa lista, consegue-se identificar os presidentes da SEM. Todavia, os registros do cargo se iniciam a partir do ano de 1981, quando o Comitê é criado, desse modo, as informações não permitem afirmar ao certo quem foi ou se teve um presidente na primeira edição. O que se pode supor é que a função de Presidente teve seu início com a criação do Comitê Estudantil, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 5 – Registro dos Presidentes da Semana Estudantil Mocajubense de 1975 a 2009.

Nº	Anos	Presidentes	Nº	Anos	Presidentes
1	1975	Sem registro	**19**	1993	Reginaldo M. Guimarães
2	1976	Sem registro	**20**	1994	Reginaldo M. Guimarães
3	1977	Sem registro	**21**	1995	Sem registro
4	1978	Sem registro	**22**	1996	Ednaldo Lopes Barros
5	1979	Sem registro	**23**	1997	Ednaldo Lopes Barros
6	1980	Sem registro	**24**	1998	Ednaldo Lopes Barros
7	1981	Reginaldo M. Guimarães	**25**	1999	Rosalvo Corrêa Sacramento
8	1982	Reginaldo M. Guimarães	**26**	2000	Márcio Contente Barros
9	1983	Edmar Lopes Barros	**27**	2001	Márcio Contente Barros
10	1984	Wilde Leite Colares	**28**	2002	Socorro Sabá Guimarães
11	1985	Rodolfo Alan Bacha	**29**	2003	Domingos C. Barradas
12	1986	Rodolfo Alan Bacha	**30**	2004	Tadeu Costa
13	1987	José Sacramento (Coboió)	**31**	2005	Márcio Contente Barros
14	1988	Gecione Vanzeler Sabá	**32**	2006	Márcio Contente Barros
15	1989	Roberto Vanzeler Sabá	**33**	2007	Equipe dos Professores de Ed. Física
16	1990	Reginaldo M. Guimarães	**34**	2008	Sem registro
17	1991	Reginaldo M. Guimarães	**35**	2009	Comitê estudantil mocajubense
18	1992	Reginaldo M. Guimarães			

Fonte: Livro de ata da Semana Estudantil Mocajubense SEM – 25 anos (1999).

Por meio das narrativas, é possível determinar que, nesse período, os jogos de futsal e voleibol permaneceram com o formato anterior, de chaveamento simples, com duas chaves,

em que os times vão avançando até chegar à final. Com relação às modalidades individuais, com a ampliação das modalidades, aquelas que poderiam ser realizadas em uma única rodada, como no caso da natação, eram realizadas dessa maneira, conforme é narrado pelo interlocutor Meireles (2025): “Era só uma vez [...] tinha, por exemplo, quem gerenciava [...] alguém do gerenciamento da Semana, fulano, com a pistolazinha dele, ou então, uma bombinha, “pá!” (barulho da bombinha explodindo) para começar”.

Contudo, nem todas as modalidades permitiam determinar o campeão em apenas uma rodada de realização das atividades. Para essas modalidades a realização das competições foi feita pelo chaveamento das equipes, assim como ocorria com as modalidades coletivas, segundo conta o interlocutor Sacramento (2025):

> Tênis de mesa era assim: [...] eram tantas equipes aqui, tinha o Playboy, o Fogo (Selvagem), Áustria Viena e várias equipes. Cada equipe nomeava um atleta para representar o clube, e a gente jogava entre si, aqueles que iam perdendo iam saindo, até ficarem os dois melhores para final [...]. Era eliminatória desde o começo, ia perdendo, ia saindo.

Outra modalidade que merece melhores explicações diz respeito ao torneio de pesca, que, segundo é revelado, era realizado da seguinte maneira: o torneio era realizado em um tempo determinado, e vencia o participante que pegasse o maior número de peixes durante esse período, o que fazia com que a torcida tivesse que ficar observando à distância, para não correr o risco de alguém acrescentar mais peixes enquanto os outros prestigiavam o evento. Então, quando alguém conseguia capturar um peixe, os participantes levantavam o peixe capturado e o mostravam para o público, isso era motivo de euforia entre os torcedores. Contudo, existia a possibilidade de dois ou mais competidores terminarem empatados no número de peixe, então, o segundo critério de desempate seria a pesagem de todos os peixes que os competidores conseguiram capturar, dessa forma, vencia aquele que os peixes pesassem mais.

A SEM era finalizada com a entrega de troféus e medalhas às equipes campeãs do evento. Todavia, as entregas de premiações na cerimônia de encerramento eram destinadas as equipes que ganhavam os jogos coletivos. Nas modalidades individuais, os campeões costumavam receber a premiação logo após a realização da disputa. Essa informação foi comum nas falas de todos os interlocutores. Dessa forma, essa questão será retratada pelas falas dos interlocutores Medeiros (2025) e Bacha (2025).

O interlocutor Medeiros (2025) conta que:

> A nossa premiação toda era troféus. Esses troféus eram doados por deputados, por vereadores e pelas pessoas que participavam diretamente de uma equipe, por exemplo, o Fogo Selvagem, eles (responsáveis pela equipe) doavam um troféu. Tinha a pessoa que doava o troféu para o campeão da Semana Estudantil. Então, essas pessoas todas a gente tinha que buscar em Belém esse apoio. [...] Às vezes, a pessoa vinha participar da entrega. Nós trazíamos pessoas de Belém. Nós fazíamos a entrega assim, por exemplo: no trapiche, hoje é dia de pesca, [...] então, você reunia todos os atletas que eram de pesca para participar daquele dia. Quando terminava, o troféu estava em cima de uma mesa, o campeão ia lá e recebia da mão de uma autoridade, a gente sempre usava uma autoridade do município para fazer a entrega desse prêmio. [...] Nada financeiramente. Todo o recurso coletado era para os gastos em coisa (do evento) para pagar um juiz.

Conforme a interlocutora Bacha (2025) revela:

> Eram taças, eles conseguiam com prefeito e deputados. No final, recebia a taça. Não tinha premiação de outra forma, a não ser em outras modalidades, que recebiam medalhas [...], tinha medalha de ouro, de prata e de bronze. Essas eram as premiações. Eu não lembro de outra forma de premiação. (a premiação) era no final, de modalidade (individuais), quem ganhou aquele dia já recebia a medalha. O que ficava para o final era o vôlei e o futebol de salão, nesses casos, a taça só era entregue no final.

Os interlocutores também revelam que não havia premiação em dinheiro e que os estudantes participavam dos jogos porque gostavam de praticar esportes e pelo amor que tinham pelas equipes que representavam. Segundo o interlocutor Castro (2025), “Troféu e medalha só, não tinha prêmio, não tinha dinheiro, não tinha nada, só troféu e medalha”. Essa afirmação é fruto do processo de profissionalização que o evento sofreu nos últimos anos, já que, nos eventos mais atuais, os atletas são contratados pelas equipes e, ao final da SEM, a equipe campeã recebe, além dos troféus e das medalhas, uma premiação em dinheiro.

Apesar disso, os troféus são expostos com muito orgulho pelos participantes e representam não apenas a conquista do evento, como também a lembrança de uma fase boa que não irá retornar. As autoras Fiscarelli e Souza (2007) destacam que os troféus são entendidos como símbolos de vitória, sucesso e mérito. A exposição de tais objetos é incapaz de manifestar todos os sentimentos e as ações envolvidas na trajetória até sua conquista, mas oferecem a possibilidade de trazer à tona um passado memorável.

Na Figura 13, estão reunidos os troféus e algumas medalhas conquistados pela equipe do “Skylab” durante sua participação vitoriosa no evento. É possível notar que eles possuem os mais variados tamanhos, cores, formatos, símbolos e inscrições. Os troféus são mantidos na residência do interlocutor Medeiros e fazem parte do seu acervo pessoal. Dentre os troféus, estão os conquistados pela equipe nas modalidades de voleibol, futsal, tênis de mesa e dominó, além dos troféus de artilheiro da competição. Entretanto, o interlocutor ressalta que o

acervo era bem maior, porém muitos dos troféus conquistados pela equipe se perderam ou foram enviados para casa de outros membros da equipe que pediam para ter de recordação.

Figura 13 - Troféus da SEM de diferentes modalidades conquistados pela equipe Skylab.

Fonte: Acervo do autor (2025)

Durante a entrevista com o interlocutor Meireles, foi possível registrar imagens de mais dois troféus e duas medalhas pertencentes à equipe do Skylab, que o próprio interlocutor ganhou participando da corrida de 200 metros, como representante da equipe (Figura 14). Apesar de um dos troféus ainda apresentar a placa, os escritos já estavam apagados, impossibilitando a identificação das informações lá presentes.

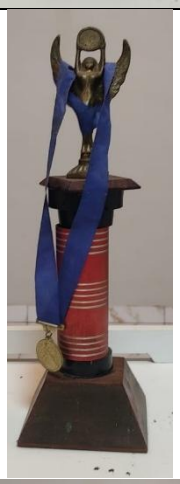
Figura 14 - Troféus da SEM conquistados na modalidade de corrida pela equipe Skylab

Fonte: Acervo do autor (2025)

Alguns troféus não apresentavam mais as placas com as descrições do evento (ano, período, nome do evento, modalidade), porém, ainda foi possível encontrar alguns que estavam com as placas legíveis. As informações presentes nas placas podem ser observadas no Quadro 6.

Quadro 6 – Catalogação dos troféus da equipe do Skylab

Ano	Modalidade	Informações nos troféus	Registro fotográfico
1983	Futsal	Troféu GERSON PERES IX Semana Estudantil Mocajubense	
	Futsal	IX S.E.M. Oferta Gilson Baia 24 a 30/07/83	
1983	Tênis de Mesa	Oferta "Foto Nívia" IX Semana E. Mocajubense Campeão T. Mesa Feminino 24 a 30-7-83	

1982	Voleibol	VIII Semana Estudantil Mocajubense Wilde Colares 25 a 31.07.82	
1983	Natação	OFERTA Distribuidora “BRAHMA” IX Semana E. Mocajubense Campeão Natação Masculino 24 a 30 -7-83	
1983	Voleibol	Oferta Raimundo Nonato Voleibol masculino (parte inelegível) Semana Estudantil Mocajubense 24 a 30.7,83	
1983	Futsal	Oferta Comitê Estudantil Mocajubense IX Semana Estudantil Mocajubense Ao Campeão de 24 a 30.7.83	

1985	Dominó	XI SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE Modalidade de dominó 21/07 a 27/07/85 Oferta Grupo Ideal	
1985	Voleibol	XI Semana Estudantil Mocajubense 21 a 27/07/85 Oferta da 1ª Dama do município Leonice Bacha Mocajuba-Pará	
1988	Artilheiro	XIV SEM Período 24 a 30/07/88 Artilheiro oferta CLOVIS SABBÁ	

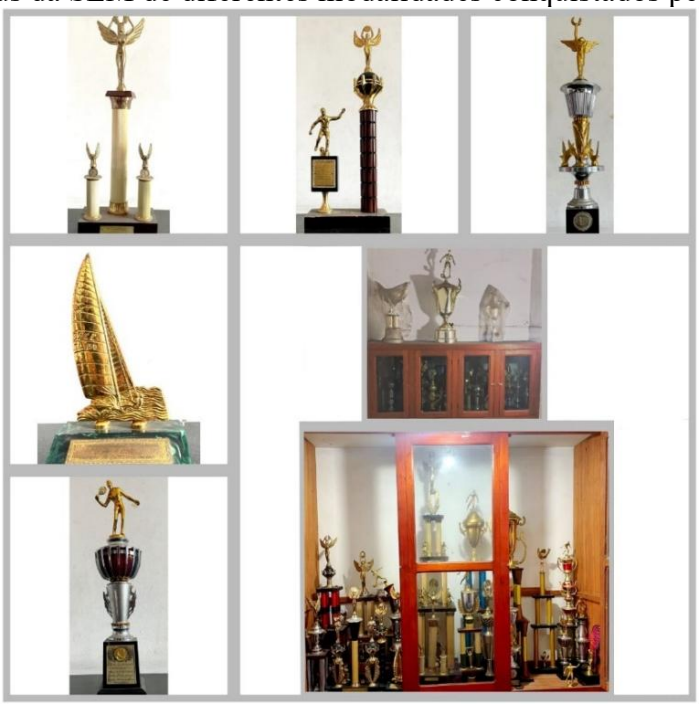
Fonte: Quadro elaborada pelo autor (2026).

Um verdadeiro tesouro da SEM encontra-se na casa da dona Maria das Graças Martins Cunha. No local, estão guardados os troféus conquistados pela equipe do “Playboy” durante os anos em que a equipe participou no evento. As conquistas são referentes a diferentes modalidades que eram praticadas no evento, das quais foram identificados troféus conquistados nas modalidades de futsal, voleibol, regata, tênis de mesa, ciclismo, equipe luxo e torneio início. Esses troféus ainda apresentam um excelente estado de conservação, sendo possível verificar as informações que foram colocadas na placa que fica na base do troféu. A dona da casa conta que eles estão bem conservados, pois, todos os anos, ela os tira do local e

faz uma limpeza, esse processo também é realizado por outras pessoas, o que acaba mantendo-os em bom estado de conservação.

Na Figura 15, pode-se notar como esses troféus estão expostos em um armário próprio para eles, visíveis a qualquer pessoa que visite a residência, demonstrando o orgulho que sentem pelas conquistas da equipe.

Figura 15 - Troféus da SEM de diferentes modalidades conquistados pela equipe Playboy



Fonte: Acervo do autor (2025)

Como mencionado, os troféus ainda permitem verificar as informações que constam na placa pregada na base, no entanto, o volume de troféus é elevado. Desse modo, foram selecionados alguns para ilustras as informações que constam nessas placas, como apresentado no Quadro 7.

Quadro 7 – Catalogação dos troféus da equipe do Playboy

Ano	Modalidade	Informações nos troféus	Registro fotográfico
1987	Tênis de Mesa	XIII SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE oferta Maria Nunes Troféu Tênis de Mesa Masculino	

1987	Troféu Luxo	XIII SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE DE 26/07 a 01/08/87 Equipe Luxo Oferta: “JUARES PONTES COELHO”	
1987	Maratona	XIII SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE Troféu Maratona Masculino Oferta Walter Colares	
1993	Troféu Inicio de Salão	XIX SEMANA ESTUDANTIL MOCAJUBENSE TROFÉU “BANCO DO BRASIL” TORNEIO INÍCIO DE SALÃO 24 a 31/07/93	
1993	Regata	XIX Semana Estudantil Mocajubense Troféu de Regata Oferta Dr. ESTELIO GUIMARÃES	
1995	Ciclismo	Inelegível	

Fonte: Quadro elaborada pelo autor (2026).

Os troféus representam um importante patrimônio da SEM, talvez uma das poucas fontes que restaram preservadas daquele período, e são produtos carregados de simbologias referentes à cultura da qual fazem parte. Conforme aponta Meneses (1998), a natureza física dos objetos materiais é capas de trazer marcas especificas à memória, na medida que os artefatos costumam ultrapassar a vida de seus produtores e usuários. Contudo, o autor observa que os atributos essenciais de tais artefatos são aqueles de natureza físico-química, tais como formas, pesos, cores, texturas etc. Os demais sentidos são produzidos, atribuídos e consumidos pelas sociedades e grupos dos quais passam a fazer parte.

Lechat (2001) destaca que, para a antropologia simbólica, os sujeitos desejam os objetos não apenas pelo que eles são, mas pelo que eles significam, pois se encontra no lugar de algo a mais, que se encontra no lugar das ideias e dos conceitos, e porque proporcionam emoções poderosas quando conquistados. Segundo Burke (2010), uma simples peça de mobília, como um armário ou uma cama, estando associada a um momento festivo para o qual foi feito, leva o objeto a ser relacionado a um momento e a apresentar significados próprios para seus donos.

Por meio das informações escritas nas placas fixadas na base dos troféus, é possível verificar que os mesmos, além de apresentarem, em alguns casos, o nome do evento, a edição e as modalidades a qual se referiam, também traziam escritos o período no qual o evento foi realizado, juntamente com as pessoas, empresas ou entidades que realizaram a doação dos troféus, revelando outros colaboradores da SEM.

Além disso, o interlocutor Meireles (2025) conta que, no final de tudo, os organizadores do evento se reuniam na praça Nossa Senhora da Conceição, “tinha a prestação de conta no final da Semana, (os membros da comissão) iam lá para o clipe (estrutura de concreto construída na praça) prestavam conta de tudo, tudo bacana”. Com essa frase, o interlocutor quis demonstrar a organização e o comprometimento do grupo responsável pela realização da SEM. Desse modo, após a apresentação da organização do evento, torna-se importante conhecer as modalidades que fizeram parte da SEM, bem como os espaços da cidade ocupados por essas modalidades.

4.2 Os lugares da memória: modalidades e espaços de prática

A SEM começou como um evento simples, mas, com o passar dos anos, ela foi ficando mais organizada e passou a contar com diferentes modalidades esportivas. Alguns

interlocutores contaram que, nas primeiras edições da SEM, foram realizadas apenas as competições de voleibol e futsal, enquanto outros incluem, nessas primeiras edições, as modalidades de natação e/ou regata. Assim, não houve unanimidade nas falas dos interlocutores sobre esse aspecto de qual modalidade individual era realizada nesses primeiros anos.

Essas modalidades, como já mencionado, eram realizadas apenas pelos rapazes. Somente a partir da segunda ou terceira edição as moças passaram a participar inicialmente na modalidade de voleibol, fato que se deduz a partir das falas dos interlocutores Santos Filho (2025) e Bacha (2025). Segundo o interlocutor Santos Filho (2025), "no segundo ano, nós já induzimos as mulheres que não sabiam jogar vôlei. Naquela época o vôlei era de vantagem", dando a entender que quando as mulheres começam a participar da SEM, elas iniciam com a modalidade de voleibol. Já na narrativa da interlocutora Bacha (2025), ela diz que: "vôlei a gente, mesmo não sendo época de Semana Estudantil, a gente brincava de vôlei na rua direto. Então era nosso esporte, das mulheres", nesse aspecto a interlocutora Pinto (2025) declara que "sempre teve, tinha o vôlei das mulheres, sempre tinha a participação", falas estas que fortalecem ainda mais essa hipótese de que a participação feminina esteve restrita à prática do voleibol nos primeiros anos que elas participaram da SEM.

Quando se olha para o cenário nacional, encontra-se uma possível justificativa para essa questão, ao passo que a participação feminina nos esportes estava vedada em desportos considerados incompatíveis às condições de sua natureza desde o ano de 1941, por meio do Decreto-lei de nº 3.199, em seu artigo 54, como mostra Ribeiro (2018). Entretanto, ainda segundo o autor, neste decreto-lei não vinham identificadas as modalidades entendidas como incompatíveis à natureza feminina, fato que muda com a publicação da Deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desporto, na qual o futebol, futebol de salão e futebol de praia, dentre outras modalidades, passam a ser entendidos como não permitidos para as mulheres. De acordo com Goellner (2005), a proibição se manteve até o ano de 1979, quando a deliberação do Conselho Nacional de Desporto foi finalmente revogada, fato este que poderia ter influenciado as práticas da modalidade de futsal feminino na SEM.

No entanto, as fontes não permitem maiores esclarecimentos sobre esse assunto, sendo esse um aspecto que não fica claro e se demonstra até mesmo contraditório nas narrativas dos interlocutores, pois interlocutores como Medeiros (2025) e Guimarães (2025) dizem que a participação das moças, quando começa, se inicia com elas realizando todas as modalidades, "Na primeira edição, na primeira em si, foi o voleibol masculino e o futsal masculino. Na terceira em diante já veio a modalidade masculino e feminino em todas as modalidades, tanto

masculino, quanto feminino" (Interlocutor Medeiros, 2025); "na primeira Semana Estudantil só teve o torneio de futebol de salão, voleibol e natação, só essas três modalidades, masculino e feminino desde o começo" (Interlocutor Guimarães, 2025).

Nos anos 80, as modalidades foram ampliadas, e relatos apontam que, em certo momento, o evento contou com aproximadamente 13 modalidades. Muitas delas sendo praticadas nas categorias masculina e feminina, porém, não todas. Dentre as modalidades citadas pelos interlocutores, não se observa unanimidade em todas elas. Modalidades como voleibol, futsal e corridas são exemplos de modalidades que estão presentes nas falas de todos os interlocutores. Contudo, algumas modalidades foram citadas em somente um relato, fato que não diminui a possibilidade de terem sido praticadas em alguma edição da SEM.

Dito isso, as modalidades realizadas a partir do ano de 1981, que foram predominantemente citadas pelos interlocutores, são as seguintes: futsal/futebol de salão, voleibol, natação, regata/canoagem, corrida/atletismo (realizadas as provas de maratona, 100 m e 200m, podendo ser também de 200 e 400m), jogo de dama, dominó, ciclismo, tênis de mesa/pingue-pongue, tiro ao alvo, torneio de pesca, o desfile das misses e o troféu luxo/troféu imprensa.

Além dessas, algumas modalidades como basquete, disputa de pipa, prova de fôlego, disputa de bilhas e disputa de peão são alguns exemplos de modalidades que podem ter sido realizadas durante os anos de evento. Essas modalidades foram mencionadas apenas por um interlocutor e não tiveram suas formas de realização detalhadas pelos interlocutores, por esse motivo, entende-se que não se obteve indícios suficientes para que suas realizações fossem confirmadas. Contudo, isso não significa que elas não tenham ocorrido, apenas que foram pouco comentadas. Dentre elas, a que mais dificilmente deve ter sido realizada é o basquete, pois, nas imagens, é possível notar apenas a presença da tabela na quadra, sem o aro, o que impossibilita a realização da modalidade.

Além disso, durante uma conversa informal com o interlocutor Medeiros (2025), foi mencionado a realização de um pequeno torneio, que era feito no primeiro dia do evento, logo após a cerimônia de abertura, denominado "Torneio Início de Salão", no qual todos os times jogavam partidas de tempo reduzido até sobrar os dois finalistas. A última partida era realizada em tempo normal, e o vencedor recebia o primeiro troféu da SEM. Por meio dos troféus que se encontram na residência da dona Maria das Graças Martins Cunha, foi possível confirmar a realização de tal torneio e relacioná-lo a SEM, tendo em vista que, dentre os troféus guardados, um deles diz respeito ao Torneio Início, como se observa na Figura 16.

Figura 16 - Troféu "Troneio Início" de futsal da SEM conquistado pela equipe Playboy

Fonte: Acervo do autor (2025)

Um ponto a ser destacado diz respeito à valorização que a modalidade de futsal possuiu no evento, e ainda possui. Lembrando a fala do interlocutor Meireles (2025) que, quando os times passaram a receber pontos pelas modalidades nas quais eram campeões, o futsal era a modalidade que dava a maior pontuação, seguida da modalidade de voleibol. O interlocutor Igreja (2025) também destaca que as modalidades de vôlei e futsal eram, e ainda são consideradas as principais modalidades do evento, quando ela fala que: “na época não era como hoje [...] se quiser, eles fazem o principal, que é o vôlei e o salão”.

As práticas esportivas realizadas durante a SEM, além de preencherem uma semana inteira, mudando a rotina do município do município, também ocupavam os diferentes espaços de Mocajuba. O palco principal dos jogos era a quadra de Esporte Irmão Vieira, lugar onde ocorriam as modalidades coletivas e onde também eram realizadas as cerimônias de abertura e o encerramento do evento. O espaço pode sem compreendido como o “coração da SEM”, pois ele foi, e continua sendo, o local no qual diversas memórias foram criadas e que, assim como o evento, passou por mudanças e melhorias conforme os anos foram se passando.

Pollak (1992) destaca que, além dos personagens e dos acontecimentos, os lugares também podem ser compreendidos como lugares de memórias. Seriam esses, os lugares que estão particularmente ligados a uma lembrança, que, talvez não permita uma recordação cronológica exata, mas que permanece forte na memória da pessoa, como locais de férias, de comemoração e festejo, monumentos, dentre outros. Os lugares de memória, de acordo com Nora (1993), são, antes de qualquer coisa, restos, eles nascem e vivem no sentimento de que

não há memória que seja espontânea e de que é necessário um arquivo para retomar a esses momentos. Desse modo, seriam mais que lugares físicos, como monumentos, museus, cemitérios e arquivos, mas também seriam comemorações, aniversários, tratados, processos verbais, dentre outros.

Pelas falas dos interlocutores e pelas fotos registradas no período, é possível visualizar como a quadra era no começo do evento e as mudanças pelas quais ela passou durante os anos. O interlocutor Medeiros (2025) fala sobre algumas características da quadra:

> A nossa quadra era a menor que tinha, porque ela tem três tipos (quadras com três tamanhos diferentes). Nós já a usávamos dentro da regra, ele era piso queimado e sempre foi piso queimado. Nós nunca tivemos uma quadra como ginásio, nunca tivemos uma quadra coberta, com piso de taco. Nós tivemos sempre com esse piso queimado, que ainda hoje funciona assim.

O interlocutor Meireles (2025) apresenta uma descrição mais completa do espaço:

> A quadra Irmã Vieira era uma quadra básica, sem alambrado. O alambrado (separação do espaço de jogo com o espaço da plateia) eles confeccionaram, na beira da quadra, uns tutores de madeira com cabo no lado, para a torcida não invadir a quadra. Aqueles cabos não deixavam a torcida vir para o meio da quadra.

Por meio da fala dos narradores, é possível compreender que a quadra era um espaço descoberto, que não apresentava muros nem alambrado que separassem os atletas do público que prestigiava os jogos. Para separar e conter os espectadores e para que eles não invadissem a quadra, foram colocadas, ao redor do local, cordas presas em pedaços de madeira que eram afincados no solo.

Na Figura 17, que apresenta a entrada da equipe do Santos carregando sua bandeira, no que provavelmente seria a cerimônia de abertura, observa-se os aspectos da quadra narrados pelos interlocutores. Nota-se, ao redor da quadra, a presença do público que acompanha o momento, sendo possível perceber muitas crianças apoiadas nas cordas que passam ao redor da quadra bem próximas das linhas que demarca a lateral. Também é possível observar que o espaço era a céu aberto e apresentava, aparentemente, uma dimensão pequena, sendo o piso exatamente como o apresentado nas falas dos interlocutores.

Figura 17 - Apresentação da equipe "Santos" na abertura da SEM

Fonte: Acervo pessoal do Prof. Emerson Pereira (2025)

Com o passar dos anos, o local ganhou alambrados e arquibancada de madeira, com um espaço destinado à cabine do locutor, no meio. Durante muito tempo, a arquibancada foi apenas de um lado da quadra, permanecendo do outro lado com as cordas de separação. O interlocutor Sacramento (2025) descreve o espaço da quadra, já com a presença da arquibancada e da cabine dos locutores:

> A Quadra Esportiva Irmã Vieira, que naquela época era a céu aberto, era (com piso) de concreto armado e tinha a arquibancada lateral do lado direito, que a estrutura era toda em madeira. Tinha também cabine da Rádio Guarani, que ficava por trás, de onde se narravam os jogos. Tinha em volta dela também, por conta de a torcida não invadir do outro lado, porque de um lado tinha a arquibancada do outro tinha em volta, eu não lembro direito se era um arame, eles passavam arame para que os torcedores não invadissem a quadra.

Desse modo, na Figura 18, percebem-se as mudanças no espaço, que, depois de alguns anos, passou a contar com a arquibancada em apenas um dos lados, mas mantendo ainda as cordas ao redor da quadra, demarcando a separação do espaço destinado às práticas e os espaços destinados à contemplação por parte do público. Também se nota, ao fundo, o espaço destinado aos narradores dos jogos, à cabine da Rádio Guarani. Depois de alguns anos, o espaço passou a contar com alambrados, que realizavam essa separação entre o público e o espaço de realização dos jogos.

Figura 18 - Apresentação das equipes na cerimônia de Abertura da SEM

Fonte: Página de *Facebook* Mocajuba Antiga (2019)

A Rádio Guarani é considerada uma das grandes apoiadoras dos jogos da SEM. Segundo os interlocutores, ela participou das narrações dos jogos desde o começo do evento. É mencionado que, quando o ambiente da quadra não apresentava um local destinado para os narradores dos jogos, estes subiam na Escola Almirante Barroso e, ficavam de lá, narrando os jogos com uma espécie de megafone improvisado. A escolha do local, segundo as histórias, se dava porque a escola era o local mais alto e permitia uma visão mais ampla dos acontecimentos. Na Figura 19, foi capturada essa cena icônica da participação dos narradores no segundo andar do prédio da escola, que fica ao lado da quadra, com o esse objeto que seria usado como uma espécie de megafone, narrando os acontecimentos que observava na quadra.

Figura 19 - Apresentação da esquipes na cerimônia de abertura da SEM

Fonte: Acervo pessoal do Prof. Emerson Pereira (2025)

Atualmente, o local onde a quadra de esporte Irmã Vieira ficava localizada deu espaço para o ginásio poliesportivo do município (Figura 20), que conta com uma estrutura coberta, arquibancada de concreto, um palco para a realização de shows e a cabine destinada aos narradores, bem diferente daquela na qual os jogos tiveram seu início. O espaço continua sendo o palco principal da SEM e, a cada ano, continua lotando durante a realização do evento.

Figura 20 - Ginásio poliesportivo Irmã Vieira

Fonte: Acervo do autor (2025)

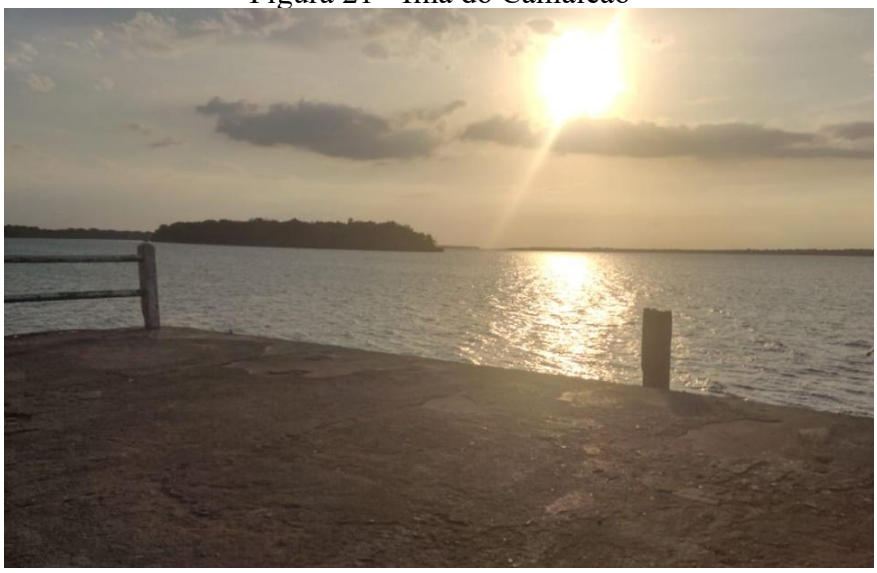
Banhado pelas águas do rio Tocantins, o município e seus habitantes possuem fortes vínculos como os espaços aquáticos presentes em Mocajuba e em localidades próximas, retirando deles seus alimentos, navegando por suas águas e utilizando-os como espaço para locomoção e, sempre que possível, o visitando para banhos e outras formas de lazer. Sendo tão presente na vida a população mocajubense, que aprende desde muito jovens a apreciá-lo, o local, que banha a frente da cidade, também fez parte da história da SEM. O rio foi palco das modalidades de natação, regata/canoagem, torneio de pesca e da prova de fôlego, atividades que sempre estiveram presentes na vida do povo mocajubense, desde antes dos jogos. Normando (2007) destaca que, em toda a história de ocupação da Amazônia, os diversos povos que nela existiam sempre fizeram uso das peculiaridades hidrográficas a seu favor, transmitindo a seus descendentes os fascínios pelas águas e levando-os a uma predileção pelos banhos, pelas pescas e pelos lazeres à beira dos rios, aspectos que ainda marcam a cultura amazônica tão vivamente.

Para Vasques (2021, p. 586), as diversas culturas amazônidas abrangem “um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearam a sua organização social em um sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terras firmes”, o que permite compreender como essas comunidades que vivem perto dos rios apresentam forte vínculo com esses espaços.

Antes de falar sobre os aspectos estruturais do local, vale mencionar que as disputas de natação e de regata eram realizadas como uma travessia, do trapiche da cidade para a ilha do Camaleão, segundo o interlocutor Medeiros (2025): “a natação nossa era a travessia, acompanhada dos barcos, os nadadores saíam daqui do trapiche e eles iam na ponta da ilha do Camaleão e de lá eles vinham para chegar aqui”. A ilha do Camaleão é uma ilha localizada na frente da cidade.

Na Figura 21, é possível observar, à luz do pôr do sol, a ilha do Camaleão a parti de uma visão do trapiche municipal de Mocajuba. Na imagem é possível verificar o trajeto feito pelos jovens nas modalidades de natação e regata. A interlocutora Bacha (2025) revela que esse percurso era feito da ilha do Camaleão até uma certa parte na frente da cidade onde os pés alcançavam a terra: “Olha, a natação naquela época era no trapiche [...] a gente saía daí, pulava no barco (se deslocava até a ilha do Camaleão), da ilha do Camaleão a gente nadava até um certo local. Ai, (na frente da cidade) não era ainda a Praia dos Gorgos, a praia mesmo era na frente da igreja”.

Figura 21 - Ilha do Camaleão



Fonte: Acervo pessoal de Fabricio Dias (2025)

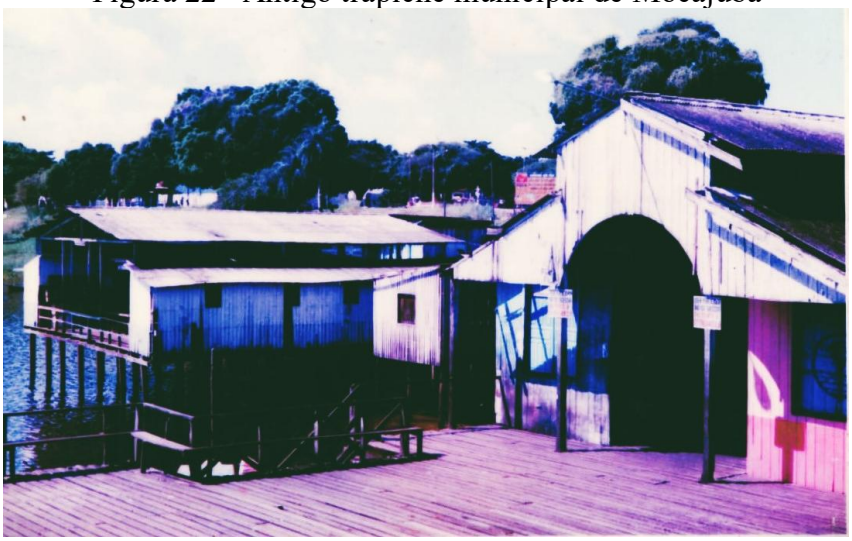
Sempre realizado na frente da cidade, o trajeto da prova também foi realizado, em algumas edições, da forma inversa, conforme aponta o interlocutor Castro (2025): “natação era feita aqui na frente da cidade no antigo mercado, de lá atravessava da ilha do Camaleão para cá ou daqui para a ilha do Camaleão, mas era mais de lá da ilha para a cidade”. O interlocutor Américo (2025) também relata que: “a regata era da ilha do Camaleão para a cidade. Natação também era da ilha do Camaleão para a cidade”.

A pesca era realizada no trapiche, na parte de baixo da estrutura. A prova de fôlego também acontecia nesse espaço, as competições eram feitas na frente do trapiche municipal, conforme apontado nas falas do interlocutor Meireles (2025): “a respeito da prova de fôlego, acontecia no trapiche municipal, lá nas defesas, o pessoal ficava olhando os participantes”. As “defesas” eram as estruturas de madeira colocadas estrategicamente à frente do trapiche, como uma forma de proteção para que as embarcações não se chocassem diretamente com a estrutura. Já prova de fôlego era a forma como os interlocutores costumavam denominar uma modalidade realizada na SEM a partir da década de 1980. Ela consistia em uma prova na qual o atleta deveria mergulhar e permanecer embaixo d’água, prendendo a respiração pelo maior tempo que conseguisse.

O trapiche municipal, durante muitos anos, foi uma estrutura de madeira onde os barcos atracavam para o embarque e desembarque de pessoas e mercadorias. Nesse espaço, também ficavam localizadas algumas barracas de vendas das mais variadas. Nas falas do interlocutor Meireles (2025), verificam-se algumas características do espaço: “era no trapiche municipal, vocês podem lembrar, quem já assistiu ao filme “Mocajuba no pano branco”, nós tínhamos um trapiche de madeira de lei”.

Na Figura 22, nota-se como era essa estrutura de madeira na qual os barcos atracavam e onde essas modalidades eram realizadas. Na lateral da estrutura, observa-se uma escada que levava à parte de baixo do trapiche, utilizada no período de maré baixa. A parte coberta da estrutura dava lugar para diferentes barracas de vendas e serviços, todas construídas em madeira. No espaço, era possível encontrar comércios, bares, restaurante, venda de lanches, vendas de pirarucu e peixes secos, produtos de artesanato e serviço de barbearia, entre outros.

Figura 22 - Antigo trapiche municipal de Mocajuba

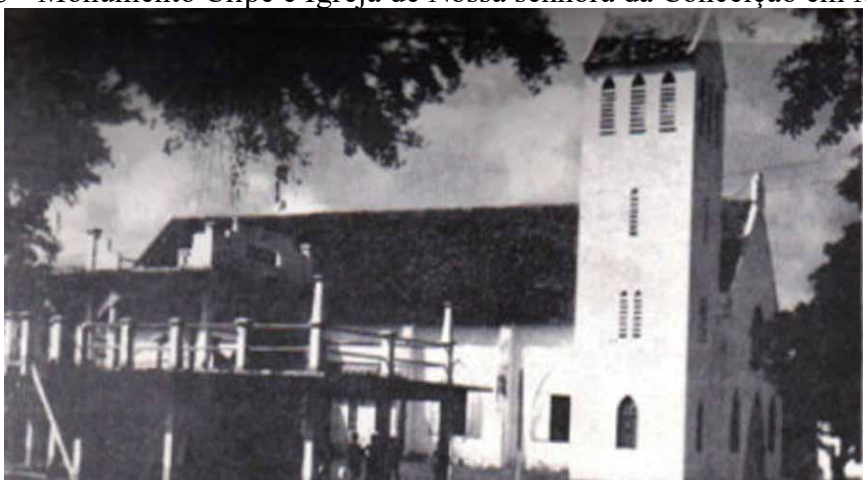


Fonte: Acervo pessoal do Prof. Emerson Pereira (2025)

Outro ambiente que recebia a realização de modalidades era a Praça de Nossa Senhora da Conceição, mais especificamente o antigo monumento que se localizava na praça, conhecido como Clipe. No local, foram realizadas as modalidades de dama, dominó e tênis de mesa, conforme se observa nas falas do interlocutor Américo (2025): "tênis de mesa, a dama e o dominó eram feitos no antigo Clipe que demoliram não sei por quê. Era embaixo do Clipe que eram feitas essas modalidades, eram todas na praça da Conceição". O interlocutor Meireles (2025) acrescenta a modalidade de tiro ao alvo, que também se realizava no espaço mencionado: "o dominó, dama, tiro ao alvo eram realizados no nosso Clipe, na Praça da Conceição, que hoje esse clipe não existe mais, devido às demolições de vários governos que se passaram, só resta a lembrança do Clipe da nossa cidade".

Os interlocutores não deram muitos detalhes sobre o espaço, contudo, na Figura 23, é possível observar algumas características dele. Nota-se uma estrutura feita de alvenaria, sem cobertura e sem paredes que restringissem o acesso. Embaixo do local, é possível perceber a silhueta de pessoas, esse provavelmente era o local onde tais modalidades eram realizadas. Como mencionado pelos interlocutores, esse monumento não existe mais, pois ele foi demolido durante os processos de reforma da Praça Nossa Senhora da Conceição.

Figura 23 - Monumento Clipe e Igreja de Nossa senhora da Conceição em Mocajuba



Fonte: Projeto Mocajuba Memória Viva (2006)

Nos anos seguintes, as modalidades passaram a ser realizadas em outros espaços, que eram determinados pelo Comitê. Entre eles, o principal foi o galpão do Colégio Instituto Nossa Senhora das Graças (Figura 24), de acordo com o que conta o interlocutor Guimarães (2025): "dominó era em locais determinados, o galpão da freira era o principal local, o galpão lá do Colégio Nossa Senhora das Graças, e tinha o tênis de mesa masculino e feminino". O interlocutor Sacramento (2025) também recorda desse espaço como local de realização dessas modalidades: "o tênis de mesa se dava dentro do Instituto Normal Nossa Senhora da Graça, que tinha um salão lá, e a gente participava dos jogos de tênis [...] dama, dominó também se dava no Instituto Normal Nossa Senhora da Graça".

Figura 24 - Instituto Nossa Senhora das Graças

Fonte: Acervo pessoal do Prof. Emerson Pereira (2025)

As modalidades de corrida, maratona e ciclismo sempre foram realizadas nas ruas da cidade, conforme observado nas falas dos interlocutores: "a corrida sempre se dava na rua

aqui de Mocajuba, só não me lembro de onde começava e onde terminava" (interlocutor Sacramento, 2025); "o ciclismo era nas ruas mesmo. Corrida era na rua. Mocajuba, nessa época, não era nem asfaltado, era areia" (interlocutora Bacha, 2025). De acordo com o que conta o interlocutor Meireles (2025), as corridas tiveram suas provas feitas em diferentes ruas do município: "200 metros, eu lembro que, na primeira vez, aconteceu na Rua 15 de Novembro, também ocorreu na Tv. Alexandre de Castro, rua do cemitério, participei também na Rua João Alfredo e na Rua João Machado, as ruas que eram designadas para a gente correr". As características apresentadas pelas ruas do município já foram apresentadas neste estudo, razão pela qual não serão descritas novamente.

O Interlocutor Meireles (2025) também apresenta um dos possíveis trajetos utilizados na prova de maratona: "a maratona, pela primeira vez, saiu da boca do Guariba, Estrada Miguel Dias de Almeida, e a chegada era no Bar São Geraldo, na Cidade Velha, que hoje é na Praça da Conceição, pela primeira vez que eu lembro". Outro possível trajeto da maratona é observado na fala do interlocutor Américo (2025), na qual ele descreve:

> A corrida, antes de ter a BR, era realizada aqui dentro da cidade. Eles faziam parece da frente do Instituto a partida, rodava parece que pelo Arraial, rodava pela rua da frente até a praça da Conceição, entrava na travessa que vai para o cemitério e se encontra (a chegada) em frente ao Instituto de novo.

Pouco foi comentado sobre o desfile das misses, por esse motivo, as informações apresentadas partem da fala de um único interlocutor. Assim como outras modalidades, o desfile das misses já teve sua realização sendo feita em diferentes locais. O interlocutor Meireles (2025) destaca que: "as (desfile para escolher) Misses, primeiro, começou no Salão Líder, depois foi pra Associação que nós tínhamos aqui, o Clube de Mocajuba". Os espaços do Salão Líder e do Clube foram pouco detalhados nas entrevistas, fato que impossibilita conhecer melhor esses locais.

Além disso, outros espaços, como a orla de Mocajuba e alguns bares, podem ter recebido outras modalidades pouco comentadas, como torneio de pipas e a disputa de bilhar, como comenta o interlocutor Sacramento (2025): "a disputa de pipa, essas coisas, se dava aqui na orla de Macajuba", bem como, a interlocutora Bacha (2025): "bilhar, salvo engano, tinha o Bar Pipira, era lá que era realizado".

Essas modalidades, realizadas durante o período de uma semana em que a SEM era disputada, ocorriam nos mais diferentes ambientes do município de Mocajuba. Elas movimentavam a cidade, fazendo com que o município tivesse mais vida e animação, estando repleto de pessoas que se deslocavam para esses lugares acompanhando o evento e

transmitindo energia para os jovens competidores. Essa receptividade e participação da população será o assunto abordado no próximo tópico, juntamente com os sentidos que esses jovens atribuíam às suas participações na SEM.

4.3 A Semana Estudantil Mocajubense como espaço de sociabilidade: participação popular e significados atribuídos

Antes de apresentar a SEM enquanto espaço de sociabilidade, faz-se necessário compreender o que se entende por sociabilidade. De acordo com Simmel (1983), a sociabilidade estaria presente nas ações e relações sociais que são realizadas com fins nelas próprias, livres de interesses materiais ou individuais, existindo apenas por elas mesmas e pelo fascínio que difundem ao se libertarem desses interesses. Dessa forma, o autor evidencia que a sociabilidade é uma forma lúdica ou autônoma, pura e livre das relações meramente formais. Assim sendo, compreende-se que as ações e relações observadas na realização da SEM, a partir das narrativas apresentadas pelos interlocutores, correspondem a um processo de sociabilidade que ocorre de maneira natural dentro daquela realidade.

A Semana Estudantil Mocajubense foi um evento inovador que mexeu com grande parte dos moradores do município. Por meio das narrativas dos interlocutores, é possível perceber que o evento se concretizou como uma grande festa em celebração ao esporte e, como tal, era considerado uma ocasião especial em que as pessoas mudavam suas rotinas para estarem presente nesses momentos. Burke (2010) destaca que nessas ocasiões festivas as pessoas costumam parar seus trabalhos e celebrar de maneira farta desde muitos anos atras, pois esses momentos são vistos em oposição a suas vidas cotidianas, constituindo-se como grandes acontecimentos nas vidas das pessoas.

Segundo Castro (2008), em situações de competição, a cooperação também pode ser fazer presente, e vice-versa, e isso não somente no esporte, o que faz com que a competição não seja algo ruim que deva ser superado. Para o autor, a presença da competição nos jogos, nas brincadeiras e nos esportes pode servir como elemento para a construção de uma outra forma de sociabilidade.

A prática do esporte realizada durante o evento contagiava a população, que participava ativamente, tanto aqueles que residiam em Mocajuba como aqueles que moravam em outros municípios e retornavam à cidade para prestigiar a SEM. O interlocutor Américo (2025) fala sobre a participação da população: “Muito boa, o pessoal lotava (a quadra). Até hoje o ginásio enche [...] muita gente [...] na Semana Estudantil em Mocajuba as pessoas se

mudavam para cá, pessoal do interior, pessoal que vinha de Belém, chegando nas embarcações, [...] era um movimento muito bonito". Segundo o interlocutor Sacramento (2025):

> Essa era uma coisa que contagiava o município, então a população participava ativamente. Quando o pessoal vinha de Belém para cá, no período de férias de julho, eles já vinham mais para a última semana, justamente para participar (na SEM), tanto os atletas que jogavam quanto as pessoas que faziam parte da torcida do clube, e isso movimentava, sempre movimentou, a cidade. Então, o pessoal participava ativamente.

O esporte é um fenômeno expressivo e, sem dúvida, faz parte da vida da maioria das pessoas em todo o mundo, seja por meio da prática ou da apreciação, conforme coloca Bracht (1997). Para Minello e Carvalho (2002), o esporte tem a capacidade de despertar diversos sentimentos nos espectadores, os quais atraem as pessoas e motivam a participação do público no intuito de se socializar, torcer, vibrar, extravasar, se emocionar, entre outros.

O evento parava considerável parte da cidade, que ia acompanhar e torcer pelas equipes nas diferentes modalidades e em qualquer espaço que elas estivessem sendo realizadas. Segundo o interlocutor Castro (2025), um fator que acabava sendo determinante para essa participação intensa da população era o fato de o município não contar com muitas atrações e festas no período em que a SEM foi criada. Como conta o interlocutor:

> Naquela época não tinha festa, a festa que tinha só era à noite, no Franco Filho. Quando tinha o jogo, lá na praça, parava a cidade, todo mundo ia para lá. Hoje não, hoje tem a Semana Estudantil, tem o bar do Aldo, tem festa para ali, então mudou, já não é mais como era antigamente, que parava a cidade só para (acompanhar) aquele evento. Mudou muito as coisas.

De acordo com o interlocutor Igreja (2025), o fato de a quadra, naquele período, ser um espaço aberto e não haver cobrança de entrada para a torcida assistir aos jogos também era um ponto que atraía a população e ajudava nessa grande participação do povo mocajubense. Em sua fala, ele destaca que a população participava:

> Muito mais do que hoje. A quadra era aberta, não tinha uma semana que não desce demais gente, dava muita gente mesmo. Hoje o ginásio é fechado, eles cobram, antigamente não, era ao ar livre mesmo, não tinha cobrança nenhuma. Cada um se aglomerava na arquibancada e era feito isso, (a população) ia muito, ia em peso mesmo.

Na fala de todos os interlocutores, evidencia-se que a participação da população mocajubense na SEM sempre foi muito expressiva, ocorrendo de forma grandiosa e festiva. A

participação começava no trapiche municipal, momento, que é narrado com muito carinho pelos interlocutores, que dizem que a população fazia uma grande festa para receber os jogadores que vinham de Belém, nos barcos, para participar dos jogos. O interlocutor Castro (2025), por exemplo, fala um pouco desse momento: “chegávamos de barco aqui, o pessoal estava esperando a gente no trapiche, o trapiche lotado esperando jogadores chegarem, de salão, de vôlei, porque, naquela época, a gente vinha de barco, saía de Belém às 6 horas da tarde e chegava em Mocajuba às 5, 6 horas da manhã”. Já o interlocutor Meireles (2025), ao lembrar da chegada dos jogadores para participar da SEM, traz mais informações sobre esse momento:

> Eu queria frisar também que, quando o pessoal de Belém vinha, que os barcos traziam o pessoal de lá de Belém. Eles davam uma volta olímpica na frente da cidade, muita gente aplaudia, era muita festa. Inclusive, eles traziam, eu lembro, as bandas de Belém, Chakra Som, Pantera, no barco Rodrigues Alves. O saudoso João Vale arcava com a despesa dessas bandas para animar a nossa Semana Estudantil Mocajubense.

A Figura 25 representa um pouco da fala dos interlocutores sobre a recepção feita para os jovens atletas no trapiche municipal de Mocajuba. Apesar de não apresentar traços ou informações que possam ligá-la diretamente ao evento estudado, ela permite ver como essas pessoas ficavam aglomeradas em um pequeno espaço, sobre uma estrutura que, talvez, em sua aparência, não se demonstrasse tão resistente como de fato era.

Figura 25 - População no trapiche municipal de Mocajuba aguardando as embarcações

Fonte: Projeto Mocajuba Memória Viva (2006)

Um detalhe interessante se encontra na narrativa da interlocutora Moreira (2025), que contou sobre a recepção calorosa que os participantes de fora do município recebiam, apresentando uma perspectiva um pouco diferente das falas proporcionadas pelos demais interlocutores, revelando uma questão que poderia passar despercebida a respeito da recepção para esses participantes. Nas palavras da interlocutora:

> A nossa torcida fazia festa, a torcida adversária já não gostava, porque, como a gente não era da cidade também, tinha às vezes (que a gente ouvia) assim: "não, porque não é o pessoal da cidade". Mas a nossa torcida, [...], a Cláudia era maior do que eu, os meninos também, e o masculino todo, gente muito alta. Tinha uma diferença, a gente tinha muita agilidade, muita técnica, então a gente se destacava. Isso chamava atenção, eles vibravam, aplaudiam, mas, às vezes, também o pessoal contrário vaiava a gente. [...] Foi uma experiência muito bacana, porque a gente sentiu que parecia que nós éramos estrelas. O pessoal que vinha de fora e chegava, a gente foi super bem tratada, tinha todo o uniforme para a gente jogar, tinha todo esse suporte.

Apesar de ser algo que possa parecer normal, o fato de a torcida adversaria não celebrar muito essa participação desses jogadores de fora, esse aspecto só foi revelado graças à presença dessa interlocutora. Mas, fica evidente que, apesar do descontentamento, esses atletas, por apresentarem melhor preparo e maiores estaturas, destacavam-se durante o evento, elevando o nível dos jogos e abrilhantando ainda mais as competições.

Na hora dos jogos, a população participava com a mesma grandeza, festejando junto com os jogadores a realização do evento, "vinha para a quadra, enchia a quadra e soltava pistola, era foguete e tudo. Naquele tempo vinha bandinha, vinha tudo, era muito animado." (interlocutora Pinto, 2025). Os interlocutores falam que o espaço da quadra ficava sempre lotado, não apenas pelos torcedores das equipes que estavam disputando no momento, mas também por amantes do esporte que iam acompanhar e dar um incentivo a mais para os jovens. Segundo conta o interlocutor Medeiros (2025):

> Na época não era ginásio, o nosso era uma quadra esportiva, cercada com corda. Isso aqui (a rua) ficava cheio de gente na hora dos jogos de futsal. Durante a semana, você tinha bastante gente, bastante torcedores, cada um tinha o seu clube. Por exemplo: "a hoje vai jogar Skylab e Santos". A torcida do Santos e Skylab estava em peso, mas todos vinham assistir para ver os atletas jogarem. [...] Esse povo sempre com a gente, a gente ia pescar lá no trapiche, estava gente [...] sem comentários, o apoio total.

O interlocutor Meireles (2025) conta um pouco mais a respeito dessa participação do público nos jogos:

> Foi uma inovação mocajubense. Esses rapazes, meus amigos, meus colegas, que hoje alguns ainda estão por aqui, quando eles trouxeram essa ideia, atraía muita gente para a quadra Irmã Vieira, isso mexia com a cidade. A quadra, para nós, era uma quadra grande para uma cidade pequena. Era tanta gente que não cabia na quadra Irmã Vieira, ficavam na rua olhando, até por cima dos muros do Colégio Nossa Senhora das Graças, porque essa rua do fórum não existia, era só um terreno grande. Eles ficavam por cima para ver, e às vezes faziam até algum andaime pequeno para olhar o evento.

Bracht (1997) aponta que algumas características tornam os esportes atrativos para o estado. Dentre elas, estariam a facilidade de compreensão das regras, que, segundo autor, são fáceis e apresentam resultados anunciados logo ao final da competição. Resultados estes que são imprevisíveis e que fornecem sentimentos fortes aos envolvidos. Além disso, o esporte apresenta uma possibilidade de identificação com um coletivo, seja uma equipe amadora, local ou de sua nação, características estas que de certa forma permitem entender o que levaria a população mocajubense a essa intensa participação no evento, de acordo com o que foi narrado pelos interlocutores.

Castro (2008) ressalta que trabalhadores que não possuem seus empregos relacionados ao esporte costumam enxergar nos atletas as suas potencialidades e acabam por se projetar neles, torcendo por suas realizações e se identificando com elas, criando assim, os mitos e heróis dos eventos, em um processo de dramatização do esporte, o que também é outro fator que acaba por levar as pessoas a se sentirem atraídas pelas práticas esportivas.

A relação dos expectadores com a SEM pode ser entendida, também, a partir da perspectiva do lazer, que diz respeito às práticas vivenciadas no "tempo livre" das atividades relacionadas ao trabalho e a outras obrigações, ou seja, no "tempo livre" (Marcellino, 1996). Sendo assim, a atividade de lazer pode se dar tanto pela prática da atividade esportiva quanto pela contemplação do esporte, enquanto espectador em casa assistindo a um jogo de futebol ou mesmo no ginásio ou praça (Pizani, Amaral e Paes, 2012). É possível, portanto, compreender que essas pessoas, por meio da contemplação dos jogos da SEM, estavam envolvidas em uma atividade de lazer, pois estariam desenvolvendo, em seu "tempo livre", uma atividade que para elas poderia ser prazerosa e que lhes trazia satisfação ao ser realizada.

A participação não se limitava às modalidades que eram realizadas na quadra, ela ocorria de forma semelhante em todos os outros espaços, sempre havendo pessoas presentes prestigiando as modalidades que eram realizadas. O interlocutor Santos Filho (2025) lembra um pouco de como era essa participação nesses outros espaços: "Ótimo. Cada ano foi excelente. Rapaz, aquilo levantou o pessoal. A gente ia para o trapiche, levava a aparelhagem [...], a gente fazia aquele movimento espetacular. Todos nós aqui. Aí o pessoal acompanhava

[...] a quadra enchia de gente". Já o interlocutor Meireles (2025) narra o fato da seguinte forma: "A torcida toda na beira da rua, muita gente para aplaudir os corredores. Assim como no caso da regata, muita gente na frente da cidade para acompanhar o evento da regata, muita pistola, até foguete soltavam, charanga, faixas aí na frente da cidade".

A Figura 26 mostra um jovem com uma pistola mirando o que provavelmente seria um alvo que não aparece enquadrado na fotografia. Ela retrata a realização da modalidade de tiro ao alvo realizada na SEM. Pela figura, pode-se notar que a modalidade está sendo realizada na praça da Conceição, ao lado da igreja, e é acompanhada por um grupo de pessoas, algumas em pé e outras sentadas no chão. Entre elas, encontram-se algumas crianças, mostrando como a população, de fato, ia para esses diferentes espaços a fim de acompanhar o evento. Essas pessoas estavam posicionadas próximas do atleta que se preparava para realizar o disparo, sem nenhuma forma de separação ou de manter elas afastadas.

Figura 26 - Modalidade de Tiro ao Alvo na praça Nossa Senhora da Conceição

Fonte: Página de *Facebook* do interlocutor Guimarães (2025)

Os ritos e festas, segundo Burke (2010), desempenham funções sociais que às vezes são bem evidentes, como no caso da diversão e da pausa no seu cotidiano, dando ao povo algo pelo que ansiar. Contudo, também podem servir como forma de aviso ou mesmo de hostilizar outros indivíduos, sem o possível julgamento que poderia acompanhar tais ação em momentos da vida diária. As interpretações para essas manifestações populares são diversas. O mesmo se observa nos eventos esportivos, pois, segundo Martins *et al.* (2002), os espetáculos esportivos geram um certo fanatismo popular, que pode provocar a alienação social do povo. Para os

autores, as pessoas mudam ao entrarem nos espaços esportivos, permitindo-se expressar sentimentos de formas que normalmente não fazem, permitindo que a razão ceda espaço para ações puramente emocionais.

Na compreensão de Burke (2010), o mundo, da forma que se apresenta, com suas desigualdades, necessitaria de uma válvula de escape, uma forma de as pessoas purificarem suas frustações e ressentimentos. Por esse motivo, as festas e rituais eram permitidos pelas altas classes. É possível entender que a SEM poderia representar, para a população mocajubense, essa mudança na sua rotina, essa "válvula de escape" repleta de diversão e de colaboração.

O anseio pelo evento também foi algo presente. Assim, o evento representou alegria e sociabilidade, e continua representando até os dias atuais, mas também representou companheirismo e colaboração. A interlocutora Bacha (2025), ao falar do evento, compara a SEM como se fosse para o município o que o Círio de Nossa Senhora de Nazaré é para Belém. A interlocutora conta que: "a Semana Estudantil Mocajubense era como se fosse o Círio de Nazaré em Belém, todo mundo esperava por essa semana. Era a Semana Estudantil Mocajubense e a festa da Conceição, no dia 8 de dezembro, que era quando a cidade recebia muitas pessoas". Esse aspecto presente na fala da interlocutora remete a um ponto apresentado por Burke (2010) sobre as festas vividas nas sociedades tradicionais, em que as pessoas passavam os momentos não festivos vivendo da lembrança de uma festa e na expectativa da próxima.

Obviamente, a comparação feita pela interlocutora não foi no sentido do que essas manifestações populares significam para o povo, em que no caso do Círio de Nazaré é uma manifestação da fé do povo paraense. A comparação foi mais no sentido de querer evidenciar que o evento, no contexto municipal, teve uma capacidade de atrair a população para celebrar e festejar junto aos jovens atletas, como também a interlocutora Moreira (2025) conta:

> Aquela quadra ficava lotada, era muita gente, era uma grande festa. A gente entrando na quadra para jogar, o nosso grupo, a torcida e o pessoal gostavam de ver a gente, vindo de Belém [...]. Mas uma coisa que me impressionou muito foi como aquilo mexia com a cidade. Era uma movimentação, pelo menos naquela área onde estavam acontecendo os jogos, as pessoas ali, as torcidas, o grupo de jovens participando [...]. Então, era uma coisa impressionante como movimentava a cidade. Inclusive, aqui em Belém, a gente já conhecia os jogos de Mocajuba [...]. Então, era uma coisa muito grande na cidade.

Para a interlocutora Bacha (2025), um dos fatores mais importantes da SEM era que ela trazia de volta as pessoas que, por qualquer motivo, haviam deixado a cidade, conforme se observa no trecho a seguir:

> Um dos fatores muito importantes da Semana Estudantil Mocajubense era que ela trazia de volta aquelas pessoas que tinham saído muito cedo para estudar e que retornavam na Semana Estudantil Mocajubense para rever a família, para rever os amigos. Era quando a gente costumava encontrar pessoas que tinham saído cedo (da cidade), porque aqui, naquela época, só tinha o primeiro grau. Eu, pelo menos, saí muito nova daqui, mas eu ficava vindo. Com 11 anos eu fui embora daqui, mas eu ficava vindo direto nas férias, na Semana Estudantil. Era a época que a gente conseguia reencontrar todo mundo, era na Semana Estudantil Mocajubense. Nem na festa da Conceição, que era também uma festa muito falada, a gente conseguia rever essas pessoas como na Semana Estudantil Mocajubense. Acho que um ponto fundamental na Semana Estudantil Mocajubense era realmente a reunião de praticamente todo mundo que saiu daqui para estudar e voltava na Semana Estudantil [...]. Tinha pessoas que tinham saído novinhas e só vinham em Mocajuba na Semana Estudantil Mocajubense, não vinham no Dia das Mães, em nada. Se você quisesse rever algum amigo seu que tinha 10 anos que você não via, vinha na Semana Estudantil que você iria revê-lo.

Por se tratar de um evento criando pelos jovens mocajubenses, a população se identificava com aquilo que era realizado na SEM e sentia pertencer àquilo que estava sendo realizado. Por essa razão, buscava apoiar esses jovens das formas que eram possíveis na época. Conforme Mathias (2023), a necessidade de pertencimento se trata de uma vontade característica da condição humana e independe do grupo que a pessoa pertence. Esse pertencimento pode ser caracterizado por vetores de sentido existencial, atrelados à afetividade, que de certa forma empregam todos os sentidos construídos e recebidos pelos atores sociais.

Sendo assim, o autor aponta que pertencer seria também sentir que suas ações são feitas com um proposito, que irá contribuir com algo, ainda que não seja para benefício próprio, sentir que suas ações têm valor, podendo ser boas ou ruins. Desse modo, pertencer seria perceber que suas ações e valores são compatíveis com os do próprio grupo, o que criaria uma certa estabilidade e faria com que o sujeito se sentisse bem naquele espaço ou grupo. Essa necessidade de se sentir pertencente a algum lugar ou grupo pode representar a motivação sentida pela população mocajubense em apoiar os jovens estudantes.

Apesar de não ser o objetivo do presente estudo, foi impossível que os interlocutores deixassem de comparar o momento em que participaram da SEM com o momento atual do evento. As comparações se fizeram presente nas falas, não apenas em questões que envolviam aspectos estruturais dos espaços e normativos dos jogos, mas também a qualidade do evento e a presença da população mocajubense.

Conforme se observa, as comparações aparecem na fala do interlocutor Guimarães (2025): “teve muito (a participação da população mocajubense), a Semana Estudantil, até o ano de 1994, 1995, era muito mais atrativa do que hoje. [...] Porque ela chamava atenção não só em Mocajuba, era no Pará todo, e muitas pessoas iam para assistir esses jogos lá”. O que também é observado em passagens já apresentadas, como a do interlocutor Igreja (2025), ao afirmar que a população mocajubense participava “muito mais do que hoje”. Percepção que também é expressa pelo interlocutor Castro (2025) ao mencionar que: “mudou, já não é mais como era antigamente, que parava a cidade só para (acompanhar) aquele evento, mudou muito as coisas”. Em outro momento, o interlocutor comenta: “não é mais como hoje, que o atleta vem só por causa do dinheiro, ele é pago para vim jogar, mudou, não é mais como antigamente. Antigamente era mais raiz, era uma Semana Estudantil top. Hoje mudou muito as coisas, mudou muito”.

De acordo com Nora (1993), a memória, sempre carregada por grupos vivos, está em constante mudança, aberta a diálogos de lembranças e a esquecimentos, que de forma inconsciente pode sofrer deformações e manipulações, e por seu caráter afetivo e magico, não se acomoda a detalhes que a confortam, alimentando-se de lembranças vagas, globais ou particulares, sensíveis a todas as transferências, censuras ou projeções, o que a torna, por vezes, suspeita. Dessa forma, nota-se a existência de uma espécie de visão nostálgica apresentada pelos interlocutores, que observam o evento como muito mais chamativo durante os anos que participaram.

Dentre os aspectos mais marcantes da realização da SEM e da participação da população mocajubense, destaque-se a participação de comerciantes e famílias do Município como patrocinadores. Segundo contam os interlocutores, o evento só foi possível de ser realizado porque os estudantes puderam contar com o apoio da população mocajubense. Esses jovens tinham uma prática de sair pelos comércios e pelas casas das famílias de Mocajuba para pedir apoio, não apenas para seus times, mas para o evento como um todo, como se observa na fala do interlocutor Medeiros (2025):

> [...] a gente pedia muita ajuda para as pessoas que financeiramente viviam bem, como no caso dos agricultores. Na época, a agricultura era forte aqui em Mocajuba [...]. Os empresários daqui se dividiram pelos clubes, iam lá “vou ajudar o Skylab”. Aí eu ia arranjar uma quantidade de pessoas e elas diziam “nós somos os investidores do Skylab”. Aí vinha, do Santos, outro investidor [...]. Nós tivemos essa motivação para fazer isso porque contamos com muito apoio das pessoas.

O interlocutor Santos Filho (2025) aponta que, para ele, “foram o Amintas Oliveira e o Zé Bahia as pessoas que mais cooperavam. A gente ia lá e sempre eles davam apoio”. Na fala do interlocutor Meireles (2025), é possível identificar outros apoiadores do evento:

> Nas primeiras edições, o nosso patrono da Semana Estudantil Mocajubense era um filho de Mocajuba, doutor Vicente de Paula Queiroz [...]. Sempre ele dava esse apoio, na abertura dava apoio, ajudava também os alunos dessa casa secundarista [...]. Então ele era o nosso patrono. Quando tinha a abertura, ele sempre vinha de Belém e fazia aquela abertura bacana.
> A nossa rádio, a Rádio Guarani, do saudoso Raimundo Cupertino, o seu Zezinho, que participava também. Os locutores da época eram o Alan Baixa e Caetano Gonçalves dos Santos. Ele, e o seu Zezinho, e os apoiadores, os comerciantes da época. José Bahia de Melo, que era o meu irmão, tinha comércio, Amintas Lopes de Oliveira foram esses dois que me lembro que mais ajudavam. Ajudavam com bola, troféus e medalhas.

As famílias que tinham maior poder financeiro na época normalmente tinham um time, que era a equipe pela qual torciam no evento e que elas mais apoiavam, mas nem por isso se recusavam a contribuir de alguma forma com os outros times. Como destaca o interlocutor Medeiros (2025):

> Nós tínhamos a família Cunha, que trabalhava no bem da Semana Estudantil [...]. Eles torciam pelo time, colocaram, na época, um time que era da família Cunha e apoiavam ao máximo, mas ajudavam todas as outras equipes quando a gente saía barganhando, apresentando uma lista de que nós éramos participantes da Semana Estudantil. Tinha a família Sacramenta, tinha a família Bahia de Melo, a família Guimarães [...], a nossa família, a família Moreira que era grande incentivadoras nossa [...]. Foram muitas famílias, as famílias de Mocajuba. Na época, todo mundo se fechou e ajudou a gente. Então foi por isso que saiu esse grande evento que até hoje está.

Os comerciantes e as famílias, além desse apoio financeiro e da compra de materiais para as equipes, muitas vezes também contribuíam com as medalhas e os troféus que eram entregues às equipes ganhadoras. Essa forma de apoio confirma-se nas placas fixadas nas bases dos troféus, nas quais, em alguns casos, ainda preservam essas informações e é possível identificar alguns nomes de pessoas que fizeram essas doações. Observa-se nas placas os nomes: oferta “Distribuidora Brahma”, oferta Comitê Estudantil Mocajubense, oferta Maria Nunes, troféu “Banco do Brasil”, em alusão aos seus respectivos doadores, conforme ilustrado na Figura 27.

Figura 27 - Placas de identificação dos troféus da SEM

Fonte: Acervo do autor (2025)

Dessa forma, nota-se que as ações comerciais apresentadas no evento, em seus anos iniciais, diferem do que normalmente é praticado em uma sociedade capitalista, na qual o lucro é o objetivo principal. Thompson (1998) utilizou o termo de “economia moral” para identificar certas relações comerciais que se fundamentam em uma visão tradicional de normas e obrigações sociais, bem como das funções econômicas peculiares realizadas por diferentes grupos de uma comunidade, relações essas que são reguladas segundo normas não monetárias. O termo é utilizado pelo autor para se referir aos motins da fome realizados em algumas regiões da Inglaterra no século XVIII, contudo, ele também destaca que o termo passou a ser usado para se referir a outras formas de interações econômicas que ampliam a determinação do que vem a ser “economia moral”. A ampliação do uso do termo para diferentes áreas e estudos traz consigo a necessidade de que ele seja redefinido em cada caso (Lechat, 2001; Thompson, 1998).

A economia moral pode ser percebida na realização da SEM pelo fato de ocorrer uma movimentação de um grupo de pessoas baseada em um conjunto de valores morais e regras que não estavam escritas em nenhum local, mas que levavam essas pessoas a ajudar os jovens. Nada obrigava os comerciantes e as famílias a ajudarem aqueles jovens, eles também não receberiam lucros e recompensas financeiras ou comerciais em troca dessas ajudas. Então, eles faziam por valores próprios e pelo desejo de ajudar ao próximo. Talvez um grande exemplo da economia moral nos jogos da SEM encontra-se na escolha das famílias que,

mesmo tendo um time que apoiavam e pelo qual torciam, não deixavam de contribuir com os demais times que solicitavam ajuda.

Para Lechat (2001), ao buscar uma visão moral para explicar essas ações, a natureza humana ensina que as pessoas são ligadas por regras culturais definidoras de suas ações. Nesse sentido, as pessoas seriam morais, pois procuram confirmar-se em princípios abstratos de comportamentos, porém, isso não quer dizer que elas sempre irão basear suas ações nessas regras, mas sim avaliar suas ações e comportamentos com base nelas. Desse modo, todo comportamento humano é um produto da cultura.

Segundo a autora, existiria um processo universal que consiste em dar, receber e retribuir, processo que, quando ocorre entre iguais, cria um espaço favorável à solidariedade. Assim sendo, a cultura determina como essas ações podem e devem ser realizadas em cada sociedade, para não serem consideradas ofensivas. Desse modo, a autora entende que os sujeitos de uma sociedade são educados para serem sociais em uma determinada época, sociedade e cultura, porém, eles possuem a capacidade de reinterpretar essa cultura e criar novas maneiras de se comportarem.

Dessa forma, autora apresenta, a partir de um amplo estudo sobre as formas de economias alternativas à econômica praticada nas sociedades capitalistas, o que seria a "economia solidaria", pontuando que ela se assemelha à "economia moral" por ambas se contraporem à economia política liberal do século XVIII. Todavia, diferencia-se pelo fato de a economia solidaria englobar tanto iniciativas populares quanto ações caritativas de outros setores populares, ampliando, assim, o campo que abrange. Sendo assim, a "economia solidaria" apresenta-se como outra alternativa para entender as ações econômicas verificadas na realização da SEM.

Outro exemplo de apoio e solidariedade é observado na fala do interlocutor Meireles (2025), que faz questão de fazer referência aos donos das embarcações que traziam os jovens de volta à cidade de Mocajuba: "[...] não deixar de mencionar os nossos amigos, os donos dos navios, o Rodrigues Alves, o seu João Valle, o seu Diquinho Trindade, que sempre ajudavam com algumas passagens para os alunos que vinham de férias no mês de julho para o torneio". Além das contribuições obtidas no município de Mocajuba, os estudantes também buscavam apoio na cidade de Belém, até porque muitos deles passavam grande parte do ano estudando na capital paraense, cujo retorno para a cidade de Mocajuba ocorria somente no período de férias e, em muitos casos, apenas para participar do evento.

De acordo com a interlocutora Moreira (2025), em sua experiência com a SEM, a impressão era de que alguns desses comerciantes também eram donos de alguns times, fato que pode ter se tornado mais comum a partir dos anos 80. Segundo ela:

> Existiam esses donos dos times, [...] que eram, tipo, os empresários, que tinham negócio em Mocajuba. Eles eram donos de alguma coisa de que eu não me lembro. Mas eram pequenos comerciantes, e eles contratavam, eles bancavam o time. Isso foi outra coisa que me chamou a atenção, foi essa organização de pequenos empresários ali [...] que gostavam muito de esporte e que faziam essa movimentação lá.

É interessante observar que o apoio para o evento vinha de muitos lugares e que cada interlocutor consegue perceber uma maior ou menor relevância desse apoio de um lugar ou de outro. Isso pode se dar pelo fato de que os clubes tinham aqueles apoiadores que eram mais adeptos a um time do que a outro e, por esse motivo, permaneceram de maneira mais duradoura nas lembranças desses interlocutores, como ponderou o interlocutor Medeiros (2025). O que fica salientado é que a SEM sobreviveu e cresceu graças a todo o apoio que esses jovens receberam da população mocajubense.

Elias (1994) revela que os sujeitos de uma sociedade se ligam por meio de suas funções dentro desse grupo, criando, desse modo, uma rede de interdependência. Mesmo aqueles que se encontram no local mais alto desse grupo têm sua função e depende dos demais realizarem suas próprias funções para manter o todo. Contudo, esse todo não é feito apenas da somatória dessas diversas individualidades. Sendo assim, o autor entende que todas as funções interdependentes são funções que uma pessoa exerce para as outras, e cada uma dessas funções depende das funções de outras pessoas, que, em sociedades complexas, precisam ser vinculada de forma ininterrupta, criando longas cadeias de relações, nas quais cada ação de cada indivíduo deve cumprir sua finalidade.

Desse modo, entendendo o evento da SEM como essa grande rede de interdependência, pode-se compreender que os apoiadores e patrocinadores do evento estavam realizando sua função dentro do grupo, o que levava ou permitia que os jogadores e os organizadores prosseguirem com o evento, cada um realizando sua função para que a SEM pudesse prosseguir e ser realizada, incluindo, nessa relação, a população que apoiava e incentivava à sua maneira, estando presente nos jogos, vibrando e torcendo pelas equipes, exercendo sua função enquanto membro dessa rede. Além disso, segundo Simmel (1983), as relações de sociabilidade não possuem propósitos objetivos ou de resultados que vão para além da própria ação em si, dependendo inteiramente do caráter e da personalidade dos

grupos em que ocorrem, tendo como objetivo apenas o sucesso do momento sociável ou, quando muito, a lembrança desse momento.

A SEM representou um momento marcante na vida daqueles que dela fizeram parte, e isso fica evidente nas falas dos interlocutores quando são questionados sobre o que significou o evento para eles e a importância de terem participado do evento em suas vidas. Considerada a maior festa de suas vidas ou um momento de aprendizagem, e até mesmo um motivo para retornar à cidade, a SEM representou muito mais do que a simples prática do esporte, ela era uma forma de alegria, de diversão, mas também um momento de aprendizado e um espaço de sociabilidade, que proporcionava o convívio e uma forma de manter ou ampliar as relações sociais. O interlocutor Guimarães (2025) revela o seguinte: "ela (a SEM) foi uma inspiração na minha vida, ela me motivava muito, me dava muita motivação na minha vida". O interlocutor Medeiros (2025) conta que:

> Na minha vida como atleta da Semana Estudantil, para mim, uma das maiores festas minha era a Semana Estudantil, porque eu trabalhava fora [...] então, para mim, a Semana Estudantil foi um dos maiores eventos da minha vida, como diversão, como esporte. A Semana Estudantil, para mim, eu era fascinado, e até hoje é uma das coisas que mexem muito comigo, porque, dessa época, quando eu iniciei, eu iniciei com todas as minhas amizades. Eu cresci junto com aquele pessoal, lá em Belém, eu ia na quadra do Alegria, eu ia na RESIP. [...] Então, a Semana Estudantil, para mim, [...] era um dos maiores eventos da minha vida.

O interlocutor Castro (2025) comenta que: "naquela época significava muito. A gente voltava para a cidade, a gente passava o tempo todo em Belém trabalhando, quando chegava na Semana Estudantil, a gente vinha para cá, então era muito significativo". Para o interlocutor Américo (2025), a SEM, além de ser um grande ensinamento, também foi um importante meio de criar vínculos sociais, conforme ele conta: "Olha, uma aprendizagem muito grande, em primeiro lugar, o espírito esportista. Eu obtive muito conhecimentos com outras pessoas, diálogos, [...] um conhecimento muito grande". O interlocutor Sacramento (2025) entende que a SEM tinha sua relevância também porque foi uma forma que eles encontraram de manter uma vida ativa fisicamente:

> Como nós não tínhamos, em termos de esporte, uma atividade esportiva que pudesse ser feita em Mocajuba, [...] nós, que gostávamos de esporte, era bom porque tinha um meio de estar se movimentando. O que podíamos fazer era participar da Semana Estudantil Mocajubense, isso era um ponto relevante.

Nas palavras da interlocutora Bacha (2025), a SEM foi:

> Tudo, era uma coisa muito boa, muito humana, muito gostosa, porque não tinha briga. A gente via pessoas que a gente amava muito, colegas, amigos de infância. Ela representou isso, uma formação da nossa personalidade, também com relação a valorizar as pessoas, os nossos amigos, porque a Semana Estudantil sempre trouxe muita alegria para a gente. Eu acho que não vejo nenhum ponto negativo na Semana. Tanto é que a gente pedia para que fosse mais dias, porque era uma semana que todos nós esperávamos. Era uma semana de muita alegria, muita paz, muita amizade, muitas diversões. Era quando a gente, de fato, se divertia, a gente interagia com outras pessoas. Então, ela representou muito na minha formação como pessoa, como estudante e como saber valorizar as nossas amizades, os nossos conterrâneos. Então, ela teve essa importância para todos nós, era muito bom.

O interlocutor Meireles (2025), além de afirmar que participar do evento foi uma das melhores coisas de sua vida, conta as mudanças que fez após sua participação no evento e a importância que a SEM teve em sua vida:

> Foi uma das melhores coisas da minha vida de que eu participei e foi para a minha vida cotidiana, porque eu fui me policiar a respeito das drogas, que eu digo que o alcoolismo é uma droga, e me cuidar fisicamente, psicologicamente emocionalmente. Graças a Deus, até o dia de hoje, já estou na casa de 65 anos e, desde essa época, eu não parei de me exercita. Não parei de jogar o meu futebol de salão, o meu futebol de campo, a corrida um pouquinho, porque, devido jogar muito, a idade chegou e o joelho já levou muita pancada de bola, mas eu ainda pratico. Para você ter uma ideia, todos os domingos, às 6 horas da manhã, eu estou com os colegas já novos, meninos novos, na praia dos Gorgos, estou lá com eles jogando um futebolzinho de areia, de três de um lado e três do outro, em área pequena. Também, a respeito do pedal, até hoje eu pedalo, gosto, jogo futebol de segunda, no cinquentão, aí no estádio municipal, no Fazendão. No dia de hoje tem (jogo), para mim [...] na vida é nosso Pai Celestial, alimentação e se exercitar. Então foi uma parte da minha vida que, primeiramente Deus, se não fosse o esporte, eu não estaria mais nesta Terra.

Conforme Almeida (2011), o esporte pode ser compreendido como um campo que apresenta inúmeras formas de relações humanas, as quais podem ser examinadas pela ótica das orientações educacionais e dos valores morais, pois ele tem a capacidade de transmitir valores em qualquer ambiente. Sendo assim, a educação por meio do esporte consiste em transmitir normas de comportamento técnico-científico e moral, as quais podem ser partilhadas por todos os membros da sociedade. Nesse sentido, o autor entende que o esporte possibilita inúmeras formas de superação, pois se tem o entendimento de sua importância nos projetos sociais como elemento cultural que precisa ser abordado de forma educativa. Desse modo, o autor afirma que o esporte é indispensável na formação humana e na vida em sociedade, pois se tornou base de socialização e de transmissão de valores, sendo uma forma de sociabilidade moderna e um instrumento de educação e de discussão teórica.

Os interlocutores Santos Filho (2025), Medeiros (2025) e Igreja (2025) disseram que a SEM era tão significativa para suas vidas que, por vezes, deixavam de aproveitar suas férias para poderem participar dos jogos: “Fizemos sacrifício bom. Perdi até minhas férias. Porque eu ficava lutando para arranjar coisa, arranjar, limpar, pintar” (interlocutor Santos Filho, 2025); “Olha, uma vez eu estava perto de Manaus, trabalhando, mas, quando chegava o período da semana, o cara tinha que dar o jeito de vir e vinha porque (a SEM) chamava a atenção” (interlocutor Igreja, 2025).

> Eu era empenhado nisso, eu gostava tanto desse evento que minhas férias eram só nessa época, e, onde eu estava, tinha uma quadra de esporte, e eu convocava o pessoal que jogava futsal [...] nós trabalhávamos de dia e, à noite, nós ficávamos até 11 horas da noite, todos os dias para disputar. Quando eu vinha de lá, eu vinha pronto [...] eu tirava isso lá e eu vinha para a Semana (interlocutor Medeiros, 2025).

O interlocutor Santos Filho (2025) revela que sente que conseguiu levar algo para Mocajuba, que ele e seus colegas fizeram alguma coisa que não existia em Mocajuba na época e que perdurou até os dias atuais:

> Eu te digo o seguinte, eu que joguei bola, joguei na seleção de Marabá, joguei na seleção de Tucuruí, joguei aqui em Mocajuba, joguei no *Sporting*, em Belém, que era profissional. Eu fiz um dever, trazer alguma coisa para cá (para Mocajuba), que não tinha nada naquela época. Eu fiz alguma coisa. Eu estudava numa república, onde tinham vários mocajubenses. “Bora fazer alguma coisa”. “Bora”. E trouxemos a Semana Estudantil. E pegou, que até hoje está. Fizemos sacrifício bom. Perdi até minhas férias, porque eu ficava lutando para arranjar coisa, arranjar, limpar, pintar. A gente tinha que fazer isso, era diferente, era muito difícil, mas nós conseguimos nosso ideal. Fizemos alguma coisa para cá, para Mocajuba, para o município.

Para Martins *et al*. (2002), socialização significa um processo de transmissão de comportamentos sociais aceitos para desempenhar um determinado papel social, que envolve a aquisição de capacidades físicas e sociais, valores, conhecimentos, atitudes, normas e disposições, os quais podem ser adquiridos em uma ou mais instituições sociais e por meio da comunicação. Nesse sentido, os esportes apresentam uma função social, contribuindo para o processo de socialização e aumentando o contato social dos praticantes.

4.4 Histórias e memórias marcantes: o sabor local da Semana Estudantil Mocajubense

Durante os anos de realização do evento, muitas memórias foram criadas pelos participantes. Essas memórias são palco de grandes histórias que marcaram esses sujeitos e

que se fazem presentes até os dias atuais. Elas surgem nos reencontros entre amigos e nas reuniões familiares, por vezes como anedotas e, até mesmo, de forma mais fantasiosa do que de fato foram. Essas histórias devem ser entendidas como um aspecto importante da SEM, pois, fazem com que aqueles momentos permaneçam vivos atualmente. Por essa razão, devem ocupar um espaço especial no presente estudo. O uso das histórias narradas deve ser entendido como uma forma de adquirir evidências essenciais, que tornam possível realizar análises sobre as interações que ocorrem entre passado e presente, entre memória e mitologia, no entanto, para isso, a memória não dever ser usada como uma fonte literal (Thomson, 2001). Dito isso, as próximas linhas apresentarão algumas dessas histórias compartilhadas pelos interlocutores.

4.4.1. QUE OS JOGOS COMEÇEM. Ué, o que está faltando? (história contada pelo interlocutor Guimarães)

A primeira história traz à tona uma questão que já foi discutida neste estudo. No início da SEM, exatamente no primeiro jogo que seria realizado, momentos antes de soar o apito inicial da partida, com os times já em quadra, os organizadores deram por falta de algo indispensável. Estava tudo lá, menos a bola. Sendo a primeira vez que o evento estava sendo realizado, era normal que alguns imprevistos acontecessem, contudo, sem uma bola, não teria como o jogo ser realizado, o que faria com que todo o tempo gasto para planejar a SEM fosse perdido. Foi então que alguém se lembrou que, durante a viajem para Mocajuba, ficou sabendo que um conhecido estava levando uma bola de futebol de salão infantil para o seu sobrinho. Ao lembrarem disso, eles foram até essa pessoa para pedir a bola emprestada. Não se tem informações ao certo de quem era essa pessoa, mas, com certeza, ela é uma das responsáveis pala realização da primeira edição da SEM.

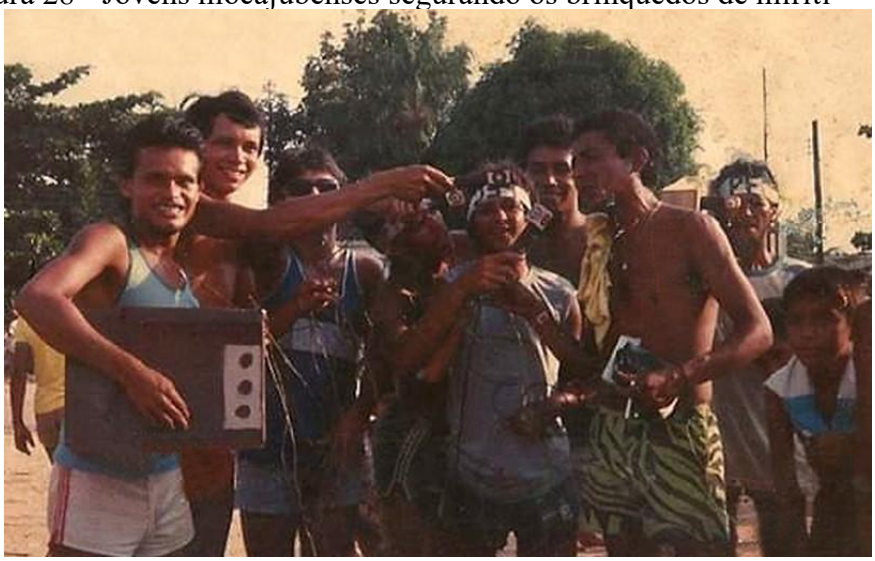
4.4.2. A diversão por meio da simplicidade e da criatividade. (história contada pelo interlocutor Medeiros)

Outra história que marcou a SEM traz a criatividade como destaque. Naquele tempo, não era como atualmente, em que tudo pode ser registrado com facilidade. Caso alguém quisesse registrar alguma coisa por meio de fotos ou de vídeos, teria que pagar um profissional que trabalhasse com isso, o que fazia com que apenas as famílias que tinham mais poder financeiro conseguissem realizar tais registros.

Apesar das dificuldades e da falta de equipamentos, os estudantes encontraram uma forma criativa de representar as sensações vivenciadas em grandes eventos por atletas profissionais. Na época, como eles não tinham máquinas fotográficas, eles fizeram televisões, microfones e grandes câmeras de miriti como uma forma simbólica de representar esses equipamentos. Durante a realização dos jogos, eles simulavam que estavam fazendo a cobertura do evento, indo até os jogadores, "filmando" e fazendo entrevistas. Essas ações aumentavam a diversão dos colegas e davam ainda mais motivação aos participantes. Isso era algo muito bonito de se ver e, apesar de não produzir registros físicos, gerou memórias inesquecíveis nos envolvidos.

Na Figura 28, é possível ver alguns jovens segurando os equipamentos mencionados, como se estivessem vários deles entrevistando uma única pessoa, de maneira semelhante ao que se observa em entrevistas de atletas na televisão. Na imagem, nota-se a expressão de felicidade no rosto desses sujeitos, mostrando como a brincadeira era bem aceita e ampliava a diversão para além dos limites dos espaços destinados às práticas dos esportes.

Figura 28 - Jovens mocajubenses segurando os brinquedos de miriti



Fonte: Projeto Mocajuba Memória Viva (2006)

4.4.3. Solidariedade nas cores do time mais querido. (história contada pelos interlocutores Medeiros e Meireles)

O interlocutor Medeiros (2025) revela que o primeiro uniforme usado pela equipe Skylab foi composto por roupas emprestada de um time do interior de Mocajuba, o São Pedro do Viseu. Por esse motivo, eles adotaram as cores azul, vermelho e branco, seguindo o padrão dessa equipe. Essas cores permaneceram sendo usadas até o time se desfazer completamente.

Outro ponto que o interlocutor destacou foi que a equipe do Skylab era muito querida, a ponto de, até atualmente, essa equipe continuar sendo bastante comentada. Em sua narrativa, ele fala que Mocajuba acolheu essa equipe, mesmo sendo uma equipe que não tinha um poder aquisitivo muito elevado quando comparada a outras equipes. Segundo ele, a equipe sempre reuniu a maior torcida da SEM.

O interlocutor Meireles (2025) entende que essa aceitação e esse carinho que o grupo recebia da população mocajubense se deram pelo fato de se tratar de um grupo em que todos eram "prata da casa", ou seja, eram jovens mocajubenses. Além disso, por serem um grupo de jovens extrovertidos e brincalhões, que não tinha vergonha de sair batendo nas portas das casas convidando as pessoas para torcerem por sua equipe, o que acabava reunindo um grande público.

4.4.4. Rapaz, que fôlego é esse? (história contada pelo interlocutor Meireles)

Durante as entrevistas, foram contadas duas histórias verídicas sobre a prova de fôlego que ocorreram no evento com a equipe do Skylab. Elas serão compartilhas a seguir. Segundo o interlocutor, no primeiro ano em que a equipe participou da SEM, eles não tinham competidor para participar dessa modalidade. Foi então que, ao olharem para o grupo de jovens que compunha a equipe, tiveram que escolher alguém para representá-los.

O escolhido da vez foi um rapaz com um porte atlético que morava no interior, onde havia os rios e igarapés. Como contou o interlocutor, ao olharem para ele, via-se um atleta alto e forte, que iria se dar bem em uma prova de prender o fôlego. Contudo, eles esqueceram de considerar um fator muito importante, que afeta diretamente a capacidade respiratória da pessoa, o fato de o rapaz ser fumante.

Chegando na hora da prova, todos estavam reunidos no local. A torcida acompanhando com grandes expectativas, torcendo e gritando o nome do rapaz, acompanhando de perto com as cores da equipe e mandando energias positivas. O atleta se preparou, puxou o fôlego, mergulhou e, logo em seguida, retornou a superfície. Se fosse uma prova de quem mergulhava e voltava mais rápido, ele teria ganhado. Todos ficaram sem entender e questionaram: "o que acontecem?". O rapaz, então, respondeu: "rapaz, não me preparei direito". Mas ficou tudo bem, até porque esse rapaz conquistou a disputa de dominó pelo Skylab. (interlocutor Meireles, 2025).

4.4.5. Seu Quele Marques e a prova de fôlego da SEM. (história contada pelo interlocutor Meireles)

A história do senhor Quele Marques e a prova de fôlego da SEM também é uma história relacionada ao time do Skylab. Ela pode ter uma relação direta com a história anterior, mas isso não ficou bem esclarecido durante a entrevista. Mesmo assim, é uma das histórias mais completas contadas.

Segundo o interlocutor, em uma tarde típica do interior, os colegas Birinha, Edinaldo Barros e Roberto Leão decidiram ir ao sítio localizado em Muranga, perto de Mocajuba, para conversar com o senhor Quele Marques. O sítio, na época de cacau, borracha, açaí e ucuuba, pertencia à família do Birinha, então ele sempre estava por ali. O local era simples, com uma casa de palha que tinha assoalho feito de taita de açaizeiro antigo, bem daquele jeito interiorano.

O senhor Quele Marques era conhecido em Mocajuba por encontrava motores perdidos no fundo do rio e era chamado quando alguém se afogava e não voltava à superfície. Era também conhecido pelo gosto pela bebida. Ele era irmão da dona Mariquinha, que cuidava do sítio.

Chegando no sítio, os rapazes foram recebidos pela dona Mariquinha. O Birinha, então, começou a explicar o motivo da visita, dizendo que eles tinham ido ao local para conversar com o senhor Quele. A senhora então respondeu que seu irmão acabava de ter retornado da cidade, mas estava meio embriagado, só que não estava tão ruim, porém, já tinha deitado para descansar.

Os jovens insistiram, perguntando se ela não poderia acordar ele, explicando que queriam convidar o senhor Quele para representar da equipe deles na prova de fôlego da SEM. Como eles eram próximos da família, ela não hesitou e confirmou, antes mesmo de perguntar, que ele iria representar a equipe sim. Então, ela foi acordar o senhor, que estava deitado em uma rede, e avisou que o Birinha e alguns amigos estavam procurando por ele. Ele, então, se levantou e foi cumprimentar os rapazes.

Depois, todos foram para uma mesinha simples, onde dona Mariquinha preparou um café forte. Ali, eles explicaram o motivo da visita para o senhor Quele Marques, dizendo que eles foram para convidá-lo para participar da prova de fôlego na SEM como representante do Skylab. Ele ouviu com atenção, já animado com a ideia, dizendo que já era do time e que iria sim participar. Apenas perguntou os detalhes, e eles disseram que seria em julho na última

semana. O interlocutor destaca que essa conversa aconteceu em janeiro, justamente para garantir o "contrato" antes que outros times tentassem chamá-lo.

Foi a partir de momento que começou a parte mais divertida do encontro e, por essa razão, a continuação da história será apresentada como o interlocutor narrou. O senhor Quele pediu que a dona Mariquinha trouxesse papel e lápis, porque "naquele tempo, era no lápis mesmo, e papel de embrulho", papel em que as compras em comércios locais eram embrulhadas.

"Os colegas já estavam se entreolhando e se cutucando por baixo da mesa, achando que aquilo ia dar errado, porque a gente não tinha dinheiro para comprar o que quer que ele pedisse.

Ele se virou para mim e foi listando os pedidos:

- Birinha, anota aí: quero uma rede, um quilo de feijão, um quilo de açúcar, meio quilo de café, um litro de querosene e uma caixa de fósforo. Vou para o fundo do rio para passar a semana lá!

O tom era de brincadeira e virou piada entre a gente: quem é que vai mergulhar levando rede e mantimentos para dormir lá no fundo?" (interlocutor Meireles, 2025).

A visita terminou com muita risada e café. O senhor Quele, animado, topou participar, mas acabou nem competindo pelo Skylab. Quando o presidente Reginaldo Guimarães ficou sabendo, houve reclamação dos outros times: "Não pode, ele é profissional!". No fim, ficou a história engraçada do convite e dos pedidos inusitados, que virou uma das melhores anedotas da Semana Estudantil Mocajubense, especialmente para o time Skylab. Até hoje, essa visita ao sítio é lembrada com carinho e muitas risadas.

4.4.6. Foi a Maior Zebra da História da Semana Estudantil Mocajubense. (história contada pelo interlocutor Meireles)

A próxima história é apresentada pelo interlocutor como "A Maior Zebra da História da Semana Estudantil Mocajubense". O time em questão foi o Fogo Selvagem, considerado, à época, uma grande equipe, que contava com um dos melhores goleiros de Belém. A qual chegou às finais vista como grande favorita, após vencer equipes tradicionais da SEM, como o Playboy e o Áustria Viena, e enfrentaria, na decisão, a equipe do Flaplay, que, no começo do evento, era uma equipe em que poucos acreditavam que avançaria. Por esses motivos, a equipe do Fogo Selvagem chegava à final como favorita, enquanto a equipe do Flaplay chegava desacreditada.

Segundo o interlocutor, quando a final foi definida, os comentários que se ouviam eram de que seria uma vitória esmagadora do Fogo Selvagem sobre a outra equipe. Acreditava-se que seria uma vitória com um placar elástico, como 10 a 0 ou 8 a 0. A confiança na vitória era tão grande que os torcedores compraram todos os foguetes e pistolas de Mocajuba. Contudo, as coisas não saíram como se imaginava. Apesar de a equipe do Fogo Selvagem ter apresentado um grande volume ofensivo, com diversas chances de gol criadas e quatro bolas na trave, a equipe do Flaplay soube jogar a partida e se defender da força apresentada pelo time adversário.

Chegando próximo do final, aconteceu uma coisa que ninguém seria capaz de imaginar. O goleiro experiente, considerado um dos melhores goleiros de Belém, com sua mania, ao tentar sair com a bola, arremessando para um companheiro, resolveu, primeiro passar com a bola por trás das costas, em um movimento completamente desnecessário para sua ação. Nisso que ele tenta passar a bola por trás das costas, a bola escorrega de sua mão e entra no gol que ele defendia.

Com o pouco tempo que restava após o ocorrido, a equipe considerada por todos como favorita para conquistar o troféu não foi capaz de empatar o jogo. Assim, por uma situação muito peculiar, a equipe do Flaplay tornou-se campeã de futsal daquela edição. Os fogos de artifício, foguetes e pistolas comprados pela torcida do Fogo Selvagem, como diz o interlocutor, ficaram “salgados”, e a festa que estava programada para a equipe teve que ser cancelada.

Em outra entrevista, o interlocutor, ao revelar um momento marcante de sua participação na SEM, disse que o momento não ocorreu enquanto ele ainda era jogador, mas em um momento posterior, quando ele já não jogava mais e foi convidado para ser técnico da equipe do Flaplay. Ele contou que sempre se lembra desse momento quando se encontra com alguns colegas, sendo, até hoje, uma lembrança muito alegre daquela época, pois lembra-se que eles foram campeões. Disse, ainda, que ficou muito emocionado, chegando a ficar rouco de tanto gritar de alegria ao conseguirem a conquista com o término da edição, interlocutor Américo (2025).

Talvez a relação entre essas duas histórias não exista. Contudo, ao observar o registro dos campeões de futsal apresentada no livro de atas da SEM, observa-se que a equipe do Flaplay tem seu nome apresentado como campeã somente em uma edição do evento, o que leva a crer que os dois interlocutores estejam apresentando lados diferentes da mesma história.

4.4.7. Uma família campeã (história contada pelo interlocutor Castro)

Durante a entrevista com o interlocutor Castro (2025), ele revelou que foi o maior ganhador da SEM após voltar a morar em Mocajuba, não apenas na modalidade de voleibol, na qual ele competiu por diferentes equipes, mas considerando todas as modalidades disputadas. Segundo ele, sua família, contando com suas conquistas às conquistas de sua esposa e mais as conquistas de seus dois filhos, pode ser considerada a família que mais ganhou na história da SEM. Em tom de orgulho, o interlocutor revela que a família acumula uma trajetória vitoriosa no evento, chegando a quase 40 títulos apenas como atletas, número que ele próprio considera “absurdo”.

4.4.8. A beleza noturna. (história contada pelo interlocutor Igreja)

Durante a Semana Estudantil Mocajubense, um dos momentos mais aguardados era o concurso de Miss, realizado no ginásio da cidade. Um interlocutor conta uma história desse momento, na qual uma de suas primas vinha para a cidade para representa a equipe da qual ele fazia parte, revelando que sua prima sempre surpreendia a todos com sua transformação para o concurso de Miss.

Ele conta que, como estratégia, ela chegava para participar do concurso sempre à noite, evitando que o público a visse durante o dia. À primeira vista, ela não chamava muita atenção, mas, quando o momento do desfile se aproximava, ela recorria à maquiagem e à produção, transformando completamente sua aparência. A maquiagem mudava tanto o visual dela que muitos não reconheciam quem ela era no ginásio. Essa transformação sempre causava surpresa entre os espectadores, que ficavam admirados com o resultado.

O impacto era tão grande que, frequentemente, o time saía vencedor do concurso de Miss, justamente por conta dessa estratégia de surpreender o público com a mudança visual. No dia seguinte, ao reencontrar a candidata sem maquiagem, muitos nem acreditavam que era a mesma pessoa que havia desfilado na noite anterior. Foram várias edições em que o time ganhou dessa forma.

4.4.9. A determinação de uma jovem atleta. (história contada pela interlocutora Bacha)

Uma interlocutora compartilhou um dos momentos marcantes da sua participação na SEM. Durante os jogos, era obrigatório o uso de tênis. Naquele período, a moda dos sapatos

Melissa estava em alta, calçados de borracha, com salto, coloridos e estilosos. Por ser a mais baixinha do time de voleibol e ter vontade de jogar na frente, cortando e fazendo parte do ataque, a interlocutora viu nos sapatos Melissa uma oportunidade para ficar mais alta e, quem sabe, compensar um pouco a diferença de estatura. O desejo de calçar aquele sapato durante o jogo tomou conta dela, apesar de saber que não era permitido.

O sonho de jogar na frente, de cortar e ajudar dessa forma a equipe, era forte, mas sempre havia pessoas que a desencorajavam, como o seu irmão, que dizia que ela estava doida e repetia que ela ia se quebrar toda, ou que poderia torcer a perna. Apesar de todas as chamadas de atenção e de todos os avisos, no dia do jogo, ela decidiu que calçaria a Melissa e iria para a quadra. Seu objetivo era igualar sua altura à das demais jogadoras, visto que era a mais baixa do grupo, e usar a Melissa lhe proporcionou essa sensação.

Assim que ela entrou na quadra, a interlocutora conta que foi recebida por olhares desconfiados e muitas vaias da torcida, mas ela continuou e fez uma das suas melhores partidas. Teve até um determinado momento, em que ela escorregou e caiu. Ela ouviu muitos dizendo que era culpa da Melissa e que aquilo era prova de que ela estava errada, mas ela sabia que não era. Então, ela se levantou e continuou jogando com mais garra.

O que mais marcou aquele jogo foi a vitória. Quando o placar se confirmou, ela soube que tinha conseguido. Percebeu que havia sido capaz, mesmo tendo suas convicções desafiadas e enfrentando o medo da rejeição, o que fez aquela vitória ter um significado especial. Essa experiência ficou marcada como uma das mais importantes da vida esportiva da interlocutora e foi a que ela escolheu compartilhar.

4.4.10. Histórias da SEM: O impressionante caso do narrador do evento. (história contada pela interlocutora Bacha)

Nas histórias da Semana Estudantil Mocajubense, um dos feitos que mais impressionava era protagonizado pelo narrador Alan Bacha. Reconhecido como um dos melhores narradores do evento, ele foi responsável por narrar diversos jogos da SEM, ao lado de nomes como o senhor Caetano, exercendo essa função por muitos anos.

O que tornava sua atuação ainda mais notável era o fato de que, apesar de apresentar gagueira intensa em situações comuns, ao assumir o microfone durante as partidas, esse traço desaparecia completamente. Essa peculiaridade surpreendia todos os participantes e marcou sua trajetória no evento, uma vez que, fora das narrações, sua gagueira era bastante perceptível. Para muitos, a transformação de Alan ao microfone mostrava como a paixão pelo

esporte podia superar barreiras pessoais. As narrações foram capazes de transmitir a emoção do evento para quem acompanhava os jogos, sempre cheias de entusiasmo e dedicação.

4.4.11. Da Tuna para a Semana Estudantil Mocajubense: relatos de uma campeã. (história contada pela interlocutora Moreira)

A história a seguir traz revelações de como era feito, a partir o ano de 1980, o contato com atletas que não haviam nascido em Mocajuba, com base na experiência narrada por uma interlocutora. Não e certo afirmar que todos os convites ocorreram da mesma forma, contudo, permite conhecer um pouco desse aspecto da SEM. A interlocutora Moreira (2025) conta que os primeiros contatos começaram lá na Tuna, onde eles treinavam todos os fins de tarde e à noite. O Reginaldo era amigo do técnico dela, então ele já vinha convidando alguns atletas da Tuna para participar desses jogos em Mocajuba.

Nos treinos, era uma rotina, depois dos treinos femininos, ocorrerem os treinos da equipe masculina. Muitas vezes, o técnico pedia para alguns atacantes do masculino treinassem força com o time feminino, fazendo trabalho de bloqueio e defesa. Essa dinâmica fez com que meninos e meninas começassem a conviver mais e criassem uma certa amizade entre os grupos.

Nessa convivência, a interlocutora conta que foi se destacando no voleibol adulto, jogando como ponteira, pulando alto e batendo forte em todas as bolas. O Reginaldo, que acompanhava tudo de perto, decidiu convidá-la. Além dos meninos que costumavam ir aos jogos em Mocajuba, tinha também a Cláudia, carinhosamente chamada de Cláudia Furacão, que já tinha ido participar uma vez da SEM e era considerada a estrela do time. Foi ela quem incentivou a interlocutora a participar dos jogos, dizendo: “Tu não queres ir participar? É um momento legal, vai muita gente, vai todo mundo daqui. A gente vai de barco”.

A interlocutora conta que tinha acabado de chegar de Macapá para Belém e devia ter cerca de 17 ou 18 anos. Por esse motivo, disse que precisaria da autorização dos seus pais para poder viajar. Nisso ela imaginou que ele ia desistir da ideia, mas, para a surpresa dela, o Reginaldo e um outro rapaz, realmente apareceram na sua casa. Ela conta que eles foram arrumados parecendo verdadeiros empresários, foram falar com os pais dela, levaram fotos dos jogos e explicaram como era o evento, tentando convencer eles de que seria seguro e especial. A Cláudia foi junto, reforçando o convite. No final das contas, os pais dela permitiram que ela viajasse, já que eles iriam em grupo, mas eles precisariam deixar seus nomes. Dessa forma, ela viajou e se tornou campeã na SEM.

Essas histórias apresentam aspectos marcantes da SEM e acabam por revelar algumas características importantes, como a questão da desorganização nas primeiras edições, a ludicidade presente nos jogos, o abraço da população para com os jovens de Mocajuba, a busca pela superação e pelos seus sonhos, bem como o esforço em melhorar as equipes e transformar o evento em um espetáculo ainda mais atrativo para a população. Além disso, quando analisadas com cuidado, elas revelam questões importantes relacionadas à organização, às modalidades, à participação popular, aos laços sociais formados e a muitos outros aspectos que foram discutidas no presente estudo. Assim, também devem ser compreendidas como fontes de informações sobre a SEM.

Contudo, essas são apenas algumas histórias dentre tantas outras que permanecem marcadas nas memórias da população mocajubense, tanto daqueles que participaram como jogadores quanto dos que estiveram como espectadores dos jogos. O Interlocutor Guimarães, ao ser perguntados sobre alguma história da SEM, disse, em tom de brincadeira, que, se fosse contar as histórias do evento, teria que escrever um livro, deixando a entender que ainda existem muitas histórias a serem ouvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao buscar compreender os elementos que estiveram presentes na criação da Semana Estudantil Mocajubense, este estudo procurou contribuir para a área da história das práticas corporais esportivas estudantis, permitindo uma maior compreensão dessas práticas vivenciadas no contexto de uma cidade paraense. Com o objetivo de analisar a "Semana Estudantil" do município Mocajuba-PA, no período de 1975 a 1990, o estudo possibilitou conhecer e registrar aspectos próprios da criação do evento, sua organização, as modalidades que foram praticadas, os espaços usados nas competições, bem como os sentidos atribuídos a esse evento por seus praticantes.

No decorrer da pesquisa, principalmente durante o momento em que se buscavam as fontes que serviriam de base para as discussões, deparamo-nos com um problema que é comum aos estudos históricos, os descuidos na preservação dos documentos. Durante as conversas com os interlocutores, foram observados alguns relatos de documentos relacionados ao evento, tais como regulamentos, atas de jogos, registros das equipes, dentre outros, contudo, esses documentos acabaram se perdendo com o passar dos anos, o que acaba dificultando o trabalho do pesquisador. A ausência de notícias que tratassem do evento estudado também foi outro fator que acaba por dificultar o andamento da pesquisa.

O uso da História Oral como método investigativo em dada realidade revelou-se importante aliado no processo de busca e construção das fontes, permitindo conhecer diferentes aspectos do evento por meio das narrativas de pessoas que vivenciaram a SEM entre os anos que a presente pesquisa se propôs estudar. Esse método permitiu conhecer variados olhares e diferentes experiências de um mesmo evento, experiências essas que se complementam, se confirmam, mas que também, em muitos momentos, se contradizem, trazendo elementos e discursos relevantes para que se conheça mais profundamente essa história.

O maior obstáculo no uso do método, após conseguir o nome e contato dos interlocutores, foi alinhar a disponibilidade dos interlocutores para a realização das entrevistas. Isso porque, mesmo com a aceitação imediata em participar da pesquisa, após a breve apresentação do que se tratava o estudo, foi preciso respeitar as disponibilidades dos participantes que se dispuseram, de forma voluntária, a contribuir com a pesquisa.

Desse modo, foi possível constatar que os jogos tiveram sua primeira realização no ano de 1975 e, desde sua criação, o evento vem sendo realizado no mesmo período, última semana do mês de julho. Sendo assim, observa-se que, no cenário nacional, quando os jogos

foram criados, o país ainda se encontra sendo comandado pelo regime autoritário, que assumiu o poder por meio do golpe de Estado de 1964 e perdurou até 1985, influenciando vários setores, incluindo a Educação e a Educação Física.

Nesse cenário, os governantes passam a tentar usar os Jogos Estudantis, e a Educação Física, de modo geral, como ferramentas do Estado, com o intuito de moldar os jovens e implantar neles princípios de moralidade, disciplina e nacionalismo, sendo uma espécie de distração que os tirariam de discussões e movimentos que questionassem as ações do governo. Contudo, essa influência dentro das práticas corporais esportivas, por parte dos governantes ou dos militares, não é observada pelos interlocutores, tanto no que diz respeito às práticas realizadas no evento da SEM quanto nas demais práticas corporais de lazer e divertimento realizadas pelos jovens mocajubenses nesse período.

Os jogos foram criados pelos estudantes mocajubenses que buscavam continuar sua trajetória acadêmica na capital paraense e que, em resposta à ausência de atividades que permitissem vivenciar as diversas modalidades esportivas no município, decidiram criar a SEM. Assim, pode-se verificar que a SEM foi criada para atender às demandas sociais presentes no município de Mocajuba. Além disso, nas falas dos interlocutores, notou-se a forte relação que estes apresentam com o município, na medida que se denominaram, em muitos momentos, como filhos de Mocajuba.

Pelas narrativas dos interlocutores, foram observados três possíveis inícios para o evento, dentre os quais o mais relatado foi o que revela que os idealizadores da SEM se basearam nos jogos estudantis que tinham sua realização feita em período semelhante na cidade de Cametá, denominado União Democrática de Estudantes Cametaenses – UNEDEC. Esses estudantes passaram a ter contato com esse evento durante as viagens que faziam para retornar para Belém após o período de férias escolares, quando, durante o trajeto realizado de barco, paravam na cidade de Cametá para o embarque e desembarque de mercadorias e passageiros.

Pela realização da pesquisa, foi possível chegar a alguns nomes apontados como possíveis criadores e idealizadores do evento, sendo estes: Deusdedith Oliveira, Edemir Gonçalves dos Santos, João Gonçalves dos Santos, José Coelho, Sebastião Sousa Braga, Samuel Igreja, Raimundo Fernando Bahia Meireles, Carlos Jorge, José Teófilo, Reginaldo Guimarães, Edimar Barros. Informação essa que revela que o evento foi algo desenvolvido não por uma única pessoa que recebe todo o crédito de ser a criadora da SEM, mas sim por um grupo de jovens estudantes que, ao perceberem a ausência de um evento com essas

características em Mocajuba, se juntou para levar algo novo para o município que estivesse voltado à prática das diferentes modalidades esportivas.

Vale ressaltar que existiu grande preocupação em não ser injusto e não deixar de fora nomes de pessoas que estiveram presentes nesse começo da SEM. Sendo assim, ressalta-se a possibilidade de que mais pessoas tenham participado desses momentos iniciais de criação e organização do evento.

O evento foi realizado de forma simples e pouco organizada em seus primeiros anos, tendo o seu desenvolvimento e sua ampliação relacionados à criação do Comitê Estudantil Mocajubense, no ano de 1981. Com a criação do Comitê Estudantil, criou-se também a função de presidente da SEM, cujo exercício pôde ser registrado, por meio do Livro de Ata da Semana Estudantil Mocajubense, no qual foram identificadas algumas pessoas que exerceram essa função durante os anos em que o evento foi realizado.

Através das entrevistas, foi possível mapear algumas modalidades que estiveram presentes no evento. Observou-se que, inicialmente, o evento apresentou apenas as competições de voleibol e futsal, sendo incluídas, em algumas narrativas, as modalidades de natação e/ou regata. Os responsáveis pela realização da competição buscaram desenvolver a SEM se baseando nas vivências esportivas que experimentaram em outros lugares.

A partir da década de 1980, com a criação do Comitê Estudantil Mocajubense, o evento sofre mudanças positivas que o engrandecem, passando a serem disputadas 13 modalidades. Dentre elas, foi possível mapear as seguintes: futsal/futebol de salão, voleibol, natação, regata/canoagem, corrida/atletismo (realizadas as provas de maratona, 100 m e 200m, podendo ser também de 200 e 400m), jogo de dama, dominó, ciclismo, tênis de mesa/pingue-pongue, tiro ao alvo, torneio de pesca, o desfile das misses e o troféu luxo/troféu imprensa. Além dessa, modalidades como basquete, disputa de pipa, prova de fôlego, disputa de bilhas e disputa de peão são alguns exemplos de modalidades que podem ter sido realizadas ao longo dos anos de realização do evento.

Os interlocutores destacam que o evento foi algo novo no município e, por esse motivo, sempre atraiu a população para participar nos diferentes espaços que ocupou dentro de Mocajuba. A participação e apoio da população foram indispensáveis para que o evento pudesse ocorrer e se consolidar como parte das vivencias culturais do município. Esses apoios vieram dos mais variados lugares e de diferentes formas, desde apoio financeiro até apoio como materiais e transportes, estando representado nos nomes gravados nos troféus que permanecem guardados e expostos nas residências dos participantes.

Sendo entendida como uma grande festa pelos interlocutores, a SEM se apresentou como um espaço de diversão, mas também, como um espaço de sociabilidade, de aprendizado, que permitiu aos jovens criarem vínculos. Conforme narrado por alguns interlocutores, eles revelam que por meio do evento muitas amizades foram criadas, e outras, já existentes, se fortaleceram ainda mais. Além disso, a SEM também foi vista como uma forma de motivação para ele, que em alguns casos significou uma mudança de hábitos e rotinas, sendo que também representou uma forma de retornar à cidade e de reencontrar amigos e familiares.

Atualmente, o evento continua sendo realizado e atrai a atenção da população. Contudo, sua realização está bem diferente de quando iniciou e do modo que foi realizado entre os anos de 1975 e 1990. Muitas modalidades deixaram de fazer parte das disputas, e o evento passou a apresentar um caráter mais competitivo, priorizando a alta performance e se aproximando do esporte de rendimento realizados em competições oficiais, sobrando pouco espaço para atletas amadores do município.

Essas mudanças que a SEM sofreu durante os seus anos de realização acabam por deixar uma certa insatisfação entre as pessoas que a vivenciaram em tempos anteriores. Foram comuns as frases que diziam que o evento realizado atualmente ainda mantém o nome de Semana Estudantil Mocajubense, mas ele não é mais o mesmo que foi criado em 1975 por esses jovens. Eles sentem que os jogos que eles iniciaram eram muito mais atrativos dos que os realizados atualmente, pois traziam um caráter mais comunitário, no qual a sociedade mocajubense se sentia representada, pois eram jovens do município, com os quais eles tinham familiaridade e convívio, que estavam representando a força esportiva de Mocajuba.

No decorrer do estudo, foram observados alguns pontos que não puderam ser mais bem aprofundados e que a construção da rede de colaboradores não permitiu compreender de forma mais ampla, os quais carecem de mais investigações. É o caso das diferentes histórias sobre a criação da SEM, em que a versão que revela que o evento poderia ter surgido a partir dos jogos realizados no Instituto Nossa Senhora das Graças foi pouco comentada pelos interlocutores e, por essa razão, precisaria de maior aprofundamento. Outro ponto que pode ser mais bem discutido em futuros estudos está relacionado à participação das mulheres no começo do evento.

Durante a pesquisa, foi possível verificar a existência de um grande acervo da cultura material da SEM em algumas residências de famílias mocajubenses. Contudo, devido ao tempo disponível, não foi possível realizar uma investigação mais profunda desses objetos. Esse fato abre possibilidade para a realização de estudos futuros que possam verificar e

catalogar tais objetos, o que possibilitaria conhecer outros aspectos do evento, bem como a realização de novas investigações que tratem de edições mais recentes do evento ou do momento em que a realização SEM passa a ser responsabilidade da prefeitura, o que possibilitaria maior compreensão dos diferentes momentos pelos quais o evento passou.

Chegando ao término da pesquisa, compreende-se que os objetivos propostos foram alcançados, a sensação é de dever cumprido, pois foi possível revelar aspectos importantes sobre os primeiros anos de realização da SEM. Contudo, reconhecendo que um estudo é incapaz de abranger a totalidade de um acontecimento, insiste-se que ainda há aspectos que precisam ser revelados e investigados em pesquisas futuras. Espera-se que este estudo possa servir de base para pesquisas futuras e que seja um incentivo para que mais produções sejam desenvolvidas sobre as práticas esportivas estudantis na região Norte, que abrange inúmeras realidades e experiências únicas para cada localidade desse vasto território.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Fontes Orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, p. 155–202. 2008.

ALBUQUERQUE, Marli Brito M.; KLEIN, Lisabel Espellet. Pensando a fotografia como fonte histórica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 3, p. 297-305, 1987.

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. O esporte como matriz da sociabilidade espontânea: um olhar pelo referencial habermasiano. **Revista da Associação Latino-Americana de Estudos Sócio-Culturais do Esporte-Revista da ALESDE**, v. 1, n. 1, p. 100-110, 2011.

ARANTES, André; MARTINS, Francisco; SARMENTO, Pedro. Jogos escolares brasileiros: reconstrução histórica. **Motricidade**, v. 8, n. 2, p. 916-924, 2012.

BARBOSA, Eduardo F.. Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais. **Educativa, out**, 1998.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de História, memória e história local. **Criar Educação**, v. 2, n. 2, 2013.

BELTRAMI, Dalva Marim. **A Educação Física na política educacional do Brasil Pós-64**. EdUEM, 2006.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, v. 6, n. 12, p. XIV-XXIV, 2000.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Centro de Educação Física e Desportos da Ufes, 1997.

BRACHT, Valter. Um pouco de história para fazer história: 20 anos de CBCE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 1998.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 705**, de 25 de julho de 1969. Disponível em: DECRETO-LEI Nº 705, DE 25 DE JULHO DE 1969. Acesso em: 01 de novembro de 2024.

BRASIL. **Decreto nº 69.450/71**, de 01 de novembro de 1971. Disponível em: DECRETO Nº 69.450, DE 01 DE NOVEMBRO DE 1971. Acesso em: 01 de novembro de 2024.

BRASIL. **Lei nº 9.615**, de 24 de março de 1998. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9615consol.htm>. Acesso em: 03 de outubro de 2025.

BUENO, Luciano. **Políticas públicas do esporte no Brasil: razões para o predomínio do alto rendimento**. Tese (Doutorado). Escola de Administração de Empresas de São Paulo. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, p. 295. 2008.

BURKE, Peter. **Cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800**. Editora Companhia das Letras, 2010.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. 1989.

CASTRO, Diogo. O esporte no processo de construção de uma nova sociabilidade. In: ENCONTRO DA ALESDE "Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas", 1., 2008, Curitiba, **Anais do 1º ENCONTRO DA ALESDE**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 1982.

CIRANI, Claudia Brito Silva; CAMPANARIO, Milton de Abreu; SILVA, Heloisa Helena Marques da. A evolução do ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 20, n. 1, p. 163-187, 2015.

CUENIN, Pauline; PIRAUX, Marc. Globalização e estratégias locais: as interações global-local no caso do município de Mocajuba, na Amazônia oriental. **Novos Cadernos NAEA**. V. 23, n. 3, p. 11-38. 2020.

CUNHA, Luiz Antônio. Roda-Viva. In: CUNHA, Luiz Antônio; DE GÓES, Moacyr. **O golpe na educação**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. **Da "escolarização do esporte" à "esportivização da escola": tradição e espetáculo nos Jogos da Primavera de Sergipe 1964-1995**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 323. 2008.

ELIAS, Norbert. A **Sociedade dos Indivíduos**. Rio de janeiro, Zahar, 1994.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral. **Educação e Pesquisa**, v. 38, p. 217-228, 2012.

FARO, Carmen Lilia da Cunha. **Caminhos formativos do primeiro corpo docente da e Escola Superior de Educação Física do Pará (1950-1970)**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 300. 2021.

FARO, Carmen Lilia da Cunha. Os desafios de formar professores de educação física no Pará no contexto de 1950. **Índices para catálogo sistemático**, p. 27. 2022.

FAUITEC. Colégio Souza Franco: um pedaço da UFPA. Laboratório Virtual da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Tecnologia da Universidade Federal do Pará, Belém - PA, 2011. Disponível em: <https://fauufpa.org/2011/09/01/in-post-15/>. Acesso em: 12 de junho de 2025.

FERREIRA, Alan de Carvalho Dias. **Um modelo para a gestão de informações do esporte de alto rendimento no Brasil**. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 512. 2018.

FISCARELLI, Rosilene Batista de Oliveira; SOUZA, Rosa Fátima de. Símbolos da excelência escolar história e memória da escola pública inscrita em troféus. **Revista Brasileira de História de Educação**, v. 7, n. 2, p. 95-115, 2007.

GEBARA, Ademir. História do esporte: novas abordagens. **Esporte: história e sociedade. Campinas: Autores Associados**, p. 5-29, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. Ed 4. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. Ed. Vértice. São Paulo, 1990.

KIOURANIS, Taiza Daniela Seron; CRUZ, Kelwin Santos da; OLIVEIRA NETO, Edimilson Torres de; JÚNIOR, Wanderley Marchi. Do que é feito um campeão? Análise do sucesso esportivo a partir de resultados dos Jogos Escolares Brasileiros (2007-2015). **Research, Society and Development**, v. 11, 2022.

KIOURANIS, Taiza Daniela Seron. **Os Jogos Escolares Brasileiros chegam ao século XXI: reprodução ou modernização na política de esporte escolar?** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 292. 2017.

KUNZ, Elenor. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. **Movimento**. vol. 1, n. 1, p. 10-19. Porto Alegre, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LECHAT, Noëlle Marie Paule. Economia moral: um conceito bom para pensar a economia solidária. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 37, n. 159, p. 59-102, 2001.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. Autores Associados. Campinas, SP. 1996.

MARTINS, Danielle Fabiane; REZER, Ricardo; CASTRO, Rosângela Laura Ventura Gomes de; SHIGUNOV, Viktor. O esporte como papel de uma reunião social. **Revista eletrônica de Ciências da Educação**, v. 1, n. 1, 2002.

MATHIAS, Dionei. Pertencimento: discussão teórica. **Alea: Estudos Neolatinos**, v. 25, n. 1, p. 166-187. Rio de Janeiro, 2023.

MEDEIROS, Ana Gabriela Alves; RIOS, Fernanda Gonçalves; VARNIER, Thaíse Ramos; Ribeiro, Etyelle, TAVARES, Otávio. Rituais escolares: notas sobre jogos e olimpíadas escolares como rituais. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, p. 217-227, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. 2 ed. 5ª reimpressão. Editora Contexto, São Paulo, 2017.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MINELLO, Claudia Souto; CARVALHO, Sérgio. O investimento no esporte em Santa Maria/RS: Um relato de empresas investidoras. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 25., 2002, Salvador. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; São Paulo, 2002.

NEUENFELDT, Manuelli Cerolini; ISAIA, Silvia Maria de Aguiar. Pós-graduação e pós-graduação em educação no Brasil: um breve histórico. **Revista de Educação PUC-Campinas**, n. 24, p. 85-96, 2008.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

NORMANDO, Tarcisio Serpa. Nas praças, nas ruas e nos rios: a Amazônia esportiva em sua belle époque. **Revista Digital. Buenos Aires**, v. 12, 2007. Disponível em: https://www.efdeportes.com/efd112/a-amazonia-esportiva-em-sua-belle-epoque.htm. Acesso em: 15 de dezembro de 2025.

OLIVEIRA, Raquel Valente de. **Jogos escolares do Rio Grande do Sul (JERGS): conformações históricas de um evento esportivo escolar (1970-2019)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 132. 2023.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; BORENSTEIN, Miriam Süsskind. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 14, p. 575-584, 2005.

PIZANI, Rafael Stein; AMARAL, Silvia Cristina Franco; PAES, Roberto Rodrigues. Esporte e lazer: diálogos possíveis à luz da pedagogia do esporte. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 15, n. 3, 2012.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, Rio de Janeiro: CP/DOC FGV, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 15, 1997.

PRATES, Eliane Guimarães de Campos. **O perfil de uma cidade: o esporte feminino escolar na década de 1950**. Dissertação (Mestrado) – Programa em Educação. Universidade Católica de Santos. Santos, p. 205. 2008.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Brohm e a organização capitalista do esporte. **Esporte: história e sociedade. Campinas: autores Associados**, p. 31-62, 2002.

REI, Bruno Duarte; LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1964-1985): balanço histórico e novas perspectivas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, p. 483-497, 2012.

REINO, Lucas Santiago Arraes; BUENO, Thaísa Cristina. O lead nos títulos jornalísticos: um estudo comparado entre os jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. **RuMoRes**, v. 11, n. 22, p. 320-340, 2017.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 48-69, 2018.

RODRIGUES, José Honório. A pesquisa histórica no Brasil. **Brasiliana**, 1978.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte" em Educação. **Diálogo educacional**. Curitiba Vol. 6, n. 19, p. 37- 50, set/dez, 2006.

SANTOS, Dayse Lúcide Silva. Métodos e Técnicas de Pesquisa em História. Montes Claros-MG: **Unimontes**, 2010.

SANTOS, Edson Segamarchi dos. **História dos jogos escolares do Município de Sorocaba em meados do século XX**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba. Sorocaba, p. 147. 2006.

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, v. 6, 2007.

SILVA, Anderson Rodrigo Tavares. Memórias dos "JOPAGICOS": esporte estudantil no Pará (1964-1970). **XIII Encontro Nacional de História Oral**, 2016.

SILVA, Bruno da; GONÇALVES, José Afonso Corrêa; CARVALHO ARNAUD, Mário Júnior de. GESTÃO AMBIENTAL: AÇÕES PÚBLICAS NO TERRITÓRIO DE MOCAJUBA/PA. **XVI ENCONTRO PARAENSE DE GEOGRAFIA 2017.** Santarém, 2017.

SILVA, Geórgia Carneiro da; SILVA, Livia Sousa da. Rivalidade entre as escolas estaduais de Belém-PA: uma reconstrução histórica a partir dos jornais impressos da década de 1970. **Revista Cocar**, v. 19, n. 37, 2023.

SILVA, Sheila Nascimento da; SILVA, Livia Sousa da. Moças graciosas e rapazes disciplinados: papeis sociais de gênero e interseções com a história das rivalidades entre as escolas estaduais em Belém-PA nas imagens do jornal "O Liberal" (1971-1980). **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, p. e430101220671-e430101220671, 2021.

SILVA, Heloisa da; ROLKOUSKI, Emerson. A(s) voz(es) do Passado – História Oral: Paul Thompson x Philippe Joutard. In: II Seminário Internacional de Pesquisa Qualitativa, Bauru, 2004.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. **Ática**. São Paulo, p. 165-181, 1983.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. **Historiae**, v. 1, n. 2, p. 113-120, Rio Grande, 2010.

SOUSA, E.; LIMA, A.; FERNANDES, L.; BELLO, L. CRESCIMENTO URBANO NAS CIDADES DA MICRORREGIÃO DO BAIXO TOCANTINS: O CASO DE MOCAJUBA. In: TOBIAS, Maisa Sales Gama; LIMA, Alberto Carlos de Melo (org.). **Urbanização & meio ambiente**. Lima. Belém: Unama. v.2. 2013.

SOUSA, Lucas Cainã Borges de. **Análise dos jogos escolares brasileiros: um estudo documental**. Trabalho de conclusão de Curso. Licenciatura em Educação Física, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2017.

SOUZA, Felipe Amorim de. **Participação das escolas secundárias de Santos nos campeonatos colegiais: prática de educação física escolar (1934-1964)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Educação. Universidade Católica de Santos. Santos, p. 183. 2012.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos brasileiros de psicologia.** Vol. 71, n. 2, p. 51-67. Rio de Janeiro. 2019.

STEIN, Jaqueline. **Mapeamento das pesquisas e dos programas de pós-graduação em educação no norte do Brasil: um estudo exploratório**. Relatório Técnico (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Tocantins. Palmas, p. 110. 2022.

STIGGER, Marco Paulo. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. **Movimento.** Vol. 7, n. 14, p. 67-86, Porto Alegre. 2001.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. **A VOZ DO PASSADO – História Oral**. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, Alistair. Memórias de Anzac: colocando em prática a teoria da memória popular na Austrália. **História oral**, v. 4, 2001.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

TUCHOLSKY, Kurt. Introdução: O testemunho das imagens. In: BURKE, Peter. **Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica**. SciELO-Editora UNESP, 2017.

VARGAS, Pauline Peixoto Iglesias. **"Eu só tenho daquela época... boas lembranças!": narrativas acerca do esporte escolar de rendimento em escolas particulares de Curitiba (1980-1990)**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 132. 2017.

VARNIER, Thaise Ramos; RIOS, Fernanda Gonçalves; RIBEIRO, Etyelle Laurindo; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves; SILVA, Otávio Guimarães Tavares da. Rituais Escolares: os jogos e 'Olimpíadas' sob o olhar dos alunos. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 10, n. 4, 2011.

VASQUES, Carlos Adonai Chacon. PRÁTICAS CULTURAIS E ESPORTIVAS COMO CONCEPÇÃO DE SAÚDE/DOENÇA DE RIBEIRINHOS NA AMAZÔNIA. **Revista Educação e Humanidades**, v. 2, n. 1, jan-jun, p. 585-600, 2021.

VEIGA, Raí Medeiros; FARO, Carmen Lilia da Cunha. Os significados que emergem da formação do primeiro corpo docente da ESEFPA: entre a memória e a história. Biblioteca "Prof. Jonathas Pontes Athias", 2016. Disponível em: <https://bibc3.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/03/veiga-rac3ad-medeiros-os-significados-que-emergem-da-formac3a7c3a3o-do-primeiro-corpo-docente-da-esefpa-entre-a-memc3b3ria-e-a-histc3b3ria-2016.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2025.

Jornais

ESTUDANTES DO ACARÁ PROMOVEM II OLIMPÍADA DA JUVENTUDE. **A Provincia do Pará**, Belém, 07 de julho de 1977, p. 08.

JOGOS ESTUDANTIS DO ACARÁ REALIZADOS COM MUITO ÊXITO. **A Provincia do Pará**, Belém, 29 de julho de 1986, p. 11.

OLIMPÍADA MARISTA MOSTRA VIGOR E BELEZA DA JUVENTUDE. **A Provincia do Pará**, Belém, 03 de julho de 1984, p. 02.

SELEÇÃO ESTUDANTIL BRILHA NO DF. **A Provincia do Pará**, Belém, 27 de julho de 1989, p. 12.

A HISTÓRIA DOS MUNICÍPIOS DO ESTADO DO PARÁ: MOCAJUBA. **A Provincia do Pará**, Belém, 03 de outubro de 1976, caderno especial, p. 13.

MOCAJUBA COMEMORA 100 ANOS DE EXISTÊNCIA. **Diário do Pará**, Belém, 12 de julho de 1995, p. 07

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado (a):_____

Eu, Fagner Medeiros Dias, discente do curso de Metrado do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal do Pará, sob orientação do professor Dr. Welington da Costa Pinheiro, estou desenvolvendo uma pesquisa cujo objetivo é **investigar a "Semana Estudantil" do município de Mocajuba-PA, no período de 1970 a 1980**, a fim de registrar a história desse evento esportivo de grande expressão para o município. A participação nesse estudo é voluntaria. Na publicação dos resultados desta pesquisa, caso seja de sua vontade, a sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo (a).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente, você estará contribuindo para a compreensão do tema estudado e para a produção de conhecimento científico.

Caso em algum momento venha se sentir incomodado com perguntas do questionário, você pode não responder à pergunta, ficando à sua vontade sua suspensão de participação no estudo.

Ao assinar abaixo, você indica que se enquadra nos critérios de inclusão da pesquisa, estando ciente do presente Termo de Consentimento, e concorda em contribuir com a participação no estudo, assim como, afirma está de acordo com a utilização e publicação das informações fornecidas. Ademais compreende que a participação é voluntária e que tem a liberdade de obter esclarecimento sobre a pesquisa.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador no contato (91) 985362833, desde já agradecemos a sua importante contribuição.

_____, _____ de _____ de 2025.

_____

Assinatura

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Destinatário, _____

Eu _____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista transcrita e autorizada para leitura em _____ (data) para o professor Fagner Medeiros Dias e o professor Dr. Welington da Costa Pinheiro usá-la integralmente ou em parte, sem restrição de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, estendo os limites a terceiros, ficando vinculado o controle à instituição que tem a guarda da mesma. Abdico direitos meus e de meus descendentes.

_____, _____ de _____ de 2025.

_____

Assinatura

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Roteiro de Entrevista

Nome:

Idade: Profissão:

Quantos anos participou da Semana Estudantil Mocajubense:

Ano da edição que participou da Semana Estudantil Mocajubense pela primeira vez:

Time do qual fez parte:

Função que exerceu (modalidade que participou):

Onde você estudava:

Nascido em Mocajuba:

1) Criação da Semana Estudantil Mocajubense
   - 1.1) Motivações
   - 1.2) Público/ Participantes (Quem participou da organização)
   - 1.3) Preparação e organização da Semana Estudantil Mocajubense
   - 1.4) Principais apoiadores
   - 1.5) Qual o local dos jogos? Descreva.
2) Como a Semana Estudantil Mocajubense era realizada?
   - 2.1) Como se estruturava os jogos (todos contra todos, chaveamento)
   - 2.2) Tinha algum regulamento/Regras?
   - 2.3) Quais as modalidades?
   - 2.4) Havia algum tipo de preparação/treinamento para os jogos?
   - 2.5) Havia premiação? Como ocorria?
   - 2.6) Houve a participação da população nos jogos? Como foi essa receptividade?
3) Significados da Semana Estudantil Mocajubense

3.1) O que a Semana Estudantil Mocajubense significou na sua vida enquanto participante?

3.2) Você tem alguma história/ episodio/ fato sobre a Semana Estudantil Mocajubense que você se recorda e queira contar?

Retorno com os interlocutores

Novas questões

1. Em algumas imagens a gente identifica crianças na cerimônia de abertura. Qual o papel dessas crianças?

2. Que práticas corporais, de lazer e de divertimento eram vivenciadas pelos jovens no período da década de 70 em Mocajuba fora dos jogos?

3. No Brasil, a década de 70 até meados da década de 80 vivia o período da ditadura militar. Você percebia a influência desse regime na realização dos jogos?

4. O regime militar impactava de forma direta ou indireta nas práticas corporais e no lazer dos jovens de Mocajuba do período?

APÊNDICE C – Transcrição das Entrevistas

Interlocutor	Criação da Semana Estudantil em Mocajuba
Medeiros	A criação da semana estudantil foi assim, os estudantes na verdade, se reuniram na CEUP na em Belém e resolveram criar essas semanas Estudantil mocajubense, tinha estudante da marinha Mercante, tinham estudantes do Souza Franco, os estudantes que também já faziam parte da capital, os filhos de Mocajuba que já estava estudando o nível superior o nível médio tudo na capital (Belém) foi assim que essa semana começou. Reunido num Belo bar, surgiu essa ideia, o primeiro ano um pouco desorganizado por questão do pessoal que estavam envolvidos (não entenderem muito bem sobre organizar eventos). Depois nós criamos o presidente, criamos uma equipe com camaradas que eram interessados realmente, e essa direção essa diretoria da Semana Estudantil, ela seguiu a longos dos anos da mesma, com a mesma pessoa sendo presidente da semana estudantil, no caso nosso foi o Reginaldo Guimarães, esse foi o grande atleta e o cara que trabalhou realmente e teve o maior interesse, levava (trazia) as pessoas para trazer um time mais ou menos (forte/competitivo), de atletas do Paysandu, de atleta do Remo, de atleta da Tuna luso brasileira, de vários clubes de Belém. A gente integrava essa Semana Estudantil, que no caso ela é Semana Estudantil mocajubense, mas nós trazíamos outras pessoas de fora para agregar a gente, pra poder ter esse resultado (de um grande evento). E a Semana Estudantil foi crescendo ao longo dos anos e cada vez cada ano que a gente organizava a gente participava também, que eu não era um dos organizadores da Semana Estudantil eu tinha uma participação como atleta, mas tem um conhecimento dela porque eu participei, só não participei da primeira Semana Estudantil, da segunda em diante eu participei até essa data que eu coloquei para você, e ela teve esse crescimento, essa evolução e aí foi ficando, inclusive até hoje nós temos ainda a Semana Estudantil Mocajubense, que funciona na mesma data, que é o mês de julho.
Americo	Ela (a Semana Estudantil Mocajubense) começou com os jogos intercolegiais, era só o instituto que fazia isso. Aí surgiu na ideia desses jovens, que eram, e que ainda são até hoje, (só não existe mais o Carlos Jorge), pra fundar uma Semana Estudantil, desses jogos intercolegiais, passou a ser a Semana Estudantil Mocajubense, que eu estou te falando, eram só nós mocajubense que participávamos. Depois de um certo tempo, começou a vim pessoal de Remo, de Paysandu, de Tuna, pessoas de Belém para participar, virou uma disputa mesmo, cada um queria ser mais do que o outro.
Meireles	75 (Ano de 1975) foi a fundação da Semana (Semana Estudantil Mocajubense) eu não participei eu era bem jovem eu tinha 15 anos eu estava na galera, na torcida. O começo

	da Semana Estudantil Mocajubense aconteceu em 75, os colegas que fundaram Semana Estudantil Mocajubense eles eram filhos de Mocajuba que moravam na capital (Belém), em uma casa de estudante chamada RESIP, Republica do Estudante Secundarista do Pará. Esses colegas chamam-se Deusdete Oliveira, que foi presidente pela primeira vez; Edemir Gonçalves dos Santos um dos colegas que é um dos cofundadores; também João Gonçalves dos Santos; Raimundo Fernando Bahia Meireles; José Coelho; Sebastião Sousa Braga, deixa eu lembrar mais outros foi Samuel Igreja foi isso que eu lembro, que eu era bem jovem. É, foi criado lá no local da casa dos estudantes. A resenha (conversa ou reunião entre colegas) que a gente fala era o Bar do Parque e o Porto do Sal, lá na Cidade Velha, de onde saiam as embarcações que vinham para Mocajuba. Naquela época nós não tínhamos estrada. Lá (nos portos) esses alunos que eu mencionei, se reuniam e lá que começou tudo. Na casa e a resenha no Porto do Sal, quando saiam os barcos sete horas da noite para Mocajuba. Os barcos ainda lembro. O Lourdes, Monte Orebe, Jubileu, Rodrigues Alves, Botafogo, esses eram os barcos que viajavam para Mocajuba, tirando os navios da ENAVA que não saiam desse Porto do Sal, saiam lá das docas. Era chatinho, o três de outubro, o Manauense, esses navios antigos de ferro.
Guimarães	Essa criação da Semana Estudantil, foi originada da Unedec de Cametá. Porque essa época a Semana Estudantil de Cametá era muito forte. E aí os estudantes aqui em Belém, Deusdete de Oliveira, Edemir Santos, João Santos, Samuel Igreja, Sebastião Braga, eles se espelharam nessa Semana de Cametá e resolveram fundar a de Mocajuba. E chegou lá eles me convidaram para ser o presidente da semana. E eu fui o primeiro presidente. Criadores: Eu sou o presidente, Deusdete Oliveira, Edemir Santos, Sebastião Braga, Edimar Barros, João Santos, Samuel Igreja. Esses são os cabeça, é esses são os cabeças, os principais. (Não. É Foi pode ser é, é verdade, pode ser. Porque tinha o de escolas, que era o Colégio Nossa Senhora das Graças. Tinha Os atletas que estudavam aqui homenageavam os seus colegas. O Colégio Souza Franco que teve. Teve também o CPC, que é o Paes de Carvalho. Que mais? É Realmente tem alguma coisa a ver com homenagear os clubes. **No caso, a representação da escola era só levar o nome da escola?** É, da escola. **No caso, as escolas não tinham...** Não, não tinham, não. Era... Independente. Independente.)
Igreja	Rapaz, isso aí era isso, a gente estudava em Belém, a gente

	vivia muito no Porto do Sal. Lá, Mocajubense se reuniu, porque de primeira era o barco, era o jubileu, os barcos. E foi programado isso lá, com gente bebendo, o Reginaldo, muito influenciador. Aí falavam, vamos montar para quando chegar Mocajuba, a gente ir fazer. E foi assim que nós começamos. **Quem foram os principais que organizaram essa semana, o senhor consegue se lembrar?** Lembro, era o Reginaldo, Deusdete, Derco, eram as pessoas que mais eram envolvidas.
Santos Filho	Mas assim, o que aconteceu é o seguinte. O Mocajuba não tinha nada, era um areal. Não tinha nada. O que a gente jogava era bola aqui no campo da escola. Aí, que nós fomos estudar pra Belém. Eu, o Deco, o João, um bocado de gente aí. Zé Teófilo, um bocado de gente. Aí, o que aconteceu? A gente chegava de férias, não tinha nada aqui. A cidade toda não tinha nada. Um areal que nem bicicleta andava. Aí, nós passando em Cametá, que o barco saia nove horas da manhã daqui, a gente passava pra Cametá. A gente via a unidec. Criaram naquela época, Cametá, o unidec. E aí, tinha competição estudantil lá. E eles chegavam a bordo, aqueles que iam pra Belém, comentando aquilo. E nós... Porra, um bora criar um. Só que nós estávamos muito longe deles. Sem apoio, sem nada. A gente morava numa república, chamada Resip. A gente morava lá, nove, mocajubense. A outra parte era abaetetubense, em alguns lugares. Rapaz, a gente ia pro quadro. Bora fazer um negócio em Mocajuba. A gente escrevia lá, eu ia pro quadro. Tá, tá, tá. Primeiro ano, segundo ano, não acontecia nada. A gente não tinha estrutura. A gente não tinha apoio político. Porque a gente bebia muita cachaça e vinha pra cá com laranja. Cachaça com laranja. Naquela época não tinha cerveja, não tinha energia aqui. Não tinha energia. A gente ia beber laranja com cachaça. Era mais barato, nós estudantes fumados. Só tinha ideia. Quem vai acreditar em gente? Tô bebendo o dia todo,

	bebendo cachaça aqui. Tu acha que tinha alguém que ia acreditar. Aí, rapaz. Tinha uma quadra aí, né? Que a irmã vinhera fez. Aí o Zé Bahia, o Amintas. E deram apoio pra nós. O Amintas, porque vendia picolé lá. Queria um movimento. O Zé Bahia, eu não sei porquê, ele dava apoio pra gente. Aí o pessoal, olha tu vai ser o presidente. Eu era o cara que mais, sabe? O pessoal mais bebia. Eu larguei de beber e fiquei. Primeiro ano não saiu porque eu fui jogar lá no Ituquara com os clientes do rádio. Que era o Ari filhio, aquele pessoal da Rádio Clube Pará. Vamos jogar lá na Ituquara. Aí não teve a semana. Cheguei de lá, não teve não. No outro ano vai ter. Chegava em Belem, a gente fazia aquela programação. Aí saiu esse ano. Aí não fizemos o primeiro ano. Só que o primeiro ano fizemos salão, regata, que era casco, e natação. Começamos assim. No segundo ano, nós já induzimos as mulheres que não sabiam jogar vôlei. Naquela época o vôlei era de vantagem. Então as mulheres é difícil, não sabiam jogar, tu não terminava o jogo. Imagina. A gente ia lá e inventava. Inventava alguma coisa, começaram as mulheres. Me falaram que depois as mulheres de Mocajuba foram campeões, estudantis. Mas quando começou o saque, elas começaram a tirar de lá. **No caso, as mulheres começam a participar na segunda semana?** Acho que na segunda ou terceira, nessa fase aí. Entendi. Isso com muito sacrifício, a gente ajudando elas, porque elas tinham dificuldade de tirar o saque lá. Tinha vantagem, hoje não. Hoje é mais fácil, porque naquela época é mais difícil. A vantagem passava pra cá, aqui passava pra cá. Aí só se fizesse dois pontos que ia valer, demorava realmente. Aí nós fomos melhorando. Prefeitura longe de nós, porque não acreditavam na gente.

	Nós fazíamos com sacri, a gente tinha que pedir nas lojas, no pessoal. A gente pedia pro pessoal, quando não coprerava. O Zezinho nos ajudou, já faleceu. Ele deu a rádio, que nós criamos o Rádio Guarani. Que já começava narrar e tal. Aí foi o Zezinho, que nos ajudou, e comprava risolho pra nós, gostava demais da gente. Foi assim mais ou menos.
Bacha	Então, essa criação eu lembro que... Eu acho que ela foi criada muito antes de eu ter nascido. Mas eu lembro que eles faziam umas reuniões, porque naquela época aqui em Mocajuba não tinha luz. Não tinha internet, não tinha nada disso. Então, as pessoas se encontravam assim para bater papo na rua. Então, tinha um... A Mangueira ainda existe, que é ali em frente do Banco do Brasil. Aí eles fundaram, né? Reginaldo, Alex, meu irmão, Zeca. E o pessoal que saía daqui para estudar fora, eles retornavam nas férias. E aí, nessas férias não tinha muito o que fazer, então eles fizeram uma conversa ali no Banco dos Vadios, que eles inauguraram, Banco dos Vadios. E aí eles resolveram fazer alguma coisa, né? E aí fizeram a Semana Estudantil Mocajuba. Pelo menos é isso que eu sei, né? Sim. E aí, de lá, não lembro quem foi o primeiro presidente, não lembro qual foi o primeiro ano. Não sei se foi antes de eu ter nascido ou depois. Mas eu sei que naquela época era muito bom, né? O Reginaldo Guimarães foi presidente por muitos anos. Então, era uma coisa assim, era histórico mesmo. Era a semana que mais dava gente, Mocajuba. E tinha várias modalidades de esporte, não era só vôlei, futebol de salão. Era natação, era ciclismo, era bilhar, era pião, era todo tipo assim, natação masculina, feminina, corrida masculina, feminina, ciclismo. Então, assim, o dia era, a semana era preenchida, de manhã, de tarde e de noite tinha alguma modalidade.

Interlocutor	**Motivação para a criação da Semana Estudantil em Mocajuba**
Medeiros	Pois é, a motivação da criação da Semana Estudantil foi basicamente dos próprios estudantes que já participavam desse futebol fora e a gente também tinha esse conhecimento, jogava o nosso futsal aqui Pelo através de colégio nenhum incentivo político. Foi criado realmente a parceria de alunos que faziam parte de nível superior de Belém os que tinha aqui no município e a gente somou isso tudo e nós fizemos esse grande evento que aí hoje está. Hoje nós temos ao longo dos anos a prefeitura viu que funcionou. Naquela época eu acho no fundo de participação do município nem tinha (um valor estimado) para esse tipo de

	evento essas ajudas, e a gente fazia por conta própria e de acordo com os valores que tinham em Mocajuba. A gente pedia muita ajuda para as pessoas que dependiam né das pessoas que financeiramente viviam bem como no caso dos *pepericultores* (agricultores), dos camaradas. Na época agricultura era forte aqui em Mocajuba e ai se sustentava disso porque eles eram muito forte com a gente aí os empresários aqui se dividiram pelos clubes: - vou ajudar o Skylab, e aí eu ia arranjar uma quantidade de pessoas; - nós somos os investidores do Skylab. Aí vinha do Santos outro investidor, uma família grande que tinha aqui Mocajuba e que tem até hoje e esse pessoal investir em cima do Santos então, nós tivemos e essa motivação pra fazer isso porque nós contamos com muito apoio das pessoas menos o público, no caso da prefeitura, isso aí não estou dizendo que não queria ajudar, é porque não tinha esse mecanismo na época, hoje tem tudo isso a prefeitura entra com uma parte de eu acho que 30% ela entrega uma Quadra pronto ginásio pronto ela entrega essa hoje tem tudo isso mas antes não, antes foi a motivação mesmo estudantil das pessoas que estudavam em Belém eles se reuniram nessa época lá no, inclusive foi essa reunião foi no bar do parque em Belém que hoje não sei nem se ainda existe o bar do parque então lá se reunia toda essa galera de todos os municípios aí Mocajuba criou a semana e daí os outros municípios também pegaram atrás e inclusive hoje nós temos vários municípios disputando a semana estudantil do seu lugar e então essa foi a razão ou motivação foi essa.
Meireles	A motivação era o seguinte, nas férias nós não tínhamos, por exemplo, a parte do esporte, o que fazer. Tinha, mas não de salão (futebol de salão), que na época a gente, a saudosa Irmã Vieira, que era superiora do Instituto Nossa Senhora das Graças, com os alunos admiradores, os moradores de Mocajuba. Nós construímos a quadra Irmã Vieira (quadra de esporte que hoje é o ginásio poliesportivo de Mocajuba). Daí teve a motivação dos alunos que eu mencionei aí, de fazer no mês de julho, que eram as férias, o campeonato de salão que é a Semana Estudante de Mocajubense.
Guimarães	Pois é, essa a motivação foi essa Semana Estudantil de Cametá, que era muito forte. Foi espelhada na Semana Estudantil de Cametá. Era a juventude que achava que devia ter jogos também em Mocajuba.
Igreja	Era praticamente um motivo para os Mocajubense virem para Mocajuba, para não estar indo para outra parte. A gente vinha para Mocajuba para participar. Sim.
Santos Filho	Pra criar pra nós, primeiro que não tinha nada aqui. Essa foi a grande motivação. E segundo, que nós tinha a origem de Cametá, a UNIDEC lá, dava aquele... O pessoal chegava suado lá, a gente

	chegava 9 da manhã, a gente participava ainda, que era o último dia dele. Pra eles viajarem com a gente pra Belém. A gente via aquilo, pô. **Vocês pegavam assim como se fosse o final da competição deles?** Deles. **Quando vocês estavam voltando pra Belém. Entendi.**

Interlocutor	**Como eram realizados os jogos da Semana Estudantil em Mocajuba**
Medeiros	A chave que nós usávamos era a mesma que hoje ainda está, apenas era mudado o futsal, ela era com uma bola mais pesada, já obedecia ao Regulamento Paraense. Então nós já viemos baseados no Regulamento Paraense. Tudo que acontecia lá, nos aplicamos aqui, a regra, a organização do evento. Nós tínhamos uma diretoria, tinha o presidente, tinha dois vice-presidentes, tinha o secretário. Então pra tudo tinha. E pra cada evento, pois, a Semana Estudantil não foi só de jogos de futsal e voleibol, ela foi de várias outras modalidades, muitas por sinal.
Americo	Não, era um, se eu não me engano, eram dois grupos só, aí no fim é, eles iriam caso vencessem a parti do grupo os dois primeiros iam decidir, o torneio né, como faz o de vôlei, como também o do futsal.
Meireles	Olha, era por chave. Era de chave, né? Aí fazia no sorteio, aquele que caísse aí, dessa chave que saía aí a classificação, né? Até pra chegar no final, tu entende como é que é? Sim, começava... Aí, oito times, né? Aí tinha quatro pra cá e quatro pra cá, né? Esses quatro aí iam fazer pra jogar entre si, pra sair daqui as classificações, pra chegar no final, quando começou, né? Que eu lembro.
Sacramento	não tinham tinham são eram vários grupos entendeu é tinha para pre é a primeira a primeira fase né, é que ela era uma fase assim classificatória aí depois ia por eliminação entendeu, tipo assim, é o time que perdesse né tipo assim, tinha uma pontuação né quem na primeira na primeira chave quem ganhava passava para outra chave do grupo entendeu, e assim sucessivamente quem na fase de de eliminação quem ia perdendo né era é tipo assim mata mata depois entendeu perdia estava fora. Na primeira fase não tu disputava entre os grupo, por exemplo assim vamos supor, vamos supor que sejam, eram 4 grupos 6 entendeu aí participar aquele grupo quem somaria maior ponto passava para outra fase que já era tipo mata-mata como se chama hoje ne, aí perdi ia eliminando assim que se estruturava os jogos. **da fase de grupos passava quantos times? Só 1 time ou**

	os 2 melhores passava? Eu acho que era 2 que passavam na época de cada fase eu não lembro direito, mas mais ou menos era isso. **Aí tinha algum tipo de na verdade o outro esporte que o senhor praticava era o tênis de mesa era também dessa forma?** Tênis de mesa era assim, a gente jogava né vamos suposto assim, vamos supor que eram tantas equipes aqui tá, aí tinha o Playboy, o Fogo, Áustria Viena é várias equipe né, então cada um cada um nomeava um atleta para representar o clube entendeu, e a gente jogava entre si, aqueles que iam perdendo iam saindo aí ficava os 2 melhores para final entendeu, assim que acontecia o jogo. **Já era eliminatória desde o começo?** É eliminatória desde o começo entendeu, ia perdendo, ia saindo, era assim.
Castro	Não era, era uma chave só eram 8 times aí é tinha a oitava, as quartas e as semis e a final, não era mata-mata.
Guimarães	Essa primeira Semana Estudantil foi muito amadora mesmo. Só Chegaram em Mocajuba, me convidaram, organizaram o torneio e pronto, foi só isso mesmo. Aí para as primeiras outras edições, ela foi seguindo em 1976 né, 1977, eu já não fui presidente, era só um grupo organizando. Até 1977, 1978. Em 1979 eu assumi a Semana Estudantil novamente. Já na administração, 1979 e 1980. Em 1981, nós resolvemos que aquele torneio estava muito simples, só com essas três modalidades e resolvemos fazer uma Semana Estudantil no molde de Olimpíadas. Nós fundamos o Comitê Estudantil Mocajubense, que justamente já era para organizar. Eu como presidente, o Edimar Barros vice-presidente, aí teve o Roberto Leão, Edinaldo Barros, José Guimarães, Rubens Maia, todos eles faziam, Deusa Braga, Rosilene Maia, todos fizeram parte desse Comitê Organizador. Eu fiquei até 1982 no comando, da Semana Estudantil. Aí, 83, já foi o Edimar Barros presidente, 84 foi o Wilde Leite Colares, que foi prefeito (de Mocajuba), 85 foi o Rodolfo Allan Baixa, 86 o Rodolfo Allan Baixa, 87 foi o José Sacramento (Coboió), 88 e 89 foi o falecido José Gersione Sabá, em 90 eu voltei para ser presidente novamente, fiquei até 94 presidente.
Pinto	Olha, era a semana, então a gente realizava assim. Como que é saber assim? Tinha outras modalidades? Não. **Como ela se estruturava? Como eram feitos os jogos naquele período?** Naquele tempo a gente treinava os jogos, era feito na quadra. Na quadra era a velha, que o primeiro tinha.

	Era lá que era feito. **Aí, no caso, você praticava o vôlei**. Era vôlei. **Como era feita a distribuição dos jogos? Tinha uma fase de grupos? Ou era eliminatória desde o início?** Não, não era eliminatória. Tinha as fases e a gente ia passando para a semifinal, para a final, até chegar na final. Primeiro tinha tudinho.
Igreja	Era feito em uma semana. Semana Estudantil. Aí cada equipe se virava como podia. **Mas aí a estrutura dos jogos, tinha uma fase de grupos, tinha eliminatória desde o começo, como era que era feito?** Não, era em fase de grupo. Quem fosse, tinha eliminatória. Mas não era no primeiro jogo eliminatória. Tinha vários jogos. Conforme quem ia para a final, para a quarta final, para a semifinal, eram os times classificados melhor.
Santos Filho	Mas a organização foi muito ruim, vou te contar o lance. Primeiro que nós não tínhamos dinheiro, só coragem. **Sim.** Aquela quadra, ela era uma quadra. Então lá tinha bacurizau, naquela época, mato subia, nós não tínhamos dinheiro para limpar, e nem sabíamos. Tinha um delegado na época, parece que o nome dele era Jaime, ele era metido a treinador de futebol, jogava bola, jogava bola, eu morava aqui e me dava muito com ele. A gente levava ele como treinador, ele gostava, o delegado também. A gente vinha aí com ele. Porra, nós tamo assim, libera para nós, libera para nós os presos de corretivo, aqueles presos pobres. Sem ser de justiça que não tinha comarca naquela época, não tinha nada. Era preso de bebedeira, liberava dois, três, a custa da liberdade dele limpar lá para nós. Aí a gente ia lá na feira, piquear, Miguel dos Santos, tinha umas baiucas, não tinha supermercado, era umas baiucas, eles davam arroz para nós, a gente fazia um mingão de arroz lá, a gente fazia fogo lá, e aí a gente, os presos tomavam, nós tomávamos, eles limpavam tudo para nós lá. A liberdade deles era nessa limpeza. Entendi.
Bacha	Era o presidente da semana, era uma equipe, né? Era o primeiro secretário, né? Então era eles que preparavam, mas a gente não tinha um treinamento para nadar. Ah, vamos treinar. Não, a gente ia mesmo. Nascido no interior, a gente era peixinho. Magno riu todo dia, então não tinha aquele preparo. De nada tinha. Vôlei a gente, mesmo não sendo época de semana estudativa, a gente brincava de vôlei na rua

	direto. Então era nosso esporte, né? As mulheres e tal.

Interlocutor	**Principais apoiadores da Semana Estudantil em Mocajuba**
Medeiros	Nós temos, tenho sim nós tínhamos a família Cunha se quiser citar nome eu posso citar nós tínhamos a família Cunha que trabalhava no bem da semana estudantil mas tinha um clube **sim,** como eu acabei de falar aí, estão eles tinha eles torciam pelo time então eles colocaram na época O o time que era da que era da da família Cunha então esse time era deles eles apoiavam o máximo para ele mas ajudava todas as outras equipes quando a gente saía barganhando, dizer uma lista uma lista de nós nós éramos participante da Semana Estudantil, então tinha família Cunha tinha família Sacramenta tinha família Bahia de Melo tinha família é da família Guimarães que é o que é o nosso nosso presidente que foi por muito tempo e só trouxe coisa boa para a gente e eu acho que você também deve ter uma entrevistas já participou com ele que é o Reginaldo Guimarães uma grande pessoa nessa época e até hoje né e temos a é a nossa família que era a família Moreira que eu era um grande incentivadores nosso inclusive hoje ainda tem aqui um representante dessa famílias que é o Jorge Moreira então tive a nossa família que era era era era assim uma família pequena mas que já dependia e já tinha como também incentivar essa Semana Estudantil, foi muitas famílias, famílias de Mocajuba na época todo mundo se fechou e ajudou a gente então foi por isso que saiu esse grande evento aqui hoje tá.
Meireles	Olha, nas primeiras edições, o nosso patrono da Semana Estudante de Mocajubense era um filho de Mocajuba, doutor Vicente de Paula Queiroz, inclusive ele era um advogado. Ele foi vereador em Belém, foi deputado estadual, e sempre dava esse apoio na abertura, ajudava também os alunos desta casa lá, secundarista lá. Ajudava a gente, com alimentação, com cesta básico, às vezes ele ia por lá com a gente visitar, e dava uma ajuda pra gente, doutor Vicente de Paula Queiroz. Quando tinha a abertura, sempre vinha de Belém, e fazia aquela abertura bacana. A nossa rádio, a Rádio Guarani, do saudoso Raimundo Cupertino, o seu zezinho, que participava também com a rádio dele. Os locutores da época, o Allan Baixa, Caetano Gonçalves dos Santos, o seu zezinho, e também os apoiadores, os comerciantes da época. José Bahia de Melo, que era o meu irmão, tinha comércio, Amíntas Lopes de Oliveira, esses dois que eu lembro que era o mais (os que mais apoiaram), que ajudava com bola, com troféus e

	medalhas. E também, de não deixar de mencionar os nossos amigos, o dono dos navios, o Rodrigues Alves, o seu João Valle, o seu Diquinho Trindade, sempre ajudavam com algumas passagens pros alunos que vinham de férias no mês de julho para o torneio.
Castro	Olha, naquela época é como tinha pimenta-do-reino tinha muito dinheiro os donos do time se reunião fazia uma coleta e traziam os jogadores de fora era feito tudo assim a prefeitura ainda não ajudava em nada, só dava o nome aí pra usar mas ela não dava estrutura estava só a Quadra, aquela Quadra de cimento mas quem bancava os times era os cara do, da pimenta-do-reino que gostavam do time do Pec, Santos, Áustria Viena, playboy os cara que bancava os time.
Guimarães	A primeira Semana Estudantil foi muito apoiada pelo senhor Amintas Lopes de Oliveira, José Bahia de Melo, Francisco Braga e a Prefeitura. Comerciantes de Mocajuba.
Igreja	Olha, o time que tinha condições, eles faziam do melhor. Os outros não, aí um cooperava, a gente saía, pedia cooperação. Aí, o tipo da organização foi isso que nós fizemos para trazer o pessoal para Mocajuba. Pedia, a gente pedia cooperação para os comércios, para os caras dos barcos, o Toninho, que foi um cara que ajudava muito no Jubileu, o João do Valle, do Rodrigues Alves, ele trazia o pessoal. A gente ia lá no navio, antes de chegar para cá, a gente enfeitava tudinho, botava placas, tudinho. A gente fazia bacana. **E com relação a esses apoiadores, quem mais apoiava para o evento funcionar mesmo?** A prefeitura apoiava, os comércios, e nós saíamos lá para pedir troféu, tinha deputado que dava o cheque, cooperava com o dinheiro, o que era para a gente poder fazer. A gente rodava tudinho o Belém, pedindo cooperação. A gente tinha uma camara, deputado lá, tudinho. O Reginaldo parece que também já tinha um convívio lá que ele já sabia quando chegava. **O senhor diz que a prefeitura ajudava naquele período. Como era essa ajuda da prefeitura?** A gente dava o aparelho para fazer a cobertura, o som. Aí ela apoiava na premiação. Dava o apoio sobre isso

Interlocutor	Como se estruturavam os jogos
Medeiros	Não, não tinha A montagem dela A chave que nós usávamos Era a mesma que hoje ainda está Apenas com Que era mudado né Naquela época era o futsal ela E era com uma bola mais pesada Já obedecia o Regulamento Paraense Então já veio Nós já viemos baseados no Regulamento Paraense Tudo que acontecia lá nos aplicamos aqui, Tipo da regra Da organização do evento Então nós tínhamos uma diretoria Nós tínhamos o presidente Nós tínhamos dois vice-presidentes Nós tínhamos o secretário Então pra tudo tinha. E pra cada evento Que a Semana Estudantil Ela não foi só De jogos de futsal De voleibol Ela foi de várias outras modalidades Muitas por sinal.
Americo	Não, era um, era, era um, era um, se eu não me engano era um grupo né, faziam, eram dois grupos só, aí no fim é, eles iriam caso vencessem a parti do grupo os dois primeiros iam decidir a, a, o torneio né, como faz o de vôlei, como também o do futsal.
Meireles	Olha, era por chave. Era de chave, né? Aí fazia no sorteio, aquele que caísse aí, dessa chave que saía aí a classificação, né? Até pra chegar no final, tu entende como é que é? Sim, começava... Aí, oito times, né? Aí tinha quatro pra cá e quatro pra cá, né? Esses quatro aí iam fazer pra jogar entre si, pra sair daqui as classificações, pra chegar no final, quando começou, né? Que eu lembro. **Aí, com relação às modalidades individuais que tinha da corrida, era só uma vez, só corria uma vez, né?** Era só uma vez, certo? Era só uma vez. Tinha o, por exemplo, que quem gerenciava, né? A natação, a regata, a corrida, entendeu? Por exemplo, alguém lá do gerenciamento da semana. A corrida, fulano, com a pistolazinha dele, pistola, então, uma bombazinha, pá! Pra começar. Tipo isso, que era antigo, não tinha, né? E assim também as outras modalidades. Lá na Ilha do Camaleão, a regata, eles soltavam uma pistola, pá! Pra começar. Sabe? A regata. [...] isso sim, porque, vamos falar é de regata 8 clubes, exemplo, tá, se faltasse uma canoa à olha o Skylab não apareceu e não trouxe, perdia ponto e alto. Mas essa pontuação era para quê mais ou menos. A pontuação quando começou a semana quem tinha mais ponto do campeonato esse era o campeão. Olha Skylab e campeão de salão, campeão de dama, campeão de dominó, campeão de regata, aí outros aí por exemplo o Skylab se sobressaiu, entendeu, tinha mais ponto, mais ponto aí Skylab campeão, um exemplo. acho que caiu como se fosse 11 premiação geral e. isso, geral aí quando fosse fim da semana olha o Áustria Viena ou

	então o Santo, então o Flamengo entendeu ou o playboy teve mais ponto, certo. Aí tinha os pesos, futebol de salão mais pesado mais ponto, vôlei ponto também, aí vinha baixando, aí dama menos, regata mento, entendeu era bem organizado mesmo eu não sei te explicar bacana essa parte, porque eu ficava eu nunca nunca participei do gerenciamento da semana sempre como atleta como jogador.
Sacramento	não tinham tinham são eram vários grupos entendeu é tinha para pre é a primeira a primeira fase né, é que ela era uma fase assim classificatória aí depois ia por eliminação entendeu, tipo assim, é o time que perdesse né tipo assim, tinha uma pontuação né quem na primeira na primeira chave quem ganhava passava para outra chave do grupo entendeu, e assim sucessivamente quem na fase de de eliminação quem ia perdendo né era é tipo assim mata mata depois entendeu perdia estava fora. Na primeira fase não tu disputava entre os grupo, por exemplo assim vamos supor, vamos supor que sejam, eram 4 grupos 6 entendeu aí participar aquele grupo quem somaria maior ponto passava para outra fase que já era tipo mata-mata como se chama hoje ne, aí perdi ia eliminando assim que se estruturava os jogos. **da fase de grupos passava quantos times? Só 1 time ou os 2 melhores passava?** Eu acho que era 2 que passavam na época de cada fase eu não lembro direito, mas mais ou menos era isso. **Aí tinha algum tipo de na verdade o outro esporte que o senhor praticava era o tênis de mesa era também dessa forma?** Tênis de mesa era assim, a gente jogava né vamos suposto assim, vamos supor que eram tantas equipes aqui tá, aí tinha o Playboy, o Fogo, Áustria Viena é várias equipe né, então cada um cada um nomeava um atleta para representar o clube entendeu, e a gente jogava entre si, aqueles que iam perdendo iam saindo aí ficava os 2 melhores para final entendeu, assim que acontecia o jogo. **Já era eliminatória desde o começo?** É eliminatória desde o começo entendeu, ia perdendo, ia saindo, era assim.
Castro	Olha, naquela época é como tinha pimenta-do-reino tinha muito dinheiro os donos do time se reunião fazia uma coleta e traziam os jogadores de fora era feito tudo assim a prefeitura ainda não ajudava em nada, só dava o nome aí pra usar mas ela não dava estrutura estava só a Quadra, aquela Quadra de cimento mas quem bancava os times era os cara do, da pimenta-do-reino que gostavam do time do Pec, Santos, Áustria Viena, playboy os cara que bancava os time.

	Não era, era uma chave só eram 8 times aí é tinha a oitava, as quartas e as semis e a final, não era mata-mata.
Guimarães	Ah, os jogos da feita do Comitê Estudantil, fundado em 81, ela passou a ter 13 modalidades, né? **Sim.** E reuniões periódicas, né? E se reunia e organizava. As reuniões aconteciam aqui em Belém. É. Lá, pra mocajuba, era só a execução já. **Sim.** Até porque a diretoria morava toda aqui em Belém. Sempre foi oito times. **No caso do futebol, do vôlei, essa estruturação era feita por chaveamento?** Chaveamento. Duas chaves com quatro clubes que jogavam entre si. **Eles primeiro jogavam entre si...** entre si para ir pra, é Oitava de final, quarta de final, semifinal e final. **Ah tá, mas no caso você não tinha um grupo primeiro e desse grupo saiam os...** Não, não, era desse jeito aí.
Pinto	Olha, era a semana, então a gente realizava assim. Como que é saber assim? Tinha outras modalidades? Não. **Como ela se estruturava? Como eram feitos os jogos naquele período?** Naquele tempo a gente treinava os jogos, era feito na quadra. Na quadra era a velha, que o primeiro tinha. Era lá que era feito. **Aí, no caso, você praticava o vôlei**. Era vôlei. **Como era feita a distribuição dos jogos? Tinha uma fase de grupos? Ou era eliminatória desde o início?** Não, não era eliminatória. Tinha as fases e a gente ia passando para a semifinal, para a final, até chegar na final. Primeiro tinha tudinho.
Igreja	Era feito em uma semana. Semana Estudantil. Aí cada equipe se virava como podia. **Mas aí a estrutura dos jogos, tinha uma fase de grupos, tinha eliminatória desde o começo, como era que era feito?** Não, era em fase de grupo. Quem fosse, tinha eliminatória. Mas não era no primeiro jogo eliminatória. Tinha vários jogos. Conforme quem ia para a final, para a quarta final, para a semifinal, eram os times classificados melhor.
Santos Filho	Olha, eu vou te falar o seguinte, na hora, nós, eu pensei no Sírio Nazaré, olha só, o Sírio Nazaré, tudo segundo domingo e outubro tem o Sírio Nazaré, então aqui nós estudamos a mesma coisa, fazer a última semana de estudantes começando no sábado para terminar no domingo. É o

	penúltimo sábado e o último domingo. Sim. Para dar a semana para não ter aquele negócio de cair na segunda-feira, na terça, na quarta. Nós fizemos isso, nós se baseamos no Sírio Nazaré. Aí deu certo. Outra coisa, tu quer? **A organização assim dos jogos, como eles eram feitos?** Nós fizemos chave, eram duas chaves, oito times dava para jogar. No início era fácil, porque dava sete, dava oito, era fácil, fazia dois grupos. Depois começou a dar mais. Depois quando era a saída, aí fazia uma eliminatória antes para entrar no grupo. Sim, entendi.
Bacha	Era o presidente da semana, era uma equipe, né? Era o primeiro secretário, né? Então era eles que preparavam, mas a gente não tinha um treinamento para nadar. Ah, vamos treinar. Não, a gente ia mesmo. Nascido no interior, a gente era peixinho. Magno riu todo dia, então não tinha aquele preparo. De nada tinha. Vôlei a gente, mesmo não sendo época de semana estudativa, a gente brincava de vôlei na rua direto. Então era nosso esporte, né? As mulheres e tal. [...] Era assim, era um sorteio pra ver quem ia jogar com quem, né? E aí quem ia ganhando... E era só um jogo. Não tinha, assim, tipo... Segunda chance, entendeu? Perdeu, perdeu. Já ia jogar, já ia passando final pra final. Entendeu? E no final, o prêmio era uma taça, né? Tinha a taça. **No caso, algumas pessoas disseram que... Que tinha algumas modalidades que elas eram feitas apenas no dia. Em um único dia. O vôlei era dessa forma também?** Não, não. O vôlei, a gente jogava a semana inteira. Só quem perdia, entendeu? Começava... A abertura dos jogos normalmente era num domingo. Era só aquela abertura, tinha danças. A gente destilava com o uniforme que ia jogar e tal. E na segunda-feira começavam as competições. Entendeu? Aí tinha o jogo das mulheres, que era duas, três horas da tarde. Aí depois passava o dos homens e depois o futebol. Essas regras normais de jogos, né? Tanto de vôlei quanto de futebol de salão era seguida aquelas regras do futebol. Mas... A gente jogava a semana... Quem ganhava, né? Ia jogando a semana inteira. Não se disputava num dia só o vôlei, não. Não, isso não existia.
Moreira	Eu lembro que nós chegamos, nós passamos uma semana, foi uma semana de jogos e era numa quadra pública. Era lotado aquilo, era uma semana de jogos estudantis e ia muita gente de fora, nós fomos num barco daqui pra lá e ia o pessoal do futsal, do vôlei masculino, ia uma turma convidados pra jogar lá. E a gente chegou, nós conhecemos o time onde a gente ia jogar, a gente fez um treino rápido

	numa quadra e já foi pra competição. E a gente foi ganhando jogos e a gente foi na final e ganhou. Aí, no caso, os jogos eles eram feitos em chaveamento? Era eliminatório? Era eliminatório a simples. Era chaves, eliminatório a simples. Perdeu, saiu, perdeu, saiu. Eram poucas equipes, né? Eram poucas equipes. Eu não sei dizer agora quantas eram femininas, mas era um número pequeno. Eu acho que estava eu e a Cláudia no Austria e tinha uma menina que era até do Remo, eu acho que a Regina foi. Do Remo não, do Paysandu, era a Regina. Ela foi por uma outra equipe. E a gente acabou se encontrando lá, tinha uma turma do vôlei lá porque o pessoal de Belém foi jogar lá. Mas eu não lembro quantos times eram, se você me perguntar. Mas eu lembro que a gente foi jogando, foi ganhando e a gente chegou na final.

Interlocutor	**Regulamentos da SEM**
Medeiros	Então nós tínhamos Começava a semana estudantil Olha, hoje é natação Então saia todo mundo para disputar não tinha aquela classificação saia toda as esquipes.[...] Então era Nós tínhamos na semana Tínhamos o O estatuto Que a gente se apoiava naquilo também Né E aí era isso que acontecia.
Americo	Não, naquela época não tinha esse negócio de regulamento, a gente ia lá, se inscrevia e participava, e não tinha regulamentos assim, tinha o regulamento mas do esporte mesmo né, por exemplo a disciplina e tal, era essa o regulamento, esse que tinha, mas pra inscrição não tinha isso, a pessoa fazia a equipe, como eu joguei no Grêmio depois eu participei no banco de reservas no Pequi, no Pequi até foi formado o, em rodada de bebida até, foi me lembro até hoje, essa mara era o Benori, era o Ranolfo, era o Carlos Jorge la de Tucuruí também, jogava muito aquele rapaz.
Meireles	tinha tinha tinha regulamento da semana né que tinha os cartões vermelho, o amarela, os árbitros. Logo quando começou a semana era árbitro daqui mesmo, local, depois se passando de 78, 77 já vinha arbitro 78 né já vinha o árbitros de Belém entendeu e aí já era outros como é que se diz, outras outras geração, o presidente né inclusive Reginaldo Guimarães, que na minha concepção foi um dos melhores presidentes da nossa semana estudantil mocajubense ele tinha ele tinha as pessoas que gerenciava com ele a semana né que era era tipo um Olimpiadazinha ne era era muita coisa tinha muitas pessoas que ajudavam ele né, tinha o secretariado tinha a tesouraria ele era bem organizado

	mesmo entendeu, tinha a prestação de conta no final da semana, ia lá pro clip prestavam conta tudo bacana entendeu, e tinha também as pessoas que, colegas nossos né que ajudavam na semana né com apoio moral é saudou do Tonho Luís, junito Brito e o Carlos Lopes que eu já mencionei aí que fui campeão de tênis de mesa a irmã dele não é a Sandra Lopes que até hoje ela participa aí de campeonato de veterano que tenes de mesa entendeu é foi era muito legal mesmo essa época deixou saudade pra gente eu
Sacramento	Ele tinha o, tinha uma regra entendeu assim, mas te dizer assim como que funcionava essa regra assim eu não me lembro muito bem entendeu de como era que se, como era que essa regra funcionava, mas tinha, tinha uma regra sim.
Castro	Tinha regra normal do voleibol que era no mundo todo funcionava aqui a regra normal porque todos que vinham jogar aqui eram atletas, vinha dois, vinha dois de fora, como eu era, jogava no Paysandu eu vinha como de dentro que eu era de Mocajuba então a gente vinha, vinha os árbitros, o, o Ruy, até hoje ta vindo o Ruy ai apitando o jogo ai, vinha os árbitros de ponta do Pará. Tudo de fora, de ponta **aí a regra eram as regras oficiais?** Normal era da confederação normal.
Guimarães	Tinha. Tinha o Estatuto da Semana e tinha o Regulamento da Semana. Tinha os dois. **E como era que eles eram, assim, mais ou menos? O senhor consegue lembrar?** O Estatuto só permitia que oito clubes participassem. **Sim.** Desde o início. Entendeu? **Aham.** E que eu lembro... E o Regulamento é o que ia acontecer na Semana. **Aí, no caso, esse Estatuto e o Regulamento ele já tinha desde a primeira edição?** Não, o Estatuto só começou e o Regulamento a partir do ano de 81, quando nós fundamos o Comitê Estudantil. **Ah, sim**. **Nas primeiras edições não tinha?** Não tinha. Era só acordos mesmo. Acordos verbais.
Pinto	Tinha todos os regulamentos. Não podia xingar, não podia falar alguma coisa. Tinha que respeitar tudo lá, o juiz. Tinha tudo. Tinha que ser respeitado, tinha tudo. A melhor ideia era tudo. Tinha que ir com o uniforme correto, não podia ir com outro sapato, com um uniforme diferente, não podia. Tinha que ser com aquele mesmo uniforme todo, senão era eliminado. Se

	fosse com outra roupa assim. Não podia.
Igreja	Olha, eu participei do salão, de vôlei, de pesca, porque na época, todos os times tinham que ter todas as modalidades que o comitê pedia. Sim. Aí, dessas, eu participava. [...] os times não podiam participar mais de duas pessoas que não fossem Mocajubense. Sim. Por isso que era, não é como hoje, não tem nem Mocajubense, tem time que não tem, tudo é de fora. Era por isso que o nome era, semanas só tinha o Mocajubense. [...] Tinha. Era a regra, era aquela que eu te falei. Só podia jogar duas pessoas de fora. O resto tudo tinha que ser filho de Mocajuba ou mocajubense. Ou ter algum vírgula com mocadilbense. **Mas aí essas duas pessoas, elas eram, vamos supor, tinha o time de vôlei e tinha o time de futsal. Podia ser duas no vôlei e duas no futsal ou não? As mesmas pessoas?** Não, podia ser. Podia trazer um ou dois de fora para vôlei e para o salão. Porque sempre quem jogava vôlei não jogava o salão.
Santos Filho	Bom, na regra, para te falar a verdade, quem trouxe a primeira bola aqui de salão fui eu. Primeira bola de salão fui eu. Formei dois times, contei como era a regra. Aquela bola pesada, hoje é mais leve. Olha, assim, assim, eu era juiz, então na época, como não se ama, eu optava também. Porque eu conhecia a regra, naquela época e mudou já, agora mudou. Eu era um dos juízes, ensinei o pessoal, e assim a gente ia, quando a semana pegou o estágio bom, de 80 para cá, começou a vir juiz de Belém, na federação. Mas na época, que nós iniciamos, eu era juiz o pessoal. **Mas aí, tinha um regulamento específico da semana estudante? Tipo, alguma coisa que... Eu já ouvi algumas pessoas falarem que tinha que ter representante em todas as modalidades. Isso era alguma coisa do regulamento da semana mesmo.** Não, não, olha, Começou assim. A semana começou fraca, fraca, não tinha... Depois ela começou a melhorar, aí começou a ter pesos. O pessoal de Belém que vinha, que jogava em Belém, nos clubes profissionais, dois, por causa da seleção, por causa da time, dois, no máximo. Isso já foi uma regra depois, já depois de quatro anos. Entendi. Então, no nosso tempo, não tinha... A regra era do salão mesmo. Depois nós notamos que o pessoal que se apresentava no dia da abertura, uniforme ruim, então nós criamos o troféu em

	uniforme (troféu luxo). O cara que melhor se apresentasse ganhava um troféu. Entendi. Aí foi melhorando, aí foi melhorando. Cada tempo foi melhorando, a gente ia vendo o defeito que a gente tinha. **Para melhorar para a próxima edição.** Então o cara, todo mundo começou a se apresentar bem e para ganhar o troféu, a imprensa.
Bacha	Sim. Era tudo muito... Tinha muito, muitos, muitos... Tinha muitas regras que a gente tinha que seguir. Desde uma semana antes já tinha coisas que a gente não podia fazer, né? E tinha, sim, todas as regras. Era muito... Muito bom. Era, assim... Nossa, tanto que era a semana mais esperada, assim. Por todos nós. O Mocajubense era a época que vinha muita gente de fora. O Reginaldo Guimarães sempre trazia pessoas do Paissandu, do Rio, pra jogar. O Austria-Vienna era um dos melhores times daqui, o Playboy. Né? E... Os melhores jogadores, assim, de futebol que se destacavam no Mocajuba era do Austria-Vienna ou do Skylab. Entendeu? E aí, às vezes, eles traziam. Traziam muitos jogadores de fora. O Austria-Vienna, então, praticamente todos os jogadores, assim, 90% eram de fora.
Moreira	O Reginaldo que era o único, ele era também o empresário do time e o irmão dele que comandava o time, né? Sim. Então a gente não teve acesso a regulamento como era. A gente só foi convidado para treinar e jogar pelo clube deles, pela equipe, porque era uma equipe da semana estudantil. A gente não teve acesso assim como era organizado, eu pelo menos não lembro.

Interlocutor	**Modalidades**
Medeiros	Nas primeiras edições. Na primeira na primeira edição, na primeira em si Foi o voleibol masculino E o voleibol E o futebol O futsal masculino Na terceira em diante já veio Já veio a modalidade masculino e feminino E todas as modalidades Tinha Tinha no futsal, tinha no voleibol Tanto masculino quanto feminino Aí de lá já vinha também É o tiro-alvo O atletismo Tinha natação Era uma série de coisas Tiro-alvo Já falei agora aqui E tinha a disputa da dama Tinha a disputa do dominó Tinha O que mais? O torneio de pesca Que fazia parte toda da Semana Estudantil Todas essas modalidades Que hoje tem Natação, essas coisas Na época nós já tínhamos tudo isso.
Americo	Ai depois veio, depois é, vieram o dominou, ne, é isso que você quer saber, vieram o dominou, a dama, o tênis de mesa,

	corrida, natação, pesca, mais, pesca, na lembrança é só.
Meireles	Sim, a nossa semana Estudantil Mocajubense ela tinha várias modalidades, como futebol de salão, entendeu, pesca, regata, dama, dominó, prova de de fôlego entendeu, às corridas né, fundo e velocidade, as corrida[...]
Sacramento	Nesse período que eu me lembro tinha é voleibol, é futebol de salão, tênis de mesa, é regata, natação, tinha pesca, tinha é maratona né que era a corrida, tinha é disputa de pipa também, é tinha disputa de pipa, e que eu me lembro são essas entendeu, tinha dominó também, tinha dama entendeu, dominó e damas eu me lembro que tinha também entendeu, é, agora outras, eu não me lembro assim de outras, não me, não me vem mas tinham, tinham várias, várias modalidades de esporte entendeu, na época.
Castro	Na época tinha Voleibol, salão, tinha natação, tinha dominó, tinha dama, tinha atletismo corrida né 100 m 200 metros, tinha maratona e tinha ciclismo com o nível.
Guimarães	**É, Nesse período já tinha todas as modalidades, ou qual era a modalidade desse desse?** Na primeira Semana Estudantil só teve o torneio de futebol de salão, voleibol nata e natação. **Só essas três modalidades?** Só essas três modalidades. **E elas eram masculino e feminino?** Masculino e feminino. **Desde o começo?** Desde o começo. Aí já teve futebol de salão, sol masculino, voleibol feminino e masculino, natação masculino e feminino, regata masculino, tiro ao alvo masculino, atletismo, sendo maratona masculino e feminino, 200 metros feminino e masculino, 400 metros masculino e feminino, tiro ao alvo, acho que eu já falei, dominó masculino e dama masculino.
Pinto	Olha, nós éramos do vôlei, mas também tinha corrida. A gente sempre participava da corrida. Mas tinha muitas outras modalidades, mas eu não participava. Mas o time participava, outras pessoas participavam. Tinha basquete, tinha dama, tinha natação, tinha pescaria, era corrida, dominó, tudo isso eu tinha. [...] O vôlei, a natação, tinha a pescaria, tinha o basquete, tinha dominó, pingue-pongue, tudo tinha. Toda a modalidade.
Igreja	Na época não é como hoje. Agora que estão querendo mudar. Cada time coloca quem quiser e eles fazem o principal, que é o vôlei e o salão. Mas antes não, tinha natação, tinha corrida, tinha ciclismo, tinha dama, tinha dominó, tinha tênis de mesa, tinha miss.

	Tinha muitas modalidades. Sim.
Santos Filho	Qual era as modalidades? Olha nos começamos com Salão, começamos com vôlei, regata, natação, a base foi isso aí. Depois veio tiro alvo, corrida, ciclismo, aí foi aumentando. A gente tinha cada ano e aumentando uma, duas. **E o senhor lembra onde eram os locais que eram realizadas essas modalidades?** A gente levava a aparelhagem lá para a ponte, para fazer a regata e a natação no mesmo dia. O ciclismo era na estrada aí, naquela época estava na estrada. Depois foi feito na rua aqui. Daí da frente. Tinha 800, 400, depois foi depois.
Bacha	E tinha várias modalidades de esporte, não era só vôlei, futebol de salão. Era natação, era ciclismo, era bilhar, era pião, era todo tipo assim, natação masculina, feminina, corrida masculina, feminina, ciclismo.
Moreira	Além do vôlei, eu acho que tinha o futsal também, que era uma movimentação muito grande. Mas a gente não chegava a ver, porque a gente foi pra jogar, a gente concentrava no jogo do vôleibol, né? Era uma semana que era o vôlei masculino e o vôlei feminino. Então, tinha que rodar e depois a gente tinha que voltar, né? Então, eu não via as outras modalidades, né? Você voltava pra cá, né, Cláudia? Não, a gente ficou lá, mas assim, é como se fosse toda a competição do vôleibol acontecendo e depois a gente terminou a competição e a gente voltava. Nós entramos, acho que a gente entrou, agora que eu tô me lembrando, acho que a gente já entrou para as quartas e finais, nós não chegamos desde o início não, agora que eu tô me lembrando, porque teve vários dias de competição. Então, a gente entrou, é como se o Áustria-Vienna foi ganhando, ele era um time bom, e aí eles autorizam entrar os dois convidados de fora, em casa dele e da Cláudia, e a gente entrou já nas quartas, semifinais e finais.
Interlocutor	**Locais em que os jogos ocorriam**
Medeiros	Então, esses espaços Dentro da semana Era assim, por exemplo saia Hoje por exemplo, segunda-feira Nós saímos para a disputa da pesca Quando terminava a disputa A pesca já tinha a gente Aqui no clipe, na praça E já ia disputar Enquanto um estava disputando o dama o outro estava disputando o dominó Então isso aí tinha disputado O que a gente poderia fazer Durante o dia A gente ia fazendo a competição Era semana estudantil direto Era de manhã e de tarde A noite não, porque ninguém tinha refletores Naquela época a nossa luz apagava Negócio de nove horas Então não tinha como contar com a noite para disputar nada de evento agora durante o dia Era cheio o nosso dia Oito horas da manhã, por exemplo Tinha o atletismo, oito horas Depois do

	atletismo, a gente vinha para o tiroal Depois do tiroal, a gente preenchia o nosso dia E aí esse povo sempre com a gente E a gente ia pescar lá no trapice Estava gente aí Quem é que está na frente? Quem é que está ganhando e tal? Quem é que está pequeno? Quem já pegou o peixe e tal? Aí sem comentários, o apoio total **Aí no caso A pesca era realizada no trapice Sim A dama, a dominó Aqui no clipe** A natação nossa Era a travessia Acompanhava os barcos, os nadadores Saiu daqui do trapice eles iam Lá na ponta do camaleão E de lá Eles vinham Para chegar aqui E o futsal O futsal era realizado aqui na quadra Quadra Irmã Vieira O vôleibol só numa localidade Quadra Irmã Vieira O vôleibol masculino O vôleibol feminino Era tudo aqui **O senhor poderia me descrever Como era esse espaço da quadra?** O espaço da quadra A nossa quadra era a menor Que tinha Porque ela tem três tipos Então nós já usávamos dentro da regra Nós já usávamos a quadra Demarcada com o menor espaço, não sei te dizer qual é deles, Mas era o menor Que nós tínhamos Mas ele era Piso Piso queimado Piso, sempre foi piso queimado Nós nunca tivemos uma quadra como ginásio Nunca tivemos uma quadra Coberta com taco Nós tivemos sempre com esse piso queimado Que ainda hoje Ainda funciona assim
Americo	Olha, quando iniciamos é, a Semana mesmo, era na quadra de esporte Irmã Viera, lá era tudo aberto, hoje em dia se tornou um ginásio, e com arquibancadas, sem arquibancadas, depois passaram a fazer arquibancada de madeira né, aonde e me lembro até hoje que tinha a transmissão através da aparelhagem, onde ficava, o, a pessoa que ficava transmitindo o jogo, o locutor, ficava sentado na janela de frente, la no Almirante Barroso, ficava sentado na janela lá, era a parte mais alta, então dava de ver na parte de baixo né, então lá funcionava a cabine da transmissão. Depois veio é, fizeram uma cabine na quadra, mesmo ela aberta. Primeiro era cercado de corda né, logo no início era cercado de corda pra, pra que a, a torcida não invadir, depois fizeram as arquibancadas, mesmo assim, passou a ser a arquibancada, mais cercado de corda, fizeram uma cabine, uma cabine para uma rádio né, que era, era a aparelhagem, nossa radio era aparelhagem pra trans, pra dar mais incentivo ao futibo, ao, ao torneio. A corrida, antes de a, de ter a BR aí, ela era aqui dentro da cidade mesmo, eles faziam parece de frente da, de frente do Instituto a partida, rodava parece que la pelo Arraial, vinha pela rua da frente, dela pelo arraial, rodava pela rua da

	frente, até a praça da Conceição, entrava ai na, né, na travessa que vai pro cemitério, não sei o nome dela, parece que é do Carmo parece, e se encontra no, em frente ao Instituto de novo. A regata era da ilha do Camaleão, inda tem a regata né, a regata era da ilha do Camaleão pra cidade. Natação era da ilha do Camaleão também, pra cidade. Tenis de mesa, e a dama e o domino, eram feitos no antigo Cliper, entendeu, antigo Cliper que demoliram não sei por que, né. Era ai embaixo do Cliper que era, tinha essas modalidades, fazia essas modalidades, era o tênis de mesa, o dominou, a dama, eram tudo ai na praça da Conceição.
Meireles	Aí, as outras modalidades, por exemplo, a regata, né? Era no trapiche municipal, aí vocês podem, quem já assistiu ao plano branco, nós tínhamos um trapiche de madeira de lei, e todos os participantes da Semana Estudantil Mocajubense tinham que apresentar essas modalidades. Aquele que não perdia a ponta, ou então era desclassificado da semana, por exemplo. Tinha que ter, entendeu? A regata, a dama, todos tinham que ter essas modalidades. [...] Então, a regata vinha da ponta do Camaleão até no trapiche municipal. Aquele que chegasse primeiro, ganharia o troféu. E o segundo ganharia a medalha. E a corrida, era a corrida. Eram os 200 metros, os 400 metros e também a maratona, né? Tinha maratona, que eu esqueci de mencionar lá no começo da entrevista. A maratona, começando pela maratona, ela sempre, pela primeira vez, ela saiu da boca do Guariba. Do Guariba, é aqui na parte da colônia de Mocajuba, né? Estrada Miguel Dias de Almeida. E a chegada era aí no Bar São Geraldo, na Cidade Velha, que agora é na Praça da Conceição, um exemplo, a chegada, né? Pela primeira vez que eu lembro, né? E os 200 metros, eu lembro pela primeira vez, acontecia aqui na Rua João Alfredo, aconteceu na Rua 15 de Novembro, e os 200 metros, aí na rua aí do cemitério, esqueci o nome da rua agora aí, do cemitério que desce pra feira. Eu participei também aí na Rua João Alfredo e na Rua João Machado, as ruas que eram designadas pra gente correr. [...] Ainda voltando lá um pouquinho, né? É lembrar aqui do vôleibol, né? Que eu nem falei do vôlei, entendeu? O vôlei masculino e feminino. Todos os times tinham o vôlei feminino e masculino, né? Inclusive que pareça, né? O time que eu participei, o Skylab, fomos campeão de vôlei também várias vezes, né? Todas essas quatro vezes.
Sacramento	Olha, é o tênis de mesa ele se dava dentro do instituto normal nossa senhora da graça entendeu que tinha um salão lá, lá a gente participava dos jogos de tênis

	A natação e regata ela saia aqui do porto do trapiche municipal aqui de Mocajuba. A corrida sempre ela se dava na rua aqui de Mocajuba, entendeu, só não me lembro de onde começava e onde é, é terminava entendeu, mas sempre era aqui na corrida e ia, ia no sentido da estrada também pro rumo ai do, que vai no sentido Baião sabe acontecia também essa corrida se eu não me, não me falha a memória né. É a disputa de de pica essas coisas se dava aqui no na orla de Macajuba sabe. É xadrez é xadrez não é dama, dominó também se dava lá no instituto normal nossa senhora da graça no salão lá de dentro lá dentro do colégio. E o voleibol, e o é o futebol de salão se dava na Quadra esportiva Irmã Vieira que ela era naquela época era céu aberto entendeu. Olha, a Quadra ela era assim de, ela era de concreto armado entendeu, aí tinha uma tinha a bancada lateral do lado direito que era toda a estrutura era toda em madeira tinha cabine Guarani também que ficava por trás entendeu aonde se narrava os jogos, e tinha em volta dela também por conta é da torcida não invadir do outro lado né, que desse lado aqui tem arquibancada do outro tinha tipo um um em volta dela um, eu não lembro direito se era o Arame eles passavam Arame para que os torcedores não invadisse a Quadra ne, enquanto que desse lado aqui tinha a arquibancada e a cabine Guarani aonde é os locutores iam e comentava o jogo né.
Castro	Olhar natação era feita aqui na frente aí ali no mercado lá atravessava do camaleão para cá ou do camaleão para lá, mas era mais de lá para cá. E a, a é da bicicleta ela vinha lá, lá mais ou menos do aeroporto pra cá saia de lá largada chegava aqui na cidade. E a dama era aqui, o dominó era aqui na praça aqui onde era aquele coreto que tinha antigo que foi derrubado era aí. E o vôlei continuava na quadra lá da de cimento lá da Irmã Viera
Guimarães	Olha, os torneios coletivos de voleibol e futebol de salão era na na quadra Irmão Vieira, logo no início, né? E as provas de atletismo eram nas ruas de Mocajuba. A natação e a regata eram no Rio Tocantins. E dominó era em locais determinados, o galpão da freira era o principal local, o galpão lá do colégio Nossa Senhora das Graças. E também tinha o tênis de mesa masculino e feminino, que eu esqueci. Sim.
Igreja	Era isso, uma comparação, canoagem e natação. Era no rio mesmo, normal. Corrida, na rua. Corrida. E era assim que era feito, era tudo de improviso.

	O desfile das mísseis, ele acontecia aí no ginásio? O quê? No clube. Principalmente, na Associação Recreativa Mocajubense, que era o clube de Mocajuba.
Bacha	Olha, a natação era feita aqui, naquela época era o trapiche, né? De madeira, onde encostavam os barcos. E aí a gente saía daí, pulava no barco, né? Da Ilha do Camaleão a gente nadava até um certo local, né? Ai, que não era ainda, não tinha a Praia dos Gorgos. Era a praia mesmo em frente da igreja, não existia a Praia dos Gorgos nessa época. E aí parava lá, quem chegasse em primeiro lugar ganhava. A natação era realizada lá. O vôlei, o futebol sempre foi na quadra Esportiva Irmã Vieira, que na época era aberta, não tinha cobertura. Era só cercada de arquibancada. O ciclismo era nas ruas mesmo. Bilhar tinha, se não me engano, tinha o bar Bapipira, o bar Bapipira era lá que era realizado. Corrida era na rua, entendeu? Mocajuba nessa época não era nem asfaltado, era areia, né? Então era mais ou menos desse jeito.

Interlocutor	**Preparação e treinamento**
Medeiros	Sim A preparação tinha Porque a gente se colocava Nós não tínhamos uma pessoa específica Nós não tínhamos Umas pessoas tipo assim Um Professor de educação física Nós não tínhamos esse pessoal preparado Para isso Dentro da organização Nós tínhamos Essas pessoas aqui Mas não identificaram Como poderiam ajudar todas as equipes Ele vinha Num clube Ele participava desse clube E participava ajudando os outros Mas quando a gente colocava Alguém para exercer tal função É porque quando ele vinha de Belém Naquele tempo era difícil Mas nós já tínhamos gente formada Dentro da categoria Que nos ajudou muito Tanto na preparação de natação Tanto na preparação do atletismo Então a gente tinha aqueles camaradas Eles não tinham Nós não tínhamos um exame Que aquela pessoa podia participar Era muito assim Na vontade e na proteção de Deus Para essas pessoas Porque ninguém tinha o conhecimento Se ele poderia de repente Ele ter um problema com ele E graças a Deus nós nunca tivemos um tipo de problema desse que nos deixasse triste, Nunca aconteceu de alguém desmaiar Nunca aconteceu de alguém Vim a falecer por alguma situação dessa E hoje nós estamos contando a história A maioria do nosso pessoal Ainda existe Bem mesmo, sabe.

Americo	Não, nós treinávamos, como diz o pessoal, na marra mesmo né, a tarde é, a gente ia pra, só era uma quadra que tinha, só era aí. Ai o tênis de mesa, porque o colégio tinha também lá a mesa, o Instituto tinha o tênis de mesa, ai o pessoal iam treinar lá. Não existia aquela quadra que existe agora. Então, dama era embaixo da mangueira eu o pessoal faziam aquela rodada e tal, entendeu, eles faziam o desafio. E tinha um camarada muito bom de dama aqui, de dama é, não sei se é dama ou dominou, que era o painho, falava do patinho, filho do professor Edmundo, o Paturi, era muito bom, era ele, era o, meu deus como e´, o irmão o Alacid, esqueci o nome dele agora.
Meireles	os treinos como tinha só uma Quadra em Mocajuba a Irmã Vieira né a gente agir como nós vermos solteiro a gente ia pra Belém entendeu, jogar nos tim, nas quadras que eles arrumavam pra, pra gente o o saudoso entendeu Carlos Lopes né que fez parte do do do sky do Skylab também foi um dos dos fundadores ele participava já de tênis de mesa né que consegui as quadras lá do Alegria pra gente e o do Allan Kardec ai no Jurunas que a gente ia treinar pra lá então tinha uma e era muita gente para era procura muito grande da Quadra Irmã Vieira aí não tinha como. [...] a tá é com e eu relatei né ela traz como nós tínhamos so uma quadra de salão ali né so uma quadro pra ti ter uma ideia à Quadra não parava abria o dia pessoal brincando que era um e era muita gente era muita Gremiação era muito time e tinha uns campinho também os campinhos de pelada né que não era na quadra a gente ia pros campinhos de pelada ou pro Campo Grande ganha preparo né que era, eu lembro do campo logo quando começou essa semana dos estudantes tinha o praião né e lá é agora tem tão construindo um hospital lá pra gente tinha é é o campo do auto esporte que logo no começo no começo da da semana né que já nem eu nem participava esse pessoal iam correr na beira lá do campo lá na pista de pouso onde é o praião era pista de pouso onde o avião descia onde é a escola saudosa minha mãe o nome professores Isaura Bahia entendeu aí o pessoal iam fazer o preparo físico né e como era só uma guarda esse pessoal que estudava em Belém e alguns que iam pra lá como já mencionei a gente ia Quadra do Alegria a gente ia pra quadra do Alam Kardec a gente ia pra quadra do exército ali na praça da Bandeira entendeu e era essas Quadra que às vezes quando a gente morava a gente ia treinar.
Sacramento	Na verdade na verdade a gente é, treinava por conta própria né, nessa época não tinha o treinador não tinha nada entendeu, então, na verdade a gente fazia porque a gente gostava do esporte entendeu, a gente vinha de Belém para cá e treinava na Quadra aqui do salão paroquial aqui na nossa senhora da Conceição aqui tinha uma Quadra aqui também e

	a gente é treinava aí para participar desse jogo entendeu mas não tinha nós não tínhamos é nenhum tipo de preparação para esse jogo como treinador entendeu.
Castro	No nosso caso o voleibol como a gente morava tudo em Belém a gente treinava em Belém a gente treinava um mês antes de vim, a gente treinava o mês de junho todinho pra chegar aqui chegava, era fácil de a gente ganhar porque a gente treinava em Belém, a gente chegava com time de ponta chegava aqui nosso time era montado 3 de fora com 3 de Mocajuba, sempre a gente ganhava. Tinha vinha um treinador, tinha tudo, tinha tudo
Guimarães	Os clubes se reuniam e faziam os treinamentos deles, cada clube se reunia e fazia seus treinamentos.
Pinto	Tinha treinamento, treinava. Os meses a gente ficava treinando, né, vôlei. **Vocês treinavam aqui mesmo?** Aí na quadra, com o time que ia jogar. **Vocês tinham treinador também?** Não, era a gente mesmo que vinha treinar. Era a gente mesmo que ia treinar, treinador mesmo não tinha. [...] Não, a gente se preocupava mais a treinar, a brincar, quando chegava perto da semana. Quando chegava julho, um mês, dois meses, a gente começava a querer treinar, brincar. Era assim, mas fora disso depois não tinha. Mas tinha aqueles times e outros que ficavam o ano todo para quando chegassem, o negócio do time, o Flip, o Fogo Selvagem.
Igreja	Era uma comparação, nós que vínhamos de Belém, ou o pessoal daqui mesmo, eles iam para a quadra treinar, se preparar para os Jogos. **Mas tinha um treinador, vocês tinham treinador naquela época, ou era vocês mesmo que faziam?** Não, era nós mesmo, a gente designava uma pessoa para ser o treinador, mas não era nada de que era formado, era junção mesmo. **Aí o treino que vocês faziam era a prática mesmo do...** Certo.
Santos Filho	Não, não. Criava assim na coxa, como diz o pessoal.
Bacha	mas a gente não tinha um treinamento para nadar. Ah, vamos treinar. Não, a gente ia mesmo. Nascido no interior, a gente era peixinho. Magno riu todo dia, então não tinha aquele preparo. De nada tinha. Vôlei a gente, mesmo não sendo época de semana estudativa, a gente brincava de vôlei na rua direto. Então era nosso esporte, né? As mulheres e tal. [...] Eu acho que isso foi não nesse período que você está

	pesquisando. 1970, 1980, né? Eu acho que nesse período não. Não tinha treinador, não lembro. Se tinha eu não lembro, pelo menos eu nunca fui treinada. A gente jogava mesmo, né? Que era nossa diversão. Botava um fio na rua e ficava brincando vôlei. Mas a gente já pensando na semana estudativa. Era a gente mesmo que se preparava. Não lembro.
Moreira	É, tinha um técnico que orientava a gente. A gente tinha, além da gente que nós que éramos os titulares, nós duas, eu e a Cláudia, e mais quatro meninas lá que jogaram. Tinha um banco também, né, as meninas. Mas assim, a nossa blusa era branca, né? Um short verde, branca com as bordas verdes, Austra Viena. E esse rapaz conduzia, junto com o irmão do Riginaldo, né? Conduzia toda a orientação da nossa equipe, né? Fazia a escalação do grupo, quem saía, quem entrava. Então, praticamente, eu e a Cláudia, a gente ficava na quadra e eles iam mexendo nas outras jogadoras.

Interlocutor	**As premiações da SEM**
Medeiros	A nossa premiação tudo era troféus E esses troféus eram doados Por deputados Eram doados por vereadores Eram doados Pelas pessoas Que participavam Diretamente de uma equipe Como por exemplo Fogo Selvagem Aí eles doavam Um troféu Aí tinha a pessoa Que doava o troféu Para o campeão da semana estudantil Por exemplo Então essas pessoas todas A gente tinha que buscar Ia buscar em Belém esse apoio Nós tínhamos na época O deputado Lauro Sabá Que era uma pessoa daqui do município Essa pessoa ajudava a gente Com troféus Às vezes a gente vinha participar da entrega Sabe Nós trazíamos pessoas de Belém No júri para a nossa missa O mister Tudo isso nós tínhamos Ela só não tinha esse apoio 100% do município Mas a gente com a nossa Com a criação daquele pessoal Que foi entrando e que participava Tudo isso acontecia no nosso evento **Mas aí a premiação Ela era feita num dia específico ou tipo assim acabava a competição pra ocorrer?** O último dia Não, nós fazíamos a entrega assim Por exemplo Hoje a competição é o tiro ao alvo Então cada dia da semana Nós tínhamos uma competição Porque a nossa era semana estudantil era de segunda feira a domingo Tudo isso acontecia Depois foi criado em 15 dias Essas últimas agora Que já tem esse espaço Que cria E ela fica em torno de 12 dias De 12 não De 9 a 10 dias Da semana estudantil Antes era uma semana pa e acabava aqui. Então nós tínhamos Começava a semana estudantil Olha, hoje é natação Então saia todo mundo para disputar não tinha

	aquela classificação saia toda as esquipes E ainda As equipes Para participar da semana estudantil Ela tinha que apresentar Em todas as modalidades um atleta Se não ela não participaria Ou então ela era desclassificada Então era Nós tínhamos na semana Tínhamos o O estatuto Que a gente se apoiava naquilo também Né E aí era isso que acontecia A gente fazia a entrega assim la pro exemplo la no trapiche Hoje é dia de pesca Hoje é dia Todo mundo foi para lá pescar Então você reunia todos os atletas Que eram de pesca Para participar daquele dia Aquele dia era o torneio da pesca Então quando terminava O troféu estava lá em cima de uma mesa Então terminava, o campeão ia lá e recebia a mão de uma autoridade A gente sempre usava Uma autoridade do município Para fazer a entrega desse negócio Aí era registrado lá quando chegava no dia do encerramento da semana Que aí vinha com a entrega do troféu Aí tinha o troféu luxo Da equipe Tinha o troféu da Miss Isso tudo tinha uma festa especial para isso E a gente ia entregando Na festa de acordo com O júri e tudo, o troféu estava lá Então isso era entregue Na hora do resultado E só ficava No final da Da competição Da competição de lá Por exemplo se fosse teca feira o dia da Miss que a miss era quinta-feira que a gente fazia Aí na hora que saía a vencedora Ela recebia o seu troféu Nada financeiramente Nada financeiramente Todo financeiramente Era para gastar Em coisa de pagar um juiz Isso aí a gente fazia Sempre trouxemos juízes de fora Sempre
Americo	Troféis e, troféis e medalhas só. Primeiro e segundo lugar, e terceiro.
Meireles	a premiação não era em valor monetário, a premiação era o troféu né o troféu de campeão e do vice campeão e as medalhas entendeu este que era a premiação não tinha dinheiro não tinha dinheiro envolvido e como é que elas ocorrer elas eram feitas todas no final da da do evento quando acontecer a competição no final da competição já já era um premiado já a gente era assim os eventos por exemplo ganhava A regata né sim a pessoa que ganhava a regata lá ele já recebeu o troféu dele lá na no trapiche municipal ne com as medalhas la fazia aquela festa né aí o presidente da semana entregava lá já entendeu já fazia a preiação entendeu aí de salão já era na Quadra entendeu, a premiação do campeão lá mesmo fazia lá a comemoração de entregar e entregava. Para relembrar quando começava a semana né era um movimento muito bonito né tinha a pira olímpica la na Quadra, nos cantávamos o hino nacional e o hino do Pará, o hino de Mocajuba ne um negócio bonito mesmo entendeu. E era assim que era entregue os troféus.
Sacramento	Tinha na verdade tinha a premiação entendeu, essa premiação é, que eu me lembro na época quem era o

	presidente é era o Reginaldo Guimarães entendeu e ele correr atrás desse Patrocínio junto ao comer, ao comércio daqui de Mocajuba, os comerciantes daqui de Mocajuba na época que era foi no auge isso, isso se deu no auge é da pimenta do Reino entendeu, então foi é esse, esse medalhas e troféus essas coisas o Reginaldo correia atrás desse Patrocínio junto aos comerciantes aqui e em Belém também como ele tinha influência em Belém ele conseguia recurso é esses Patrocínio através desse é de comercio em Belém também entendeu com esses comerciante em Belém e através de política também né e como ele tinha acesso a isso era fácil para ele conseguir tanto troféu quanto medalha entendeu, dos, dos jogos. que eu me lembre isso, alguns esportes eu acho que se davam é no ato entendeu tipo é tênis de mesa dama dominó eu acho que eles premiavam logo né mas vôlei, salão se dava no último dia entendeu, Tá mas as a acho que as outras modalidades que aconteciam a premiação logo logo mediante a Conquista do do do do do prêmio entendeu do do prêmio não do evento é. **Aí era só o primeiro ganhador que recebi a medalha e o troféu?** Eu acho que tinha por primeiro e pro segundo eu não lembro direito entendeu mas eu acho que tinha, não me recordo direito me vem a memória isso, mas eu não lembro mas eu acho que tinha
Castro	Troféu e medalha só, não tinha prêmio não tinha dinheiro, não tinha nada, só troféu e medalha.
Guimarães	A primeira premiação, até que eu lembro, que eu fui presidente até o ano de 1994, era só o título de campeão geral e se dava um troféu, não tinha premiação em dinheiro. **Como era esse campeão geral?** Campeão geral era quem conseguia a maior quantidade de troféus e depois cada troféu tinha sua pontuação. Por exemplo, o voleibol, O futebol do salão tinha uma pontuação maior, o vôleibol um pouco menor e outras modalidades menos iguais.
Pinto	Tinha, era a prefeitura que fazia, sempre foi a prefeitura que dava para quem ganhasse, dava uma quantia de dinheiro, era assim.
Igreja	Tinha. Era a Prefeitura que ela dava. Ela dava uma parte e o que tinha arranjado por lá cooperava, era coisa básica. Mas tinha a premiação, a toda tinha. **E como ela era feita? Era no final da semana? Terminava todos os Jogos, aí vocês se reuniam para receber esses prêmios?** Reunia todinha, mas olha, tinha a premiação que era aquilo,

	eu sou o campeão, uma comparação, Miss. Ela era a Miss Mocajubense. O Salão, campeão Mocajubense da Semana Estudantil. E toda a natação, era o campeão, a dama era o campeão, para tudo isso não tinha premiação, tinha o nome de ser campeão.
Santos Filho	Logo no início não tinha nada. Depois começou a ter premiação, depois de mim, mas no meu período não tinha premiação. Tinha troféu. **Mas tinha título de campeão?** Tinha título de campeão e troféu. Entendi.
Bacha	Eram taças. Entendeu? Eram taças, tipo assim, eles conseguiam pro prefeito, deputados, entendeu? E, no final, eu recebia a taça. Não tinha premiação de outra forma. A não ser outras modalidades, que recebia medalhas, né? Por exemplo, natação era só medalha. Tinha medalha de ouro, de prata, de bronze, né? Primeiro lugar, segundo lugar, terceiro lugar. E taças era pro vôlei, pro futebol de salão. Essas que eram as premiações. Eu não lembro de outra forma de premiação, entendeu? A não ser as taças, realmente. Mas aí tinha algum... Vamos dizer que uma parte do evento que era destinada para essa... Entrega de medalhas, entrega de taças, ou... Era no final da... Quando terminava... Vamos supor, de modalidade que... Vamos supor ciclismo, quem ganhou aquele dia já recebia a medalha. Nataçao é a mesma coisa. Era num dia só. O que ficava pro final era o vôlei e o futebol de salão. Entendeu? Aí a taça só era entregue no final. Primeiro, segundo e terceiro lugar. Entendeu? Quem ganhava o segundo lugar, ganhava a taça de prata e a... Em primeiro lugar, a taça de ouro, né? Sim. Que não era ouro, era só simbolicamente. Entendo.
Moreira	Nós recebemos, foi entregue um troféu enorme, lá, a Cláudia que estava como capitã, se eu não me engano, Cláudia Furacão, e a gente recebeu as medalhas, né? Recebemos as medalhas, foram entregues, teve a festa, tudo. Não me lembro de ter tido outra coisa, além disso.

Interlocutor	**Recepção e participação da população**
Medeiros	Em todas as modalidades Nós contávamos com muitas Muitas pessoas que participavam Que participavam junto com a gente Que não eram jogadores Eram pais Eram irmãos Eram famílias todas E se empenhavam e vinham Na época não era ginásio nosso Nosso era uma quadra esportiva Cercada com corda Isso aqui ficava batido Aqui cheio de gente aqui Praticamente na hora Dos jogos de futsal Durante a semana Você tinha bastante gente Bastante torcedores E todo mundo vinha E cada um tinha o seu clube Por exemplo, a hoje vai jogar Skylab e Santos A torcida do Santos e Skylab Estava em peso Mas todos vinham assistir Para ver

	os caras jogarem
Americo	Muito boa. **Como foi essa recepção?** Muito boa, muito boa, muito boa. Pessoal, aí lotava aí. Até hoje o ginásio enche aí né, lota. Sempre o pessoal gostavam do esporte, gostam de esporte né, infelizmente o nosso esporte é pobre né. Não vai pra gente nada, não sei por que, mas que craques nós temos em Mocajuba com certeza. Inclusive o finado seu tio aí era um cracaço de bola, joguei muito com ele. Nos éramos colegas de escola, de classe, nós sempre jogamos juntos. Mas lotava muita gente, ixe meu deus do céu, Semana Estudantil em Mocajuba era, pessoal se mudavam pra cá, pessoal do interior, pessoal que vinham de Belém, vinham de embarcações né, não tinha estrada ainda, era um movimento muito bonito, muito bom, festas.
Meireles	Olha, a quadra Irmã Vieira era uma quadra básica, comum que eu falo, sem alambrado, não tinha alambrado. O alambrado era... eles confeccionaram na beira da quadra uns tutores de madeira com cabo no lado pra torcida não invadir a quadra. Certo? Certo. Aí aqueles cabos, ele não deixavam a torcida vir pro meio da quadra. Entendeu? E também a parte do gerenciamento da quadra, a parte política que eu falo, o prefeito da época, ele dava às vezes pra gente a tinta e os alunos que iam pintar a quadra. Diretamente, a parte política, o prefeito não participava. Eram os alunos, os amigos, comerciantes, as pessoas que faziam a Semana Estantiva Mocajubense da época. [...] Nessa altura, a torcida toda na beira da rua, muita gente pra aplaudir, entendeu? Os corredores, assim como o da regata, entendeu? Muita gente na frente da cidade pra ver o evento da regata. Muita pistola, né? Até foguete soltava, né? Charanga, entendeu? Faixas aí na frente da cidade. Também eu queria frisar também aí, quando o pessoal de Belem vinho, né? Que os barcos traziam a galera lá de Belém, dava volta olímpica lá na frente da cidade, muita gente aplaudia, muita festa, né? Inclusive, eles traziam, eu lembro, as bandas de Belém, Chakra Som, Pantera, né? No Barco Rodrigues Alves, o saudoso João Valhe, né? Ele arcava com essa despesa dessas bandas, né? Pra animar a nossa semana Estudantil Mocajubense. [...] olha foi uma inovação Mocajubense, esses rapazes, meus amigos né, meus colegas que hoje alguns ainda estão por aqui, quando eles trouxeram essa ideia era muita gente na quadra irmã Vieira mexia com a cidade. A quadra para nós era uma Quadra grande ne cidade pequena era tanta gente que não cabia praticamente na quadra irmã vieira, ficava na rua olhando, até por cima dos muros do muro aí do colégio

	nossa senhora da graças, que essa rua aí do foro não existia era só um terreno grande aí da ... ficar por cima para ver as vezes fazia até algum andaimezinho pra olhar o evento
Sacramento	Olha, esse era uma coisa que contagiava aqui o município entendeu então a população ela participava ativamente entendeu, então quando o pessoal vinham de Belém pra ca pra pra pro período de férias de julho entendeu é eles já vinham mais para a última semana entendeu justamente para participar tanto os atletas que jogavam quanto as pessoas que torciam entendeu que faziam parte da torcida do clube e isso movimentava sempre movimentou a cidade isso entendeu então o pessoal participava ativamente disso.
Castro	Naquela época não tinha festa a festa que tinha só era noite no Franco Filho. E quando tinha o jogo lá na, na praça parava a cidade todo mundo ia pra lá, parava a cidade toda ia lá. Hoje não hoje tem a Semana Estudantil, tem o bar do Aldo, tem o pra cá, tem festa pra li. Então mudou já não é mais como era antigamente que parava a cidade só pra aquele evento mudou, mudou muito as coisas. **No caso é a receptividade ela era muito boa?** É chegava no barco aqui, o pessoal tava esperando a gente ai, a galera esperando a gente ai, bar o trapiche lotado esperando jogadores chegar, de salão, de vôlei, que naquela época, sabe, que a gente vinha de barco, saia de lá 6 horas da tarde chegava aqui 5 da manhã 6 horas aqui em Mocajuba.
Guimarães	Teve, muito. A a semana estudantil, até o ano de 1994, 1995, ela era muito mais atrativa do que hoje. Mais Muito mais atrativa do que hoje. **Aí o público participava muito?** Tudo é, porque ela chamava atenção não só em Mocajuba, no Pará tudo e muitas pessoas iam para assistir esses jogos lá.
Pinto	Tinha, vinha com a quadra para torcer para os seus times. Aquela confusão briga de torcedores mesmo, porque cada um tinha seu time. Aí vinha para a quadra, enchia a quadra e soltava pistola, era foguete e tudo. Naquele tempo vinha bandinha, vinha tudo. Era muito mesmo animado. Sim.
Igreja	Muito mais do que hoje. A quadra era aberta, e tinha uma semana que não desce demais, dava muita gente mesmo. Hoje o ginásio é fechado, eles cobram, antigamente não era no ar livre mesmo, não tinha cobrança, nada. Cada um se aglomerava na arquibancada e era feito isso.
Santos Filho	Ótimo. Cada ano foi excelente. **Como era assim?** Rapaz, aquilo levantou o pessoal. A gente ia para o trapichi levar a aparelhagem, a gente fazia,

	porque aqui não tinha nada, a gente fazia aquele movimento espetacular. Todos nós aqui. Aí o pessoal acompanhava. Aí, na época, eles tiveram que meter corda. Comprar corda. Que a quadra enxia de gente e tal. Não tinha arquibancada. Aí foi melhorando, pô. Não tinha porra nenhuma aqui em Mocajuba. Não tinha nada, nada. Nem motel tinha.
Bacha	Olha, pra te falar a verdade, Fagner, assim... A semana estudante mocajubense era assim... Como se fosse o Círio de Nazaré em Belém. Entendeu? Todo mundo assim esperava por essa semana como. Sabe? Então... Era a semana estudante mocajubense e a... E a festa da Conceição. Dia 8 de dezembro, né? Que era quando a cidade recebia muitas pessoas. Uma das... Eu acho, assim, que um dos fatores muito importantes da semana estudante mocajubense era que ela trazia de volta aquelas pessoas que tinham saído muito cedo para estudar e que retornavam na semana estudante mocajubense para rever a família, para rever os amigos. Era quando a gente costumava encontrar com pessoas que tinham saído cedo porque aqui, naquela época, só tinha o primeiro grau. Entendeu? Eu, pelo menos, saí muito nova daqui, mas eu ficava vindo. Com 11 anos eu fui embora daqui, Mas eu ficava vindo direto. Férias, semana estudantil, então eu participava de tudo isso. E era a época que a gente conseguia reencontrar todo mundo. Era nessa época, na semana estudante mocajubense. Nem na festa da Conceição, que era também uma festa muito falada, a gente conseguia rever essas pessoas como na semana estudante mocajubense. Acho que um ponto fundamental na semana estudante mocajubense era realmente a reunião de praticamente todo mundo que saiu daqui para estudar e voltava na semana estudantil. Entendeu? Esse é um ponto que era muito importante. Eu acho muito legal tu falar disso porque era o que acontecia. Tinha pessoas que tinham saído novinhas e só vinham em Mocajuba na semana estudante mocajubense. Não vinham no dia das mães, dia de nada. Era na semana estudante mocajubense. Se tu quisesse rever algum amigo teu que tinha 10 anos que tu não via, vinha na semana estudante que tu via. Entendeu? Eu acho isso um ponto muito importante.
Moreira	Olha, a nossa torcida fazia festa, mas também às vezes a gente sentia um pouco... Porque aí a torcida adversária já não gostava, porque como a gente não era da cidade também, né? Aí tinha as vezes assim, "não, porque não é o pessoal da cidade", mas a nossa torcida, do público, aquela quadra, né? Ficava lotada, era muita gente, era uma grande festa assim, e a gente entrando na quadra para jogar, né? Então, ao mesmo tempo que o nosso grupo, a torcida e o pessoal gostavam de ver a gente, vindo de Belém, né?

	Pessoas, né? E que a gente, a Cláudia era maior do que eu, os meninos também, e o masculino tudo, gente altôna, e tinha uma diferença, né? E a gente tinha muita agilidade, muita técnica, então a gente se destacava. Então, isso chamava atenção, eles vibravam, aplaudiam, mas às vezes também o pessoal contrário, né? É vaiava a gente.

Interlocutor	**Significados da SEM**
Medeiros	Na minha vida Como Semana Estudantil para mim Era uma das maiores festas Minha Era a Semana Estudantil Porque eu trabalhava fora Eu treinava em Belém Eu treinava onde eu estava Para você ter uma ideia Que a Semana Estudantil para mim Era tão forte Que quando eu fui pra vale do rio doce trabalhar eu fui trabalhei na Serra Pelada Que eu viajei para Itabira Tudo por aí eu viajei através Então nós tivemos disputa de futsal para lá E eu era empenhado nisso A Semana Estudantil era tão voltada para mim Que eu gostava tanto desse evento Porque minhas férias Eram só nessa época E onde eu estava Tinha uma quadra de esporte E eu convocava o pessoal de lá Quem jogava futsal Onde eu trabalhei Eu trabalhei na época com 30 mil garimpeiros, então tinha cara que jogava tinha gente do maranhão Tinha gente de todas as áreas do Brasil E tinha os caras que jogavam mesmo E os nossos Nossos colegas que trabalhavam Que eram funcionários da Vale Todos eles Uma das partes Dos funcionários Eles empregavam Querendo saber se ele participava Se ele jogava vôlei Se ele jogava Futsal, se ele jogava campo Para fazer alguma modalidade Então quando nós chegamos lá Na Serra Pelada Em 80 Eu cheguei lá dia 10 de junho de 80 Foi um ano antes Eu entrei aqui um ano antes Quando eu já fui trabalhar para lá No mesmo ano Eu era uma pessoa Tinha uma influência grande lá Trabalhando na linha de frente da Vale Que era da Doce Gel Que era da Vale do Rio Doce Uma subsidiária da Vale E e eu já pedi pra nossa pros os nossos administradores Já um Uma quadra para a gente Não era ginásio Mas uma quadra Digna para se participar Lá eu tinha vôlei, futsal E lá eu coloquei refletores nela todinho Então nós trabalhávamos de dia E a noite nós ficávamos Até 11 horas da noite Todos os dias para disputar Então quando eu vinha de lá Eu vinha pronto Porque eu jogava com os caras de todo mundo Tinha conhecimento E era jogo valendo Nós promovíamos os campeonatos E aí eu tirava isso lá Eu vinha para a semana Então o pessoal falava poxa mais o mundinho treina aonde? E mal de saber que onde eu estava Nós tínhamos uma quadra montada para isso Então para mim A Semana Estudantil Foi um dos maiores eventos da minha vida Como diversão Como esporte A Semana Estudantil para mim Eu era fascinado E até hoje É uma das coisas que mexem muito comigo Porque dessa

	época Quando eu iniciei Então eu iniciei com todas as minhas amizades Eu cresci junto com aquele pessoal Aí lá em Belém eu ia na quadra do Alegria Eu ia lá na CELPE Que era uma coisa Dessa escola lá Então eu participava Onde tinha futsal eu estava ali A nossa própria entidade Quando saía Aí em Belém a disputa Dos jogos de futsal Aí em Belém A Vale estava Então ela convocava todos os atletas Que estavam fora na época Um dos melhores que estavam E iam vir disputar Eu disputei Eu fui campeão pelo exército Na quinta companhia de guarda Futsal Jogando contra grandes equipes em Belém Aí tinha A equipe da Polícia Militar Que era uma das fortes E vários outros clubes da época Que disputavam a Semana Estudantil Lá em Belém E eu fazia parte pelo exército Então a Semana Estudantil para mim E essas disputas todas que eu fazia Pra mim era um dos maiores Maiores eventos da minha vida Eu tirei muito pra mim a semana estudantil
Americo	Olha, uma aprendizagem muito grande, entendeu, em primeiro lugar, o espírito esportista né, foi o que eu, eu obtive muito, conhecimentos com outras pessoas né, diálogo, ta tinha aqueles probleminhas na, na, no embate, que eu brigo, mais também não tinha, isso faz parte do futebol, principalmente no interior. Mas um conhecimento muito grande, e até hoje eu sou, sou louco pelo futebol né, e música (risos).
Meireles	Fagner foi uma das melhores coisas da minha vida que eu participei e também foi para a minha vida quotidiana, por que eu fui me policiar a respeito já das drogas que eu digo né que o alcoolismo é uma droga mas só que ele é licita né e me cuidar fisicamente psicologicamente emocionalmente, que graças a Deus até um dia de hoje já estou na casa de 65 anos, eu desde essa época eu não parei de me exercita, não parei de jogar o meu futebol de salão, o meu futebol de campo, a corrida um pouquinho porque devido jogar muito a idade chegou né o joelho já muita pancada de bola, mas eu ainda pratico, pra ti ter uma ideia, todos os domingo às 6:00 da 6:00 da manhã tô com os colegas já novos meninos novos lá na Praia da Conceição da praia dos Gorgos, to la com ele 6 horas da manhã, jogando um futebolzinho de Areia de 3, 3 de lugar 3 do outro de área pequena, sim e também e a respeito do pedal né, até hoje eu pedalo, gosto, jogo futebol de segunda cinquentão aí no estádio municipal né no Fazendão e o dia de hoje tem para mim hoje quarta-feira. Eu olho, me da uma tristeza no meu coração quando eu olho pros meus colegas, uns já se foram, outro não quiseram mais, tão até adoentado que na vida é nosso pai celestial, alimentação entendeu e se exercita meu irmão. Então foi uma parte da minha vida que primeiramente Deus se não fosse o esporte, eu não estaria mais nesta Terra.
Sacramento	Na época é é é aqui em Mocajuba, como a gente não tinha

	assim em tempo de esporte entendeu e em termo assim de é vamos supor, não tinha uma atividade esportiva entendeu que que a gente pudesse fazer aqui Mocajuba então o que fica na memória isso é esse resgate entendeu que a gente podia participar não só de uma coisa assim que já fazia parte do município né como um evento que o pessoal vinham muito de fora entendeu pra prestigiar isso aqui como também nós esportistas é, a gente que gostava de esporte né era bom por que a gente tinha um meio de como está movimentando o corpo entendeu, sabem na época não tinha academia não tinha não tinha nada dessas coisas aqui em Mocajuba então a única coisa de esporte que tinha Na Na época que a gente podia fazer era participar da semana estudantil mocajubense então isso era um ponto relevante.
Castro	Olha, naquela época, naquela época significava muito né. A gente vinha pra cá gente vinha, voltar pra a cidade, a gente passava o tempo todo lá em Belém trabalhando quando chegava na semana Estudantil, a semana de julho, gente vinha para cá então era muito significativo. Não é mais como hoje que o cara vem só por causa do dinheiro, o cara é pago pra vim jogar, mudou, não é mais como antigamente. Antigamente era mais raiz, era uma semana estudantil porra top. Hoje mudou muito as coisas, mudou muito.
Guimarães	ah Ela foi uma inspiração na minha vida, ela me motivava muito, ela me dava muita motivação na minha vida.
Pinto	Antes era uma coisa que a gente sempre não tinha nada aqui. Quando tinha esses movimentos, a gente queria participar. Então era uma coisa que todo mundo gostava de participar. Ela era sempre bem animada. Para mim foi boa, eu gostava de participar. Tudo, na quadra, em tudo quanto era coisa que ia participar. Eu gostava muito.
Igreja	Para mim significou muito. Era quando a gente estava ou lá ou lá mesmo, a gente só pensava nisso. Não, bora vai ter a semana... Olha, uma vez eu estava perto de Manaus, trabalhando, mas quando chegava o período da semana, o cara tinha que dar o jeito de vir. Vinha porque chamava a atenção.
Santos Filho	Rapaz, para mim, eu fiz, eu te digo o seguinte, eu que joguei bola, joguei na seleção de Marabá, joguei na seleção de Tucuruí, joguei aqui em Mocajuba, joguei no sportig em Belém, que era profissional. Eu fiz um dever, trazer alguma coisa para cá, que não tinha nada naquela época. Eu fiz alguma coisa. Eu estudava numa república onde tinha um bocado de Mocajubense. Bora fazer alguma coisa. Bora. E trouxemos a Semana Estudantil. E pegou, né, que até hoje está. Fizemos sacrifício bom. Perdi

	até minhas férias. Porque eu ficava lutando para arranjar coisa, arranjar, limpar, pintar. E a gente tinha que fazer isso. Era diferente. Era muito difícil. Mas nós conseguimos nosso ideal, né, Bicho? Fizemos alguma coisa para cá, para Mocajuba. Para o município. Inclusive, parece que a nossa é cinquenta agora, né? É, vai ser cinquenta. Baião parece que é vinte, parece. Então eles copiaram de novo. Nós copiamos, Cametá. Eles copiaram de novo. Entendeu isso? Depois de muito tempo, Baião. Eu acho que Baião é vinte hoje. Vinte anos. Quinze anos.
Bacha	Tudo. Eu não vou nem ficar emocionada de falar porque era uma coisa muito boa, muito humana, muito gostosa porque não tinha briga. A gente via pessoas que a gente amava muito, colegas, amigos de infância. Ela representou isso, uma formação da nossa personalidade também com relação a valorizar as pessoas, os nossos amigos. Porque a semana estudante ela sempre trouxe muita alegria para a gente. Eu acho que eu não vejo nenhum ponto negativo na semana. Tanto é que a gente pedia para ser mais dias. Teve uma época que eu acho que, não salvo engano, eles colocaram 15 dias de semana estudante. Entendeu? Porque era uma semana que todos nós esperávamos. Era uma semana de muita alegria, muita paz, muita amizade, muitas diversões. Era quando a gente de fato se divertia, a gente interagia com outras pessoas. Então, ela representou muito na minha formação como pessoa, como estudante e como valorizar as nossas amizades, os nossos conterrâneos. Então, ela teve essa importância para todos nós. Então, era muito bom.
Moreira	Olha, a gente não conseguiu se conectar muito com o que era a mensagem da Semana Estudantil. Porque quando a gente foi convidada era assim, é para participar dos jogos estudantis lá em, que tem os times, né? E a gente vai para lá para jogar e dá muita gente e tal. Então, às vezes, a gente não conseguia se conectar com a mensagem do que era a Semana, mas a gente entendia que era um período que os jovens, né? Os estudantes lá de Mocajuba se organizavam, formavam suas equipes e participavam dessa competição. Então, era uma coisa impressionante como movimentava a cidade. Inclusive, aqui em Belém, a gente já conhecia os jogos de Mocajuba, porque era a Semana da Pátria, a Semana Estudantil, era esse período. Então, era uma coisa muito grande na cidade. Eu não conseguia participar de outras coisas que envolviam a Semana, mas a gente percebia que era uma atividade que movimentava todos aqueles jovens. Impressionante, os jogos estavam todos lá, nas escolas, com essas equipes. Era bem bacana, assim, na movimentação, envolvendo a juventude nessa dinâmica, nesse formato de competição que era esse torneio.

Interlocutor	Fatos e Histórias marcadas na memória
Medeiros	Não, o que eu tenho assim da minha recordação da semana estudantil era essas participações nossa de todas as equipes como como esse pessoal recebeu a gente que você perguntando agora há pouco para mim como era o apoio que a gente tinha então a história nossa era bonita que na época até aquelas aquelas televisões que ele montava de miriti dessas coisas todas eles faziam aquela grande câmera e vinham os caras entrevistado vinha cara ai entrevistando os atletas sabe isso pra gente era uma motivação a parte por exemplo no nosso time da semana estudantil que era o Skylab, nós tínhamos a massa mocajubenses torcendo pro nosso time, nosso time era considerado um time médio financeiramente nos buscávamos recurso eram 3 pessoas na época que a gente se empenhava que era o Alex baixa eu vou citar esse nome porque é um nome que inclusive esse meu amigo nosso amigo já se foi mas era um cara que ele era da marinha Mercante estão independia financeiramente ele dava a parte dele e eu dava a minha parte o Jorge Moreira que era um os grandes latifundiários aqui da família dele era nós 3 que fazia essa parte financeira ta entendendo e o resto se empenhavam pra aí comprar material para cuidar do material para sabe e quando a gente vinha pra cá nossa equipa nosso pessoal então nos eramos um time de boca de poucos pessoas que dependiam financeiramente mas a torcida é uma das maiores torcidas da semana estudantil, isso não e dito so por mim se tu perguntar eles vão dizer uma das maiores torcidas da semana estudantil chamava-se Skylab na época a dela vínha Santos de lá vim o playboy sabe que é uma é uma equipe grande que era a família do Cunhas então isso para mim me dava muita é o que eu tive tenho para contar dessa vida é isso aí hoje quando a gente senta com os amigos da época a gente vai buscar isso não é saber como funcionava era um negócio que que não era não era original mas que para nós ele te podia contar essa história que era muito gostoso sim é **alguma coisa assim tinha algum jornal tinha sido lembra que chegou a documentar alguma chega a respeito.** é isso aí a nossa maior falha nós não tínhamos na época celular na Brasília aquelas máquinas polar aonde tinha pouca coisa para registrar inclusive se eu sempre perguntar hoje eu vim eu vim aguardado por muito tempo várias camisas mídia porque quando eu terminar você imaginativo nós guardávamos no nosso material a gente não divide não pegava não tá bom Fagner leva tua eu levo a menina não nós guardávamos o nosso material mas o que que ocorria quando

	a gente saía pro interior vou estar um time alguém que vinha da nossa equipe cara cadê aquele aquele material deixar lá Vita guardado também equipe eu fui visitar lá No No município tal na numa vilarejo x eu vi jogando bola lá cara ele não tem a camisa fora do ar nessa camisa daqui pegava todo jogo de camisa de doar eu tirava uma camisa que a gente queria fazer o coisa dela todinho não é aí um dia vindo na minha cabeça também é isso depois eu fui dar o material que ele não tem exigido porque recorda mas outra coisa primeiro jogo de camisa da nossa equipe nos jogamos com uma camisa emprestada do São Pedro do Viseu e por isso a cor da nossa camisa nós usamos até quando saímos da Semana Estudantil a mesmo meu padrão da deles que era azul vermelho e branco nós continuamos com ela até o time se desfazer totalmente tá já não tenho esse material daquele tempo a de guardar alguma coisa hoje ainda tem pessoas por aqui Ina tem aquelas fotos que mal aparece a gente saí quanto tempo ele pode fazer o vídeo não é ninguém tinha essa essa esse recurso para poder fazer aqui hoje tem tudo né pessoal guarda aí tem pessoas que bateram a foto ainda mande pra gente sabe tem uma amiga nossa aqui garanta tem algumas fotos de estavam Vera onde estava mas aquilo ali bem vai tomar não é vou procurar saber com ela eu vou pedir pra mandar foto e mandar então mas tem um negócio aqui que é errado sabe a gente e a gente tinha tantas fotos do scooby tudo se apresentado aqui essa uma que ela tem é dessa época é dessa época que ela tem essa obra está com a Bandeira que eu eu sempre me destacava no meu time eu fui artilheira da semana estudantil velho pense ó eu fui eu fui pentacampeão das imagens do nativo boca de bens e de vôlei futsal e eu como jogador eu fui artilheiro essa imagem nativa 3 anos quando se sim 4 anos consecutivos foi artilheiro essa semana de hoje 4 anos consecutivo que tal amanhã vou pegar a foto dela daquele tempo é um cabelo meio amarelado aqui do lado aí eu já estava Na Na coisa eram 3 melhores jogadores e te vendo né é aí o aí eu fiquei um pouco cabelo lá até mais mechas assim meia e ela tem essa foto nossa tive um tempo eu estava aqui ela pegou mandou pra mim aí olha aí vê se tu recorda alguma coisa aí e tal aí eu com a Bandeira né do clube a etnia e outras pessoas estavam com outra Bandeira a Bandeira do Pará Bandeira de Mocajuba então cada equipe ela entrava com a sua Bandeira aí com a Bandeira do Pará e com a Bandeira do município e aí do a brasileira nós criamos todo nós mandamos fazer um bandeirão que ficava ateada todos os todos os dias de jogo tinha, subia de manhã e baixar a tarde todos os dias era muito organizado para nós na época Era pra Ser imaginativo está até que isso aí Ela Foi falada muito muito longe muito mesmo a primeiro de ter mais durante o foi nós que criamos aqui depois veio baiano depois veio com a metálico veio

	Tucuruí e assim foi a semana estudantil ela ela era a primeira competição assim desse tipo que era realizado aqui montagu aqui Mocajuba foi organizado dessa forma sim mas nós já tínhamos outros clubes de campo não é de campo che tinha de campo por exemplo No No Flamengo no campo e eu joguei sempre no Flamengo já os no ginásio quando veio para jogar sem mais durante eu já fui contra o Flamengo sim nós já criamos caillat giro na época tinha aquele avião né o avião mais veloz do mundo era o skylab e aí nós pegamos aquilo lá em Belém e bolamos e fizemos o para piloto não é isso é muito gostosa tá espera aí pois é qualquer dúvida você tiver que eu posso ajudar a levar uma pessoa porque tem muita gente que ainda tem história diferente da dó muito
Americo	Olha, do período que eu joguei não, mas depois que eu parei de jogar né, inventaram ai o time do Flaplay e aquilo me deixou, no final nos fomos campeões e eu me emocionei ate né, me botaram como técnico do, desse Flaplay e a gente tava ate se lembrando ai na praça ne o Vando com o Tico, "ai o nosso técnico do flaplay ai rapaz, ta duro, ta firme" isso ai a gente tem que ter coisa. Então, até hoje foi uma coisa que me deixou na lembrança, na lembrança mesmo, fiquei roco, roco, roco de tanto gripar de alegria né, é emocionante mesmo, vou te falar uma coisa, desde o princípio mesmo assim, a Semana Estudantil foi emocionante, hoje em ia ta mais emocionante ainda, por que você vê pessoas de fora vim jogar né, craque de bola mesmo, eu assisto la em Ananindeua os jogo no, assisto no Youtube, que passa as vezes que eles tão jogando pela prefeitura, passa no Youtube e eu assisto na televisão, como eu te falei foi uma coisa que me deixou marcado mesmo né aqui da Semana Estudantil quando eu jogava bola.
Meireles	é, tem muito né mas vou contar uma já do nosso verídico é não é história, é história mesmo que aconteceu né é prova de folego né, é o primeiro ano nós não tivemos êxito por exemplo na prova de folego inclusive o nosso colega ne ainda ta por aí o Marinho né foi campeão de dama pelo Skylab ne, de dama não de dominó como ele morava no interior né ele participou da prova de folego entendeu. como ele era um rapaz assim com uma estrutura alta ele era atleta mesmo assim no visual não é só que ele era fumante a gente não sabia bem como é que era né a parte da saúde né quando po ele se organizou bem né pra descer lá pra das defesas né tem as defesas la na ponte e a galera da Skylab que era considerado o maior é torcida da época né era o Skylab público né gostou que era prata da casa que eu falo que todo eram prata da casa, mas a gente era mais extrovertido brincalhão aquela coisa, a gente IA convidando nas casa não é para torcer para o nosso time, vestir a nossa camisa né e o Skylab tinha essa esse feitio, e o Marinho com aquela entendeu a gente com a galera "Marinho vai meu irmão vai

	que nós vamos é ganhar esse troféu", mas infelizmente passou é segundos la não deu conta ne na hora que ele vinha já pra pra boiar que a gente fala né pra ele eu falei marinho o que aconteceu, ele falou rapaz não preparei não me preparei direito do bem tá tudo certo né a outra foi de novo Skylab de novo eu conversei com os colegas ne a gente tem la ainda essa propriedade aí no muranga né aqui próximo de Mocajuba um sitio na época de cacau, borracha, açaí, ucuuba, e tinha o senhor chamado, eu acho que ainda é vivo esse senhor, entendeu, ele quando perdia algum motor, alguma pessoa que caísse na água que perdi a vida e ficava, ele procurava e achava né, e nós contratamos esse senhor rapaz, para participar desse evento do mergulho ne, e eu quero me lembrar do nome deles eu te falei o nome dele foi lá na casa do mundinho, mas eu vou lembrar tá, e ele era irmão da senhora que tomava conta lá do da propriedade né e gostava muito de beber, bebia muito ne, aí eu convidei os colega Edinaldo Barros, é Roberto leão pra ir lá convidar esse senhor para participar da Semana estudantil mocajubense na prova de folego, quando nós chegamos lá no site que a gente fala, la na propriedade né, casa humilde de palha bacana né eu falei pra dona mariquinha "dona mariquinha nós queremos fala com o seu" Quele Marques o nome dele, desse senhor, Quele Marques. "Gostaríamos de falar com o senhor quele" "há meu filho ele chegou agora da cidade" que é agora aqui Mocajuba "ele chegou agora chegou meio meio embriagado meio, mas ele não está muito muito agora que ele deitou na rede" entendeu" eu falei, "olha nós gostaríamos de falar com ele agora agora que deitou, será não tem como a senhora acordá-lo pra gente conversar com ele" contamos logo pra ela logo o que nós fomos fazer la, que a propriedade era do meu pai e a gente era bem chegado né, eu sempre ia la com meu pai, "não meu filho ele vai ele vai mergulhar sim pelo teu time por esse escailabe" ela relembrou que eu falei pra essa senhora dona mariquinha, ai a gente, acorda, não acorda e acordou, sentou na rede né, assoalho de taita né de açaizeiro né do antigo aí a dona mariquinha falou olha meu irmão tem aqui filho do seu Fernando, filho do seu Subarro e esse outro rapaz ai, que era o Roberto leão ela não conhecia o Roberto leão entendeu ele quer falar com você" "é o birinha?" falei ele me conhecia, "é o birinha" "o meu irmão" ele se levantou me abraçou, abraçou lá o Edinaldo o Roberto, e nós fomos pra mesa, uma mesinha lá humilde lá, dona Mariquinha fez uma café pra gente aí eu fui fazer o convite para ele, ai eu disse, "seu quele a nossa vinda aqui com o senhor foi para lhe convidar pro senhor participar da semana estudantil mocajubense, como ele era profissional de achar barco quando afundava alguma coisa palheta de barco aí ele achou várias palheta aí no trapiche municipal esse senhor né

	sim pessoas quando caia na agua que morria afogado que não boiava, ele achou várias pessoas aqui entendeu, e eu falei eu combinando com o time do skylab vai ser esse vai ser campeão né, não vai ter quem ganhe dele, olha o que aconteceu, tá isso "tá meu filho, não eu já sou do Skylab eu vou participar, então vou a, vou conseguir o material sabe a camisa tudinho "quando é meu filho?" ele ainda perguntou "olha mês de julho a última semana" entendeu e isso foi em 1900 e 70 e 8 entendeu, um bom tempo né, 78, não minto era em 77, em 77 eu tava com 17 anos de idade, aí tudo bem, nos fomos já com nos fomos no mês de janeiro lá com ele lá pros outros times não procurarem logo ele entendeu já antecipado e de vez enquanto eu falava olha em julho, em julho para os outros times, era uma correria atrás de atleta na época né e aqui o que aconteceu quando o Reginaldo Guimarães isso 78 essa faixa ele foi a primeira vez foi presidente aí os outros time fora não pode não pode ele é profissional tá e aqui o que se tornou em piada aí nessas alturas ele serviu o café pra gente ele falou pra irmã dele ei mariquinha traz de lá um pedaço de papel e 1 e 1 lápis que não tinha caneta na época era lápis de lápis normal e o papel lembra-me ne que era papel de embrulho de embrulhar a mercadoria não era ao maço, esse papel branco né ai ele falou olha birinha vai anotando que eu que eu eu vou te pedir, mas eu quero ele falou, nessas alturas ele me pediu uma rede um quilo de feijão nessa altura os outros colegas já passando pelo perna por de baixo da mesa que iria dar errado, porque a gente era, a gente não tinha o dinheiro para compra essa mercadoria um exemplo ne por que, mas não tinha ele me pediu uma rede, ele me pediu um quilo de feijão, 1 kg de açúcar, meio quilo de café, ele me pediu um litro de querosene e uma caixa de fosforo, porque ele falou "olha meu filho eu vou pro fundo para passar semana" e isso se tornou uma piada bacana né quem é que vai pular pra ir la pro fundo com rede e dormir la né, é a piada dele então essa foi uma piada que ficou marcado né na semana estudantil mocajubense e pro Skylab. Maior zebra da história da semana tinha um bocadinho nós batendo playboy batendo Áustria Viena papicu 2 time grande nós chegamos na faixa na final o Flamengo Fla play foi um tímido de garoto aí ta João Machado aí da próximo Barão do Rio cobar eu fiquei credibilidade nenhuma parte de classificar mas o jogo é jogo futebol futebol e chegaram na final e a gente com super time nós trouxe muitos melhores goleiros de Belém lá do Alan caderno a Allan Kardec que é uma uma instituição lá do jurunas liberar o goleiro Rui o time era Rui baygon João bolinho e terno esse era o jogo pertido Sky lab do do do do fogo selvagem eu e foi uma final quando fugiu o Flávio foi para final a conversa lá nos partitura dessa zero era 8 a zero eu sempre falava não é 5

	contra 5 tem que respeitar o adversário o que aconteceu na final nós compramos toda a pistola da história de Mocajuba né a a cartolagem que era forte da época da pena do Rio e foguete ficou Salgado por causa que jogamos 4 bolas na trave o tipo de cifra kouno entrava no Socorro ele foi já foi arremessar uma bola pra frente rodou por trás da Costa a bola caiu do braço da da mão dele aí gol aí não teve data término do jogo perdemos o jogo AA competição né o campeonato e salgamos todas as pistolas e foguete e a festa grande que estava programada para de ser campeão então isso foi o término da minha dessa na semana ativo caju
Castro	Olha, eu vou, vou te relacionar sobre a mim eu acho que o maior ganhador da história da Semana Estudantil, tava agora, tava até conversando com o Ovidi, era o Ovidi um tempo desde que eu, quando eu fui morar pra Belém, eu fiquei quase 10 anos sem vim aqui aí quando eu vim morar para cá em 2002, eu ganhei tudo, ganhei quase 10 anos, então eu ultrapassei o Ovídi. Que dizer, eu sou o maior ganhador da historia da Semana Estudantil, eu e a minha família, se somar eu minha mulher e os 2 filhos, a gente tem quase 40 títulos da Semana Estudantil. Então um absurdo isso.
Guimarães	Olha, interessante que eu achei foi. Tem muitas histórias interessantes, teríamos que escrever um livro. Mais um fato que aconteceu, que a primeira Semana Estudantil, na hora que teve o torneio início, não tinha bola para começar. Aí nós lembramos que tinha um conhecido nosso que foi para Mocajuba, e levou uma bola é de futebol de salão infantil para o sobrinho dele. Aí nós fomos emprestar essa bola lá.
Igreja	Acho que eu lembro mesmo, quando era para a Miss. Então o nosso time sempre ganhava isso aí, porque nós tínhamos parentes, minha prima do Reginaldo, do Jujuca, que participava também, ela chegava de noite, não deixava ele ver de dia. E aí emitia maquiagem e ia para o ginásio. O pessoal não conhecia. Tinha muitos que moravam muito tempo em Belém e não sabia. Sempre eles ganhavam. Mas de manhã, quando eu ia olhar a cara, não era essa Miss. E nós ganhamos várias vezes assim.
Santos Filho	Rapaz, eu podia falar, mas eu posso ofender algumas pessoas. Sim. Se teve coisa, eu não vou querer falar. Até para a pessoa que já morreu, já matou os filhos. Não vai chegar bem. Não, mas não tem alguma história mais tranquila que dê de contar? Rapaz, não gosto nem de comentar, porque posso defender outras pessoas. Teve coisa até espetacular. Até a delegacia que nos ajudava, mas em termos de prefeitura, fica até ridículo eu falar. E não ajudaram nada. Nada. Não vou entender nem falando.

	Tudo bem. O senhor falou a respeito da irmã, né? Que... irmã vieira**. Ela contribuiu em alguma coisa?** Não. Eu inclusive ajudei até na época. Eles construíram uma quadra. Não tinha quadra. Ela construiu. A irmã Vieira. Patrocínio do pessoal, mas era a mulher de frente. Ela construiu a quadra. E nessa quadra que surgiu a Semana do Estudante. E hoje é o ginásio lá. Mas começou ela. Pegou a iniciativa de construção. Ela construiu a quadra grande. Era uma quadra, porque a quadra de salão ela tem três padrões. Pequena, média e grande. Ela construiu uma grande. Tá? Bem bacana. E lá que nós aproveitamos para fazer a Semana do Estudante. **Mas aí ela não construiu essa quadra pensando na Semana do Estudante?** Não. Nem pensava nisso. **Entendi. Naquele tempo tinha alguma competição que era feita dentro das escolas?** Nunca teve nada. Não. Por isso que nós fizemos isso aí. **Mas vocês jogavam nas escolas lá para Belém ou não? O senhor era atleta profissional.** Jogava, jogava. Era profissional. No colégio do modelo joguei. Tinha aqueles jogos. Eles eram israelitas. Eles fizeram uma Universidade e tal. Joguei lá. Muito lá com eles. O diretor gostava de mim. Mas era... O cara do modelo era israelitas. Era do Israel. Aquelas cinco velhas. Aquelas cerimônia. Joguei muito lá com eles. Jogava salão, vôlei, futebol de campo. Joguei muito lá.
Bacha	Eu vou te contar um episódio que marcou a minha vida. Quando a gente ia jogar, tinha que ir de tênis. E nessa época lançaram uma moda chamada Melissa, que eram uns sapatinhos de salto que tinha, de borracha. E aí, como eu era muito baixinha e eu queria jogar na frente para cortar, eu pedi para ir com essa Melissa. E aí, não, não pode, não pode, não pode. Eu sabia andar direito com ela, não era tão alto. Eu botei o meião e fui jogar com essa Melissa. E todo mundo me envaiava. Levava vaia, vaia, vaia, mas eu estava lá com a minha Melissa. E nesse dia, a gente ganhou o jogo. E teve uma hora lá que eu caí. Eu caí com essa Melissa, e todo mundo falou que era por causa da Melissa, mas não era. E foi o meu melhor jogo. Foi o meu melhor jogo que a gente ganhou. Então, isso marcou muito a minha vida, porque além da Melissa, eu lembro que todo mundo, meu próprio irmão, dizia que eu era doida, todo mundo ia te quebrar todinho, ia quebrar a sua perna, não sei o que. Mas eu queria ficar alta, igual as meninas, porque tinha umas meninas que

	eram bem altas, eu era a mais baixa da turma. E aí, com essa Melissa, eu ficava mais ou menos. Então, isso foi uma coisa que marcou muito, uma das coisas que marcou muito a minha vida. E outras coisas, meu irmão Alan Baixa, ele é gago, e era ele que narrava o jogo. E quando ele narrava o jogo, ele não tinha gagueira. Entendeu? Então, todo mundo também era uma coisa que marcava muito, é que ele, muito gago, e quando estava narrando os jogos, ele não gaguejava. Então, ele foi o locutor das partidas de futebol por muitos anos. Muitos anos. Ele era um dos melhores. Participação do Sr. Caetano também, e muitos outros têm só recordações boas. Não lembro de nada negativo para te falar. Tá bom, é isso. Espero ter ajudado, ter contribuído com alguma coisa.
Moreira	Foi uma, na verdade, a conversa primeira saiu lá na Tuna, a gente treinava toda noite, né? Tarde e noite. E o Reginaldo, ele era de uma parte lá, amigo do nosso técnico, que era o Álvaro. Então, ele, na verdade, o Reginaldo já vinha convidando algumas pessoas da Tuna pra ir pra esse jogo. E como eu tinha há um ano chegado de Macapá pra Belém, e eu estudava no Anchieta, o professor de Educação Física do Anchieta, eu fui fazer convênio no Anchieta, ele me conheceu, ele era o técnico da Tuna, da base, do Infanto, do joveninho da Tuna. Aí ele me viu jogando no jogo do Anchieta e falou assim, tu não queres ir pra jogar bola na Tuna? Eu falei, bora. Então, quando eu fui pra lá, aí eu já encontrei o Reginaldo lá, sempre nos treinos, porque a gente treinava o feminino, o adulto e depois o masculino. E a gente fazia uma base do nosso treino com os meninos, com a gente, pra gente pegar, né? Então, o nosso técnico, que era o Álvaro, pedia pra alguns atacantes do masculino virem fazer o trabalho de força com a gente, né? A gente ia trabalhar bloqueio com eles, defesa, e eles desciam lá a pancada, né? Então, aí a gente já começava a conviver ali, né? Com os meninos e as meninas. Esses atletas da Tuna, do vôlei adulto, né? A gente entrou pra jogar o adulto. E, nisso, o Reginaldo já tava por ali. Então, tinha os meninos do masculino que iam pra Mocajuba e tinha a Cláudia, que já tinha ido uma vez, a Cláudia Furacão. A Cláudia Furacão era a estrela do nosso time, né? E aí ela me falou assim, tu não queres ir participar? É um momento legal, vai muita gente, vai todo mundo daqui, vai não sei mais quem. E a gente vai no barco, aí eu falei assim, mas como é isso que eu não sabia o que era, né? Então, ela disse, aí o Reginaldo veio e conversou comigo. É um momento legal, vocês vão jogar no Mocajuba, é um município, né? Do Pará, que é uma grande festa na cidade. Tem um grupo que tá indo. E aí eu falei, disse, tá, tudo bem. Então, aí na época, como eu tinha acabado de chegar, né? E eu tinha, sei lá, eu tinha 17, 18, não me lembro

	da minha idade. Aí eu disse assim, mas tem que falar com meus pais, pra eles poderem me autorizar pra eu poder ir. Aí ele foi lá, eu achei que ele não ia. Eu disse po, desistiu, né? Que eu não tinha completado ainda a maioridade. Ele falou, não vai desistir. Aí ele falou, não, a gente vai lá na tua casa. E eles foram lá, os dois. O Reginaldo e esse outro, que eu esqueci o nome. Conversaram com o meu pai e com a minha mãe. Levaram lá todas as fotos do que eram os jogos, as competições, tudo. Aí, a Cláudia foi também. Aí foi quando o meu pai disse, não, se ela vai junto, né? Vai em um grupo, quero o nome de vocês. Eles deixaram lá o cartãozinho deles, com tudo e eu viajei. Assim que eu fui pra Mocajuba, um ano só. Aí depois nem fui mais. Parece que depois eles convidaram outra pessoa. E depois parece que foi perdendo um pouco, né? Essa força dos jogos de Mocajuba.

Interlocutor	**Participação das crianças na SEM**
Medeiros	Na verdade, na Semana Estudantil, nós nunca tivemos essa participação direta da classe infantil. O nosso Semana Estudantil era somente de pessoas adultas, pessoas estudantes, mas que já praticavam a prática do esporte já com uma idade mais elevada. Porque o torneio não oferecia, na época, a oportunidade para crianças, o tipo das crianças que aparece em alguma imagem. Essa situação poderia ter acontecido se as crianças participassem lá carregando um troféu. Era somente nessa situação que elas apareciam em uma abertura, por alguma razão. Mas os Jogos em si, no decorrer de desenvolver a Semana Estudantil, durante a semana da Semana Estudantil, eles não tinham participação diretamente.
Meireles	Essas crianças elas participavam para abrilhantar a Semana Estudantil Mocajubense, nas aberturas, nos Jogos, eram irmãos de atletas, de familiares, e eles participavam levando bandeiras, levando medalhas, para abrilhantar a semana. Aí ficava bonita a participação delas, deles. **Mas aí com relação aos Jogos, assim, elas não tinham participado?** Não, não tinham na época. Vieram ter dos anos 90 para frente. Logo no começo, não.
Interlocutor	**Influência da Ditadura militar na SEM na percepção dos interlocutores**
Medeiros	Bom, eu, pessoalmente, não tenho muita coisa a dizer sobre isso, porque, na época da ditadura, eu tinha 13 anos de idade. Então, não existia nem a Semana Estudantil, prática de esporte, para mim, o meu conhecimento era praticamente zero, em termos disso. Mas, posso afirmar uma coisa, nós nunca tivemos uma pressão, nunca foi possível ter uma,

	assim, ser exigido pela ditadura. Na nossa época, pra cá, nós já não tivemos isso aqui, aquilo foi passado. Aquilo já foi dos nossos pais que tiveram esse problema. Mas, na nossa época, pra cá, de ter a Semana Estudantil, de 80 pra cá, que eu posso falar muito bem sobre essa questão, nós não sofremos impacto nenhum sobre a ditadura militar, sobre o regime que tínhamos. Isso já era pra gente tudo bem maleável, nós tínhamos direito de fala, nós tínhamos direito de optar, nós tínhamos direito de se defender, concordar e discordar. Então, essa parte aí da ditadura está descartada, pra mim, é descartado a respeito da nossa época que não existia mais isso.
Meireles	Isso, eu percebia que ele não tinha, ele não se envolveu a respeito dos jogos. O que ele se envolveu, que na época eu ia lá pra galera, né, pra presenciar, depois eu fui jogador, eles iam na abertura, às vezes, pro Canto quando hino Nacional, Canto do hino Nacional estear a bandeira. Eles participavam, às vezes, nesse movimento, mas participar diretamente, não, não participavam.
Interlocutor	**Influência da Ditadura militar nas práticas corporais dos jovens na década de 70 e 80**
Medeiros	Não. Eu, sinceramente, não tenho nem o que falar assim, em relação à pressão, nunca tivemos esse problema. A ditadura militar foi bem mais pra lá. Aquele regime de militarismo, aquilo ficou bem distante de nós. E eu não tenho esse conhecimento. Eu sou de 1957. Então, de 1957 pra cá, a história do Brasil já era outra.
Meireles	Não, não, ele não se envolveu e não. Não tinha influência, não.